



ENCADERNAÇÃO

ALIANÇA

W. S. SILVA

R. SÃO CLEMENTE

— 74 —

BOTAFOGO





ENG  
AL  
W.  
R.S.  
B

35

Original from  
Rio, 10.5.47

ENC  
AL  
W.  
R.S  
B

# ULYSIPPO,

POEMA HEROICO

DE

ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

NOVA EDIÇÃO.



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
"ORÍGENES LESSA"

Tombo No 53.828  
MUSEU LITERARIO

L I S B O A,

NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

—  
1848.

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORÍGENES LESSA"  
Lancéis Paulista - SP

ENC  
AL  
W.  
R.S.  
B

JOSE DE MIRANDA ALVAREZ  
ADVOGADO  
RUA DE S. CARLOS

---

Frontispicio da primeira edição.

**ULYSSIPPO,**

POEMA HEROICO

DE ANTONIO DE SOUSA DE MACEDO.

*Com as licenças necessarias.*

---

Em Lisboa. Por Antonio Alvarez.

Anno de 1640.

---

## NOTICIA DO AUTOR.

**A**NTONIO de Sousa de Macedo nasceo na Cidade do Porto em 1606. Estudou no Collegio de Santo Antão em Lisboa, e doutorou-se em Direito Civil na Universidade de Coimbra. Foi Desembargador de Aggravos na Casa da Supplicação; Conselheiro da Fazenda; Juiz das Justificações do Reino; Secretario de Embaixada á Corte de Londres, e ahi Residente; Embaixador aos Estados de Hollanda; e Secretario d'Estado do Senhor D. Affonso VI. Morreu em 1682 de setenta e seis annos de idade, e foi sepultado no Convento de N. Senhora de Jesus dos Religiosos Terceiros de S. Francisco em Lisboa. Escreveo muitas obras, em que se mostrou Estadista, Historiador, Poeta, Genealogista, Filosofo, e Jurisconsulto. Insignes Escriitores elogião tão sabio Varão, e as suas obras, de que huma he o Poema novamente impresso, que não tem a superioridade a que alguns o elevão, nem a inferioridade a que outros o abatem.

ENC  
AL  
W.  
R.S.  
E

NOTA DO AUTOR

A leitura de este livro é de grande utilidade para quem se dedica ao estudo da história da literatura portuguesa. O autor trata de uma obra que é um dos mais importantes documentos da nossa literatura. A obra em questão é o "Livro da Vida do Rei D. João III", que foi escrito por um dos mais importantes historiadores da nossa pátria. Este livro contém uma narrativa detalhada da vida do rei D. João III, desde o seu nascimento até à sua morte. A obra é escrita em um estilo claro e objetivo, e é considerada uma das melhores obras de história da nossa literatura. A leitura deste livro é essencial para quem quer conhecer a história da nossa pátria e a vida do rei D. João III.

## L I C E N Ç A S.

V I este livro, cujo assumpto he glorioso a quem o trata, & naõ menos agradavel a quem õ lee, pois vè nelle a fundaçõ de Lisboa por Ulysses, & a elegancia do Poeta no que escreve de hũa Cidade, não mais famosa por quem a fundou, que por quem a dà estampa-da ao mundo; que se he no escrever segundo, he sê primeiro na excellencia com que o faz, no levantado com que illustra as grandezas Portuguezas, na suavidade dos versos com que as canta, dignos de serem eternamente applaudidos; porque no fecundo campo de materias varias, no desconcertado, & confuso de cousas tantas, compoem hũa harmonia de todas, que, qual musica, não sò nas vozes, mas na ordẽ dellas, nos recrea. Louvores saõ do Autor adquiridos dignamente por suas obras, que todas merecem ser celebradas com a impressaõ. Em S. Domingos de Lisboa, em 21. de Dezembro de 1637.

*Frey Ayres Correa,*  
*Calificador do Conselho geral.*

V I este livro intitulado Ulyssippo, Autor Antonio de Sousa de Macedo, naõ lhe achei cousa que encontre nossa santa fee, & bõs costumes. Trata dos principios da nossa Lusitania, & edificaçõ da Cidade de Lisboa por

Ulysses, dos insignes Heroes, que em armas da mesma nação florecerão, & de outras curiosidades antigas, & modernas dos valerosos conquistadores Portuguezes. Das victorias insignes, que de muitos Reys alcangaraõ em toda Europa. Escreve em outava rima, que affirmo ter lugar entre os mais primos, que neste verso escreveraõ. Parece digno de se imprimir, para gosto, & gloria dos curiosos Portuguezes, & Poetas. Lisboa, em o Convento de nossa Senhora de JESUS, em 26. de Janeiro 1638.

*Frey Francisco de Paiva, Lente Jubilado,  
Qualificador do Sancto Officio.*

**V**ISTAS as informações, podese imprimir o Poema intitulado, Ulyssippo, Autor Antonio de Sousa de Macedo, & depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa, 29. de Janeiro de 638.

*Manoel da Cunha.*

*Pedro da Sylva.*

*Diogo Osorio de Castro.*

*Sebastião Cesar  
de Meneses.*

**P**ODESE imprimir. Lisboa 26. de Março, de 1638.

*O Bispo de Targa.*

**P**OR excellente julgo este livro, que V. Magestade me mandou ver, de Antonio de Sousa de Macedo; em que mostra o mesmo ingenho, & erudição, que já mostrou em outro

que compôs, sendo as materias mui differentes; pello que, pois he tam digno de ser louvado, com mais razão o fica sendo de licença para ser impresso. Lisboa, 26. de Junho de 638.

*Diogo de Paiva de Andrada.*

**Q**UE se possa imprimir este livro, visto as licenças do Sancto Officio, & Ordinario que offerece, & depois de impresso torne para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa, 8. de Julho de 638.

*Carvalho.*

*Leitão.*

*Fialho.*

**C**ONFERI com o original. Lisboa em o Convento de Nossa Senhora de Jesu em 30. de Outubro de 1640.

*Frey Francisco de Paiva.*

**V**ISTO estar conforme com o original pode correr este livro. Lisboa 30. de Outubro de 1640.

*Pedro da Sylva.*

*Francisco Cardoso de Torneo.*

*Diogo Osorio de Castro.*

*Sebastião Cesar de Meneses.*

**T**AIXÃO este livro intitulado Poema Heroico, em cento & vinte reis em papel. Em Lisboa 31. de Outubro de 1640.

*João Sanchez de Baena.*

*Fialho.*

*João Pinheiro.*

**D**IVULGUESE já, Sousa esclarecido,  
Teu epico desvelo; admire o mudo  
As perfeições notaveis de um facundo  
Metro de alta ciencia deduzido.  
Verà, se bem repara,  
Do exordio prudente a industria rara  
Com que começa a acção, que soleniza  
Seu Heroe, do principio; lei precisa.  
Mas a historia do meio começando  
Rigurosos preceitos observando.  
Verà que o sabio Grego desembarca,  
Inda que em porto alheio, justamente,  
Violentado do mar, que a Grega gente  
Na praia expoê do Portuguez Monarca,  
Não toma ao Luso a terra,  
Não conquista, defendese da guerra  
Que Gorgoris lhe faz negado hospicio;  
Atè que, feitas (com divino auspicio)  
As pazes, lhe concede o Lusitano  
Da filha o hymineio soberano.  
Talamo casto foi co annuncio triste  
De que o de Grecia dirimira o fado;  
Cuida o primeiro laço desatado,  
A segundo consorcio não resiste.  
Mas a emulação fera  
Perturba tudo, a branda paz altera.  
Peleja Ulisses sabio e valeroso  
Porem com Marte sempre decoroso,  
Porque, se o Grego alcança eterna fama,  
Não desmerece o Luso a laurea rama.

O que á parte theologica se deve  
Satisfaz com prudencia douta e pia  
Sem constringer a insana alegoria  
A fazer toleravel o que escreve.  
Verá estilo suave  
Sẽ se esquecer de claro, culto, e grave,  
Vozes selectas tersas Portuguezas,  
Os conceitos altissimas finezas,  
Divina a contextura; & em toda a parte  
Lhe assiste o ingenho bẽ regido da arte.  
Verá : mas dizer tanto não me atrevo;  
Suceda em louvar o affecto mudo,  
Que o nocrotalo sou grosseiro e rudo  
Sabendo que alto Cisne aqui ser devo.  
Mas em quanto perdoa  
Meus erros o dezejo : eis que ja soa  
O clarim, com q̃ a fama por mil modos  
Encarece, publica, informa a todos,  
Que merece teu nome ser izento  
Das imperiosas leys do esquecimento.

*Antonio de Almada de Mello.*

**A** Thebas celebrada o fundamento  
Deu o destro Amphion cõ doce êcãto,  
E obedecendo o môte às leis do espãto  
As pedras ministrava ao nobre intento.  
Agora de Lisboa o illustre assento  
Fábrica vossa Lira, & pôde tanto,  
Que attrahindo as estrellas cõ seu cãto,  
A construe no mesmo firmamento.  
O' divino Archylecto! ô mão divina!  
Pois fabricais tam destro no artificio  
Que saõ pedras da obra as luzes bellas.  
Edificai sem medo da ruina,  
Que mal pôde acabarse hum edificio,  
Que tem seu alicece em as estrellas.

*Dom Diogo de Lima.*

**L**ISBOA nuevamente edificada,  
De mas gloriosa eternidad presuma  
Pues deve a los alientos de tu pluma  
Màs, q̃ a los golpes de la Griega espada.  
Al templo de la fama consagrada,  
Porq̃ su nombre el tiempo no cõsuma,  
Vive en las tablas de tu heroica suma  
A no caducos seculos fundada.  
El primero valor del edificio  
Deve temer la edad, que repetida  
La duracion termina de los mundos.  
Mas su fama no tema el precipicio,  
Que en esta, que le dãs segunda vida,  
Se ezenta de los terminos segundos.

*Fernam Pereira de Castro.*

Alludindo ao tratado que o Autor  
compoz, intitulado, Flores de  
Espanha, Excellencias de  
Portugal.

**V**ORAM tanto pello mundo as Flores  
Cõ vossa pena (sẽpre de ouro a España)  
Que a mais remota gẽte, a mais estranha  
Naçaõ as venerou por superiores.

Dellas vos deu applausos, & louvores  
A Cidade maior, que o Tejo banha,  
Porq̃ os triumphos seus, gloria tamanha  
Fez (se o podiaõ ser) ainda maiores.

Mas agora, que em vossa Musa espera  
Resucitadas glorias que suspira,  
Jã por vos immortais as considera.

E cansara em louvarvos Phæbo a lira  
Subindo vosso nome à summa esphera  
Se primeiro cantar vos não ouvira.

*Diogo Gomez de Abreu.*

ENC  
AL  
W  
R.S

OUTRA vez de Lisboa edificada  
Vejo o soberbo assento,  
E com galhardo intento  
Outra vez vejo a fama afadigada  
Em publicar ao mundo  
Que he segũdo o edificio, & não segũdo.  
Deu principio a Lisboa o sabio Grego,  
Mas com mais alto emprego  
Despois do grã Pereira o doce encãto  
Melhorou o edificio com seu canto.  
Vos agora soberbo no artificio  
Pondes a ultima pedra ao edificio.  
Nas areas do Tejo  
Onde em braços do liquido Oceãno  
Por lisonja, ou tributo,  
Doce cristal derrama,  
Fabricou a Lisboa o Grego astuto;  
Sobre as azas da fama  
Altamente palreira  
A fabricou despois o gram Pereira.  
Mas vossa Lira doce  
Inda mais alto alcança,  
Que hoje por vos de novo encarecida  
Se vê sobre as estrellas construida,  
E obedecendo humilde ao doce accẽto  
Lhe serve de alicece o firmamento,  
Que em desprezo dos brõzes, & alabastros  
Saõ materiaes da obra os mesmos Astros.  
Prodigioso Architetto!  
Pois fabricais de sorte  
Que dais regras ao tẽpo, & leis à morte.

Bem perigrina mão! pois tanto alcãça,  
Que avassalla os poderes da mudança.  
Leve pois vosso nome justamente  
A fama voadora  
The donde o Nilo vive, o Gãges mora,  
E saiba delle a gente,  
Que a Lisboa conhece por senhora.  
Viva em fim vossa fama eternizada,  
Apar de vosso Canto;  
Eterna viva ao mundo, viva em quãto  
Viver por vos Lisboa edificada.

*Antonio Barbosa Bacelar.*

**T**Aõ numeroso, taõ canoro soa,  
Macedo, vosso armonico instrumẽto,  
Que de envejar a Thebas fica izento  
Por vos fundado o muro de Lisboa.  
Jã no clarim de vosso metro voa  
Eternizado vosso claro accento,  
E jã de vossa gloria he fundamento  
O alicerce, & as ameas saõ coroa.  
Em cada voz, que pronunciais, a fama  
(Porque armeis o edificio mais seguro)  
Leva ao mudo hũ pregaõ, e tras hũ louro.  
O' quanta eternidade vos aclama!  
Pois convocastes materiaes ao muro  
Por marmores, & cal, diamantes, & ouro.

*Vicente de Gusman Soares.*

ENC  
AL  
W  
R.S.

Y A Lisboa immortal nombre  
Cobra en tu fama immortal,  
Que es de Homero tu caudal,  
Y es de Ulysses tu renombre.  
Del Itaco, no se asombre  
El valor Griego, ô Troyano,  
Que otro Ulysses Lusitano  
Es el que a Lisboa exalça;  
Pues la ilustra, y la realça  
Mas tu pluma, que su mano.  
Tanto de tu pluma el buelo,  
Se eleva (Sosa) y trasmonta,  
Que hasta el cielo se remonta,  
Suspendiendo al mismo cielo.  
Ya su prolixo desvelo,  
La embidia lince ignorante,  
Trueca en silencio elegante,  
Pues vencida de tu pluma,  
Com el tus elogios suma,  
Porque el Cielo te los cante.

*Alonso de Alcala, y Herrera.*

**O**FENSA o forte Aiace presumia  
Ver a lingua de Ulysses laureada  
Cõ as armas de Achilles, & q̃ a espada  
Ventagẽs da eloquencia padecia.  
Para sair da afronta heroica via  
Acha o furor; de purpura banhada  
A grande vida em flores transformada  
De fragancias a terra enriquecia.  
Se Aiace vira, (ò Sousa illustre) quanto  
Agora Ulysses vanglorioso voa  
Nas azas immortaes de vosso canto:  
De inveja se matàra, & por coroa  
Sua flor consagràra a varão tanto  
Que mais claro por Vos funda Lisboa.

*Pedro de Noronha de Andrade.*

**P**ostquã Lysiadũ decus, & monumẽta, solutis  
Sousa, nitor juvenum, vexit ad astra modis:  
Urbis Odissæ per littora prisca, ligato  
Turgentem eloquio fertque, refertque tubam:  
Illic Roma suos latè premit invida fastus,  
Hic celebres numeros Mantua victa premit:  
Ergo simul geminam victor super ardua sedem  
Nubila, seu narret, seu moduletur, habet.

Didacus de Paiva de Andrada.

*Donec captū oculis venerata est Græcia vatē ;  
Mirata Andinum est Italia terra suum :  
Donec Ronsardus pretium tibi Gallia ; Tassus ,  
Garciaque Hesperia: numen utrique fuit :  
Arma , virosque canens , vicit Cunonius omnes ,  
Et lauri externæ nunc sine honore jacent .  
Sed, Sosa, condentē Urbē, Orbē, cū dicis Ulyssē,  
Soli pro Urbe Tibi laureus Orbis adest .*

Enmanuel Pires de Almeida.

*Da Musa que o Autor invoca no Cato  
IX. Octava 39.*

*A*o Grego Ulysses de Ithaca desterra  
Não tēpestade , auspicio de teu cato ;  
Antecipadamente pode tanto ;  
Tanto divino (ó maravilha!) encerra.  
Frustrada foi de Circe a doce guerra ,  
Que divertillo quiz , frustrado quãto  
A's Sirêas ouviu ; mais bello encanto  
Feliz o trouxe á Lusitana terra.  
Se já pode atrahir tam felizmente  
Suavidade tal , ainda futura ,  
Ao varaõ sabio , que farà presente ?  
Ah, canta , Sousa , canta ; que a ventura ,  
Entre a maior ruina , à Lysia gente  
Em tua voz novas glorias assegura.

# U L Y S S I P P O.

## CANTO PRIMEIRO.

### ARGUMENTO.

*O Rey Tartareo destruir procura  
Do sabio Ulysses a fumosa armada;  
E defendendou o Céo nella assegura  
A cidade ab eterno decretada:  
Infausta sombra ao Grego em noite escura  
Dissuade da empresa começada,  
Mas animado com celeste auspicio  
Porto lhe dá no Tejo o mar propicio.*

i.

**C**ANTO o varão, q̄ por fatal governo  
De Grecia a Lusitania peregrino  
Fũdou illustre muro, & nome eterno  
Onde ao mar torna o Tejo cristalino.  
Muito obrou, e soffreo; & ã vão o inferno  
Se quiz oppor contra o poder divino,  
Que o guardou para autor naq̄lla idade  
De muitos Reynos nũa sô cidade.

Δ

## II.

Suprema Intelligencia, em quem librado  
 O movimento està das luzes bellas,  
 Vòs, que regeis das cousas o alto fado  
 Na luzente republica de estrellas;  
 Pois conduzistes pello mar irado  
 Ao Lusitano porto as Gregas velas,  
 Daime canora voz, metro elegante  
 Que dignamente vossa empresa cante.

## III.

Vòs de Lisboa luz, de Italia gloria,  
 Vivo exêplar do Ceo, do mudo espãto,  
 Archivo à santidade mais notoria,  
 Por sôbras Deos, por excellencia santo;  
 Dai attenção à numerosa historia  
 (O' grande Antonio) se merece tanto,  
 Vereis eterna, dos balcoês celestes,  
 Nacer a patria, de que vòs nacestes.

## IV.

Vereis, que se por patria illustre vossa  
 Tê o maior brazaõ, mais alta empreza,  
 He patria tal, que justamente possa  
 Dignarse de tal mãy vossa grandeza.  
 Ouvi, porque se ouvis da gente nossa  
 (Insigne Portuguez) a alta nobreza,  
 Entre a harmonia dos etereos côros  
 Os patrios versos vos seraõ sonoros.

## V.

Depois que ao Reyno antigo do Troiano  
 Deu com morte vital gloriosa pena  
 Vingando a Grega injuria por engano  
 O poderoso Rey da gram Micena;  
 Depois que de seu fogo o voraz dano  
 Vio extinguido ã sãgue a bella Helena,  
 E horrivelmête d'hũa, & d'outra parte  
 O teatro de Amor campo de Marte:

VI.

Em muitas dividida a esquadra Grega,  
 Do sabio Ulysses a famosa armada  
 Ithaca busca, que lhe o fado nega  
 Por diferentes climas derrotada  
 Em braços da fortuna ê fim se entrega  
 Ao dominio do vento violentada,  
 Que antes a governava, que impellia,  
 Par'onde o mar começa, & acaba o dia.

VII.

Langava a noite ao mundo o escuro mato,  
 E o mar Iberio Ulysses já cortava,  
 Quando no reino do temor, & espanto  
 Novo temor, espanto novo entrava:  
 Plutam em tristes sombras entretanto  
 A Grega gente vio que navegava,  
 Sô para ser de seu poder injusto  
 Destruição fatal, castigo justo.

VIII.

Parece que em valor antecipada  
 A Catholica Fè da Lysia terra  
 Em seculos futuros esperada  
 Lhe ameaçava nos presagios guerra:  
 Em temores sômente figurada  
 Luz efficaz da que Lisboa encerra  
 Divina Ley, antecipando ensaios  
 Propunha em sôbras da vitoria os raios.

IX.

Mas como dos futuros contingentes  
 A certesa infallivel se lhe occulta,  
 Em profeticos astros concurrentes  
 Figuras mathematicas consulta:  
 Alcança em conjecturas evidentes  
 Que irreparavel dano lhe resulta  
 Das, que navegaõ, naos, irado geme,  
 Porem não determina o mal que teme.

A 2

x.

Arde confuso, & vê que necessita  
 O novo caso de remedio breve;  
 Conseguillo apressado solicita,  
 Que altos successos à presteza deve.  
 Já na dôr grave impaciente grita,  
 Já triste apenas a gritar se atreve;  
 Os conselheiros chama; e faz que logo  
 Venham ao tribunal do eterno fogo.

xi.

Ao rouco som de tubas dissonantes  
 Sahião já das infernaes cavernas  
 Mõstros disformes, horridos Gigâtes  
 Despedindo de si chamas eternas;  
 Nos espantosos olhos fulminantes  
 Maiores chamas denotando internas,  
 Terribéis entraõ pella horrivel sala,  
 Onde à desordem a injustiça iguala.

xii.

Em trono si; mas trono desluzido  
 Que sulfurea materia fabricava,  
 Se via o Rey de fumo revestido,  
 Diadema horrêda o fogo lhe formava.  
 Tam cego, tam feroz, tam presumido,  
 Que o desejo de cetro não deixava;  
 Hũa serpe abrasada lhe fingia  
 Insignia vã da escura Monarchia.

xiii.

Os seus o veneraraõ com respeito,  
 E para os ver medonho torce a cara,  
 Dous rayos fulminando, cujo aspeito  
 A maior pena, pena acrecentara;  
 Entre solluços arrancou do peito  
 A causa que a chamallos o obrigara,  
 Depois que sobre hũ braço declinado  
 Poz em silencio o conclave obstinado.

## CANTO I.

XIV.

Ministros immortais do escuro inferno,  
 Que privados assi do lugar sumo,  
 Briosos sustentais alto governo  
 Na espessa nevoa do Tartareo fumo,  
 Não sei que me aparelha o fado eterno,  
 Não sei da Grega armada que presumo,  
 Não sei se novo mal se nos decreta;  
 Sei que a mête presaga me inquieta.

XV.

Adspirei a ser Deos, & me seguistes;  
 Sendoo pudera ver causas futuras;  
 Cahi vencido; & em memorias tristes  
 Sô me ficou saber por conjecturas.  
 Valime agora dellas, como vistes,  
 Levantei mathematicas figuras,  
 Os astros pronosticaõ (não me engano)  
 A nosso imperio irreparavel dano.

XVI.

Se com tudo me engano; pois librada  
 Não està nas estrellas profecia,  
 Basta saber que he da Ulyssêa armada  
 O Lusitano Genio occulta guia.  
 He grãde empreza às nossas encôtrada  
 A que governa o Ceo; & em vão seria  
 Duvidar mais, se vejo, como experto,  
 Entre incerto receo o dano certo.

XVII.

Convoqueivos aqui, porque possamos  
 Executar remedio conveniente;  
 Resolvamonos já, que já tardamos  
 Mais do que a pressa da occasiaõ cõsente.  
 De que aja de morrer não duvidamos  
 Com nossas armas tam odiosa gente,  
 Só de vosso conselho astuto espero  
 Hum genero de morte horrêdo, & fero,

Callou; quando Tisiphone arrancando  
 A rouca voz do peito embravecido,  
 Com visagões a lingua acompanhando  
 Lhe respôdia entre hũ feroz bramido:  
 Altivo Capitão, de cujo bando  
 Qualquer soldado he cõ rezão temido,  
 Pois escurece em breve instante os ares,  
 Perturba as terras, encapella os mares.

Tu não es esse mesmo que incitaste  
 Da torre altiva os vãos fabricantes?  
 O que os mortais soberbos animaste  
 A emular esses astros superiores?  
 Não es aquelle mesmo que enganaste  
 (Nesta empresa se cifraõ as maiores)  
 O mais sabio varaõ, o mais perfeito,  
 A quem fizeste de senhor sogeito?

Como consultas o juizo alheo  
 Se o teu ardiz tam raros nos ensina?  
 Dispoem o que quizeres sem receo,  
 Pois q̃ violento o inferno se te inclina.  
 Por este juro tenebroso seo,  
 Por esta privagaõ da luz divina,  
 Que não te ha de negar prõpta obediência,  
 Quem por ti a negou à eterna essêcia.

O que em nome de todos lhe promete  
 Os outros aprovaram blasfemando.  
 O duro Rey o caso a si remete  
 No sagaz peito a execuçaõ traçando.  
 Despede os conselheiros, acomete  
 Varios meos, consigo imaginando  
 Como destruirã, & darã morte  
 Ao Grego sabio, à companhia forte.

XXII.

Já se resolve, quando a Alecto vendo  
Assinalada em casos singulares,  
Manda que vá buscar a Eólo horrêdo,  
E com violêto imperio altere os mares.  
Foi sem tardãça & os dous obedecêdo,  
Soltando os ventos, desatando os ares  
Coriscos vibram, cuja luz á esfera  
Substitue a que alva lhe escondera.

XXIII.

Já neste tempo os mestres, vigiando  
A noite, o ar, as nuvês, & as estrellas,  
Com apitos a gente despertando  
Mandã tomar traquetes, colher velas.  
Amaina, amaina, gritam, & amainando  
Os ventos se anticipaõ a rompellas,  
E a nao Balêa, sem que falte acordo,  
Bebe pendête os mares por hũ bordo.

XXIV.

Qualquer onda espumante que se erguia  
Cobrir a armada Grega despresava,  
Naufragio â nao celeste pretendia,  
Que a furor tanto mal se assegurava;  
Co mar de Eólo a furia competia  
No temerario intento que mostrava,  
Pois, mais q̄ aos grossos mastos, quiz o vêtô  
Os polos arrancar do firmamêto.

XXV.

Em vco se estendem nuvês tenebroso  
A vista de hũs a outros impedindo;  
De sima o Ceo, de baixo o mar furioso,  
De hũ lado, & d'outro o vêtô está bramindo.  
Não se aplaca o rigor do temeroso  
Tempo no dia q̄ já vem sahindo;  
Se he que chamarse assi dia merece,  
Que não por luz, por horas se conhece.

XXVI.

Em chuva se resolve tam copiosa  
 Da nuvem menos densa a pōpa escura,  
 Que às leys da natureza, temerosa,  
 O Ceo co mar, o mar co Ceo mestura.  
 O peixe, & a ave em troca prodigiosa,  
 Hũa nadar, voar outro procura,  
 Os peixes sò do etereo firmamento  
 Entaõ se viraõ no humido elemento.

XXVII.

A tempestade confundia os brados  
 Do mestre q̄ imperava os marinheiros,  
 Confusos trabalhavão cos soldados,  
 E pretendião todos ser primeiros.  
 Huns os mastos cortavam apressados,  
 Outros o mar ao mar lanção ligeiros,  
 Desesperando dos navios rotos  
 Libravaõ sò a salvaçaõ nos votos.

XXVIII.

Qual instrumento fero de Vulcano  
 Terribel invençaõ de fraco peito,  
 De aladas vidas seguidor tirano  
 Com o trovão do raio, em ar desfeito,  
 Pequena munição do ferreo cano  
 (Que para furor tanto he passo estreito)  
 Impelle facilmente, & antes que soe  
 Faz que no campo dividida voe.

XXIX.

Tal sobre serras de ondas levantadas  
 Lançava Eòlo as naos impetuoso,  
 Que dos ventos se viam contrastadas  
 Antes de ouvirem o assoprar furioso.  
 Ulysses imagina as profanadas  
 Prendas do Sol q̄ em modo misterioso  
 Phaetusa guardava, & representa  
 Pena daquella culpa esta tormenta.

xxx.

D'outra parte lhe lembra que conspira  
 Thetis em dano seu, porque a offêdera  
 Quando artiloso a Achilles descobrira  
 Onde ella temerosa o escondera.  
 Do grande pay Neptuno teme a ira  
 Em quem vingança Polifemo espera;  
 E que accumule tragicos encantos  
 A despresada Circe a males tantos.

xxxI.

Quiz dar vozes ao Ceo, mas impedido  
 Da confusãõ, do horror, da tempestade,  
 Apenas com a força de hum gemido  
 Pode tirar do peito : « Ceo, piedade,  
 Piedade, ó Ceo, (desia) que offendido  
 Aveis de usar maior benignidade  
 Cõ quẽ humilde, » & aqui entre dõr tâta  
 Ficou a voz suspensa na garganta.

xxxII.

Mas nas alturas, onde em solio eterno  
 Com distinta uniãõ Triade unida  
 O cetro tem do universal governo,  
 Donde aõ creado se deriva a vida;  
 Onde das causas o senhor superno  
 Cõ grandesa de si sô cõprehêdida  
 Todo a si mesmo he parte, cêtro, & esfera,  
 Sem principio, nẽ fim, sempre qual era.

xxxIII.

O soberano Sol, que em contextura  
 De raios escondendo o esplendor.sãto,  
 Nubilosa hũa luz por vestidura,  
 Luminosa hũa nuvem tem por mato;  
 Os olhos poz de paternal brandura  
 Nas fortes gentes affigidas tanto,  
 Os olhos paternais de cujo giro  
 Tem as estrellas ouro, os ceos çafiro.

XXXIV.

Como tinha altamente decretado  
 Que fosse a Ithaca armada o instrumento  
 Para ser cá no mundo edificado  
 A' lei divina estavel fundamento:  
 Aplaca as ondas de Neptuno irado,  
 Desfaz as nuvês, encarcera'o vento,  
 O Sol descobre, restitue o dia,  
 Mostra no mar às naos segura via.

XXXV.

Tinham passado o estreito onde pusera  
 A tâtas glorias termo o graõ Thebano;  
 Que em braços da tormêta a sorte fera  
 Desembocara as naos para o Oceãno;  
 A latga costa discorrião, que era  
 Limite de çafira ao Reyno Hispano,  
 E como não a caso, mas por arte  
 Buscavão sempre do Occidente a parte.

XXXVI.

Atribuo a subita mudança  
 O pio Capitão ao Ceo benino,  
 Mas, como o alto misterio não alcança,  
 De Minerva o julgou favor divino.  
 Cobra novo valor, nova esperança,  
 Seguro já em seu fatal destino;  
 E para mostrar bem quanto o agradece  
 Em sacrificio o animo offerece.

XXXVII.

Eis que do mar hũa Aguia se levanta  
 Junto à ultima terra do Occidente,  
 Que voando adquirio grandesa tanta,  
 Que quasi bate as portas do Nacente:  
 Mostra no corpo, com q' o mûdo espãta  
 Doze azas, tres cabeças juntamente;  
 Cahio em fim, & da fatal caida,  
 Renacendo Leão começa a vida.

XXXVIII.

Gritava a gente : & dentre os agoueiros,  
 Illustrado de nova claridade  
 Perimêdes desia : ò companheiros,  
 Fundadores sereis de alta cidade :  
 Verà nella atê os annos derradeiros  
 O largo mundo altiva magestade ;  
 Em muro illustre vos promete gloria  
 ( O modo occulta o Ceo ) eterna historia.

XXXIX.

Em pareceres varios dividia  
 O presagio fatal à incerta gente ;  
 Nos de madura idade sò movia  
 Desejo de descanso à debil mente.  
 Longe da patria ( dizem ) que alegria  
 Essa gloria dará? gloria aparente ;  
 Bem o Ceo mostra o mal que nos espera  
 Quando Leaõ se torna o q̄ Aguia era.

XL.

Trabalha o homem , & anhelante adspira  
 A' gloria que a vontade lhe asigura ,  
 Sêdo o jogo pueril , que em quanto gira  
 Vai cavando a si proprio a sepultura ;  
 Quanto melhor vivera se advirtira  
 Que a vida vai morrendo no que dura ;  
 Ah peito humano de ambição enfermo,  
 A quem estreita cova he largo termo !

XLI.

Os de annos juveniz , a quem convida  
 Ardente brio à fama dillatada ,  
 Deziaõ : quando assi se perca a vida ,  
 Em que pôde melhor ser empregada ?  
 Não nos ha de enganar a voz fingida  
 Que nos promete patria descansada ,  
 Pois qual ao vêto a nevoa , ao Sol a neve ,  
 A vida se resolve em sonho breve.

XLII.

Rouba da vida o vão contentamento  
 Da inexoravel parca o duro corte,  
 E, desmentindo o humano pensamêto,  
 Do cetro, & do cajado iguala a sorte.  
 Só se achará da ley fatal isento  
 Quem por gloria poser limite à morte,  
 E sò he aquella gloria verdadeira,  
 Que he nos trabalhos da virtude herdeira.

XLIII.

Ulysses, vendo o caso que pedia  
 Resolução melhor considerada,  
 Para a seguinte aurora a diferia  
 Cos principais varoês da forte armada.  
 Já no sepulchro liquido escondia  
 O diurno farol a luz dourada,  
 O sono entrou; & com poder profundo  
 Cerrado os olhos poz silêcio ao mudo.

XLIV.

Mas o Tartareo Rey, mais vigilante,  
 No cruel peito com furor revolve  
 Dissuadir ao Grego navegante  
 Da clara èpresa, que seu fado envolve.  
 Machinando mil traças vacillante,  
 Em fim tornallo a Grecia se resolve,  
 A Grecia, donde espera, como experto,  
 De idolatria vã tributo certo.

XLV.

A voz de Alecto com maligno intento  
 Em vulto encerra grande, & temeroso,  
 Com fantasticas sombras corpulento,  
 Vestido, confusão, todo espantoso.  
 Com leve passo desafia o vento,  
 D'hum penhasco saindo cavernoso,  
 E escurecendo mais a noite fusca  
 A nao de Ulysses mansamente busca.

XLVI.

Do sabio Grego solicita a cama ;  
 E quando julga o tempo mais disposto ,  
 Cõ rouco tã de voz horrenda o chama :  
 Ulysses , ( brada , descobrindo o rosto )  
 Acode , acode à honra , acode à fama ;  
 Olha q̃ intento à hõra , & fama opposto  
 De teu Ithaco reino te desterra ,  
 E te promete em vão estranha terra .

XLVII.

Penelope se vê solicitada  
 Dos que admiraõ taõ rara fermosura ;  
 Cedo a rendella se verà forçada  
 Pois tua injusta ausencia tanto dura .  
 A conjugal firmesa tem guardada ,  
 Mas , como ausente não ha fee segura ,  
 Comete de hũa tea ao praso breve  
 O respeito perpetuo que te deve .

XLVIII.

Jà , como contratou , na cruel tea  
 Urde apressada os delicados fios ,  
 E já tua contraria Cytherea  
 Lhe offerece custosos desvarios .  
 Desperta , Ulysses , que a deshonra fea  
 He fatal nodoa a generosos brios ;  
 A Grecia , a Grecia , Ulysses , q̃ desculpa  
 Dás com tanta demora a tanta culpa .

XLIX.

O Grego às vezes despertou turbado ,  
 E tres vezes os braços estendia  
 Para prender a sombra , que frustrado  
 Tres vezes o deixava , & lhe fugia .  
 Tentãdo hũa vez , & outra cõ-cuidado  
 Entre discursos do que ser podia ,  
 Entendeo , finalmente , que era sonho  
 O negro vulto que escutou medonho .

L.

Que pôde falso ser, se persuade,  
 Qual pella eburnea porta se publica,  
 Mas com ancia maior teme a verdade,  
 Que pella cornea o sonho pronostica.  
 Adiante passar pede a vontade,  
 Quando o agouro q̄ vira lhe replíca;  
 Assi suspenso estava já desperto  
 Acometendo tudo, em tudo incerto.

LI.

Qual robusto Pinheiro, que cortado  
 De qualquer parte com igual ferida,  
 No golpe derradeiro pendurado  
 A todos ameaça na cahida;  
 Assi de Ulysses o animo alterado  
 Para onde o pezo inclinará duvida,  
 Quando vê, que combatem seus intêtos  
 Com força igual, cōtrarios pensamêtos.

LII.

Mas a alta Providencia, que assistia  
 Aos misteriosos meos que guiava,  
 Por modo superior o defendia  
 Dos vãos enredos que Plutaõ traçava;  
 Hum soberano Genio, occulta guia  
 Da Lusitana terra, lhe enviava:  
 De tanto pezo foi na eterna mente  
 A nova fundação da Grega gente!

LIII.

Aparelhouse na região celeste  
 O mensageiro executor divino;  
 Sobre a forma invisivel se reveste  
 De humano aspecto á vista peregrino;  
 Brancas infatigaveis azas veste,  
 Parte veloz do reyno cristalino;  
 As nuvês corta, & dividindo o vento  
 Ligeireza apostou co pensamento.

## LIV.

Quantas desprega cores a pomposa  
 Ave de Juno, vam; quantas varia  
 Pello collo a de Venus amorosa;  
 Quantas mostra a do Sol, q̄ Arabia cria;  
 Quantas Iris ostenta procellosa,  
 Quantas a bella precussora ao dia,  
 Tantas cõfunde, & alternas reverbera  
 Na vestidura o Nuncio da alta esfera.

## LV.

Com vivo resplendor à noite escura  
 Durou a luz que o rosto cintilava;  
 Qual Sol, q̄ em varias cores a luz pura  
 Por entre sutis nuvês desatava:  
 E qual estrella aos olhos se afigura  
 Cair do excelso Olimpo q̄ esmaltava,  
 Tal he do Embaixador a visaõ bella  
 Em claro precipicio alada estrella.

## LVI.

Chega ao sabio Dulychio em hũ instante,  
 E nas luzentes azas sustentado:  
 Prosegue ( diz ) ó Grego navegante,  
 Que tẽs à vista o porto desejado;  
 Penelope a tua fee vive constante,  
 Soberano poder tem ordenado,  
 Que exemplo de firmesa ao mudo seja,  
 A's matronas mais claras justa inveja.

## LVII.

De dia a dura tea vai tecendo,  
 Limite que aos amantes tem proposto;  
 Mas de noite se occupa desfazendo  
 O que de dia em vãõ tinha composto;  
 Elles o engano justo naõ sabendo  
 Esperaõ com tam falso presuposto;  
 Olha que grande amor, q̄ fè tão pura,  
 Que vive em tãta ausencia tão segura.

Acaba, vai fundar alta cidade  
 Onde has de eternizar nome glorioso,  
 Não te engane do sonho a falsidade  
 Traça do inferno, ó héroe venturoso:  
 Nê queiras saber mais, q̄ outra verdade  
 Impede o chaos que segues tenebroso;  
 Só animarte à grande empresa intento,  
 De q̄ te escolhe o Ceo por instrumento.

Assi dizendo, a mais serena via  
 Do ar rompeo com voo acelerado;  
 Poz Ulysses na Luz, & no que ouvia  
 Tremula a vista, o coração turbado.  
 O favor a Minerva atribuiu  
 Por cultos vãos de religião guiado,  
 Como Mercurio já lhe parecera  
 O Genio que o livrou de Circe fera.

As mãos, os olhos com a voz levanta,  
 Os joelhos abaixa enternecido:  
 Detem (lhe diz) ò Deosa, a veloz planta,  
 Pello menos me ensina a agradecido;  
 Já que te devo maravilha tanta  
 Por misterio de mim não cõprehêdido,  
 Nessa cidade para eterno exêplo  
 De branco jaspe te dedico hum tẽplo.

Querendo mais dizer, se divertia  
 No alvorogo da gente que gritava;  
 Que o crepusculo hũs baixos descobria,  
 Que cada qual naufragio ameaçava.  
 Arriba, arriba, o mestre repetia,  
 Obedece o que ao leme governava;  
 Voltou a proa, mas na volta breve  
 Quasi a subir o bordo o mar se atreve.

LXII.

Depois que do perigo a não segura  
 Ulysses vio, com brados lastimosos  
 Dezia : ainda Ceos, ainda dura  
 Contra mim vossa ira, & sois piedosos?  
 Que triste fim, que triste sepultura,  
 Que Caribdis, que monstros temerosos  
 A aparelhaveis neste pêgo fundo  
 A afflictas gentes em remoto mundo?

LXIII.

E vòs pedras infaustas, pois quisestes  
 Ser algozes crueis de tantas vidas,  
 Como (dizei) no mar vos escondestes?  
 Como fostes às aguas conduzidas?  
 Por estranho successo aqui viestes,  
 Porque me fosseis feras homicidas,  
 Tal estrella me deu a dura sorte  
 Que em varios modos me aparelha a morte.

LXIV.

Pello grande Neptuno, & Oceano,  
 Por Glauco, Pollux, Castor, & Nerèò,  
 Por Melicerta, ou Palemon Thebano,  
 Pello velho pastor, Sabio Protèò,  
 Por Doris, Amphitrite, e o soberano  
 Coro da bella esposa de Pelèò,  
 Dizei quem sois, q̄ em tanta desvêtura  
 Quero saber quem contra mim cõjura.

LXV.

O' tu (hũa voz responde) pois rompestes  
 Entre conjuros nosso encantamento,  
 Ouve teus males, já que assi quiseste  
 A aparelha constante sofrimento.  
 Nós somos filhos dos q̄ ao Rey celeste  
 Quiserão combater com alto intento  
 Pondo escadas de monte sobre monte,  
 Para opporse às estrellas frõte a frõte.

B

LXVI.

Aquella grande serra, que aparece  
 Para subir à Lua foi escada,  
 Daqui nome tomou, & ainda parece  
 Que está contra os planetas conjurada.  
 Mas como o Ceo injuria não padece  
 Tanta machina ã fim deixou frustrada,  
 Destruindo com rayos fulminantes  
 A soberba insolencia dos Gigantes.

LXVII.

Destruídos com fogo os pays insanos,  
 Ficámos filhos seus de pouca idade;  
 Mas nem assi os Deoses soberanos  
 Fiáraõ mais de nossa lealdade;  
 Entenderam que já nos tenros ãos  
 Em nossos coraçõs temeridade  
 Infundiria o sangue, porque gera  
 O forte ao forte, como a fera á fera.

LXVIII.

Neste mar nos lançaram, convertidos  
 Em vivas rochas; & entre os navegãtes  
 Pellos Cachopos somos conhecidos  
 Por sermos moços, ainda que Gigãtes.  
 Aqui Neptuno ordena que escondidos  
 No disfarce das aguas inconstantes  
 Façamos guerra com perigos varios  
 A hũs que espera por fatais contrarios.

LXIX.

Seraõ (Protẽo lho disse) os moradores  
 Em seculos futuros da Cidade  
 De que vós, Gregos, claros fundadores  
 Acclamados sereis em toda a idade,  
 Porque do largo mar feitos senhores  
 O privaraõ da antiga Magestade,  
 Quando por senhor unico o Oceãno  
 Reconhecer ao nome Lusitano.

LXX.

Contra aquelles entã nos armaremos  
 Suas soberbas naos aqui esperando,  
 A's quais com duro fim nos opporemos  
 Quando tomar presumão porto brãdo.  
 Quantos cõ sorte infausta acabaremos,  
 Que de largas viagẽs escapando,  
 A vista morreraõ da patria chara,  
 Para lhes ser a morte mais amara!

LXXI.

Foge, Grego, naõ queiras que digamos  
 As misérias dos teus com mais crueza,  
 Pois dellas atè nós nos lastimamos,  
 Tendo de viva rocha a natureza.  
 E sabe que até qui te declaramos  
 Contra vontade nossa, & que nos peza  
 De aver a teus conjuros revellado  
 O que esconderte pretendia o fado.

LXXII

Aqui parou aquella vòz severa  
 Que Plutaõ fero com rezoẽs fingidas  
 Propoz a Ulysses para que temera  
 Trabalhos entre as glorias prometidas:  
 E vendo emprezas que gozar espera  
 De tantos infortunios combatidas,  
 Já desistindo de qualquer intento  
 Sõ pusesse na patria o pensamento.

LXXIII.

Mas em quanto o rochedo assi brãdava  
 Larga enseada já-se descobria,  
 Onde parece o mar que descãnçava  
 Da furia com que à terra combatia;  
 De hũa parte cõ rochas se coroava,  
 De outra arenosa praia se estendia;  
 Por entre montes dous cobrava ufano  
 D'hum grande rio parcas o Oceano.

LXXIV.

Jã, fortes cõpanheiros, jã chegamos  
 A' parte (diz Ulysses) prometida,  
 Onde a infortunios tantos termo achamos,  
 Onde o Ceo com descanço nos cõvida.  
 Aqui os Deoses querem que façamos  
 Assento novo para nova vida,  
 O coraçãõ presãõ, que nãõ erra,  
 Me mostra o porto, ine acredita a terra.

LXXV.

O duro inverno à Primavera cede,  
 O claro dia segue à noite escura,  
 Bonança à tempestade em fim succede,  
 Aos perigos do mar, praia segura;  
 Posto que fatigado, a ardente sede  
 Chega o cervo a apagar na fonte pura:  
 He nos trabalhos unica esperança  
 Que tambẽ para os males ha mudança.

LXXVI.

Eu vi, ô Gregos meus, eu vi agora  
 Que a sagrada Minerva me fallava,  
 E mais alegre que a fermosa aurora  
 Meu animo affligido consotava.  
 Da gloria que esperamos protectora  
 Fundar Cidade illustre me mandava:  
 Invistamos as praias, & quebremos  
 Nellas as naos, cõ tanto q̃ as tomemos.

LXXVII.

Disse em voz alta; & cada qual contente  
 Aplica as forças ao naval officio;  
 E seguindo das aguas a corrente  
 Buscaõ o porto com ditoso auspicio.  
 O vento se mostrava diligente  
 Em assoprar às velas jã propicio,  
 Porque se achava arrependido Eõlo  
 De ir contra as leys do soberano polo.

CANTO I.

21

LXXVIII.

A' parte desejada assi chegando,  
Ainda que de Grecia tão remota,  
Sólta de paz bandeira ao vento brando  
A Capitanea da felice frota.  
O som guerreiro, estyllo variaudo,  
Pacifico festeja â terra ignota;  
Da proa lançaõ ancora pesada,  
Com q surge no porto a Grega armada.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

# U L Y S S I P P O .

## CANTO SEGUNDO.

### ARGUMENTO.

*Chegaõ à Grega armada os Lusitanos ,  
Ulysses toma informação da terra ,  
Dos Reys que teve em dilatados annos ,  
Dos successos , das leys em paz , & em guerra  
Em sonhos vê por meos soberanos  
No centro inferior , que o Tejo encerra ,  
A grandeza por alta profecia ,  
Que terà de Lisboa a Monarchia .*

I.

**D**ENTRE purpureas nuvès derramava  
Pranto de aljofar a fermosa Aurora ,  
Que o Sol ã veo de raios enxugava ,  
Rindo de a ver tam bella quãdo chora ,  
Nas estrellas do campo retratava  
As cores do Orizonte a varia flora ,  
E as flores celestias por rosea via  
Faziãõ larga praça ao novo dia .

## II.

Quando a ligeira Fama, que nacida  
 De pescadores timidos, voara,  
 Os Lusitanos chama, que convida  
 A ver da frota a novidade rara.  
 A bandeira de paz vendo estendida  
 Que a Grega Capitanea despregara,  
 Determinão saber que nação era,  
 Onde partira, os mares que correra.

## III.

Em ligeiros bateis a Lysia gente  
 Com largos remos fere o cristal brado;  
 Rompem co a proa a liquida corrête,  
 Por hũa, & outra parte as naos cercão;  
 Pellas cordas subindo velozmente,  
 Aos Gregos navegantes alegrando,  
 Pratica travão, & em diversos modos  
 O trato nunca visto admirão todos.

## IV.

Sõmente Aucano, a quem a larga idade  
 Da Corte à paz do campo retirara,  
 Não estranhou nos Gregos novidade,  
 Que os que a Bacho seguiraõ já tratara;  
 Tão facil lhes fallou, qual se amisade  
 De dillatados annos o obrigara,  
 E Ulysses, entre espanto, & alegria,  
 Abraçandoo confuso, lhe dezia:

## V.

Jà que, varão prudente, nossa frota  
 Com naufragio feliz a porto chega,  
 Onde estando de Grecia tam remota,  
 Cuido que vejo em vós affeição Grega:  
 Pello illustre valor, que em vós se nota  
 Nos concedei o que a ninguẽ se nega;  
 Que terra he esta? que nação? q̃ gẽte?  
 A que senhor, & leys vive obediente?

VI.

Assi pedia, & o velho venerando  
 Com alegre semblante lhe obedece ;  
 Que a causa que lhe dava preguntando  
 De recordar o antigo, lhe agradece :  
 Sobre tres pês o corpo sustentando,  
 Pequeno arrimo ainda lhe parece ;  
 Nũa roda de amarras se assentava,  
 Dura cadeira que mais perto achava.

VII.

Com grave promptidão se prevenia  
 A referir-lhes ordenada historia ;  
 Suspenso hum pouco, porque rebolvia  
 Os sucessos passados na memoria,  
 Rodeado da gente que pendia  
 De sua bôca : O' Gregos, cuja gloria  
 No mundo ( diz ) está tam dillatada,  
 Que atè na nossa Espanha he venerada :

VIII.

Nesta soberba costa do Oceano,  
 Onde Espanha se acaba, & o mar começa,  
 Se estêde o nobre Reyno Lusitano  
 Da celebrada Europa alta cabeça ;  
 O Ceo lhe deu valor tão soberano,  
 Que faz ç o largo mundo o reconheça,  
 Pellos ares, & fruitos excellente,  
 Mas muito mais famoso pella gente.

IX.

Se foi de moradores habitado,  
 Ou se deserto foi no tempo antigo  
 Que o mundo vio em aguas sepultado  
 Por falta de noticias vos não digo.  
 Tem a Fama entre nôs acreditado  
 Que depois deste universal castigo  
 Hum filho de Jafè, segundo creio  
 Neto do gram Noè, a Hespanha veio.

x.

O sabio Tubal foi, que navegando  
 (Rey de outros muitos, antes cõpanheiro)  
 O trouxe mar quieto, & vëto brado  
 A este clima da terra derradeiro.  
 Altos muros de jaspe levantando  
 Onde porto feliz tomou primeiro,  
 A nova fundação chamou Setubal,  
 Que significa povoação de Tubal.

xi.

Reynou por morte deste o filho Ibêro,  
 Que entre nòs alcãçou gloria tamanha  
 Por virtude, por animo sincero,  
 Que delle tomou nome a nobre Hespanha.  
 Delle o seu derivou o rio Ibêro,  
 Posto que algũs affirmão q̃ de estranha  
 Terra, passou cà gente que lhes dera  
 O nome de outra Iberia em q̃ nacera.

xii.

Obedecendo Ibero ao commum fado,  
 O famoso Jubalda, unico herdeiro  
 Foy felizmente do paterno estado,  
 No numero dos Principes terceiro.  
 Deste o monte Jubalda foi chama-lo,  
 No qual para memoria, & no frõteiro  
 As celebres colunas poz aquelle  
 Que fez brasaõ da Leonina pelle.

xiii.

Herdou ao pay Jubalda o claro Brigo  
 Que reduzindo a gente a policia  
 Fundou cidades em commercio amigo,  
 Donde a cidade Brigo se dezia.  
 Affirmão outros, q̃ em idioma antigo  
 Povoação por Brigo se entendia,  
 E que assi vulgarmente se chamava  
 Brigo este Rey das muitas q̃ fundava.

XIV.

Gêrou a Tago illustre, cuja fama  
O sublima entre todos mais glorioso,  
Porque do nome seu, Tago se chama  
Este que vedes rio caudaloso.

Muito a sorte fatal, muito o Ceo ama  
O que de Tago ouvis eccho ditoso,  
Fois tributarios mares lhe dedica  
Quanto benigna estrella pronostica.

XV.

A Tago o filho Beto sucedendo  
Deu nome eterno ao Betis celebrado,  
Rio que à terra per que vai correndo  
O tem com sorte igual comunicado.  
A Beto nossa Hespanha estâ devendo  
(Que juntamente foi sabio, & soldado)  
As publicas escollas que conserva,  
Jardim de Apollo, erario de Minerva.

XVI.

Não teve Beto herdeiro, que do Hispano  
Reyno tomasse o cetro, por sua morte  
Governou Gerião bravo Africano  
Fundado só nas leis que deu Mavorte.  
A antigua Heraclea junto do Oceano  
Quis o tirano Rey que fosse a Corte;  
Ossyris o matou, a quem a fama  
Hum dos famosos Hercules aclama.

XVII.

Porem deixou tres filhos tam unidos  
Em amisade firme, em paz constante,  
Que occasionou discursos bẽ fingidos  
De ser com tres cabeças hum Gigante.  
Todos em fim por Hercules vencidos,  
O vencedor ficou mais arrogante  
Vencendo aquellas tres, do que ficara  
Na vitoria das sete que cortara.

XVIII.

A que do Girez dizem fria serra  
 Dos Giroës tomou nome famoso ;  
 Chamouse delles de Gería a terra  
 Do Mondego regada caudaloso.  
 Nella lhes fez o grande Alcides guerra ,  
 E , por memoria do triunfo honroso ,  
 Levantou onde assima o rio corre  
 De quinas sinco inexpugnavel torre.

XIX.

Os bois daqui levou , que astutamente  
 Lhe quiz tomar aquelle , que a Vulcano  
 Venerava por pay , Caco valente ;  
 Sagaz , & valeroso Lusitano ,  
 Que ã incêdios crueis , o câpo , & a gente  
 Destruia do Reyno Italiano ,  
 Até que teve a derradeira gloria  
 Em ser de Alcides inclita victoria.

XX.

Em quanto de triunfos adornado  
 Hercules bravo Italia discordia ,  
 Hispalo filho seu era aclamado  
 Cabeça da Hespanhola monarchia.  
 Forte nas armas foi , & tão ousado  
 Que co valor paterno competia ,  
 E de Hispalis fundando a grã Cidade ,  
 Fugiolhe a vida na mais verde idade.

XXI.

Ficou no real trono o filho Hispano ,  
 Que deixou sua fama eternizada  
 Excedendo o poder do termo humano  
 A's leys do esquecimento exceptuada.  
 O noine tomou delle soberano  
 Hespanha illustremente celebrada ,  
 Que he do universo a mais famosa parte ,  
 Tutella insigue de Minerva , & Marte.

A vida tributou ao mortal fado  
 Com dor universal sem decendente ;  
 Tornou a Hespanha Alcides apressado,  
 Honrou co cetro a Hespero valente.  
 Chamouse deste, Hesperia, o grãde estado,  
 Que dominou cõ animo insolête ;  
 Mas o castigo vio, que o ceo não nega,  
 E tal vez dillatado, sempre chega.

Italo Atlante o despojou do imperio  
 Dos proprios Hespanhoes favorecido :  
 Para Italia fugio com vituperio,  
 Mas lá do vencedor foi perseguido.  
 Cõ Atlante passou do Reyno Hesperio  
 Hum terço Lusitano o mais luido,  
 Que edificou com Roma alta Princesa  
 A cidade a que espera a mòr grandesa.

Contam que hum sabio velho, q̃ entêdia  
 O curso das estrellas, lhe dissera,  
 Quando de cà partio, que nellas via  
 Que á nobre Roma excelsa gloria espera ;  
 Gloria que a Lusitania deveria,  
 Pois q̃ principio tam felis lhe dera ;  
 Posto q̃ hãs dous irmãos, filhos de Marte,  
 Nella terião não pequena parte.

Em quanto a Italia nome Italo dava,  
 Sicòro filho seu, Principe dino  
 Da grãde Espanha foi, q̃ o seu deixava  
 Nas aguas de Sicòro cristalino.  
 Deste naceo Sicàno, que chamava  
 Ana ao celebre rio ; & peregrino  
 Com palmas mil, se a tradição não erra,  
 Chamou Sicania à Siciliana terra.

XXVI.

Sucedelhe Sicceleo generoso  
 No sangue, no valor, na monarchia,  
 Que de Sicilia deu nome famoso  
 A' Ilha que, Sicania se dezia.  
 Gêrou a Luso, Príncipe glorioso  
 Em quanto abraça o mar, alegre o dia,  
 Pois Lusitanos delle nos aclama  
 A tuba mais feliz da maior fama.

XXVII.

A' vida morto, & por memoria eterno,  
 Ficou Sicùlo Rey, nas armas forte;  
 E mais amado pello amor paterno,  
 Que não pode atalhar a cruel morte:  
 Sem deixar descendente no governo,  
 (Que ao Ceo não merecemos tâta sorte)  
 O fio a Parca lhe cortou severa,  
 Menos com elle, que comnosco fera.

XXVIII.

Passados erão já quasi cem annos  
 Em que logrando doce liberdade  
 Não admittiam Rey os Lusitanos  
 Obedecendo a Luso na vòntade;  
 Quando Bacho valente, com enganos  
 Achou sagaz maior facilidade  
 Para vencer os nossos, do que achara  
 Nas armas com q̄ ao mundo sogeitara.

XXIX.

Hum filho seu mostrando lhes dezia  
 Que venerassem nelle a Luso amado,  
 Que em novo corpo mais feliz vivia  
 Dos Elisios jardins resucitado;  
 Que a saudosa ausencia em que se via  
 O Lusitano povo lastimado  
 Ferira os ceos de modo, que pudera  
 Restituir-lhe a vida que perdera.

xxx.

Lysias o filho astuto se chamava,  
 E, repetindo o nome docemente  
 A memoria de Luso, afeigoava  
 Ao novo Rey a Lusitana gente:  
 Senhor introduzido acreditava  
 Com obras tais o que fingio prudente,  
 Que com amor igual nome confuso  
 A Lysitania deu Lysias, & Luso.

xxxI.

Morto Lysias, do povo Lusitano  
 Foi Capitão Licinio, companheiro  
 De Bacho Grego, q̄ no Reyno Hispano  
 As armas ferreas inventou primeiro.  
 Daqui o aclamam filho de Vulcano,  
 Geralmente aplaudido por guerreiro.  
 Despojando Pallátuo o cetro teve,  
 A quem Pallencia antiga o nome deve.

xxxII.

Por morte deste, estava a Lysia gente  
 Sem sozeição a superior vontade,  
 Em governo suave, em paz contente,  
 Republica feliz na liberdade.  
 Davam nos graves casos expediente  
 Os de melhor discurso, & mais idade,  
 As leys seguindo, que a razão dictara,  
 Com algũas que Tubal lhes deixara.

xxxIII.

Quando advertido Gorgoris famoso  
 Das abelhas sollicitas no prado,  
 Notou do mel o modo mysterioso,  
 Celeste dom devido a seu cuidado.  
 E vendo em arte nectar tam precioso  
 O povo agradecido, & admirado  
 O cetro lhe entregou da monarchia,  
 Que por titulos outros merecia.

XXXIV.

Este, pois, que Melicula se chama  
 Pella inventiva rara justamente,  
 Desta terra he senhor, claro por fama,  
 Varão insigne, Principe excellente.  
 O povo grato seus preceitos ama,  
 Sò a jugo de amor obediente,  
 E se rogos admitte o fado eterno,  
 Serà perpetuo seu feliz governo.

XXXV.

A Jupiter divino veneramos,  
 Como a supremo Deos q̄ os bẽs reparte;  
 E de entre os mais cõ mais affecto hõramos  
 A grãde Pallas, Hercules, & Marte.  
 Antigas ceremonias conservamos  
 Que Ossyris nos deixou; posto q̄ ẽ parte  
 Reformadas por Bacho, & poucas temos  
 Daquellas que de Tubal recebemos.

XXXVI.

O que pedistes referi mais breve  
 Do que o louvor requer de tãta gloria;  
 E se mais largo que á occasiã se deve,  
 Obrigoume da patria a doce historia.  
 Chamome Aucano, &, sã q̄ o tẽpo leve  
 Do q̄ a Grecia devemos a memoria,  
 Na solidã, que nestes montes sigo  
 Sempre achareis em-mim fiel amigo.

XXXVII.

Não disse mais; & qual favonio brando  
 No silencio das selvas mais secretas  
 Forma susurro alegre murmurando  
 Cõ verdes linguas sutilmẽte inquietas;  
 Tal de entre os Gregos sac, reparando  
 Do velho sabio nas rezoẽs discretas;  
 De varias cousas cada qual se admira,  
 Repetindo curioso as que advirtira.

Acompanhava a Aucano o filho Antello,  
 Que tres lustros apenas excedia,  
 Na vista ardente, crespo no cabello,  
 De adusta cor, robusta bisarria:  
 Deulhe hũa espada Ulysses, q̃ ao modello  
 Da q̃ Hector dera à Aiace, obrara Antia;  
 Agradecendo a Aucano justamente  
 As noticias da terra a Grega gente.

Elle, ajudando os seus, se levantava;  
 É em cortezes affectos despedido  
 Na falua que o trouxe se tornava  
 Da Lusitana multidão seguido.  
 Entre diversas cores ondeava  
 Do Sol, & remos o cristal ferido;  
 E os Gregos (á fortuna tributarios)  
 Em bravo mar de pensamentos varios.

Cahia em tanto a noite, & as estrellas  
 A sono persuadiam; mas armado  
 Mal pode Ulysses sabio obedecellas,  
 Que vigiava em ancias seu cuidado.  
 Pode com tudo hũ pouco suspendellas;  
 Se suspendellas pôde o que occupado  
 Vive em sua fortuna de tal modo,  
 Que até dormindo he hũ cuidado todo.

Mal repousava em hũa taboa dura  
 O forte Grego, quando offercia  
 Os cuidados que tinha por figura  
 O nobre pensamento à fantasia.  
 E o Lusitano Genio, que procura  
 Animallo na empreza que seguia,  
 No sonho mysterioso lhe declara  
 O que divina luz lhe revellara.

XLII.

Em visãõ peregrina imaginava  
 Que vinha pella popa Galatêa,  
 Ferosa por extremo se mostrava,  
 Em cuja vista Ulysses se recrea:  
 Com maior força as aguas abrazava,  
 Que aos polos congelados Citherea;  
 Em fermosura tal Amor se atreve  
 Tanto fogo causar de tanta neve.

XLIII.

Na face delicada docemente  
 Purpurêa o jasmim, branqueja a rosa,  
 Sem dos olhos temer o rayo ardente,  
 Onde o Sol tem esfera luminosa.  
 Claustro gentil de perolas do Oriente  
 Hum rubi forma a boca graciosa,  
 A fronte branca, & o cabello louro  
 He margem de marfim a ondas de ouro.

XLIV.

Trazia com desdem solto o cabello,  
 Raios do Sol do peregrino rosto;  
 Eclipse hum veo azul ao corpo bello  
 A' vista de tal bem ficava opposto;  
 Mas a força bastava de entendello  
 Para se ter por certo presuposto  
 Que se era Poliphemo indigno amãte  
 Er' ella digna d'hum amor Gigante.

XLV.

Com graciosa voz em brando accento  
 Dentre alegre sembrante despedida,  
 Dezia: Grego insigne, a quem o vento  
 Quiz morte dar, & deu immortal vida:  
 Cheguei a despertarte, porque intento  
 Mostrarme a teu valor agradecida;  
 Que em Poliphemo deu vingança justa  
 A dõr, que ainda tanta dõr me custa.

C

XLVI.

Ao claro seio destas aguas chega,  
 (Por visitar ao Tejo venturoso)  
 Dos rios principais com que se rega  
 O globo universal, concurso undoso.  
 O tridente das aguas se lhe entrega,  
 Pois tua vinda, Capitão famoso,  
 O mostra Rey dos mares, & dos rios  
 Pondo tributo a seus maiores brios.

XLVII.

Se o nome queres ver que solicita  
 A prospera fortuna â tua fama,  
 Não temas agua, não, pois facilita  
 O passo o mar, q̄ ja seu Rey te aclama.  
 Ulysses com desejo que o incita,  
 Sem ver qual força superior o chama,  
 A segue pellas aguas, mas incerto,  
 Se entre sonho se engana, ou ve desperto.

XLVIII.

O campo hia pisando cristalino  
 Com passo tam seguro, & sossegado,  
 Como se à terra fora peregrino  
 Entre correntes liquidas criado.  
 Via pacer o gado Neptunino  
 Em varias formas no espumãte prado;  
 Chegou ao mais profundo, onde as areas  
 Mostravam de ouro reluzentes veas.

XLIX.

A Règia vio sublime que habitava  
 O generoso Tejo felizmente,  
 Cujo alto frontispicio fabricava  
 Materia de cristal resplandecente.  
 Entre colunas quatro se formava  
 O lavrado portal de obra excellente,  
 Em quicios de ouro a porta se movia  
 Cravada com brilhante pedraria.

L.

Alli guarda assistiam portentosa  
 Delfins ligeiros, Orcas, & Balêas,  
 E outros marinhos monstros, q̄ vistosa  
 Ostentavão esquadra em formas feas.  
 Entre estes, sem temor, turba escamosa  
 Veloz fazia aquaticas corêas;  
 Porque da real casa sò o respeito  
 O furor do maior tinha sogeito.

LI.

Dillatavase hum pateo ladrilhado  
 De topacio, & çafiro em quadros bellos,  
 Com diferentes conchas matizado  
 Nas quais pintara à Aurora o Deos de Delos.  
 De cristalinos arcos rodeado  
 Que lustrosos faziam paralellos  
 Muros de prata, & nelles esculturas  
 De historias varias com sutis figuras.

LII.

Não pode o Grego (ainda que faltasse  
 A justa pressa, que lhe dava a guia)  
 Ir com descuido tal, que não notasse  
 Lavores admiraveis que alli via.  
 E como attento nelles reparasse  
 A bella companheira lhe dezia:  
 Est'obra he de Prothèo, q̄ ã cãpo breve  
 Successos largos a teu nome escreve.

LIII.

Nesse globo que ves que delinèa  
 De sutis pontos variedade tanta,  
 Que de ceruleas aguas se rodea,  
 E contra seu furor serras levanta;  
 Deste grande Profeta a sabia Idèa,  
 Ein quanto varias profecias canta,  
 O mundo debuxou com largo estudo  
 A tua hystoria dirigindo tudo.

LIV.

Ves como em quatro partes repartida  
 Fermosa està do mundo a redoundesa?  
 Ves a que toma o nome da querida  
 De Jove Europa, q̄ he das mais Princesa?  
 Ves q̄ se mostra de Asia dividida  
 Pello Tanais famoso, que a feresa  
 Dos Scithas rega? que o Mediterraneo  
 De Africa a aparta? a cerca o Oceano?

LV.

Ves outra parte (assi o conta a fama)  
 Que o nome derivou da Ninfa bella  
 Mãi do q̄ ao Ceo furtou a ardête chama  
 Para os humanos animar com ella?  
 Ves como o grande Nilo (que derrama  
 Larga corrente, & torna a recolhella)  
 Com Africa a limita, & precipicio  
 Por sete bocas tem no mar Egicio?

LVI.

Ves Africa (que de Afro assi chamada,  
 Ou do Phæbeo ardor,) pello Oriente  
 Do Nilo Mauritano he demarcada,  
 E do Atlantico mar pello occidente;  
 Da parte Austral do Oceano banhada,  
 Da Setemptrional as aguas sente  
 Mediterraneas, & assi quasi em Ilha  
 Produz de monstros tanta maravilha?

LVII.

Ves outra parte, a que se pronostica  
 Que nome dà com rara novidade  
 Hum que em futuros seculos publica  
 Seu clima occulto à larga antiguidade?  
 Que os Vates dizem que serà taõ rica,  
 Que tornarà de prata a ferrea idade;  
 Ves q̄ por grãde a chamã novo mudo,  
 Que sô limita o Oceano profundo?

LVIII.

Pois essas quatro partes differentes  
 Com naturais limites divididas,  
 Essas Provincias, que entre varias gètes  
 Estaõ com leys diversas repartidas;  
 Hũas à outras ficaraõ patentes,  
 Com hum Imperio se veraõ unidas,  
 Quando dos teus os feitos singulares  
 Abrirem porta a nunca vistos mares.

LIX.

O' illustre cidade! já monarcha  
 Te considero d'hũa tal grandeza  
 Que sô da commum linha se demarca  
 Que demarca do mundo a redondeza.  
 Já vejo teu poder, que tanto abarca,  
 Que com admiração da natureza,  
 Alumia, igualando a luz de Apollo,  
 Quanto elle gira d'hum a outro polo.

LX.

Ve, Grego, como ao mundo com porfia  
 Seu claro imperio dominar contende,  
 Estendendo a famosa monarchia  
 A quãto a terra, a quãto o mar se estêde;  
 Pois donde nasce, aonde morre o dia  
 A seu justo poder tudo se rende;  
 Aos Antípodas chega, & a mais chegara  
 Se a grande esfera a mais se dillatara.

LXI.

Nota quantas cidades, que senhoras  
 De muitas foram dillatados annos,  
 Se tem por mais que nũca vencedoras  
 Vencidas dos valentes Lusitanos;  
 Em mais sublime grao merecedoras  
 De titulos lograrem soberanos,  
 Quando por mēbros de hũa tal cabeça  
 O mundo com respeito as reconheça.

LXII.

Ves Abila jactarse porque mêtã  
 Foi das proesas de Hercules famoso?  
 Pois, mais se jactarã, quando someta  
 O collo duro ao Lysio valeroso:  
 Quando largas conquistas lhe prometa  
 Verse da forte Ceita victorioso,  
 E que começa o brago Lusitano  
 Donde o valor se rematou Thebano.

LXIII.

Advirte como Tanger mais estima  
 Obedecer à força Portuguesa,  
 Que a fundação de Antêo a quẽ anima  
 A materna virtude á fortaleza.  
 Mas Africa vencer já desestima  
 O brio Lusitano; vê que empreza  
 Tomou em sogeitar cõ leys gloriosas  
 As cidades em Asia mais famosas.

LXIV.

Ves a Diu soberba, porque o nome  
 Lhe poz de Divo, o Macedonio grãde;  
 Fundãdoã em sitio tal que nada a dome,  
 Antes os mares Aquilonios mande?  
 Pois quando o jugo Lusitano tome  
 Eu te asseguro que a seu pezo abrande  
 Esse brioso affecto, redusida  
 A nova gloria de se ver rendida.

LXV.

A Trapóbana, insigne pella estrella  
 Que Canopos chamou a antiguidade,  
 E quantos se produzem frutos nella  
 Causando ao mudo estranha novidade;  
 Leva cheirosos matos de Canella,  
 E de riquezas tantas variedade,  
 Sò porque se gloriã de ter fruto  
 Que à gram Lisboa sirva de tributo.

LXVI.

A famosa Malaca, mais famosa  
Porque a Lisboa vive tributaria,  
De maior nome justamente gosa  
Quãdo a fortuna lhe quiz ser contraria;  
Que se antes Aurea, agora bellicosa,  
Aurea, & Feliz, não teme a fama varia  
Que lhe antepunha o graõ Peleponeso,  
Pois já se rende ao Lysio Chersoneso.

LXVII.

Mas como contarei quantas domina  
Essa Cidade, que fundar te vejo,  
Se tantas são do mais remoto China  
A' praia Occidental que banha o Tejo?  
Vem os casos verás que vaticina  
Ajunta, que mostrarte já desejo,  
Eu fio que te anime ao que te falta  
Para subires à região mais alta.

LXVIII.

Guiando o foi par'onde o Tejo estava  
Com roupa de cristal resplandecente;  
A cornigera fronte encomendava  
Rica pompa de perolas o Oriente.  
A dextra mão, por cetro, lhe adornava  
De já duro coral hum ramo ardente,  
Sobre a outra inclinado em urna d'ouro  
Rapido solta o liquido thezouro.

LXIX.

Vassallos lhe assistiam, cujos prados  
Librès lhes ministravam de boninas;  
Nabão, Zezere, & outros celebrados,  
Que lhe tributam pareas cristalinas.  
Em diversos officios occupados  
A's paredes se arrimam diamantinas,  
Com aparato igual â magestade  
Que o Tejo tinha ja naquella idade.

LXX.

Dillatavase em quadro a grande sala  
 Que (entre fragrâtes nevoas do q̃ ardia,  
 Pardo jasmim do mar, q̃ a vida exhala)  
 As humidas deidades recebia.  
 Trazia alegre cada qual por gala  
 O que em suas ribeiras produzia;  
 Sentavãose em cadeiras relusentes  
 De tersa prata, & pedras excellentes.

LXXI.

Os rios Hespanhois tinhão chegado  
 Que a jornada fizeraõ de mais perto;  
 De oliveiras o Betis coroadado,  
 Num carro de coral em prata inserto.  
 O Turia de mil flores adornado;  
 O claro Ibêro d'ouro vem cuberto,  
 O Calybs, & outros, cada qual procura  
 Mostrar na varia pompa a fermosura.

LXXII.

Eis que pouco depois de França chega,  
 Librando em copia de aguas o aparato,  
 O Mossa, q̃ ã Olanda ao mar se entrega,  
 E da rebelde terra escusa o trato.  
 O Seina, que a Paris illustre rega  
 Enriquecendoa com comercio grato;  
 Atax, Garumna, Rhodano famoso,  
 E junto d'elle o A'rar vagaroso.

LXXIII.

De Italia vinha o Pado, que Phaetonte  
 Com ousadia celebre illustrara;  
 Ornou de àlambre a cristalina fronte  
 Num peixe Attillo de grandeza rara.  
 Com pomos varios, (do Tiburto monte  
 Precipitado) o Anio se adornara;  
 O Tybre venturoso, no Apennino,  
 De canas fez diadema peregrino.

LXXIV.

Outros rios chegavão de Alemanha,  
 Que tem por maior gala sua grandeza;  
 O Rheno insigne na virtude estranha,  
 Credito das matronas na pureza.  
 O famoso Danubio, que a montanha  
 Abnoba tem por nascimento; & preza  
 Mais q̄ o de Istro este nome; Albis ufano  
 Por dar limites ao poder Romano.

LXXV.

Mandava Thracia o Hebro, (aonde o fado  
 Trouxe a cabeça de suave Orphêo)  
 Com ricas peças do ouro celebrado  
 Que de tributo paga ao mar Egêo.  
 Dos despojos da filha coroadado,  
 Da alta Thesalia não tardou Penêo;  
 E de alamos Herculeos Esperchão  
 Vento em curso veloz, antes que rio.

LXXVI.

Permeso de Beocia em verde louro  
 Dezia de Helicon ser filho claro;  
 Mostrava de oliveiras o tezouro  
 O Melas do Parnaso, a Pallas charo.  
 Vê do Pindo Achelão sobre hũ Touro;  
 Tanais que o nascimento escôde avaro;  
 Boristenes, Alphæo, Strimo, & Cephiso  
 Que gala faz das flores de Narciso.

LXXVII.

Oraava a Orontes d'Asia a fina tea  
 Junto a suas ribeiras bem lavrada;  
 Imitando o Caystro a Cytherêa,  
 Com Cisnes tras carroça prateada;  
 Phasis as aves da nefanda cea,  
 Vingança a Filomena violentada;  
 Chega o Meandro, & o Jordão famoso,  
 Que já do bem que espera està glorioso.

De pedraria, & ouro vem cuberto  
 Hermo, Gages, Idaspes, & Pactòlo;  
 E o nobre Ganges, q̄ o principio incerto  
 Tem nos bellos confins do lunar polo.  
 Tigris, & Eufrates vê, q̄ em seio aberto  
 Mesopotamia formam; & de Apollo  
 O conhecido Marsia, o Indo, & Nilo,  
 Cada qual sobre hũ grande crocodillo.

Em hum cavallo aquatico chegava  
 O Bamboto veloz de Africa ardente;  
 Nũ Crocodillo o Nigris, q̄ em vão lava  
 A sempre negra da Ætiopia gente:  
 Darat em outro, o Brágada ostentava  
 Primicias da que Attilio vio serpente;  
 O Cyniphs, de que nome a terra tinha,  
 Num grande filho de Amalthêa vinha.

A todos cortezmente recebia  
 Claro esquadrão dos rios Lusitanos,  
 Que assistiram ao Tejo aquelle dia  
 Por amisade jã de muitos annos:  
 O Guadiana ornava a fronte fria  
 Com espigas dos campos Trãstaganos;  
 De minio o Minho; & o Mondego, & Douro,  
 Co mãso Lima, ricamête de ouro.

Tudo notava o sabio Grego, quando  
 Advirtio que o deixara rigurosa  
 A Ninfa, com as mais acompanhando  
 Ægle do claro Tejo bella esposa:  
 Ægle, que das Naiades levando  
 Sem competencia a palma de fermosa,  
 A nobreza igualara à fermosura,  
 Filha do Sol, prodigio da ventura.

LXXXII.

Era seu rosto hum laberinto bello,  
Onde se dava Amor por bem perdido;  
Hum Ceo q̄ cõ dous Sois em paralelo  
Em dous Ceos se mostrava dividido:  
Era o narís à perfeição modello,  
A boca breve, cravo em dous partido,  
Parece, (se fallava) que fazia  
Nas tenras folhas Zefiro harmonia.

LXXXIII.

Mal os candidos membros occultava  
De bisso hum veo, sutil por maravilha,  
Cuja nativa cõr tinta encarnava  
Que do murice foi purpurea filha:  
De flores variamente o argentava  
Das Tagides lavor, que a partes brilha,  
Bordandoo soltos os cabellos d'ouro,  
Que distillam de perolas tezouro.

LXXXIV.

Occupa em alta sala rico estrado  
Com sutil guarnição d'hum junco fino,  
Em que por arte aljofar ensartado  
Ostentava debuxo peregrino.  
A belleza das Ninfas que a seu lado  
O Reyno alumiam cristalino,  
Fazia ser o humido elemento  
De tanta estrella ethereo firmamento.

LXXXV.

Moveose para vellas de mais perto  
Ulysses, que curioso pretendia  
Por hum postigo d'ouro meo aberto  
Esgotar raio a raio a luz ao dia.  
Quando dos claros rios descuberto  
De seu assento cada qual se erguia,  
Querendo abraçar todos juntamente  
Com alegria ao Capitão prudente.

## ULYSIPPO.

LXXXVI.

Elle com alvorogo semelhante,  
 Do repentino caso commovido,  
 O coração anima palpitante,  
 E foi do sono à vida restituído.  
 Como se vê cangado caminhante  
 O alento vital quasi perdido,  
 Assi o Grego de suor banhado  
 Se achou na taboa dura recostado.

LXXXVII.

A Aurora em tanto nos balcoes do Oriëte  
 Mostrâdo a rosea fronte, ao Ceo dourava;  
 E o sabio Capitaõ à forte gente  
 Do desejado sono despertava.  
 Aparelho ordenando conveniente,  
 Para sahir á terra que o chamava,  
 Na sahida que intenta se assegura  
 Comprimento fatal desta figura.

FIM DO SEGUNDO CANTO.

# U L Y S S I P P O.

---

## CANTO TERCEIRO.

---

### ARGUMENTO.

*Os Gregos desembarcam : & guiados  
De Antello em agradavel companhia  
Notam do sitio o clima, os verdes prados,  
E quanto a terra fertil produzia.  
Reconhecendo sabio os altos fados  
Templo a Minerva Ulysses erigia,  
Mas Lusitania à guerra se prepara  
A que o Tartareo Rey a estimulara.*

I.

**Q**UANDO tinha no Ceo mais levâtada  
Apollo a luz, das metas mais distâte,  
E a terra cõ mais forças fulminada  
Do arco d'ouro, & sêtas de diamante :  
A' desembarcação já desejada  
Conduz os seus o sabio navegante  
Nos bateis entre si competidores  
Em toldos ricos de diversas cores.

II.

Chegam todos ao porto juntamente ;  
 Que a competencia a todos igualara ;  
 Juntos saltam na area , que já sente  
 O bem que o fado tanto dilatara .  
 Cada qual a saúde mais contente  
 Entre as que o gosto lagrimas brotara ;  
 E querendoa abraçar com brado affeito  
 Aos fortes braços acompanha o peito .

III.

Decia ao mar Antello acompanhado  
 De varios Lusitanos , moradores  
 Em povoações vesinhas , cujo agrado  
 Assegurava os Gregos de temores .  
 Os braços dava em seu amor fiado ,  
 Ulysses aos humildes , & aos maiores ,  
 E de Antello guiado sobre a serra  
 Com poucos seus a descobrir a terra .

IV.

O sitio notam , & o Zenith lusente  
 Quasi em meo da Zona temperada  
 Vesinho com distancia conveniente  
 Da linha com q̄ a esfera he demarcada .  
 Os influxos gozando felizmente  
 Do signo , que primeiro tem morada  
 No Zodiaco largo , com que espera  
 Gozar inalteravel primavera .

V.

Era do anno a estação florida  
 Cadente já , que mais os ceos serena ,  
 Quando a terceira casa ao Sol cõvida  
 Dos geminos irmãos da bella Helèna ;  
 Quando das flores à caduca vida  
 O rigor de seus raios morte ordena ,  
 E os Gregos viam entre fruto , & flores  
 Os tempos quasi iguais competidores .

## VI.

Vem coroado o campo do copioso  
 Fruto que Ceres liberal reparte;  
 E em flor, o q̄ a Lyèo faz mais glorioso  
 Que os insignes trofeos q̄ lhe deu Marte;  
 O licor de Minerva misterioso  
 Fertil a terra cria em qualquer parte;  
 Cifrando assi fecunda a natureza  
 Em breve mappa à grande redondeza.

## VII.

Pomona de outra parte se mostrava  
 Tam varia, que ao desejo competia;  
 Mas elle insaciavel não chegava  
 A desejar o que ella repartia.  
 Já pella vista o gosto figurava  
 Doçura que a do Lothos excedia;  
 E em verde perfeição belleza tanta  
 Parara o veloz curso de Atalanta.

## VIII.

O Pessego fazia a fama incerta  
 Que sem rezão lhe chama peregrino;  
 Vesse a romã em flor, q̄ quando aberta  
 He competencia do ruby mais fino;  
 Cuja coroa emulação desperta  
 Ao limoeiro, a quem fatal destino  
 Com espinhos do Reyno despojara  
 Que por ter sempre frutos alcançara.

## IX.

Vesse a cidreira ally, que bem quisera  
 Encostarse cos pezos amarellos  
 Junto ao moral, prudente; porq̄ espera,  
 Estem de lãa vestidos os marmellos.  
 Aqui purpurea ginja, & verde pera,  
 Ally a rouxa amexa, & os frutos bellos  
 Da macieira, que entre sangue & ouro  
 Haõ de afrontar o Hesperido tezouro.

x.

Destes, & de outros pomos, que pendêdo  
 Se viam sobre espelhos fugitivos,  
 As aguas mormuravão, não sabendo,  
 Que dellas eraõ filhos adoptivos.  
 As claras fontes, olhos parecendo  
 Da terra fértil, dos penhascos vivos,  
 Yam banhando em lagrimas undosas  
 Com doce murmurar faces de rosas.

xi.

Alli do vão Narciso a fermosura,  
 Affectâdo em se ver outro perigo,  
 Em transformação nova se aventura  
 A poder recobrar o estado antigo.  
 Ally namora o cravo à cessem pura;  
 Abraçãose os jasmims em laço amigo;  
 Nem junto da giêsta os brios perde  
 O lirio rouxo, a mangerona verde.

xii.

De candidos ligustros, de amaranto,  
 Que com graça immortal o prado gosa,  
 De pallidas violetas, bello acanto,  
 E da que segue a Phebo flor pomposa,  
 Tam rico esmalte, peregrino tanto  
 A variedade ostênta deleitosa,  
 Que parece que a sabia natureza  
 Aplicou largo estudo a tal belleza.

xiii.

Qualquer bonina a estrella semelhante  
 Mostrava no cheiroso, & no lusido,  
 Com fragrãcia lusente, & luz fragrãte,  
 Hum estrellado campo, hũ Ceo florido;  
 E como ondas encrespa aura espirãte  
 No cristal brandamente combatido,  
 Aqui fazia, com diversas cores,  
 Tremolar, ondear mares de flo.es.

XIV.

Os bosques se mostravam tam fermosos,  
 Pretendendo cos prados competencia,  
 Que com silvestres arvores frondosos  
 Procuravam das flores precedencia.  
 Freixos, louros, & mirtos amorosos,  
 Fayas que ao Sol faziam resistencia,  
 Aciprestes direitos, choupos frios,  
 Alamos altos, platanos sombrios.

XV.

As aves velozmente discorrendo,  
 O ar de varias penas esmaltando,  
 Em reciprocos cantos respondendo  
 Yam suaves coros alternando  
 Em confusa harmonia suspendendo  
 Aos que alegres deixavam duvidando  
 Se era mais grato ouvillas, se mais vellas  
 Cantando doces, ou voando bellas.

XVI.

O melro canta da intrincada rama,  
 Entre cuja verdura o ninho esconde;  
 A tutinegra està dizendo que ama,  
 A quem ingratamente corresponde.  
 A chamaris incauta à prisaõ chama,  
 O pintasirgo vario lhe responde;  
 De hũa parte a calãdria forma hũ coro,  
 O pintarouxo de outra mais sonoro.

XVII.

Mas sobre todos suave na harmonia  
 Faudava em cançoès a tarde amena  
 E mestre ao coro alado parecia  
 A Sirèa do bosque a Filomena.  
 Tam docemente as queixas repetia,  
 Que fez alhea gloria a propria pena,  
 E em requiebro de voz, fugas, & acêtos  
 Movia os montes, quãdo atava os vêtos.

D

Com estillo tam vario modulava  
 Articulada voz, que juntamente  
 Harpa, laude, & citara imitava  
 Com alma em hum sô corpo differête.  
 Que digo, corpo? quando a voz formava  
 Espirito de corpo independente,  
 Hum canto vivo na aura sò fundado,  
 Hum atomo sonante, hum flato alado.

Eis que em alegre valle se descobre  
 Pouco distante de hum pequeno môte  
 Rustica traça de edificio nobre  
 Par'onde passo breve dà hũa ponte.  
 De duas partes arvoredos o cobre,  
 De outra o banha o cristal q̄ tẽ defrõte,  
 Na principal a porta mostra os lados  
 Com despojos de feras adornados.

A' nobre casa a companhia Grega  
 Atravessando o valle Antello guia,  
 Em cuja entrada a recebellos chega  
 Aucano, com amor, & cortesia.  
 O pateo passam (a que o bosque nega  
 Os rayos ver da lampada do dia)  
 De offâcinas cercado, onde recolhe  
 Quãto Minerva, Bacho, & Ceres colhe.

Num aposento grande larga mesa  
 A que os convida o velho se dillata,  
 Coroavam ministros com presteza  
 De vermelho licor taças de prata.  
 Não livrou ao veado a ligeireza  
 De que iguaria fosse alli mais grata,  
 Cõ outros animais, q̄ em varios modos  
 Satisfizeram o desejo a todos.

XXII.

Levantadas as mesas : com Aucano  
 Tratava o sabio Grego , que convinha  
 Que o Key fosse avisado Lusitano  
 Da armada q̄ chegara , & dõde vinha :  
 Que por fugir às furias do Oceão  
 Intenta erguer na serra mais visinha  
 A Grega gente povoação pequena  
 Em quanto Ulysses visitallo ordena.

XXIII.

Foi mensageiro Drantes conhecido  
 Pella nobreza da prosapia clara ,  
 Parte a Escalabis logo apercebido  
 De cartas com q̄ Aucano o padrinhara :  
 E porq̄ o Sol no mar quasi escondido  
 Já dispensava à terra luz avara ,  
 No mesmo tempo a Grega companhia  
 A's ancoradas naos se recolhia.

XXIV.

Na fresca tarde Zefiros vagantes  
 Aura espiram sutil que o ar apura ,  
 Furtado o cheiro às flores mais fragrantas ,  
 A's mais frondosas ramas a frescura :  
 Por qualquer parte os Gregos navegãtes  
 Não vẽ sô dos Elisios a figura ,  
 Mas que o poder da natureza encerra  
 Hum dillatado Ceo na breve terra.

XXV.

Chegando às praias , notam q̄ o Oceão  
 Forma o porto melhor , & mais seguro  
 Contra as furias de Eòlo , quando ufano  
 Quer combater cos mares o Ceo puro.  
 A presagio atribuem soberano  
 Auspicio singular do bem futuro  
 Ver o rio capaz de quantas frotas  
 Possaõ mandar as terras mais remotas.

XXVI.

Tornam às naos, & o sabio peregrino  
 Em quanto a luz de Apollo se ausêtava,  
 Velando advirte ao sitio que o destino  
 Para a fatal cidade lhe mostrava:  
 E, apenas vendo o raio matutino,  
 Segunda vez cos seus desembarcava;  
 Hum alto monte sobe a que parece  
 Que já cabeça o mundo reconhece.

XXVII.

O ferro agudo â antiga selva aplica,  
 Que outros golpes já mais obedecera;  
 E da madeira o templo aly fabrica,  
 Que no mar a Minerva prometera.  
 Na pobre offerta dá vontade rica  
 De zeloso fervor com fê sincera,  
 Entre affecto maior mais empenhado  
 A maior obra, se a permite o fado.

XXVIII.

Quebrados lemes põem ally pendentes,  
 Amarras grossas, que lhe o mar trincara,  
 As velas, que entre furias insolentes  
 O temeroso vento espêdaçara;  
 O ramo, que os consortes iñocentes  
 Dos enganos de Circe libertara;  
 A cera, & cordas, com que se eximira  
 Da morte doce, que cantar ouvira.

XXIX.

A Lusitana gente ally acodia  
 Com varios mantimentos, & regallos,  
 E em pio zelo aos Gregos assistia  
 Desejando na fabrica ajudallos:  
 Ally ao gram Dulychio Antello envia  
 Cõ outros doês preciosos dous cavallos,  
 Mostrarse agradecido assi quisera  
 A' peregrina espada que lhe dera.

xxx.

Via Plutam da lugubre morada,  
 Que sua culpa em cativeiro encerra,  
 O successo feliz da Grega armada,  
 Que descanzava já na Lysia terra.  
 A cidade temia destinada,  
 Que, inda futura, lhe ameaçava guerra,  
 E a cabeça movendo assi descobre  
 A grave pena que no peito encobre.

xxxI.

O' gentes odiosas, cujo fado  
 Contrario de meu fado me resiste,  
 Possivel he, que me deixeis frustrado?  
 Que o poder vosso meu poder cõquisté?  
 De perseguirvos cãço? ou como irado,  
 Poderei ver que o valor vosso insiste  
 Em que dos mares & de mim seguros  
 Deis nobre fundamento a fatais muros?

xxxII.

Se a tanta gloria chega esta cidade  
 Quanto a mente presãga vaticina,  
 Terei adoração là nessa idade  
 Da larga terra, que hoje se me inclina?  
 Não mostrará no mundo a claridade  
 Da verdadeira luz, da ley divina?  
 No globo universal averá parte,  
 Que não veja Catholico estandarte?

xxxIII.

Pois, se do inferno sou Rey soberano;  
 Mas q̄ inferno, ou q̄ Rey? jactãcia errada  
 Se não tenho poder, ainda me engano  
 Cõ esta monarchia imaginada?  
 He Rey quẽ ou na terra, ou no Oceãno  
 Ordena como quer o que lhe agrada;  
 Eu que contra vontade lhe obedeço  
 Nome de escravo, não de Rey, mereço.

xxxiv.

Mas q̄ digo? onde vou? tanto me acanha  
 A desesperação em que me vejo?  
 Quando falta o poder, não supre a manha?  
 Tam impossivel he o q̄ desejo?  
 Tam intrepido arдил, força tamanha  
 Tem esta gente vil com que pelejo;  
 Que eu, q̄ fiz guerra a Deos Omnipotête,  
 Não posso destruir tam baixa gente?

xxxv.

Cifrase tudo, ou meu poder limita  
 No que urdi atêqui o fado eterno?  
 Quanto pretendo, não mo facilita  
 Ter das soberbas furias o governo?  
 Pois como me detenho, (se me incita  
 A grave dor) em revolver o inferno,  
 E procurar ao menos a tardança?  
 Se ã tanto mal não pòde aver mudãça.

xxxvi.

Alecto, Alecto parta, parta logo,  
 Perturbe em guerra a forte Lusitania,  
 Acenda nella contra os Gregos fogo  
 Qual nelles acendeo contra Dardania.  
 Tal, que lugar não deixe a paz, ou rogo  
 Mas sempre creça com maior cizania;  
 Primicias me daràs sanguinolentas,  
 Fatal cidade, se meu dano intentas.

xxxvii.

Isto Plutam irado repetia,  
 Quando a soberba filha de Acheronte  
 Rompendo fumo já feroz sahia  
 Da cova opaca de hum sulfureo monte:  
 Com torcidas serpentes encobria  
 Em lugar de cabelo a infausta frente;  
 Os olhos fogo, & com soprar violento  
 Lançava a boca venenozo alento.

XXXVIII.

Não bem sahira da caverna escura  
 Aquella torpe vomito do inferno,  
 Quando já corrompião a aura pura  
 Os pestiferos alitos do Averno.  
 Nem sò turbou dos campos a verdura,  
 Que atè do dia ao conductor eterno  
 Com densas nuvês fez escura guerra,  
 Pretendendo impedír a luz á terra.

XXXIX.

Já neste tempo a voadora fama,  
 Que acquire forças quâto mais caminha,  
 A voz que por cem bocas se derrama  
 Por varias partes dilatado tinha:  
 Aos Lusitanos em desejo inflama  
 De ver a estranha armada, & donde vinha,  
 De Gorgoris famoso chega à corte  
 Que Escalabis illustra em sitio forte.

XL.

Chega a furia terribel entretanto  
 De venenosas armas guarneçada,  
 A que acompanha o lastimoso Pranto,  
 Do Pavor triste, & do Temor seguida:  
 Enchendo tudo de confuso espanto,  
 E contra si primeiro embraveçada,  
 Arrancase os cabellos que mistura  
 A branda fama, que alterar procura.

XLI.

Como se em lento fogo se lançara  
 O licor aureo, que a oliveira cria,  
 Tal o veneno foi que derramara  
 Alecto sobre a fama a que corria:  
 A voz, que variamente começara,  
 Já por indubitavel referia  
 Que o inimigo feroz sahira a terra,  
 A conquistalla com tirana guerra.

XLII.

Não dillatava sabio o Rey valente  
 O que julgou remedio necessario;  
 Fez convocar a Lusitana gente  
 Para duro castigo do contrario.  
 Abrasavase em ira o peito ardente  
 Por verse ã câpo armado co adversario,  
 E mandando tocar o som guerreiro  
 De fortes armas se vestio primeiro.

XLIII.

Fis Drantes chega à Corte perturbada,  
 Em Marciais estrondos temerosa,  
 E difficil o Rey lhe dera entrada,  
 Mas occasião lha concedeo forçosa.  
 A' praça de armas com a filha amada  
 (No bellicoso trage mais fermosa)  
 Sabio; falloulhe o Grego, mas ouvido  
 Apenas foi do Principe offendido.

XLIV.

Detevese com tudo, entre temores,  
 Em quãto ao mudo o Sol tres voltas dava,  
 Persuadindo aos grãdes, & aos menores  
 A pura fê do aviso, que levava;  
 Mas vendo mais ameaços, mais rigores,  
 No Lusitano Rey, na gente brava,  
 Desenganado em fim parte, contente  
 De que voltar o deixem facilmente.

XLV.

Perturba aos Gregos a impensada guerra,  
 Que com certeza Drantes lhes intima;  
 Hum maldiz a fortuna q̃ os desterra,  
 Outro da sorte propria se lastima.  
 Julga impossivel defenderse em terra  
 O q̃ affectando esforço mais se anima,  
 E se tornar às naos algum intenta,  
 As vê fracos despojos da tormenta.

XLVI.

Entre esta confusão a voz levanta  
 Ulysses valeroso, & como experto  
 Nos maiores trabalhos, não se espanta,  
 Nã lhe cega à prudência o grãde aperto.  
 O' companheiros, onde a força he tãta,  
 Onde o perigo nos parece certo,  
 Reyne o valor, que o animo valente  
 He no risco maior mais excellente.

XLVII.

O coração do forte se conhece  
 Em que não teme da fortuna assalto;  
 Olimpo, que entre as nuvẽs resplãdece,  
 E aos furores dos ventos he mais alto:  
 Palma gloriosa, que oprimida crece,  
 Pelota, que se a ferem dà mór salto;  
 Os trabalhos são nelle rayo ao louro,  
 Antes são vento á chama, & charna ao ouro.

XLVIII.

O inimigo se apresta, o termo breve  
 Pede remedio prompto; sempre guia  
 Felizmente a fortuna a quem se atreve,  
 E na justiça, como nós, confia:  
 Nossa derrota attribuirse deve  
 Ao alto Ceo, que por occulta via  
 Aqui nos aportou, como bem vemos  
 Nos vaticinios claros que tivemos.

XLIX.

Se he protector o Ceo de nossa vida  
 Culpa serã temer; mas he forçado  
 Aplicarmos industria; quem duvida  
 Que favor não merece o descuidado?  
 Cerremonos em vallos com q̃ impida  
 Ao primeiro furor do Rey irado  
 A resistencia nossa; que os rigores  
 Dos impetos primeiros são maiores.

L.

Disse; &, aprovandoo todos, sem tardãça  
 Execução veloz segue ao conselho;  
 Aos instrumentos correm, onde alcãça  
 Igual parte da obra ao moço, & velho.  
 Alentalhes Ulysses a esperança,  
 Sem perdoar (servindolhes de espelho)  
 Ao trabalho maior; & assi se applica  
 Que em breve o tẽplo, & môte fortifica.

LI.

Em tanto Lusitania ardendo em ira,  
 Confusa envolve bellicos cuidados:  
 Qual, donde as tinha a paz, as armas tira,  
 Que por memoria herdou de altos passados;  
 Qual o rustico ferro que servira  
 De combater os pinhos levantados,  
 Ou de surcar a terra, transformava  
 Para a mais nobre empresa q̃ esperava.

LII.

Hum accomoda o freo no Ginete,  
 Já os estribos encurta, já os alarga;  
 Outro acrecenta panos ao collete,  
 Doura o terçado curvo, a espada larga;  
 Este as armas alimpa, & o capacete,  
 Prova broquel, rodella, escudo, adarga;  
 Arcos, dardos, & lanças buscão todos,  
 Fundas algũs, e tiros de mil modos.

LIII.

Já das mãis saudosas despedidos  
 Os filhos partem para a dura guerra,  
 Lagrimas das esposas, & gemidos  
 Em vão penetraõ o ar, regam a terra.  
 Com suspiros em ansias repetidos,  
 A causa maldizendo que os desterra,  
 Mil vezes se despedem; que acha gloria  
 Em repetir as penas â memoria.

## LIV.

Qual diz : amado filho , em cuja vista  
 A vida desta mãy o Ceo sustenta ,  
 Que animo ves em mim com q̄ resista  
 A' dôr de hũa partida tam violenta ?  
 Por mais que o brio de teu peito insista  
 Em te levar à guerra , tão isenta  
 Tês de mim a vontade , que te atreves  
 A obedecerlhe contra o que me deves ?

## LV.

O' não permittas que os cançados annos  
 Me acabem sem te ver tam cruelmẽte ;  
 E viver me deixassem sô , tiranos ,  
 Para me ver morrer de ti ausente ;  
 Não faltam valerosos Lusitanos  
 Que ponham pella patria o peito ardẽte ;  
 Não tens porq̄ ir à guerra , ô filho charo ,  
 Desta afligida mãy unico amparo.

## LVI.

Qual cõ tremula voz , que mal se entende  
 Oprimida ua dôr que encerra o peito ,  
 Diz ao querido esposo , a quẽ pretende  
 Deter pequeno espaço ẽ laço estreito :  
 He possivel que amor assi se offende ?  
 Não he , mas não mo tinheis vós perfeito ;  
 Que a tello , qual poder fora bastante  
 A apartarvos de mim hũ breve instãte ?

## LVII.

Não sabeis vós , que em vossa companhia  
 Ha de ir meu coração a defendervos ,  
 Pondose por escudo à vã porfia  
 Dos golpes que quizerem offendervos ?  
 Pois se o sabeis ; porque vos não desvia  
 Do risco de perderme , & de perdervos ?  
 Quereis que tam depressa nos desuna  
 Hum repentino golpe da fortuna ?

LVIII.

Tal, por mais obrigar co a doce prenda  
 O filho em braços tras, q̄ ou, estranhãdo  
 Do bellicoso trage a forma horrenda,  
 Esquiva ao pay, abraça a mãy chorãdo;  
 Ou, sem temor, procura em vãa cõtêda,  
 As plumas alcançar; ou jã, tocando  
 O elmo luzente, busca outro menino,  
 Que elle mesmo traslada ao metal fino.

LIX.

E diz chorosa : pois não faz mudança  
 Este tormento meu no rigor vosso,  
 Verei se este penhor de vòs alcança,  
 Este penhor amado, o q̄ eu não posso.  
 Não advirtais ao bem, nem à esperãça,  
 Que ã vervos me librava o amor nosso,  
 Adverti que arriscais com duro peito  
 O paternal amparo deste objecto.

LX.

Com tais estremos cada qual suspira,  
 Mas não lhes aproveita brando rogo;  
 Que o natural valor nelles inspira  
 Hum desejo immortal do Marcio jogo:  
 A grandes feitos cada qual adspira,  
 Sem vil temor de mares, ferro, ou fogo,  
 Porq̄ lhe influe esforço mais q̄ humano  
 O generoso sangue Lusitano.

LXI.

E vendo qualquer dellas que pretende  
 Em vão deter aquelle a quem unida  
 A leva Amor, lhe diz : olhai que pende  
 De hum fio sò igual de ambos a vida.  
 Olhai que hũ golpe sò ambos offende,  
 Que comũa he a dôr de hũa ferida,  
 Guardainos a âbos, & obrigarvos possa  
 Essa vida por minlia, esta por vossa.

## LXII.

A Deos, (algun dezia) que o cuidado  
 Desta saudade vossa vai comigo,  
 Qual cervo, que fugindo atravessado  
 A seta que o ferio leva consigo:  
 A Deos (tornava algũa) esposo amado,  
 Que eu na memoria sou a q̄ vos sigo,  
 Qual veloz ave, que cortando o vento  
 Com ancia busca o usado mantimento.

## LXIII.

Assi os ares ligeiros suspendia  
 De cada qual a queixa namorada;  
 Mas com força maior enternecia  
 Lysio saudoso, & Clicia lastimada:  
 A verde idade em ambos competia,  
 E a gentileza à fama aventejada,  
 Entre esperanças varias o hymineio  
 Lhes dillatava a largo amor tropheio.

## LXIV.

Mas nada impede á condição briosa  
 De Lysio o fogo Marcio, em que arde a terra;  
 Sô teme na partida rigurosa  
 Fazer à bella amante maior guerra:  
 Mil vezes se esforçou; & temerosa  
 Mil vezes entre a dôr a voz se encerra;  
 Consigo, co' a rezão, co amor litiga,  
 Sabe o que quer dizer, não como o diga.

## LXV.

Cuida escusar a dôr mais penetrante  
 Faltando às leys da usada despedida;  
 Mas quẽ pôde enganar nũ firme amãte  
 A atalaia que Amor tem prevenida?  
 Foi lingua em Lysio o pallido sêbrãte  
 Facundo pregoeiro da partida;  
 Em Clicia o coração, ao eccho attento,  
 De ouvir, & discursar claro instrumêto.

LXVI.

Que farà? já mil traças imagina,  
 Mas todas na esperança duvidosas.  
 Usar ultimamente determina  
 Das armas q̄ Amor tem mais poderosas.  
 Lagrimas vibra em fim, q̄ da officina  
 De Amor sairaõ, fortes por piedosas;  
 E em secreta occasião sair consente  
 A voz, & quasi a vida juntamente.

LXVII.

He possivel (começa, & aqui lhe corta  
 As palavras a pena que a enternece)  
 Possivel (diz, mas outra vez absorta  
 Em lagrimas a voz lhe desfallece)  
 Possivel he? (darei? porem que importa  
 Que diga o que já sinto?) ou to parece,  
 Irte, & deixarme? (ay Clicia despresada!)  
 De saudades sòmête acõpanhada?

LXVIII.

Dize, cruel; (mas quero contentarte,  
 Pois que te rogo;) dize Lysio amado,  
 Queres deixarme? queres ausentarte?  
 Ou me engana o temor neste cuidado?  
 Responde, acaba já de declarararte;  
 Ay que te vejo, Lysio, perturbado;  
 Ve nuvẽs estes olhos, que algum dia  
 Jurou por sòis o amor que to fingia.

LXIX.

Clicia (diz elle) Clicia, prenda chara,  
 Sol da que goso, luz, luz mais querida;  
 Quem tam estranho caso imaginara,  
 Que ver os olhos teus me tire a vida?  
 Quem dissera que vendo os não trocara  
 A maior dõr na gloria mais subida?  
 E hoje me faz tam dura guerra a sorte,  
 Que onde tinha o remedio, tenho a morte.

LXX.

Para que tantas lagrimas? entendes  
Que a rigurosa morte se dillata?  
Basta a partida, basta; se pretendes  
Matarme vingativa, ella me mata.  
Não chores, q̄ se choras, ou me offêdes,  
Porque me queres offender ingrata,  
Ou pouco de amor sabes, pois ignoras,  
Que he sãgue meu as lagrimas q̄ choras.

LXXI.

Bẽ vês que o brio na occasião me chama  
A' causa universal, à justa guerra;  
Serei materia indigna à illustre fama  
Se na defensa falto â patria terra:  
Este peito fiel (que porque te ama  
Cruel fortuna de te ver desterra)  
Sabe, que antes quisera amante firme  
Morrer ante teus olhos que partirme.

LXXII.

Não te creio (torna ella) não prosigas,  
Pois vejo que me enganas claramente;  
Não sente grave dôr, por mais q̄ digas,  
Quem, podendo, não cura o mal q̄ sête.  
Nem trates de desculpas, que enemigas  
Foram sempre de Amor; quẽ eloquente  
Sabe escusar a culpa de hũa ausencia,  
Tambem para a sofrer terà paciencia.

LXXIII.

Pellas chamas, em que ardo (elle respõde)  
Pella chaga mortal, q̄ a alma me offêde;  
Por esses olhos, & cabellos, onde  
Amor a sêta doura, a facha acende,  
Juro que â voz o peito corresponde;  
Juro que a pena o coração me rende;  
Se a verdade não juro, ò bella minha,  
Nunca torne a gozar o bem que tinha.

LXXIV.

Pois trocas branda paz por guerra dura?  
 Trocas ( torn' ella ) amor por fera historia?  
 Arriskas te a batalha mal segura,  
 E desta alma desprezas a victoria?  
 A flor de Lusitania me procura,  
 De mil amantes te concedo a gloria;  
 O' não percas incauto, & pouco experto  
 Por incerta ventura hum gosto certo.

LXXV.

Porem se nada, em fim, pòde apartarte  
 Donde te quer guiar fatal destino,  
 Tal vez amante Venus segue a Marte,  
 Seguirte nesta guerra determino,  
 Farei do peito escudo por guardarte;  
 Poderà ser que o fero peregrino  
 ( Menos cruel que tu amor tam firme )  
 Te não queira ferir por não ferirme.

LXXVI.

E quando te ferisse, aly me achara  
 Com o remedio que a occasião cõsête;  
 Eu da ferida o sangue te enxugara,  
 Tu as lagrimas minhas juntamente.  
 Assi qualquer de nós o outro curara;  
 E eu vêdo em ti o amor, q̄ hoje não sente  
 Teu duro coração, verei que chega  
 Na guerra o galardão q̄ a paz me nega.

LXXVII.

Ah não chores, ( diz Lysio, & não podia  
 O preceito guardar, que a Clicia dava )  
 Não chores, Clicia amada, ( repetia  
 Hũa vez, & outra vez, & elle chorava )  
 Breve ha de ser a ausencia, alegre o dia  
 Em q̄ a alma torne a ver o a q̄ adspirava,  
 E em quanto o Ceo differe tãta gloria  
 Sustentame presente na memoria.

LXXVIII.

Quando sair o Sol no roxo Oriente,  
 Lèbrete q̄ es meu Sol cõ luz mais pura,  
 Quando a noite cair, te represente  
 Que vivo sem te ver em noite escura.  
 Quando das fontes vires a corrente,  
 As destes olhos meus seja figura;  
 Quãdo ao espelho te olhares, imagina  
 Que tens no peito meu estampa fina.

LXXIX.

Como, se es tam cruel, (ella replica)  
 Tens tam doces rezoões para matarme?  
 Ou, se brandura Amor te comunica,  
 Como te não abrãda a não deixar-me?  
 Ay, que esta confusãõ me certifica  
 Que traças todas saõ para enganarme;  
 Vaite, vaite, traidor, sigate a pena,  
 A que teu falso trato me condena.

LXXX.

Vai, que o inimigo fero a mim piedoso,  
 Vingança me darã de tanto engano;  
 Saberã no successo lastimoso,  
 Se he o Grego, ou o Amor mais inhumano;  
 Verã quem golpe dá mais riguroso  
 Sêtas de Amor, ou lanças de tirano:  
 Conhecerã se saõ mais duros laços  
 As barbaras cadeas, ou meus braços.

LXXXI.

Dezia irada; mas do som guerreiro,  
 Que os animosos peitos convocava,  
 Chega o ruidõ a Lysio, que ligeiro  
 Das prisões amorosas se soltava.  
 Pello deter no abraço derradeiro  
 Em vam afflicta Clicia se esforçava;  
 E vendo que detello não podia,  
 Com a voz pello menos o seguia.

E

LXXXII.

Onde te vais, cruel? (& repetindo  
O echo a ultima voz, cruel, responde.)  
Onde te vais, cruel, de mim fugindo?  
Como posso seguirte? como? ou onde?  
As azas com que Amor te vai seguindo  
Alcangarte não podem? corresponde  
Ao pouco que te peço; que he somente  
Verme morrer, & morrerei contente.

LXXXIII.

Mais quisera dizer; mas, não podendo  
Com tanta pena, cae desmayada;  
Em suor frio as chamas convertendo  
Arde em fogo amoroso congela-la.  
A' voz que deu (a causa não sabendo  
Porque a Lysio não vira) lastimada  
Acôde a mãy Antymia, & solicita  
Remedio ao mal que de outro necessita,

LXXXIV.

Mas quando algũas a este brando effeito  
Natural condiçãõ do sexo inclina,  
Mostram as mais com generoso peito  
- Raro valor, constancia peregrina.  
Qual, antepõdo ao maternal affeito  
A terra, que oprimida já imagina,  
Accusa o filho na tardança breve  
Pello que a si, ao Rey, à patria deve.

LXXXV.

Qual, ajudando a armar ao charo esposo,  
Em brios dissimula o que padece,  
Dizendo que no trage bellicoso  
Melhor, que no pacifico parece.  
A qual (vendo que parte valeroso  
A' guerra o forte irmão) a inveja crece;  
Culpa o decoro, porque não permite  
Que o valor das molhieres se exercite.

LXXXVI.

O pay, a quem a idade não consente  
 Tornar a ver o marte conhecido,  
 Sabio tal vez, tal vez impertinente  
 No filho emenda as armas, & o vestido.  
 Sae até a porta a vello, & brevemente  
 Com paternal affecto despedido  
 Lhe diz, no rosto, & voz grave, & severo:  
 Ou com honra, ou sem vida vos espero.

LXXXVII.

Parte qualquer com tanta segurança,  
 Que materia se julga a clara historia;  
 Por posse avaliando a esperança  
 Jura trazer despojos da vitoria:  
 Algum não leva escudo, & diz q̄ a lâça  
 Serà offensa, & defenza com mais gloria:  
 Tal ha, que nem espada quer consigo,  
 Porque diz que tem certa a do inimigo.

LXXXVIII.

Assi já dos Elysios deleitosos  
 Que pello Douro, & Minho são regados  
 Os Lusitanos decem valerosos  
 Para a commum defenza convocados.  
 Por estreitos caminhos, & fragosos  
 Chegaõ da Beira intrepidos soldados;  
 Das Transtagauas terras abundantes  
 Robustas gentes de asperos sembrâtes.

LXXXIX.

Como as feras de Hircania em duro bãdo  
 Por defender a vida intentam guerra  
 Com ordenados esquadroës buscando  
 O feroz tigre, que destrue a serra;  
 Em tanta multidão vinham chegando  
 Os Lusitanos que da patria terra  
 Lançar queriam com galhardo brio  
 De gente estranha, injusto senhorio.

# U L Y S S I P P O .

## CANTO QUARTO.

### ARGUMENTO.

*O Lusitano marcha bellicoso  
Contra os fortes varoës da Grega armada ;  
Fere a Ulysses Anor ; mas valeroso  
Conserva a fee devida à esposa amada.  
Golpe sente depois mais riguroso  
Na morte falsamente relatada  
De Penlope chara , a que offerece  
As funerais exequias que merece.*

I.

**J**A' despregado o bellico estandarte  
Do Lusitano Rey tremôla ao vento,  
A q̃ se juntam de hũa , & de outra parte  
Gentes, armas, cavallos, cento a cento.  
Em alegre tumulto o som de Marte  
Anima a todos, & no mesmo intento  
Desejam ver os ultimos perigos  
A morte despresando, & os inimigos.

## II.

Não he tam agradavel pello estio  
 O trovão, que promete chuva à terra,  
 Como da irada gente ao forte brio  
 As vozes do atâbor que toca à guerra.  
 Do canoro metal já fere o rio  
 Eccho galhardo, que rebate a serra,  
 Quâdo ao ordenado posto brevemente  
 Acode cadaqual mais obediente.

## III.

Memoria, que dos annos enemiga  
 Os sucessos conservas de outra idade,  
 Valhame teu favor para que diga  
 O que encobrio a larga antiguidade;  
 Resucite na fama a gloria antiga,  
 Consagre nova tuba à eternidade  
 Os Lysios capitaes, em quem librava  
 O militar governo, a gente brava.

## IV.

Tras a vanguarda Polymiôn famoso,  
 Firme coluna à patria Lusitana,  
 De postura gentil, de armas lustroso,  
 E q̃ inda adspira à monarchia Hispana:  
 A Princesa pretende vanglorioso  
 De meritos iguais com que se engana,  
 Que a fortuna contra estes se conjura,  
 E sô alcança quem tem mais ventura.

## V.

Era senhor de poderoso estado,  
 Que por armas ganharaõ seus maiores;  
 Illustre ẽ sangue de hũ, & de outro lado,  
 De deoses se ajactou progenitores;  
 Bisarro, liberal, moço, esforcado,  
 Emulção de vãos competidores;  
 Discreto sobre tudo merecera  
 O universal aplauso que o venera.

VI.

Do Douro, & Minho os esquadroës regia  
 Com doze vezes mil, robusta gente,  
 Que por costume bellico sofria  
 Os maiores trabalhos levemente;  
 Ostentando medonha valentia.  
 Na armadura cruel, na vista ardente,  
 De rodella, com dardo, & larga espada  
 Sobre ferinas pelles vinha armada.

VII.

Acompanhao Lanoso, que ao castello  
 Nome deixou, & á terra que habitava;  
 Nas mãos, & rosto hũ bosq̃ de cabello,  
 Manoplas, & viseira figurava  
 Era quasi Gigante, & de hum cutello  
 Em vez de espada a grossa cinta armava,  
 Que partia de hum golpe o maior touro,  
 Que aguas bebeo do Minho, Lyma, ou Douro.

VIII.

No trage a crueldade acreditada,  
 Faz que pareça mais feroz guerreiro;  
 De hũa testa de lobo a fronte armada,  
 O representa lobo verdadeiro:  
 A formidavel boca desgarrada  
 Nas fauces mostra o dente derradeiro;  
 Os olhos das pestanas na espesura  
 Se vê, qual pinho ardente ã noite escura.

IX.

Segueo Maronio, velho, mas valente,  
 Que dominando largo senhorio  
 Por onde leva o Tamaga a corrente,  
 Celebre nome deu ao Maraõ frio.  
 Com branca barba, idade florecente  
 Finge do nobre aspecto o grave brio;  
 Hũ dragão por empreza tras no escudo,  
 Do peito bravo pregoeiro mudo.

x.

O corpo da batalha tem por sorte,  
 Adspirando dally a aitas faganhas,  
 Da fria Beira a gente inculta, & forte,  
 Duramente criada entre montanhas :  
 Paos, que fogo tostou, de agudo corte,  
 E de feras crueis pelles estranhas,  
 A trazem ao combate prevenida,  
 Mais dura para os golpes que polida.

xi.

Por varios Capitaes vem governada ;  
 Herminio a todos principal cabeça,  
 Que he de Herminia senhor, serra nevada,  
 Onde o quete verao nunca começa ;  
 Tras sobre as armas banda leonada,  
 Que quer que por cor sua se conheça ;  
 De pessoa gentil, de rosto grave,  
 Na guerra fero, mas na paz suave.

xii.

Valentes oito mil trouxe consigo ;  
 Junto delle se ve com vulto irado  
 Arganil forte, que ao maior perigo  
 Tras sempre o coração aparelhado :  
 Tinha somente hum olho (q̄ enemigo  
 Golpe o deixara do outro ja privado.)  
 De triunfar, ou morrer co firme inteto  
 O seguem seus quarenta vezes cento.

xiii.

Outros tantos, & mil guia o Gigante  
 Bolano fero, com soberbo aspeito,  
 Que o campo de riquezas abundante  
 Junto ao Mondego claro tem sogeito.  
 A este seguio Cardiga esposa amante  
 Procurando abrandar o bravo peito,  
 Que desista das armas lhe rogava  
 Porque a morte q̄ o espera adevinhava.

XIV.

Com ardentes suspiros o acompanha ;  
 Mandalhe elle feroz , que não prosiga ;  
 Nos campos a deixou , q̃ o Tejo banha  
 Que inda celêbra o nome de Cardiga.  
 Cõ ferreas maças de grandeza estranha  
 Usados a vencer força enemiga ,  
 Da aspera serra mil conduz Tapeio ,  
 Inda que velho de temor alheio.

XV.

Este em duas bigornas que pusera ,  
 Para formar as armas , com que vinha ,  
 Em dous vesinhos montes as pudera  
 Fabricar com hum malho , que sô tinha ;  
 Que aos robustos ministros facil era  
 Poder lançallo à parte que convinha ;  
 Este por annos foi Ancião chamado ,  
 Por valente , & por sabio respeitado.

XVI.

Com mil da estremadura acompanhava  
 A bandeira Real Abrantio velho ,  
 A quem de General o bastão dava  
 Prudente o Rey , fiado em seu cõselho.  
 Dos melhores cavallo ordenava  
 Forte esquadraõ , & o bellico aparelho  
 Dos cavalleiros eram lanças largas ,  
 Bem dobrados giboës , leves adargas.

XVII.

Os esquadroës chegavam de Alemtejo  
 A continuas batalhas costumados ,  
 Em cujo coração ferve o desejo  
 De verse aos inimigos afrontados :  
 Vestidos de couraças , com despejo  
 Usavaõ ferreas bêstas , & terçados ;  
 Por sorte a retraguarda lhes cahira ,  
 E a ser primeiros os chamava a ira.

xviii.

Doze vezes quinhentos, brava gente,  
 Argil galbardo, & forte condusia,  
 A quem a verde idade em brio ardente  
 Primeiro buço apenas permittia:  
 Amante ao mesmo passo que valente,  
 Co amoroso o guerreiro compettia,  
 E com gẽtil esforço em qualquer parte  
 Nelle guerrêa Amor, namora Marte.

xix.

Quatro mil guia Alvito valeroso,  
 Que o Cavalleiro chamam da dõzella;  
 Porq̃ em hum bosque cõ valor piedoso  
 Livrou de hũ bravo tigre a Laura bella:  
 Daquelle dia (vencedor glorioso  
 Mais que do furor delle, do amor della)  
 Veste a pintada pelle por trofeio,  
 Brazão que o faz galhardamente feio.

xx.

Dous mil do Algarve o forte Alvòr trouxera,  
 E cõ os de Alentejo se ajuntava;  
 Robusto em membros, & bisarro era,  
 Mas o grande nariz o desfeava;  
 A gente dura nas batalhas fera  
 Com tam rara destreza a funda usava,  
 Que fazia ordinario mantimento  
 Da veloz ave, que cortara o vento.

xxi.

Outros Principes vinhão q̃ de Hispanos  
 Reynolds dilatavaõ troncos generosos,  
 E possuiam campos Lusitanos  
 Por grãde estado, & por valor famosos:  
 Escurecido tem seu nome os annos  
 De façanhas illustres invejosos;  
 Mas não pode faltar nunca a memoria,  
 Que hoje cõserva de Arminilda a gloria.

Era de Real sangue alta Princesa  
 Dos mais inclitos Reis q̄ teve Hespanha;  
 Dos pays erdou menina co a nobreza  
 As terras que o Nabão suave banha:  
 Nos annos juntamente, & na belleza  
 Crecia ao mundo maravilha estranha;  
 Pena das almas, & dos olhos gloria,  
 De quem já mais o amor teve victoria.

Desda primeira idade o mundo a vira  
 Sempre adspirar a duplicada palma,  
 Que contra Marte, & contra Amor vestira  
 De ferro o peito, de diamante a alma.  
 A inimigos, & a amantes igual ira  
 Vibrava a bella vista em doce calma,  
 Que neve, & fogo variamente encerra,  
 Temida em paz, & suspirada em guerra.

Diana mais fermosa exercitava  
 Valentes brios bella caçadora;  
 E mais que as feras que seguia, brava,  
 Nos bosques era antecipada Aurora.  
 Cruel contra si mesma não negava  
 O pê fecundo emulação de Flora  
 A seca area, que em pincel vagante  
 Participou transformação fragrante.

Com leys diversas morte prevenia  
 Em tres aljavas, quando menos fera;  
 Hũa, que eburnea do ombro lhe pendia,  
 Duas, que Amor nos olhos lhe pusera:  
 Cũa matava só quando queria,  
 E com as outras quando não quizera;  
 Os corações caçava em laço bello,  
 Que armou em aureas ondas o cabelo.

XXVI.

Não era de Bellona a vez primeira  
 Competencia gentil em câpo armada,  
 Porque já vira à Bética ribeira  
 De troféios insignes adornada:  
 Com titulo a aplaudia de guerreira  
 A fama em claros feitos alentada,  
 Nome, que aonde teve o senhorio  
 Conserva a ponte de hũ pequeno rio.

XXVII.

Ao mesmo passo bella, & bellicosa,  
 Outros dous mil da estremadura alista,  
 Ameaçando morte duvidosa  
 Na dura espada, & na serena vista:  
 Assi por dous caminhos victoriosa  
 Vem à defensa não, mas à conquista,  
 Pois quando a patria defender pretêde  
 Docemente feroz as almas rende.

XXVIII.

Arraial ordenado não seguia,  
 Mas á bella Princesa acompanhava;  
 (Que quãdo armado o forte Rey sahia,  
 Seguillo a amada filha costumava.)  
 Com poucos seus (da guarda q̃ fazia)  
 Arminilda tal vez se adiantava;  
 Assi buscando anticipadamente  
 Encontrar o enemigo em brio ardente.

XXIX.

Em petrechado coche, que, guerreiro,  
 Propria esfera de Marte representa,  
 Discorre o campo Gorgoris ligeiro,  
 Cuja vista nos seus esforço alenta.  
 Dragontes o governa, a quem primeiro  
 Auriga a fama eternizar intenta,  
 Porque cõ novo ardil na Hispana terra  
 Armados carros applicou à guerra.

xxx.

Tras o Rey Lusitano forte escudo  
 Chapeado de ferro; vêse armado  
 De grossas pelles, tem por dardo agudo  
 Hum meo pinho em fogo temperado;  
 Espada larga, & o elmo sobre tudo  
 De vistosas plumagês adornado;  
 Quasi Gigante o corpo parecia  
 Torre que ao Ceo soberba desafia.

xxxI.

Assistialhe Aucano valeroso  
 Pello conselho da madura idade,  
 Atrevido a hum murzello tam fogoso,  
 Que cos ventos apôsta agilidade:  
 A' patria ley no peito generoso  
 Pospos do Grego Ulysses a amisade;  
 E ao militar estrondo sem tardança  
 Empunhara co filho a forte lança.

xxxII.

Abria a luz as portas do Oriente  
 Quando o arraial marchâdo se estêdia,  
 E o Sol formava raios mais ardente  
 No lusido das armas que feria.  
 Os ligeiros cavallos facilmente  
 O Zefiro por filhos conhecia,  
 Pois se o bater das unhas não notara  
 Que não locavam terra imaginara.

xxxIII.

Formam vistosa pompa varias cores  
 De bandas, de plumagês, de bandeiras,  
 Arrogandose o ar fingidas flores,  
 Porque do prado inveja as verdadeiras;  
 Mas nuvês, que os cavallos pisadores  
 Fazem crescer com voltas, & carreiras,  
 Cobrem já tudo; ou he que se levanta  
 Soberba à terra em bisarria tanta.

xxxiv.

O estrondo militar, que a toda a parte  
 Em ecchos espantosos retumbava,  
 No seio de cristal com voz de Marte  
 As Tagides fermosas perturbava:  
 Turbou ao Tejo o bellico estandarte  
 Que na corrente pura retratava;  
 E detevese hum pouco irresoluto  
 Em ir ao mar com liquido tributo.

xxxv.

Marchando o campo assi, chegava a gête,  
 Que Atras dos môtes Lusitania êcerra;  
 Não pudera acudir mais brevemente  
 Pella distancia da fragosa terra.  
 Homês de vista, & coração ardente,  
 Mais que a dourada paz desejão guerra;  
 Mêcorvo he capitão, Mencorvo forte,  
 Que cõ tres vezes mil põe medo à morte.

xxxvi.

Mas se esta guerra Marte, outra Amor traça  
 Ao Grego Ulysses cõ maior perigo;  
 Pois tantos mais rigores ameaça,  
 Quanto mais encuberto he o inimigo:  
 Contalhe Drantes, qual o Rey à praça  
 De armas sahio; os que levou consigo;  
 Quam bisarra o seguia a chara filha,  
 Das almas luz, dos olhos maravilha.

xxxvii.

Em trage bellicoso lha pintava,  
 Brandamente feroz, bella homicida;  
 Nevadas plumas, reluzente aljava,  
 Purpurea cotta de ouro guarnecida.  
 Qual Bellona fermosa, ou Venus brava,  
 Arbitra a doce morte, ou cruel vida,  
 Num alazão que os ares com desprezo  
 Pisava ufano do suave pezo.

A tais rezoës o cego Amor que via  
De Ulysses descuidado o peito brando,  
Da mea Lua eburnea que trazia  
Foi no juelho as pontas ajuntando :  
Ao coração fazendo pontaria  
Despede a seta de ouro, que passando  
Por resistencias mil, com dôr suave  
Pode ferir aquelle peito grave.

XXXIX.

Sentiose lastimado brandamente  
O Grego Capitão, mas ardiloso  
Não perde a vigilancia conveniente  
Ao militar aperto riguroso,  
Apresta as armas animando a gente,  
E manda que Nabancio valeroso  
Com algûs saya a descobrir a guerra,  
O contrario poder, o sitio, a terra.

XL.

Sae intrepido o Grego, acompanhado  
De cento, que animosos escolhera,  
Num brutto ricamente enjaesado  
Dos q o filho de Aucano a Ulysses dera :  
Com juvenil fervor pedia ao fado  
As empresas mais arduas que pudera,  
A par' a acção maior, mais repentina  
Com numeroso campo se imagina.

XLI.

Mas o amor, que em Ulysses se ateava,  
E sò a se augmentar tinha respeito,  
A diversas batalhas incitava  
O coração que via já sogeito :  
Jà rendida a vontade confessava,  
A furto da rezão, o doce affeito ;  
Que hum cêgo fogo seu valor cõquista,  
Podendo tanto a fama como a vista.

## XLII.

Na confusã do novo laberinto  
 De si mesmo admirado se lamenta :  
 Se amor não he, q̄ he isto pois q̄ sinto?  
 E se he amor, em mim q̄ effeito intêta?  
 Se intenta dano meu, como o cõsinto?  
 Se intenta deleitar, como atormenta?  
 S'he voluntaria pena, que padeço;  
 S' involutaria, porq̄ ao mal me offreço?

## XLIII.

He furor; mas não he, que temo o dano.  
 Si he furor, pois vendo o dano, o sigo;  
 Nem pode ser amor, porque inhumano  
 Me mostrára a Penelope enemigo:  
 Mas se elle oprime o coração, tirano,  
 Por mais que a seus affeitos contradigo,  
 Em que me culpo? misteriosa culpa,  
 Que no proprio delicto se desculpa!

## XLIV.

He amor; mas não he, que amor inflama,  
 Eu a frio temor estou sogeito;  
 Mas ay, q̄ pouco, & pouco sinto a chama,  
 Que já se estende, já me abraza o peito.  
 Ah, que he neve, & he fogo; pois quẽ ama  
 Se ve gelar, & arder no mesmo effeito;  
 Gram milagre de Amor, que facilmete  
 O fogo torna frio, a neve ardente!

## XLV.

O' viva morte, ô pena deleitosa,  
 Quem teus effeitos varios conhecera!  
 Quam falsa, quam cruel, quam poderosa  
 He, cego moço, tua ley severa!  
 A infelice Iliõn fora ditosa  
 Se eu de antes tua força conhecera,  
 Porque com tais rezoês a desculpara,  
 Que nunca por Helena se abrazara.

XLVI.

Teu me confesso; en este presuposto  
 Bem posso descobri-te hum sô desejo;  
 Chegame a ver aquelle bello rosto,  
 Veja eu o fogo em q̄ abraçar me vejo:  
 Mas, quãdo em tal extremo me tẽ posto  
 A fama sô, que peço? que desejo?  
 Quero acabar co a vista? ay venha a morte,  
 Que he melhor vida tam ditosa sorte.

XLVII.

Porem s'em mim Penelope defende  
 Estes discursos vãos, que digo, cêgo?  
 Se hũ puro amor cõ outro amor se offêde,  
 Como a cõtrarios dous hũa alma êtrego?  
 Como meu coração de si pretêde  
 Fazer em duas partes justo emprego?  
 Louco es, Amor; mas ay, q̄ não es louco,  
 Pois ao muito, q̄ pòdes, tudo he pouco.

XLVIII.

Quem, se não tu, do Olimpo luminoso  
 Em varias formas trouxe ao graõ Tonãte?  
 Quẽ a Daphne rêdeo Phæbo glorioso?  
 Quẽ a Marte enredou, sêpre arrogãte?  
 Quem cingio roca a Alcides valeroso?  
 Tu, cêgo Lince, tu, rapaz Gigañte;  
 Mas ha, que vejo, venedor astuto,  
 Que ã fim sò desenganos dàs por fruto.

XLIX.

Enredo ha teu favor, tua fee mentira;  
 Sonho a promessa, risco a segurança;  
 Veo a brandura, que disfarça a ira,  
 A constancia maior, maior mudança.  
 Sô quem não sabe o q̄ es, por ti suspira,  
 Só de erros teu poder victoria alcança,  
 Não da prudencia, q̄ conhece as fraudes,  
 Que nos principios docemete aplaudes.

L.

Es cagador astuto a incautas aves,  
 Lobo voraz em forma de cordeiro,  
 Crocodillo com vozes mais suaves,  
 Aspid em flor, amigo lisongeiro;  
 Doce ministro de tormentos graves,  
 Guia traidora, falso conselheiro,  
 Guerreira paz, & tempestuosa calma,  
 Que a sente o peito, & não a entende a alma.

LI.

Assi de intentos varios combatido  
 Se detem largo espaço vacillando;  
 Mas o desejo da rezão vencido  
 As chamas que acendeo foi aplacando:  
 O Grego Capitão della advertido  
 Ao sagrado Himineio fee guardando  
 A affeição resistio, que o persuade  
 Lhe faça sacrificio da vontade.

LII.

Qual o febricitante a quem recrea  
 Na sede ardente a vista da agua clara,  
 Desejando beber, beber recea  
 A morte que a bebida lhe prepara;  
 Tal o Grego prudente se refrea  
 Com temor de offender a esposa chara  
 No desejo amoroso que imagina  
 Agua a seu fogo, a sua fee ruina.

LIII.

Eis no Orisonte claro se descobre  
 Pequena vela que ministra o vento;  
 Já no Ceo toca, já no mar se encobre,  
 Das ondas imitando o movimento:  
 Ahela ao porto, de aparelhos pobre,  
 Que o tẽpo irado lhos roubou violẽto;  
 A area investe, & quando à terra chega  
 Se vê no maior masto insignia Grega.

F

LIV.

He fama que Telemacho prudente,  
 Filho do sabio Ulysses, oprimido  
 Dos amantes da mãy, com brio ardête  
 A Pylo foi, de Pallas condusido;  
 E receando Antinoo justamête  
 Pena do injusto amor, de outros seguido,  
 Com armada galê lhe quiz dar morte  
 Entre Samo soberba, & Itacha forte.

LV.

Mas, ou juizo foi do eterno fado,  
 Ou accidente incerto da fortuna,  
 Eòlo com Neptuno conjurado  
 Largo tempo lhe fez guerra importuna  
 Até que ao mar Ibèrio derrotado  
 Entre hũa & outra de Hercules coluna  
 Ao Oceãno sahio, & aly lhe dava  
 Amparo à vida o porto que tomava.

LVI.

De Ulysses enviado às prayas dece  
 Phinèo a recolher os naufragantes;  
 Em confusaõ Antinoo reconhece  
 Que acha ao Dulychio em terras tão distâtes:  
 Porem no grave caso a astucia crece,  
 E divertir procuram os amantes  
 De Penelope casta, com cautella,  
 O sabio esposo de que torne a vèla.

LVII.

Referem que Telemacho o governo  
 De Itacha tem com tal prosperidade,  
 Que erdeiro insigne do valor paterno  
 Mostra maduro fruto em verde idade:  
 Que a illustre mãy, depois q̃ em nome eterno  
 Dera novo brasaõ à castidade,  
 Da tenra vida o fio resoluta,  
 Pagára à morte o natural tributo.

LVIII.

Este golpe sentio tam riguroso  
 O grande Ulysses em seu forte peito,  
 Que o coração capaz, & valeroso  
 Para tão grave dór foi vaso estreito.  
 Causava o sentimento lastimoso  
 Na fiel companhia igual effeito,  
 Culpando todos à fortuna esquiva  
 O fado injusto, a morte intempestiva.

LIX.

O' quantas vezes o fatal destino,  
 O dia em que sahio dos patrios lares  
 Culpou irado o Grego peregrino!  
 Quantas á furia dos contrarios mares!  
 O' quantas vezes do saber divino  
 Quiz arguir juizos singulares!  
 Se não o desviara o entendimento,  
 Onde o levava o grande sentimento.

LX.

Para o Ceo da fortuna se queixava,  
 A' terra as tristes queixas repetia,  
 Ao mar com ancias justas perguntava  
 A verdade da pena que sentia:  
 Se esta mesma corrente, ô aguas, lava  
 tacha (doce quando o Ceo queria,)  
 Se vos moveis a petição piedosa  
 Novas me dai de minha amada esposa.

LXI.

Dizei, se ainda com chorar ausente  
 Ondas ao mar de Jonia multiplica,  
 Que do Erythrèo vençam a corrente  
 Onde em perolas faz a Arabia rica!  
 Mas, pois não respondeis, já claramête  
 Meu mal essa resposta certifica,  
 E vivo, porque a vida á maior pena  
 De sentir que não sinto me condena.

LXII.

O' fado executivo em teus rigores,  
 Como te empenhas em cortar violento  
 O fruito acerbo, & por abrir as flores!  
 O' quantas esperanças leva o vento!  
 O' prenda soberana, de maiores  
 Annos merecedora! o fero intento  
 Devia a parca de seu golpe altivo  
 A' minha vida, ferrea pois que vivo.

LXIII.

Ouve nevoa mortal que a hum vivo raio  
 De teus fermosos olhos se oppusesse?  
 Ouve neve cruel que o fertil maio  
 De tua rosa, & Jasmim descompusesse?  
 Ouve accidente fero, ouve desmaio  
 Que a teus galhardos brios se atrevesse?  
 Ay, que da morte foi sutil cautella,  
 Por vencer atreverse â minha estrella.

LXIV.

Mas, como dos Elisios a luz pura,  
 Deixandome sem luz, alma buscaste?  
 E a que me tinhas dado fee segura,  
 Sem me levar contigo, quebstantaste?  
 Porem fique eu sem ti em vida escura,  
 Pois que o feliz caminho me mostraste,  
 E eu fui o que cruel deixei partirte,  
 Porque não chego a merecer seguirte.

LXV.

Assi à sorte accusa em voz piedosa,  
 Em quanto a Grega gente levantava  
 De pinhos grande pyra, que pomposa  
 Com aciprestes funebres ornava:  
 Ardendo de Sabá myrra cheirosa,  
 Crato, gram Sacerdote, collocava  
 Victimas varias no alto frontispicio,  
 Os manes invocando ao sacrificio.

LXVI.

Qual se o amado corpo aly estivera,  
Aplicam fogo á consagrada pyra;  
Rapido busca a superior esfera  
Entre fumosos circulos que gyra:  
A materia obedece, a chama impera,  
Repetida fragrançia o ar respira,  
O busto os esquadroes cercã tres vezes  
Ferindo o Sol nos lucidos arnezes.

LXVII.

Dessou hum dia do trabalho a gente,  
Em que se ouviraõ sò varios clamores,  
Instrumentos diversos tristemente,  
E som destemperado de atambores.  
O jogos (respõdendo á dôr vehemente)  
As honras funerais foraõ maiores,  
E os Gregos não chamara ao q̃ cõvinha  
O Lusitano que marchando vinha.

FIM DO QUARTO CANTO.

# U L Y S S I P P O.

---

## CANTO QUINTO.

---

### ARGUMENTO.

*Segue Nabancio pello verde prado  
A dama que guerreira lhe fugia ;  
Mas necessita de buscar armado  
A vitoria que Amor lhe prometia.  
Embaixador vai Ploto , acompanhado  
Da que entre os Gregos maior pompa avia ;  
Do sacrificio a causa conta Aucano  
Em que o Rey se occupava Lusitano.*

L.

**E**NTRETANTO Nabancio , que esforçado  
Notava a terra , o campo descobria ,  
Mais que dos seus , do brio acõpanhado ,  
Os valles de Bucellas discorria.  
Do trabalho continuo fatigado  
Se apartava da forte companhia ,  
Buscando da agoa clara o nacimiento ,  
Que entre pedras quebrava o curso lèto.

## II.

Hum bosque penetrou, que ardente estio  
 Não privara já mais de primavera;  
 Nem os Phebêos raios do rocío  
 Que o primeiro crepusculo lhe dera:  
 Devia fresca sombra a hũ monte frio,  
 Que de undoso cristal o enriquecera,  
 De que gozavam lirios, & espadanas,  
 Narciso em flores, & Sirinia em canas.

## III.

No seyo mais umbroso da espesura  
 Penedo toco dura fronte erguia,  
 Que pardo Oriente d'hũa fonte pura  
 Em liquido cristal se desfazia:  
 Das ervas, & das plantas a frescura  
 O que lhes dava humor lhe agradecia,  
 Vestindoo de era, pondolhe grinaldas  
 Tecidas de frondosas esmeraldas.

## IV.

Mormuradora voz da clara fonte  
 Para os cristais correntes o guiava,  
 Quando hũa dama que baxara o monte  
 Em trage bellicoso se mostrava.  
 Seguioa o Grego, & pondose defronte  
 Entre as q̃ hum mirto ramas intrincava,  
 Esperar encuberto determina  
 A aventura que julga peregrina.

## V.

Hum monte de diamantes na celada  
 Bosque de brancas plumas produzia;  
 Banda de nacar do õbro à aurea espada  
 O refulgente peito dividia:  
 Purpurea veste de ouro recamada  
 Successiva do arnèz se descobria,  
 Avara à vista do coturno breve  
 Que enlaça è pouco espaço muita neve.

## VI.

Nem lança, nem o escudo aly trouxera,  
 Que hum fenix por empreza retratava;  
 Na solidão do monte se atrevera,  
 Onde achar inimigos não cuidava.  
 Chegada â fonte, que buscar viera,  
 A dourada viseira levantava,  
 E a terra agradecida ao raio puro  
 Deu por bẽ conquistado o verde muro.

## VII.

Anhelante chegou, & o Sol que ardente  
 Feria do lugar mais levantado,  
 Em chamas acendia docemente  
 O purpureo do rosto delicado;  
 E quando a força de seus raios sente  
 A fermosura do mimoso prado,  
 Se outras flores privou da cõr nativa,  
 Nesta rosa animada a fez mais viva.

## VIII.

A alta belleza, que o galbardo aspecto  
 Entre diversas graças tinha unida,  
 Ferira ao mais robusto, & duro peito  
 De suave de amor cruel ferida;  
 Que muito pois, se o Grego sêpre objecto  
 A sêtas amorosas, não duvida  
 Render a vista, & pella vista logo  
 Bebe na fonte de agoa hũ mar de fogo.

## IX.

A peregrina imagem, que ostentava  
 Do lume celestial hum raio breve,  
 Passa veloz dos olhos que admirava,  
 Com grata força ao coração se atreve,  
 Sô este palpitando procurava  
 Mudarse ao peito amado em voo leve,  
 Que no mais sem acção, & sem sentido,  
 Ficou Nabancio em vella divertido.

x.

Daquelle extasis, breve se amoroso,  
 Temor o despertava que pũgente  
 O tinha já da Ninfa tam cioso,  
 Que guardalla quisera da corrente;  
 Ou porq̃ outro Narciso mais fermoso  
 O numero das flores não augmente,  
 Ou porque á bella imagem que fingia  
 Lhe não levasse a agoa que corria.

xi.

Temia em chuva, de ouro ao graõ Tonãte,  
 Daphne a fugia a Apollo, & q̃ a seguisse,  
 Que o mesmo Amor segũda vez amãte  
 Se esquecesse de Psiches, quãdo a visse:  
 Receava que Boreas arrogante  
 O furto de Orithia repetisse,  
 E quisera encobrilla em hum momento  
 Ao Ceo, ao Sol, ao proprio Amor, ao vëto.

xii.

Ella em tanto na sede que a afligia  
 Têz vaso cristalino da mão bella;  
 Que (inda que tam de neve) parecia  
 Instrumento melhor para acendella:  
 Quando impaciente o Grego já sahia  
 Das ramas que o occultavam a detella:  
 Detente, Ninfa (diz) que conjecturo,  
 Que às de beber a mão por cristal puro.

xiii.

Levantase a guerreira valerosa  
 Metendo mão à espada; mas repara  
 Que segue ao Grego a gente bellicosa,  
 De q̃ elle entrãdo o bosque se apartara;  
 Hum pouco perturbada, não medrosa,  
 Para os seus se retira, que deixara,  
 Seguea Nabancio, mas com vão intento,  
 Que sò pôde alcançalla o pensamêto.

xiv.

Aguarda (lhe diz elle) escuita, espera,  
 Porque foges, se foges de hum rendido?  
 Não solícites credito de fera,  
 Quando o tês de Deidade merecido.  
 Foges cruel, quem Deosa te venera?  
 O' sejame sómente permitido  
 Ver a belleza que divina adoro,  
 Sê que este affecto offenda teu decoro.

xv.

Ainda corres? Ninfa, honra do prado,  
 Porq̃ esse curso ingrato não suspêdes?  
 Se nesse aureo cabello vou atado,  
 Fugir, deixarme atras, em vaõ pretêdes:  
 Vê, que nesse desdem tam porfiado,  
 O' bella fugitiva, sô te offendes,  
 Pois sem causa te canças, & aventuras  
 A planta delicada a espinhas duras.

xvi.

Pois que te ei de alcãçar, porq̃ não paras?  
 Dulcissima occasião de minha pena;  
 Sô quizera de ti que me escuitaras  
 A quanto em verte a sorte me cõdena;  
 Olha, bella cruel, que se pararas,  
 Pudera ser que nesta selva amena....  
 Mas quero me calar, porque este alêto  
 A's azas com que voas dá mais vento.

xvii.

Ella o favor dos seus em tanto invoca  
 Cum pequeno instrumento que trazia;  
 Que merecendo alento à rosea boca  
 Espirito sonoro recebia:  
 Toca, & apenas apressada o toca,  
 Quando o vesinho valle descobria  
 Em valente esquadraõ socorro breve,  
 Com q̃ a encurtar o passo já se atreve.

XVIII.

Volta Nabancio aos seus; não que fugisse  
 De cometer a empresa que buscava,  
 Mas como resistencia lha impedisse  
 Poder para vencella procurava:  
 Como á guetreira já num baio visse,  
 Sobe ò murzello que Euritòn lhe dava,  
 Anima os seus, & busca o Marcio jogo  
 Com peito ardente em duplicado fogo.

XIX.

Nem hûs, nẽ outros querem que se veja,  
 Que saõ para batalha provocados,  
 Quando o valor de cada qual deseja  
 Os successos provar mais arriscados:  
 Unanimes se arrojam â peleja  
 Sõmente de si mesmos animados,  
 Com ordem tal, com tanta valentia,  
 Que admira entre tã poucos tal porfia.

XX.

Jã no dano comum a qualquer parte  
 Com rostos varios se offerece a morte,  
 Sem differença duvidoso Marte  
 Ministra, igual a todos cruel sorte;  
 Forças iguais a cadaqual reparte,  
 E cada qual com animo mais forte  
 Busca ferõz em ira porfiada  
 Fim valeroso na contraria espada.

XXI.

Mas com mais brios Arminilda brava,  
 Que conduz a valente companhia,  
 De igual partido não se contentava,  
 Que a palma da vitoria sô queria;  
 Com exemplo, & rezoës os animava,  
 Lançandose onde a guerra mais fervia  
 Qual irada leoa, que pretende  
 Vingár os filhos, que o pastor lhe offêde.

Aqui me tendes certa companheira,  
 Que nos bellicos trances mais forçosos,  
 Offerecendo a vida sou primeira;  
 Pelejai, Lusitanos valerosos.  
 Assi dezia a inclita guerreira  
 Vibrando a espada em golpes tam furiosos,  
 Que raio parecia fulminado  
 Do sacro Olimpo quando mais irado.

XXIII.

Com orgulhosa vista anda buscando  
 Os principais, que da contraria gente  
 Se vam em claros feitos sinalando,  
 Sem perigo deixar que não intente;  
 Chega a Nabãcio forte que exhortado  
 Aos mais estã com animo valente,  
 E adquirindo a seu nome nova gloria  
 Faz duvidoso o pezo da vitoria.

XXIV.

Volta o galhardo Grego em hum instãte  
 Ao duro som da espada peregrina,  
 Que brilhando esplendores rutilante  
 Linguas de fogo ardentes imagina.  
 Acçoês medindo valeroso, & amante,  
 Que nos queres (lhe diz) Pallas divina;  
 Em q̃, guerreira Deosa, te offendemos;  
 Que armada ã cãpo cõtra nõs te vemos.

XXV.

Ella chovendo golpes entretanto  
 Do Grego as duras armas combatia;  
 Gravida nuvem nunca globo tanto  
 De meudo cristal à terra envia;  
 Quando de hũ golpe lhe rõpeo Cloãto  
 A viseira que o rosto descobria;  
 Ah inimiga (diz Nabancio) espera,  
 Menos na espada, que na vista fera.

XXVI.

Se matas com a vista que he mais forte,  
 Com essas armas vãs que sollicitas?  
 Ou de que serve dar a tantos morte,  
 Se frechando belleza os resucitas?  
 Mata por hũa vez, que melhor sôrte  
 Serã morrer de todo; não permittas  
 Segunda vida pois tiralla ordenas,  
 Que he muita crueldade tantas penas.

XXVII.

Quizera ella deixallo sem demora;  
 Elle o combate pella ver dillata;  
 Que sinto (diz) ô bella encantadora,  
 Que o coração em doces prisoês ata?  
 Se a gloria queres ter de vencedora,  
 Deixa esse ardil injusto, que me mata,  
 Soltame o coração, que não he gloria  
 Pelejar com ventagem tam notoria.

XXVIII.

Soltame o coração, doce homicida,  
 Doce de amor guerreira, Parca bella;  
 Queres que sem defenza perca a vida?  
 Pois não te ha de valer essa cautella;  
 Que sem aver encanto que me impida,  
 Já que ma tiras, saberei vendella  
 Em teus braços morrêdo, & por vêtura  
 Me daraõ vida em vez de sepultura.

XXIX.

Assi dizendo, com Marcial estudo  
 Abraçarse com ella pretendia,  
 Procurando tomar no forte escudo  
 Os golpes, o furor com que o offendia.  
 Tal vendo do enemigo o ferro agudo  
 Quem defenderse inermes desconfia,  
 Com ligeireza a elle se abalança  
 Pôdo em tomarlhe as armas a esperança.

xxx.

Mas ella prevenida a seu intento  
 O ligeiro cavallo desviava,  
 E mais vcloz, que o leve pensamento  
 Entre as espessas armas se emboscava;  
 Não por fugir de seu poder violento  
 A singular batalha recusava,  
 Mas porque, mais que a bellicosa furia,  
 Temia delle hũa amorosa injuria.

xxxI.

Quiz seguilla Nabancio, quando ousado  
 Millete se lhe oppoem com forte lâça;  
 Rebatea o Grego, & pello esquerdo lado  
 Com duro bote ao Lusitano alcança:  
 Valeolhe a coura de que vinha armado,  
 Mas cae ã terra; & o Grego, q̄ vingança  
 Conseguir pôde, sem que nella insista,  
 Busca a guerreira, q̄ perdeu de vista.

xxxII.

Impaciente na perda, qual furioso  
 Discorre o campo d'hũa à outra parte;  
 Qual Marte armado vai, mas amoroso;  
 Ou qual Amor vestindo armas de Marte:  
 Já da fortuna, já de si queixoso,  
 Como, ò cruel, pudeste assi escaparte  
 De minha vista (diz) em vão buscada,  
 Eras vento, eras sôbra, sonho, ou nada?

xxxIII.

Bem como o caçador a que fugira  
 Quasi das mãos a caça, acelerado  
 Fatiga o monte, & onde se encobriira,  
 Bate as crecidas moutas com cuidado;  
 Assi Nabancio corre, arde, suspira,  
 Tudo visto deixou, tudo tentado,  
 Mas com mais ancia, pois a caça bella,  
 E juntamente a si se busca nella.

xxxiv.

Os seus anima a intrepida guerreira,  
 E com porfia só da guerra trata,  
 Tudo atravessa com furor ligeira,  
 Corre, ameaça, fere, desbarata:  
 Tornou a ver Nabancio na carreira,  
 Seguilla quiz, & apenas disse; ingrata;  
 Quando chegãdo a espõra ao veloz baio  
 Desaparece, qual luzente raio.

xxxv.

Foi raio aos q̄ encontrou; q̄ a Neutonforte  
 Decêpa quasi de hum revez hũ brago;  
 E em hũa ponta vira Arzenio a morte,  
 A não lhe resvelar no peito de aço:  
 Na cabeça a Leutõr ferio de sorte,  
 Que não tornou em si por largo espaço,  
 Cõ quãto hũ elmo o pay Clitõ lhe dera,  
 Que maior segurança prometera.

xxxvi.

Cercãona os Gregos novamente irados  
 No destroço cruel que vai fazendo;  
 E Nabancio veloz acõde aos brados  
 Que confundia aly o marte horrendo;  
 Não na deixeis fugir (grita aos soldados)  
 Não fuja, porem viva; mas rompendo  
 Ella por todos com feroz combate  
 Carreira faz por sima dos que abate.

xxxvii.

Rio que de alto monte se arruina,  
 Tormenta em chuva & raios desatada,  
 Aspera serra, que co Ceo confina,  
 Selva em plantas antiguas intrincada,  
 Endurecida ao tempo neve Alpina,  
 Chama ao furor dos ventos agitada,  
 Furioso mar, & diamantino muro  
 Lhe fora larga estrada, & vao seguro,

Nabancio pella voz, que os seus anima,  
 O furor brota que no peito encerra,  
 E sem que temerario se reprima,  
 A desejada paz busca na guerra:  
 A vida qualquer delles desestima,  
 Fuzilla o ar co as armas, treme a terra;  
 Mas na furia maior, o maior dano  
 Atalha o Ceo por meo soberano.

XXXIX.

Brava tormenta dece repentina  
 Em agua, ventos, & trovoës desfeita,  
 Qual foi depois a que a mortal ruina  
 Da gram Roma impedio, quasi sogeita:  
 Em nenhum delles o valor declina,  
 Nem a porfia se acha satisfeita;  
 Mas, não valêdo ãfim quãto os esforça,  
 Da tempestade prevalece a força.

XL.

Quais os valentes touros, que no prado,  
 Se tem à vista a desejada prenda,  
 E o vaqueiro os aparta, mais irado  
 Sae qualquer da pertinaz contenda;  
 E por mostrar que fica aventajado  
 (Posto que o outro mais feroz o offêda)  
 Para nova peleja a ponta ensaia  
 No tronco antigo da robusta faia.

XLI.

Assi todos se apartam vencedores,  
 Porque foi duvidoso o vencimento;  
 E quando furias vibra o Ceo maiores  
 Mostram para ferirse novo intento;  
 Mas de armas reprimidos superiores  
 Cada qual busca o amigo alojamento;  
 E com mais pressa o Grego procurava  
 Dar a Ulysses o aviso que esperava.

XLII.

Brevemente chegou, & os que trazia  
 Em braços dos piedosos cõpanheiros  
 Foram da guerra com que o câpo ardia  
 Por bocas de feridas pregoeiros:  
 Encarecem os mais a valentia,  
 O nobre ardor dos Lysios cavalleiros,  
 D'hũa molher na fortaleza rara,  
 Qual em Troiaho peito não se achara.

XLIII.

Mas notei (diz Nabancio) que seguro  
 Sitio nos deu decreto soberano,  
 Pois quasi em ilha està, cercãdoo muro  
 Que de ôdas forma o Tejo, & o Oceãno:  
 Sò breve termo (aonde o ferro duro  
 Provãmos do valente Lusitano)  
 A terra continã: & aly defeza  
 Pròvida poz tambem a natureza.

XLIV.

Impenetravel bosque não consente  
 Comunicarse a contraposta parte,  
 Senão por jũto a hũ môte, onde a corrête  
 De vagarosas aguas a reparte:  
 Aquelle passo estreito pouca gente  
 Defender pòde com esforço, & arte;  
 Occupallo devemos sem tardança,  
 Que nisto vejo a unica esperança.

XLV.

Assi dizendo; Antinoo, que ardiloso  
 Quiz evitar a guerra que temia;  
 E, dando volta a Grecia, como esposo  
 Penelope alcançar se prometia:  
 Por divertir a Ulysses valeroso  
 Em terra tam remota, o persuadia  
 Que escusasse o perigo, em q se eugana  
 Com bodas da Princesa Lusitana.

G

XLVI.

Resucitou Amor, & alta vitoria  
 Cuida de Ulysses ter, pois liberdade  
 De Penelope deu funebre historia,  
 Que acreditava Antinoo por verdade;  
 Mas a que ella deixou doce memoria  
 Inda fortes prizoës punha à vontade,  
 E estava viva a chaga lastimosa  
 Que a morte lhe causou da amada esposa.

XLVII.

Fogo de amor nevado, & neve ardente  
 Em seu confuso peito morre, & arde,  
 Já se anima, já pára, juntamente  
 Amoroso, & cruel, forte, & cobarde;  
 No mesmo que procura não consente,  
 Impugnao logo, contradiz o tarde,  
 O iminente perigo foge, & ama,  
 E do fogo que acende teme a chama.

XLVIII.

Como do mar as ondas rebatidas  
 Pella area na praia dillatada,  
 Tornam atras, & de outras recebidas  
 A repetem com força acrecentada;  
 Assi do amor as ansias repetidas  
 Quebravam na memoria lastimada  
 Com Penelope chara; mas, crescendo,  
 Em vigor novo a hião combatendo.

XLIX.

E qual incauto passaro, que em rede,  
 Ou tenáz visco cae, onde se enlaça  
 Quanto mais bate as azas, mais se impede,  
 Quando livrar-se intenta, se embarça;  
 Tal quando mais favor a rezão pede,  
 Quando para fugir mais meos traça,  
 Entre hum cãgo desejo mal distinto  
 Tece o Grego a si mesmo o laberintho.

L.

Assi crecco Amor com doce vento  
 De ambiguas resistencias alentado,  
 Cobrando vigor novo, novo alento  
 No meo de hũ cuidado, outro cuidado.  
 Combatido do grave pensamento,  
 Dos seus em rezoës justas conquistado,  
 Vê finalmente Ulysses quanto importe  
 Procurar paz do Lusitano forte.

II.

Foi digno embaixador Ploto escolhido,  
 Unico filho, que de Irène amada  
 O claro Eumenio teve, conhecido  
 Pella facundia, que igualou a espada:  
 Aparato levava, o mais luzido  
 Que pareceo convinha à embaixada,  
 E de grande valor alto presente  
 Ao nobre Rey da Lusitana gente.

III.

Differentes despojos lhe levava  
 Que Priamo logrou quando Ilion era,  
 Materia preciosa aceditava,  
 Artificio admiravel compusera:  
 Mas os de mais valor aventajava  
 Hũa baxella de ouro, que trouxera  
 De Ithaca Ulysses, em q̄ ao metal fino  
 O valor excedia peregrino.

LIII.

A prodigiosa historia aly se via  
 Do filho illustre da fermosa Alemna,  
 Por modo tam estranho que vencia  
 Sutil debuxo da mais leve pena;  
 A justa admiracão todos movia  
 Cifrase tanto em obra tam pequena,  
 Ficando empresa igual, representallo,  
 A' que foi no Thebano exêcutallo.

LIV.

Vencia as cobras, a hydra venenosa,  
 O Tracio Rey, da cerva as pötas de ouro;  
 O javaly de Arcadia temerosa,  
 Da Nemèa o Leão, de Creta o touro;  
 As aves da Stymphalia prodigiosa,  
 O que guardava o Hesperido tesouro,  
 Caco, Bussyris, Acheloo, Lacino,  
 O Rey de Troya, o mōstro Neptunino.

LV.

Viase Augêas, o Hespanhol Gigante,  
 Euripilo, os Cetauros, Pictimo, Antêo,  
 As Amazonas, o caçgado Atlante,  
 Os filhos de Neptuno, Promethêo,  
 Lyco, o Cerbero, Alcestes, Theodamãte,  
 Cygno, Eurytho, os Cercopias, & Nelêo,  
 Empresas dignas da gloriosa fama  
 Cõ q̃ a Alcides illustre, o mudo acclama.

LVI.

Chegou o Grego ao campo Lusitano  
 Quando junto do Tejo o Rey prudête  
 Sacrificava hum touro, que cada anno  
 Dedicou a Neptuno a Lysia gente.  
 Em bem ornada tenda o velho Aucano  
 O recebeo alegre, & variamente  
 Com praticas diversas o entretinha  
 Em quanto o sacrificio ao Rey detinha.

LVII.

Porque a Neptuno (o Grego lhe dezia)  
 Sacrificais na Lusitana terra?  
 Eusinouvos primeiro a policia  
 De domar os cavallos para a guerra?  
 Principio deu a vossa monarchia,  
 Como ao muro de Iliõn q̃ nos desterra?  
 Este acto pio que segredo esconde?  
 Ploto pergunta; Aucano lhe responde.

MUSEU LITTERARIO

"ORIGINES LESSA"

Tombo Nº 53.8218

MUSEU LITTERARIO

LVIII.

Cassillia, que ditosa companheira  
 Jupiter deu a Gorgoris famoso,  
 Teve delle a Calipso unica herdeira  
 Dos Reynos q̄ domina poderoso:  
 Amava a mãy à filha de maneira,  
 Que por saber seu fado duvidoso  
 Consulta a Chiron sabio, cuja sciencia  
 Abonou entre nôs larga experiencia.

LIX.

Este lhe disse que nos astros via,  
 (Se a figura astrologica não erra)  
 Que à corrente do Tejo aportaria  
 Hũ insigne varão em paz, & ã guerra;  
 Que o nome seu perpetuo deixaria  
 No lugar mais sublime de alta serra;  
 Que a este digno esposo destinado  
 Tinha a Calipso o soberano fado.

LX.

Que inda q̄ outra consorte lhe impedisse  
 Novo Hyminêo, daria finalmente  
 O fado traça com que o mundo visse  
 Que o segundo ficava conveniente:  
 É que, por mais que a inveja resistisse,  
 Capitão valeroso, & Rey prudente,  
 Levantarà padraõ de tanta gloria,  
 Que infunda alêto á mais feliz memoria.

LXI.

Não permittio a rigurosa sorte  
 Que a ventura lograsse prometida  
 A mãy Cassillia, porque agudo corte  
 Da Parca fera lhe atalhou a vida;  
 Vendo chegar a intempestiva morte,  
 De fervoroso amor enternecida  
 Estas palavras com materno affeito  
 Entre suspiros arrancou do peito.

Posto que o justo Ceo me não permita  
 Ver em Calipso a gloria que desejo,  
 E a esperanza que tinha se limita  
 Neste transe cruel com que pelejo;  
 Espero ainda, (& tudo facilita  
 A força misteriosa de hum desejo)  
 Que não me ha de impedir a morte escura  
 Lograr por algum modo esta ventura.

No monte que mais alto se levanta  
 Na enseada do Oceano, por onde  
 Movendo o Tejo a cristalina planta  
 No mar as aguas, não a fama, esconde;  
 Por onde me ha de entrar vêtura tâta,  
 (Se aos astros o successo corresponde)  
 Sepultem minhas cinzas; que aly quero  
 Dos fados esperar o bem que espero.

Aly, ò filha, espero, que animada  
 Me conserve, de amor, o Ceo piedoso;  
 Verei entrar a venturosa armada,  
 E com ella teu fado venturoso:  
 Posto que em frias cinzas sepultada  
 Verei (se quer o Ceo) teu claro esposo,  
 Alma naquelle monte à cinza leve,  
 Amor serà, q̄ a tanto o amor se atreve.

Pedio que neste puro sacrificio  
 Que ao sagrado Neptuno celebramos,  
 Procurassemos ter o mar propicio  
 A' fatidica frota que esperamos:  
 Tres annos ha, q̄ em vêturoso auspicio  
 Este dia a Neptuno dedicamos;  
 Os Deoses façam ultimo o presente  
 Dando tal gloria á Lusitana gente.

LXVI.

O sacrificio já vejo acabado;  
 Mas não he conveniente q̃ á presença  
 Entres (sem te chamar) del Rey irado,  
 Hum pouco aguarda pedirei licença.  
 Na tenda ficou Ploto acompanhado  
 D'algũs de Aucano, & elle sem detença  
 A Gorgoris persuade que a embaixada  
 Ouça dos Gregos, dando a Ploto entrada.

LXVII.

Mas Polymion valente já zeloso  
 Da fama a que adspirava pella guerra,  
 Que embaixada ha de ouvir (Ihe diz furioso)  
 O grãde Rey da Lusitana terra?  
 De fraca gente, que no mar iroso  
 He jogo da fortuna que os desterra?  
 Breve tem a resposta em dous extremos,  
 Ou que se renda, ou nós a renderemos.

LXVIII.

Illustre Rey, (tornava sossegado  
 Aucano erguêdo a voz grave, & eloquẽte)  
 Se falla Polymion como esforçado,  
 Eu devo discursar como prudente;  
 O q̃ em mim largos annos tem obrado,  
 A brios juveniz não he decente;  
 E fora em ambos culpa dar conselho,  
 Eu como moço, ou elle como velho.

LXIX.

Atẽgora, senhor, a lealdade  
 Que te seguio no bellicoso intento,  
 Quiz às aras fazer de tua vontade,  
 Sacrificio do proprio entendimento;  
 Mas já no puro espelho da verdade,  
 Que não sofre eclipsarse, vejo attento  
 Que em não te aconselhar errei, supposto  
 Que o Rey sô tẽ rezão, & não tẽ gesto.

LXX.

Pois assí como desse Ceo luzente  
 A regiaõ mais sublime he sempre pura,  
 Nem o sereno de sua luz consente  
 De terrestres vapores nevoa escura:  
 Tal o peito Real, a Regia mente  
 De affectos naturais vive segura;  
 Olimpo superior onde não chega  
 Tempestade mortal de paixã cêga.

LXXI.

Reconheço que tens certa a vitoria;  
 Mas não vejo q̄ ganhes nesta empresa;  
 Não fama, quãdo a tua he tão notoria  
 Que poem claro limite a mais grãdesa.  
 Não interesse, pois nem este a gloria  
 De teu animo busca, nem riqueza  
 Pudera aver na terra, & no Oceano  
 Que pague desta guerra o menor dano.

LXXII.

Perdes (& he sò a perda em que reparo)  
 Poder dizerse, ò Principe famoso,  
 Que á rezãõ surdo, & â piedade avaro  
 Te levas sò de impulso ríguroso;  
 Deixo as vidas q̄ arriscas, sendo claro  
 Que muitas rouba o marte sanguinoso;  
 E o justo Rey d'hum sô vassallo a vida  
 Não julga por hum Reyno bẽ vendida.

LXXIII.

Este que te proponho he dano certo;  
 Duvidoso o que temes mal seguro;  
 Quem averà q̄ aprove, pouco experto,  
 Tirar de mal presente bem futuro?  
 Quẽ por hũ vão temor, hũ risco incerto,  
 De juizo guiado, não maduro,  
 A dano se exporà, que padecido  
 Põde ser maior mal, que o mal temido?

LXXIV.

Quanto he melhor q̄ admittas a ebaxada;  
 Pois pede o Grego terras, amparallo;  
 Ficarâ Lusitania mais povoada,  
 Alcançarâs hum Principe vassallo.  
 E se esta fê for delle quebrantada  
 Sempre fica lugar de castigallo;  
 Mas veja o mûdo, quãdo a morte o fira,  
 Que sua culpa o causa, & não tua ira.

LXXV.

E quem sabe se o fado venturoso  
 A' gram Cassillia revelado, chega?  
 Se serâ este o Principe glorioso?  
 A fatidica armada, a arbiada Grega?  
 Sò quem prudencia tem he valeroso,  
 O valor não admitte paixam cêga;  
 De cuidar tudo o bom successo pende,  
 E quem não cuida, tarde se arrepende.

LXXVI.

Largos annos, senhor, me dão prudencia;  
 Fervor zeloso a te fallar me incita;  
 De varias occasioês certa experiencia  
 Ante a grandeza tua me acredita:  
 Por mim te dão provincias obediência,  
 Sem que contallas a rezão permita,  
 Pois com tais beneficios me levantas,  
 Que me parecem poucas, sendo tantas.

LXXVII.

Mas se com tudo queres, guerra seja,  
 Porque acertos nos Reys o Ceo inspira,  
 E espero que o inimigo tal me veja,  
 Qual já fui de outros reprimindo a ira;  
 Verâs, que inda mên braço causa inveja  
 Ao que em robusta idade a fama adspira;  
 Da patria, & Rey a obrigação me esforça,  
 E nûca a bõ desejo faltou força.

Callou severo; & o Rey aconselhado  
 De Aucano, & da rezão, mãda prudẽte  
 Chamar o Embaixador, leva o recado  
 De Aucano o filho, Antello, diligente.  
 De varios Capitaes acompanhado  
 Em digno assento a todos eminente  
 Aguarda o Rey ao Grego, que chegava,  
 E assentado entre os mais, assi fallava.

Principe Augusto, em quẽ a fama espera  
 Achar justiça igual à valentia,  
 Que em verte armado admira à quinta esphera,  
 Quando por verte a quarta larga o dia;  
 Ulysses, que teu nome já venera  
 Em ecchos dillatado, a ti me envia;  
 Ulysses, a que aclama forte o mundo,  
 Itacha Rey, & Grecia o mais facundo.

Fortuna o desterrou dos patrios lares,  
 (Que a fortuna tãbẽ nos Reys domina)  
 Em tuas praias escapou dos mares,  
 Não sem altos sinais da luz divina:  
 Com varaõ tanto glorias singulares  
 A' Lusitana terra o Ceo destina,  
 Claros auspicios deu à Grega gente,  
 Que saberás depois mais largamente.

Agora a te pedir sou enviado,  
 Hospicio em paz aos hospedes devida;  
 Que, pois nos perdoou o mar irado,  
 Não queiras, mais cruel, ser homicida;  
 Não viemos, ô Rey, com ferro armado,  
 Tomamos terra por salvar a vida,  
 Que aggravado, ou q̃ rezão ha q̃ te incite  
 A negar porto a quẽ o Ceo o permite?

LXXXII.

Hum templo á grande Pallas fabricamos,  
Que lhe votou de Ulysses a piedade;  
E da chegada nossa te avisamos,  
Porque informado fosses da verdade.  
Nada, ò Principe excelso, procuramos,  
Senão aplauso teu, tua amisade;  
Queremos ampararnos desta terra  
Por teu cõsentinêto, & não por guerra.

LXXXIII.

Mas se guerreiro insistes; quẽ se entrega  
De hum Rey apaixonado á força dura?  
A natural defêsa não se nega,  
Não estranhes se Ulysses a procura;  
Pequenos esquadroês da gente Grega  
Em poder te aventajam por ventura,  
Se tem por si justiga, cuja espada  
Invicta sempre foi, nunca domada.

LXXXIV.

Porem não queira o Ceo q̃ chegue a tão  
Teu peito com impulsos rigurosos;  
Em fê do que te pede hospicio santo  
Te invia Ulysses estes doês preciosos;  
Esta baixella não sô junto ao Xanto  
Aos Gregos hospedou mais valerosos,  
Mas inda em Grecia a hospedes divinos  
Dos etereos assentos peregrinos.

LXXXV.

Nas bodas de Pelêo aos convidados,  
E a Jupiter servio, que a ellas veio;  
Pelêo a deu a Ulysses quando os fados  
O deixavão lograr o patrio seio,  
Dezia Ploto, em quanto dous soldados  
Os doês mostravam; & já de ira alheio  
O Lusitano Rey lhe respondia  
Breves rezoês que grave proferia.

De condição Real he digno intento  
 Dar paz aos q̄ a fortuna move guerra;  
 E para a que pediz mais fundamento  
 Em alta profecia o fado encerra;  
 Oxalà se comprira, & tanto augmento  
 Não dillatara o Ceo à Lysia terra;  
 Mas he precisa para o grãde empenho  
 Informação mais larga da que tenho.

Se difficulta a prova da verdade  
 Patria distante a Ulysses peregrino,  
 Tanto a presença tua persuade,  
 Que fiarme de ti sô determino.  
 Pois em ti libro a regia autoridade  
 Contame já, por Jupiter divino,  
 Donde he teu Rey, a quẽ a òrigẽ deve,  
 Fòra da patria, que sucessos teve.

FIM DO QUINTO CANTO.

# ULYSSEIPPO.

---

## CANTO SEXTO.

---

### ARGUMENTO.

*Refere Ploto ao Rey dos Lusitanos  
Donde, & quem era Ulysses valeroso;  
A guerra que fizeram aos Troyanos  
Os Gregos com successo lastimoso.  
Diz os trabalhos que em prolixos annos  
Padecera cortando o Reyno undoso;  
Como escapando à tempestade fera  
O Ceo às Lysias praias o trouxera.*

I.

**P**ROMPTOS estavam todos esperando  
A resposta que o Grego differia,  
Atè que a lingua em vozes desatando  
De hum silencio profundo, assi dizia:  
Principe generoso, a que adspirando  
Està do largo mundo a monarchia;  
Para em tudo dever satisfazerte  
Não ha mayor razão que obedecerte.

## II.

Porem que hei de contar verdade pura  
 Jurara, se pudera, livremente  
 Sem temer pena pella Estigia escura;  
 Mas juroo pello Ceo omnipotente;  
 Senão, por carecer de sepultura,  
 Não me admitta Charôte á vil corrête  
 O seculo primeiro, & a treição pague  
 Quando nas prayas do Cocyto vague.

## III.

Onde o mediterrano â melhor parte  
 De Europa banha, em titulos famosa,  
 Se estende o mar Jônio, que reparte  
 Sicilia rica, & Creta populosa:  
 Ithaca nelle está, que ao duro Marte  
 Cria incangaveis peitos montuosa;  
 Abraçandoa Neptuno em largo giro  
 A formou Ilha, & dividio de Epiro.

## IV.

Nesta Ulysses impera, & lhe obedece  
 Dulychio que se vê pouco distante;  
 He filho de Láêrtes que conhece  
 Por pay a Acrisio, & este ao grã Tonâte;  
 Pella materna liuha resplandece  
 De sangue celestial luz semelhante;  
 Anticlea illustre mãy q̃ o deo ao mûdo  
 Alta ascendencia tem no Deos facûdo.

## V.

Reinava alegre em paz, quando ajudado  
 Pâris de Cytherèa, (agradecida  
 A' sentença que dera consultado  
 Na contenda celestes do mont' Idda)  
 Roubou a Helèna, de treições armado,  
 Ao grande Menelao, da conhecida  
 Lacedomonía Rey; Helèna bella,  
 A cujas luzes era o Sol estrella.

## VI.

Uniraõse conformes á vingança  
 Os Principes de Grecia valerosos,  
 A quem dava a rezão firme esperança  
 De tornar brevemente vitoriosos:  
 Prõptos empunham vingativa lança;  
 O sabio Ulysses foi dos mais famosos;  
 Irados partem á Troyana terra,  
 Que, patria, recolheo o autor da guerra.

## VII.

Na justa empreza, foi de tanto effeito  
 Ulysses, que lha deve a Grega gente,  
 Porque o traje de Achilles contrafeito,  
 Que a mãy lhe dera, descobrio prudête:  
 Sem offensa do voto em Oeta feito  
 De Philoctêtes soube cautamente  
 Onde as Herculeas sêtas acharia  
 Que na guerra fatais Phæbo dezia.

## VIII.

Pode tirar do ingrato Laomedonte  
 As fatidicas ciuzas ao Troyano,  
 E o divino Palladio, eterna fonte  
 Que socorro manava soberano.  
 Fez que bebesse as aguas de Acherõte,  
 Quando às do Xão vinha Rheso ufano;  
 Quebrando nestes fados a defesa  
 Em que Troya librava a fortaleza.

## IX.

Mas nem com isto perdeo ella os brios  
 No cerco porfiado, que puzemos;  
 Pois da espada mostrou tam duros fios,  
 Que em lustros dous rendella não pudemos:  
 Era tudo combates, desafios,  
 Em que igual dano todos padecemos,  
 Porq̃ Achilles, & Hector de parte a parte  
 Representava cada qual hũ Marte.

x.

Querer os feitos referir maiores  
 Destes dous raios em contraria guerra  
 Fora contar os astros superiores,  
 Ou as areas, que o Oceão encerra.  
 Faltavam a seus braços vingadores  
 Vidas para cortar; faltava terra  
 Para os mortos cahirem, quando irada  
 Novamente feria a dura espada.

xi.

Por outra parte Agamenon valente,  
 Diomedes, Menelao, Patroclo ousado,  
 Os dous Aiaces, (onde mais ardente  
 Marte se vio) Idomeno irado;  
 Com sangue dos contrarios a corrente  
 Acrecentam do Xanto celebrado;  
 E o grande Ulysses todos excedia  
 Porque o conselho unio à valentia.

xii.

Mas já se oppoem com peitos de diamãte  
 Por atalhar de TROYA a fatal sorte,  
 Sarpedon, Pyleo, Pandaro, Achamãte,  
 Eneas animoso, Glauco forte,  
 Polybo, Assio, Agenor, Polidamante,  
 Penthesilêa, que emula da morte,  
 No riguroso braço não duvida  
 A's lançadas jugar a propria vida.

xiii.

Os Capitaes de Grecia já cançados  
 Com tantos annos de prolixa guerra,  
 E compellidos de contrarios fados  
 Se quiseram tornar à patria terra;  
 Mas, do prudente Ulysses incitados,  
 Faz Epêo hum cavallo, que alta serra  
 De madeira parece, & os lados cegos  
 Enchê por sortes de escolhidos Gregos.

XIV.

No campo a grande machina deixamos;  
 E desatando as velas nas antenas,  
 Ajudados do vento o mar cortamos,  
 Fingindo navegar para Micenas:  
 Mas pello reino azul nos engolfamos  
 Perdendo a vista de Ilión apenas,  
 Quando detras de Tenedos surgimos,  
 E co a praya deserta nos cobrimos.

XV.

Em tanto o astuto Sinon, que escondido  
 Deixamos entre hũs bosques, á Troiana  
 Gente se entrega, à morte offerecido,  
 E com astucia tal todos engana.  
 Fingindose dos nossos offendido,  
 Diz que o cavallo a Pallas soberana  
 Os Gregos dedicaraõ, porque à offensa  
 Do Palladio ficasse recompensa.

XVI.

Dizlhes que o sabio Calchas ordenara  
 Que em fabrica tam grande se fizesse,  
 Porque a gloria de Troya eternizara  
 Se pella maior porta entrar pudesse.  
 Admiraõse os Troyanos, sò repara  
 Laocoon em que o dom se recebesse;  
 Mas fado adverso os força, & não inclina  
 A procurarẽ ultima ruina.

XVII.

Em fim rõperaõ, porque entrasse, o muro,  
 Nòs, que a fatal ruina presentimos,  
 Alumeando a Lua o ar escuro,  
 Outra vez para Troya nos partimos.  
 Surtas as naos em porto já seguro,  
 Com fachos que acêdemos advertimos  
 A Sinon vigilante, que abriu logo  
 Do cavallo os costados, vendo o fogo.

H

Sae Ulysses, & os mais q̄ elle encerrava,  
 Parto do grande ventre, portentoso,  
 Fazendo entrada à gente que chegava  
 Das naos já, com estrondo bellicoso;  
 Toda a de Troya em sono descansava,  
 E não sentio o estrago lastimoso  
 Até que a despojou a chama ardente  
 Da patria amada, & vida juntamente.

Ainda então (não callarei a gloria  
 De meus cōtrarios, q̄ a rezão me obriga)  
 Cara compramos de Ilion a vitoria,  
 Que até morrendo foi dura inimiga.  
 Mas acabou; & basta que a memoria  
 Ordena em caso tal que não prosiga;  
 Pois se enternece, a fãta magoa estreito,  
 O mais cruel, mais vingativo peito.

Das chamas foi tirada a bella Helèna,  
 Ao grande Menelao restituída;  
 Que não foi para nòs gloria pequena,  
 Pois arriscamos sô por ella a vida.  
 Deu tal desculpa, que em lugar de pena,  
 Foi na graça do esposo recebida,  
 Porque a sua era tal, que acreditava  
 Com eloquencia muda o que allegava.

Pello valor que o Ithaco famoso  
 Mostrou naquella empresa aventejado  
 Em competencia de Ajax valeroso,  
 Cõ as armas de Achilles foi premiado.  
 Rõpeo a armada ã fim o golfo undoso,  
 Buscando em Grecia o porto desejado;  
 Mas o vento hũs dos outros nos derrota,  
 Trocandonos a patria em terra ignota.

XXII.

Os que a Ulysses prudente acõpanhamos,  
 Fugindo os mares por favor divino,  
 Nas praias dos Cicõnes aportamos  
 Junto às areas do Hebro cristalino;  
 Por armas de sua ira nos livramos;  
 Daly com furor novo Neptunino  
 Aos Lotõphagos fomos, que tem nome  
 Dos fruitos, doce encanto a quẽ os come.

XXIII.

Provamos destes fruitos, em que a vida  
 De Lothos fugitiva está mudada,  
 Com que a patria deixamos esquecida,  
 A vontade só nelles occupada;  
 Aly mais perigosa, ou mais perdida  
 Esteve, que nos mares nossa armada,  
 Em tal suavidade nos perdemos  
 Que partirnos deixãdoa, mal pudemos.

XXIV.

Porem fez tanto Ulysses, que partimos  
 Os enganosos gostos despresando;  
 Por larga via, as ondas dividimos  
 Com favoravel vento navegando.  
 Mas com nova tormenta a ilha vimos  
 Da gram Sicilia, & porto aly tomando  
 Saltamos sem mais ordẽ logo em terra  
 Cançados já de ter co as aguas guerra.

XXV.

Jã multidão dos nossos cobre a praya,  
 Já pellos verdes campos se estendia;  
 Qual para fazer tiro o arco ensaya,  
 Qual com o dardo feras perseguia:  
 Hum applicavã o ferro ao pinho, ou faya,  
 Outro do pedernal fogo acendia;  
 Qual tornava correndo mais contente  
 Porque achou de aguas liquida corrẽte.

XXVI.

Quiz ver a terra Ulysses, que habitava  
 A gente dos Cyclòpes espantosos;  
 Hũ bosque penetrou, que perto estava,  
 Com doze companheiros animosos.  
 Hũa alta cova em meo se mostrava  
 Entre diversos troncos, que frondosos  
 Teciam variamente verde grenha  
 A que portal formava calva penha.

XXVII.

Por largos giros a caverna escura  
 Minava parte da Trinacria terra;  
 Fazia a noite eterna luz mal pura  
 De encendidos tigoões fumosa guerra.  
 Quantas embrenhou feras a espessura,  
 Quantas mal defendeo aspera serra,  
 Davam com pelles varias cento a cêto  
 Barbaro ornato ao lobrego aposento.

XXVIII.

Aos nichos desiguaes naturalmente  
 Nas roturas da terra mal formados,  
 Outros ornavão (vivo horror à gente)  
 Despojos bem que mortos, animados:  
 Que as curvas garras, o torcido dente,  
 A dura ponta novamente irados  
 Mostrava os brutos, qual se algũ quisera  
 Vingiar a morte ã nõs q' outrẽ lhe dera.

XXIX.

Quanto silvestre inculta a terra cria  
 A cova sepultava em cavas gruttas;  
 Pendente morta caça aqui se via,  
 Aly em pallidas camas, verdes frutas:  
 Vasos diversos o licor enchia  
 Que abelhas deraõ simplesmẽte astutas,  
 E varios lacticinios noutra parte  
 Que compoz util, bem que rustica, arte.

XXX.

Tudo advertia Ulysses; & entretanto  
 Recolhendo os rebanhos já chegava  
 O pastor fero, que aposento tanto  
 Cabana breve as noites occupava:  
 Confusão triste, temeroso espanto  
 A figura nos poz horrenda, & brava;  
 Vi o (q̄ hũ fui dos doze) & apenas creio  
 Que vi barbaro tal, monstro tam feo.

XXXI.

Tam grande era de membros, q̄ duvido  
 Se na Titania guerra o gram Tonante  
 Deixou Tifèo com montes oprimido,  
 Ou se algum monte se tornou Gigante:  
 O nariz curvo, o pello retorcido,  
 A boca negra, rustico o semblante;  
 Hum olho tinha sò, mas que igualava  
 Os olhos cem, com que Argos vigiava.

XXXII.

De feras o vestia variedade  
 Com pelles mil, mostrando cada pelle  
 A' sua vista menos crueldade,  
 Crueldade maior vestida delle:  
 Hũ curraõ negro, & immensa cãtidade  
 (Que depois vimos) de penedos nelle;  
 E hũ grosso pinho ao pezo tão delgado  
 Que nunca foi bastão, sempre cajado.

XXXIII.

Dos õbros lança ẽ terra hũ bosque inteiro  
 De lenha q̄ traz grossa, & mal cortada;  
 Os rebanhos recolhe, & derradeiro  
 Entra feroz na lobrega morada.  
 Arrimãdo a hũa parte o graõ pinheiro,  
 Atras de si (por porta á ãfausta entrada)  
 Hum penhasco cerrou, q̄ taõ grãde era,  
 Que a força de cem bois o não movera.

xxxiv.

Vionos, & hum grito dando temeroso,  
 Que voz horrenda pareceo do inferno;  
 Quê sois? (grita) quê sois? q̃ o reino undoso  
 Infestais de meu pai monarca eterno:  
 Sabeis quem sou? sabeis que poderoso  
 Da terra que pisais tenho o governo?  
 Respondei, gente vil, antes que logo  
 De minha ira vos consuma o fogo.

xxxv.

A lingua nos atou hum temor frio;  
 Ulysses sô por todos lhe responde,  
 Que assollado de Troya o senhorio,  
 Aly o mar nos lançara, como, & donde.  
 Concedenos (lhe roga) o trato pio  
 Que a generosos peitos corresponde;  
 De hũ tâ grãde sñor, qual em ti vemos,  
 Grandes mercês tâbẽ nos prometemos.

xxxvi.

Alem de que amparando naufragantes  
 Que abortos saõ da furia do Oceãno,  
 Faràs obras a ti mui semelhantes,  
 Agradaràs a Jove soberano,  
 A Jove, cujos raios fulminantes  
 Pregoam no grande Ethna Siciliano  
 (Pouco daqui apartado, ao q̃ presumo)  
 Bocas de fogo respirando fumo.

xxxvii.

Qual à chama voraz o vento fora  
 Foi nomearlhe Jupiter celeste;  
 Perdes, ò nescio, (diz) perdes agora  
 O favor que rendido mereceste:  
 Vejamos se esse Deos q̃ o mundo adora  
 De minhas mãos te livra, pois vieste  
 A allegarme com Deos; sou Poliphemo,  
 Que o Ceo treme de mim, & eu nada temo.

XXXVIII.

Dizendo, dous dos nossos arrebatã  
 Cõ hũa mão sòmente; & em hũ instãte  
 Os devõra primeiro do que os mata  
 Mal mastigando a carne palpitante.  
 Em calida corrente se dillata  
 Da boca horrenda ao peito do Gigãte  
 Dos miseros o sangue, & se aly cessa  
 He porq̃ embebe muito a barba espessa.

XXXIX.

Ficamos tais; que digo? não ficamos,  
 Pois nos desemparou todo o sentido;  
 Nã sei se do atroz caso nos queixamos,  
 Nem se entendemos bem o sucedido:  
 Lãçouse o fero mōstro sobre hũs ramos  
 Que lhe formavão cama, onde estẽdido  
 Começou a roncar bem como irado  
 Na costa o mar dos ventos agitado.

XL.

Em quanto assi dormia facil fora  
 Darlhe com ferro agudo morte fera,  
 Mas fora a empresa propria vingadora  
 Em nõs da morte que elle merecera:  
 Porque o penhasco que cerrou de fõra  
 Ninguem para sahir mover pudera,  
 Com que encerrados a caverna escura  
 Nos dera em vida triste sepultura.

XLI.

Passou a larga noite, & quando dava  
 Sinais o gado de que vinha o dia,  
 Ergueose o mōstro; as cabras ordenhava  
 A' luz de grandes fogos, q̃ acendia:  
 Dos nossos outros dous que arrebatava  
 Tragando feamente a porta abria,  
 Os rebanhos guiando para a serra  
 Sae da cova, & co penhasco a cerra.

XLII.

Galathêa cruel, (hia dizendo)  
 Em cuja vã lembrança a dôr renovo,  
 Se o penhasco maior movo ã querêdo,  
 O de teu coração como o não movo?  
 Em te querer amar tanto te offendo,  
 Que neste Lilibêo, qual Tipheo novo,  
 Me queres ver em penas sepultado  
 Dos raios de teus olhos fulminado?

XLIII.

Se tenho só hum olho, não to nego;  
 Mas hum só tem o conductor do dia;  
 E se hum que tenho sò, desejas cêgo,  
 Que tivera outros mil, de que servia?  
 Serviraõ sò, q̃ a luz, em q̃ este emprêgo,  
 Dos olhos teus melhor contemplaria,  
 E por muitos tambem foraõ melhores  
 Para chorar meu mal em teus rigores.

XLIV.

Mais dezia; mas nõs imaginando  
 Meos em tanto de salvar a vida,  
 Não advertimos outra cousa, quando  
 Vemos hũa viga a masto parecida;  
 Corta hũa braça Ulysses, & ordenando  
 Que a agucemos em breve bẽ polida,  
 Manda tostalla ao fogo, assi o fizemos,  
 Na cama dos carneiros a escondemos.

XLV.

Tornava a noite, & o monstro recolhêdo  
 De novo o gado na caverna escura,  
 A porta cerra co penhasco horrendo,  
 E os coraçãoes a nõs com sua figura:  
 Dos nossos outros dous cea fazendo  
 Lhes dà no ventre viva sepultura;  
 Entam sagaz Ulysses determina  
 Effeituar a traça, que imagina.

XLVI.

Com doce vinho que deu Chios clara  
 Trouxemos hum graõ vaso, prevenido  
 Para darmos a quem nos hospedara,  
 Mas estava entre hũs ramos escondido:  
 Enchendo hã tarro, q̃ na cova achara,  
 Bebe, Ciclõpe (diz) pois tens comido;  
 Destes doês te trazia, que perdeste  
 Na cruel hespedagem, que nos deste.

XLVII.

Bebeo alegre; & perguntou contente,  
 Como te chamas, hospede famoso?  
 Dame desta outra vez bebida ardente,  
 Por ella te darei hum dom precioso.  
 Mostroulhe o vaso Ulysses, facilmente,  
 E pondoo à boca o monstro desejoso,  
 Num alento o esgotou do licor tinto,  
 Qual a hã vaso pequeno de Coryntho.

XLVIII.

Como te chamas? (outra vez dezia,  
 Tendo bebido) & com ardil segundo  
 Ulysses ao Gigante respondia:  
 Ninguẽ me chamo, assi me chama o mũdo.  
 Ninguẽ, (torna elle) o q̃ eu te prometia  
 Por este que bebi nectar jueundo,  
 He que devendo tu ser o primeiro,  
 Te comerei dos teus o derradeiro.

XLIX.

Jã quando assi dezia se lhe atava  
 A lingua em torpe laço; & brãdo leito  
 Do chaõ duro fazendo, se mostrava  
 Ao sonolento Baccho em fim sogeito.  
 Vendo a occasiaõ Ulysses, esforçava  
 Os companheiros ao proposto effeito,  
 A estaca prevenida para a empresa  
 Mete no fogo, & tiraa quasi acesa.

L.

Pegando todos nella, em continente  
 No grande olho q̄ tinha lhe cravamos  
 A ponta aguda; & logo fortemente  
 Qual se varruma fora, assi a voltamos.  
 Fervia a carne com a estaca ardente  
 Que metida até o meo lhe deixamos;  
 E qual valle sem Sol, ficou sombrio  
 Feito de rouxo sangue o rosto hum rio.

LI.

Cos braços nos buscou em despertando;  
 Mas cada qual ligeiro se retira:  
 Levantase furioso; & applicando  
 Ambas as mãos, a estaca aguda tira.  
 E logo crueis gritos duplicando  
 Chama quantos Ciclôpes a Ilha vira,  
 Que de altas covas acodindo em breve  
 Lhe perguntavão que successo teve.

LII.

Elle de dentro diz: Ninguem me mata,  
 Amigos, cêgo estou com treição fea;  
 Pois ninguẽ (lhe respondê) te mal trata,  
 E sentes sô treições de Galatèa;  
 Com a pena que deste a aquella ingrata  
 Na morte do seu Acis te recrea.  
 Não sinto (elle replica) essa traidora,  
 Digovos q̄ hũ Ninguẽ me mata agora.

LIII.

Amigo (elles lhe tornam) bem sabemos  
 Que te causa hũ ninguẽ tão dura sorte;  
 Mas deixa, deixa agora esses extremos,  
 Pois basta já que lhe ajas dado morte.  
 Dorme, q̄ nòs tambem nos recolhemos,  
 Faze que o valor teu a dør reporte;  
 E sã mais escutar ao monstro horrendo  
 Se foram a suas covas recolhendo.

## LIV.

Mas elle mais furioso se queixava  
 Porque nenhum a queixa lhe entêdera,  
 Que o nome de Ninguê equivocava,  
 Como Ulysses fingindoo pretendera.  
 Sentindo em fim o dia, que chegava,  
 A pedra tira, que ao portal pusera,  
 Tentâdo com as mãos nelle assentado,  
 Se da cova sahimos entre o gado.

## LV.

Porem Ulysses com astucia rara  
 Une de três em tres grandes carneiros;  
 E a cada qual dos que nô meo atara,  
 Por debaixo do peito os cõpanheiros.  
 Elle a hum forte, & laudo que deixara  
 Se une cos braços entre os derradeiros,  
 E da caverna assi fomos sahindo  
 O tacto do Gigante desmentindo.

## LVI.

Mas elle conhecendo o que trazia  
 Da lãa cuberto Ulysses valeroso:  
 Carneiro meu querido (lhe dizia)  
 Como tam curvo vês, tam vagaroso?  
 Tu que eras o primeiro que sahia  
 Para pascer o prado deleitoso,  
 E's hoje o derradeiro? por ventura  
 Sentes de teu senhor a sorte dura?

## LVII.

O' se fallaras tu, que me disseras  
 Onde aquelle malvado está escondido!  
 Que estrago viras das entranhas feras,  
 Do coração traidor, & fementido!  
 Mas espera, verás, se hũ pouco esperas,  
 Que não se vai deixandome offendido,  
 Pois por mais q se escõda, inda atêgora  
 Não me escapou da dextra vingadora.

LVIII.

Assi dizendo o larga; em fim sahimos,  
 Soltouse Ulysses, todos nos soltamos;  
 Não o criamos quasi quando o vimos,  
 E com a maior pressa o mar buscamos.  
 Nadando apenas pellas naos subimos,  
 Quando as amarras, por fugir picamos,  
 Achemenides só por derradeiro  
 Ficou em terra : triste companheiro.

LIX.

Não o esperamos, porque nos seguia,  
 Sentindo que fugimos, Poliphemo;  
 O mar de muitas braças lhe cobria  
 Do juelho robusto sò o extremo:  
 Por nos chegar os braços estendia  
 Para onde ouvia que vogava o remo,  
 Mas vèdo que era em vão este cuidado  
 A terra se tornou desesperado.

LX.

Brutto ( gritava Ulysses ) inimigo,  
 Despresador do Ceo, torpe, inhumano,  
 De crueldade tal sofre o castigo,  
 Conhece agora a Jove soberano.  
 Não me chamo Ninguẽ, q̃ usei cõtigo  
 Desse fingido nome por teu dano;  
 Queres saber quem sou? já não to nego:  
 Ulysses te cegou, Ulysses Grego.

LXI.

Ay de mim ( o Gigante respondia )  
 Que bẽ meu dano adevinhou Telêmo!  
 A's mãos do astuto Ulysses ( me dezia )  
 Has de perder a vista, ò Poliphemo:  
 Eu esperava que hum varaõ seria  
 Grande, animoso, & forte por extremo,  
 Não q̃ hũ homẽ taõ vil, ( ò sorte dura! )  
 Tivesse em me vencer tanta ventura.

LXII.

Assi dizendo : com feroz bravesa  
 Os immoveis rochedos arrancava ,  
 Que contra as naos a brutta fortaleza  
 Com as Sículas aguas mesturava.  
 Com rochas atirou de tal grandesa ,  
 Que algũa dellas Ilha ao mar ficava ;  
 Igual naufragio ameaçando às vidas  
 A resaca das ondas combatidas.

LXIII.

Deu entre tanto hũ grito o monstro feio  
 Que fez quasi tremer os Orizontes ;  
 Largar das mãos o ferro com recêio  
 O nu Piracmon , Steropes , & Brontes ;  
 Os ossos se moveram de Tiphêio  
 Que tũa encerram os vesinhos môtes ,  
 Entendendo que o Ceo com nova furia  
 Os fulminava pella antiga injuria.

LXIV.

A' voz que deu acodem num instante  
 Cyclôpes mil , que cada qual horrendo  
 A pinho , ou acipreste he semelhante ,  
 Todos humano bosque parecendo.  
 Mas como a frota estava já distante ,  
 Executar a furia não podendo ,  
 Qualquer co a vista as naos ameaçava ,  
 Que o medo sô , & o vento governava.

LXV.

Daly fomos a Eôlia ; & alcançando  
 De Eôlo Rey Ulysses eloquente  
 Que os ventos dêtro em vasos encerrado  
 Cortassemos o mar seguramente ;  
 Os nossos com cobiça imaginando  
 Ser tezouro , os desatam de repente ,  
 Saem com nova furia procellosos ,  
 E se nõs mostram mais q̃ nunca irosos ,

LXVI.

Tanto furor com brio renovado  
 Procurando vencer, fomos abrindo  
 As aguas outra vez do mar irado  
 Com a adversa fortuna competindo.  
 A Eòlia nos tornou o duro fado;  
 E daly nos Lestrigones surgindo  
 Vimos (temo em dizello) vimos q̃ era  
 Sustento carne humana á gente fera.

LXVII.

Hum de tres valerosos companheiros,  
 Que Ulysses enviou á sua Cidade,  
 O Rey della tragou, & os dous ligeiros  
 Escaparam da bruta crueldade.  
 E logo vimos outros dos outeiros  
 Chover com a maior ferocidade  
 Rochas no mar (segundos Poliphemos)  
 De cujo dano inteiras naos perdemos.

LXVIII.

Fugindo as outras por salvar a vida,  
 Nos fizemos ao mar, que quẽ procura  
 Vencer a adversa estrella conhecida,  
 Porfiando tal vez muda ventura.  
 Mas ella não estava arrependida  
 De nos atropellar severa, & dura,  
 A Circe nos levou, & nos condena  
 Com aparente gosto a maior pena.

LXIX.

Filha do Sol he Circe, & parecia  
 O Sol hum rayo della derivado;  
 De hum fundo valle os montes excedia  
 Grande Palacio às nuvẽs levantado:  
 Com robusto arvoredado se cobria  
 De aves sòmente, & feras habitado,  
 Causando variamẽte horror, & espãto  
 Seus brados tristes, seu medonho canto.

LXX.

De alabastro ostentava o frontispicio  
 Doze colunas doricas brilhantes,  
 Que sutil rematou Dedalio officio  
 Com chapiteis luzidos de diamantes.  
 Nos dez entrecolunios artificio  
 Raro esculpío figuras elegantes,  
 A porta de rubís mostrava dentro  
 De esmeraldas alegres rico centro.

LXXI.

Em dilatado pateo resplandores  
 Mostrava a perspectiva, da luz pura  
 Que entre obliquas folhagões superiores  
 Cõ reflexos formara a architectura.  
 Em proporção devida com lavores  
 O primor se ostentava da escultura,  
 E em nichos pello muro cristalino  
 Varias estatuas do metal mais fino.

LXXII.

Carbunculos aos altos aposentos  
 Luz substituem quando a nega o dia,  
 As paredes mostrando, & pavimentos  
 Onde o puro cristal resplandecia  
 Os frisos de ouro; em Parios fudamētos,  
 Brunhida prata abobeda subia,  
 Sustentando tambem os pezos graves  
 De çafiro, cornisas, & alquitraves.

LXXIII.

Em jardim bello (qual na prima idade)  
 Fruito spontaneo produzia a terra;  
 E em confusão florida a variedade  
 Mostrava fertil, que seu peito encerra.  
 Gozando natural felicidade  
 Dos tempos varios não temia a guerra,  
 Que era qualquer às obras opportuno  
 De Flora, de Pomona, & de Vertuno.

Aly a sabia Circe exercitava  
 O magico poder, & com fereza  
 Perturbava, fingia, transformava,  
 Trocando o ser à mesma natureza.  
 O maior impossivel que intentava  
 Foi sèpre ao querer seu facil empreza;  
 Pois sò cûa palavra os elementos  
 Obedientes reduz a seus intentos.

Os astros, os planetas mal seguros  
 Della se vem no superior distrito,  
 Atè na esfera tremem os coluros  
 Se embravecida chega a dar hum grito.  
 Aballa os montes, os rochedos duros  
 Hum caracter na area mal escrito,  
 Em fim homês, & bruttos tem sogeitos  
 Circe cruel, com magicos preceitos.

Seu favor procuramos destroçados,  
 Mas como trato humano não consente,  
 Com manjar venenoso convidados  
 Em bruttos nos transforma cruelmête.  
 Julga, senhor, se pôdem mais os fados?  
 Se pôdem mais fazer? se mais q̄ invente  
 Acha a fortuna em suas leis severas,  
 Que os homês trãsformar em varias feras?

A hum de nòs o ramo, ou dente agudo,  
 A outro a curva garra, ou unha crece;  
 Qualquer em roucas vozes fica mudo;  
 A algum do collo forte a crine dece.  
 Quanto de humano em nòs avia, tudo  
 Em forma bruta ja se desconhece;  
 Sòmente (assi cruel a Maga o ordena)  
 Discurso nos ficou para mais pena.

LXXVIII.

Morreramos assi, se ao Ceo piedoso  
 O successo cruel não lastimara;  
 Dece o Cylênio embaixador famoso  
 Ao grande Ulysses que nas naos ficara:  
 Ensinalhe remedio misterioso,  
 Dandolhe a Molis erva que arrancara;  
 Com q̄ encantada, a q̄ era encantadora  
 Lhe restitue os seus, & a elle adora.

LXXIX.

Deixou em fim Ulysses; & fazendo  
 Sacrificios ao Ceo de animo puro,  
 Vio misteriosamente o sitio horrendo  
 Onde he ministro Radamantho duro;  
 O que achou espantoso discorrendo  
 Por entre as sôbras vãs do reino escuro,  
 Foi o que ouviste, que notou Theseio,  
 Alcides, Pollux, & o suave Orphêio.

LXXX.

Mas não se admirou vêdo a escura entrada  
 Onde o Cuidado cõ o Pranto assiste,  
 A vil Pobreza, a Fome descorada,  
 O Medo pallido, a Doença triste;  
 Nem de ver a Velhice, a Morte ousada,  
 O Trabalho, que a tudo sô resiste;  
 Nem se admirou de ver o brando Sono,  
 E das Delicias vãs o falso trono.

LXXXI.

Atropellou as furias venenosas,  
 Não o pode vencer a mortal guerra;  
 Pizou seguro as formas temerosas  
 Que aquelle Reyno temeroso encerra;  
 As Gorgones, & Harpiás prodigiosas,  
 O que gêrara cõ eẽ mãos a terra,  
 Chimera, Hidra, Cêtauros, & as Biformes  
 Seylas, cõ outros monstros mais disformes.

Na barca de Charonte sem receio  
 Passou da Estigia as verdinegras aguas ;  
 No Cerbero domou com fatal freyo  
 Das dissonantes vozes as tres fragoas :  
 Não o moveo naquelle escuro seyo  
 Ouvir gemidos varios , varias magoas ,  
 Nem ver os tribunais lhe poz espanto  
 De Minos duro , Eäco , & Radamanto.

Sô quando vio formar cruéis gemidos  
 Muitos que o mundo venerou famosos ,  
 Atormentados antes que temidos ,  
 Soberbos capitaës , Reys poderosos :  
 Quando outros , que viveraõ abatidos  
 Vio gozar dos Elisios deleitosos ,  
 A mudança notou , que faz a morte  
 De estado temporal â eterna sorte.

Quando advertio que às-obras justamente  
 Merecido lugar se repartia ,  
 E que muitos o tinhaõ diferente  
 Do que hypocrita vida promelia ;  
 Soltando a voz dêtre hũ sospiro ardête  
 Admirado mil vezes repelia :  
 O' miseros mortais , ò sorte humana ,  
 De que te fias , se o que vês te engana ?

Elpenor lhe fallou , a quem privara  
 Hũa quèda infeliz da amada vida ;  
 Veio fallarlhe a mãy Anticlea chara ,  
 Delle entre tantas sombras conhecida.  
 Tiresias a fortuna lhe declara  
 Em sucessos futuros escondida ;  
 E abrindo a porta eburnea do profũdo  
 Sahiça facil lhe concede ao mundo.

LXXXVI.

Tornou a Circe, & dando sepultura  
 A Elpenor infelice, determina  
 Buscar rompendo os mares, a ventura,  
 Ou sorte adversa q̃ lhe o Ceo destina.  
 Não foi pouco deixar a fermosura  
 Com que o obrigava Circe já benina,  
 Que, sobre bella, estava mais fermosa  
 Em vespervas de ausente, & saudosa.

LXXXVII.

Partimos finalmente imaginando  
 O fim dos infortunios ter já perto,  
 Quando outro maior vimos, q̃ esperãdo  
 Está por nós nas aguas encuberto.  
 Era hum ilheo terribel, & execrando  
 Que aos navegãtes foi sepulchro certo,  
 Habitação fatal das irmãas, claras  
 Em doce voz, & em crueldade raras.

LXXXVIII.

Com igualmente falso, & brando accêto  
 Formavam tam suave melodia,  
 Que atrahiam a si com fero intento  
 Homicidas canoras quem a ouvia.  
 Da Parca sua voz era instrumento;  
 De modo, que encantado recebia  
 De ouvir exequias proprias mortal gosto,  
 Sem ver do dano o disfargado rosto.

LXXXIX.

Mas Ulysses que tinha prevenidos  
 Estes enganos, antes que chegasse,  
 Mâdou aos cõpanheiros que os ouvidos  
 Com branda cera cadaqual tapasse;  
 Elle ao masto se atou, porq̃ os sentidos  
 Seguramente às vozes entregasse,  
 E pudesse gozar o doce canto  
 Sem que o levasse às aguas falso encãto.

O coro já soava mais que humano  
 De sorte ao mar, & ao vèto suspêdêdo,  
 Que se pegava ao masto o leve pano,  
 E como a ouvillo as naos se hiaõ detêdo.  
 Mas vêdo as crueis musas, q̄ este êgano  
 Cõtra os nossos não val; & não querêdo  
 Viver vencidas, docemente iradas  
 Assi cantaram já desesperadas:

O' padres da cidade, que no mundo  
 Conhecida serà por vencedora;  
 Nõs q̄ em meo das aguas do profundo  
 Vivemos triunfantes atêgora;  
 Damos principio ao nome sê segundo  
 Que tereis do Occidente à roxa Aurora,  
 Quando a felice terra que tem nome  
 De hũa de nõs os largos mares dome.

Navegai, navegai, que esta vitoria,  
 Que de nõs alcançais já mais vencidas,  
 Dà principio feliz a vossa historia,  
 E fim glorioso à nossa com as vidas.  
 Pois q̄ morrendo temos por mais gloria  
 Que rêder outros ser por vòs rendidas,  
 Navegai, pois, que nosso precipicio  
 He de vossas vitorias claro auspicio.

Assi dizendo, alegres no semblante  
 Se precipitam nas profundas aguas;  
 Tomando para si fim semelhante  
 Ao que davam, cantãdo alheas magoas;  
 ( Que he justa ley de Jupiter Tonante  
 A pena fabricar nas proprias fragoas  
 Donde sahio a culpa ) assi seguro  
 Aquelle mar ficou para o futuro.

XCIV.

Das mortíferas vozes escapando,  
 A Caribdis, & Scilla descobrimos;  
 O perigo maior, que navegando  
 Por varios mares longamente vimos;  
 Porq̃ saõ môstros dous, q̃ as naos cercãdo  
 He força em hũ cair, se outro fugimos,  
 Sem que vença valor, baste cautella,  
 Nem apressado curso a remo, & vela.

XCV.

Sorvia o mar Caribdis temerosa  
 Tam veloz, que esgotallo parecia,  
 E entre espumantes ondas a arenosa  
 Praia no fundo seio descobria:  
 Depois o vomitava tam furiosa,  
 Que as penhas que tocou, quasi movia;  
 Se não fugimos della era evidente,  
 Que co mar nos sorvera juntamente.

XCVI.

Mas para lhe fugirmos foi forçado  
 Chegarmonos à Scilla, que estendendo  
 De hum corpo seis cabeças, por hũ lado  
 Seis dos nossos levou: successo horrêdo!  
 Cada qual pello ar arrebatado  
 Trabalha por soltarse, & vai morrendo,  
 Qual em voltas o peixe determina  
 Tornar do anzol à patria cristalina.

XCVII.

Com tam triste successo lhe fugimos;  
 (Nem pudemos fugir cõ menor dano)  
 Outra vez a Sicilia descobrimos,  
 Que fomos demandar com todo o pano:  
 A Phaetusa aly guardando vimos  
 Os rebanhos de Apollo soberano,  
 E logo Ulysses com devoto peito  
 De venerallos poz aos seus preceito.

Mas, em quanto dormia, algũs soldados  
 Poucos delles tomaraõ causa sendo  
 A que entre os elementos alterados  
 Nos ameaçasse morte o Ceo tremêdo.  
 Vimos de Italia a costa derrotados,  
 E outras atè a Iberia; aly crescendo  
 Tormenta repentina à frota errante,  
 Desembocamos para o mar de Atlante.

Mas aplacada em fim a tempestade,  
 Ao dextro lado sempre navegand)  
 Fiel executor da alta vontade  
 Nos trouxe a tuas praias vento brãdo.  
 Aqui, no valor teu benignidade,  
 Devido hospicio, & protecção buscãdo  
 Esperamos achar, Rey excelente,  
 Vida, descango, & patria juntamente.

Callou. E o claro Rey que desejava  
 De varoẽs tais lograr a companhia;  
 E affeiçoado a Ulysses já se achava  
 Pello que delle Ploto referia;  
 Com alegre semblante lhe ordenava,  
 Que pois a noite as sombras estendia,  
 Hospede fosse a Aucano; & alli viesse  
 Como a seguinte Aurora apparecesse.

# U L Y S S I P P O.

---

## CANTO SEPTIMO.

---

### ARGUMENTO.

*De fantasticas sombras persuadido  
Incita à guerra Polymion valente  
Ao Lusitano Rey, qual offendido;  
E anima os seus Ulysses eloquente.  
Sãe dos Gregos esquadrao lusido  
Ao duro encontro da enimiga gente;  
Cessa com dano igual de parte a parte  
Na escura noits o riguroso Marte.*

1.

**C**OM suaves prizoës ao mundo atava  
O sono dos mortais doce homicida,  
Ao Lusitano exercito occupava  
Em hum breve parenthesis da vida;  
Quãdo a Alecto feroz Plutão chamava,  
Que de novo veneno revestida  
Entam chegara de acender na terra  
Com fogo de cobiça a maior guerra.

II.

Nações diversas não somente armara,  
 Mas a Reys contra os seus de tirania;  
 E com feas treições que semeara  
 Amigos, & parentes confundia:  
 Soberba em presunção da empreza rara  
 Ante o Tartareo Rey apparecia;  
 Porem à vista da maior maldade,  
 Que deixa feito pouco se persuade.

III.

Ministro (diz Plutão) a quem, seguro,  
 De minhas leys a execução entrego,  
 Com Polymion valente conjecturo  
 Que ã Lusitania farei Guerra ao Grego.  
 Reynar espera no hyminèo futuro  
 Da Princesa a q̃ adspira em amor cego,  
 O Lusitano; & que em furor se acenda,  
 Facil serà, se competencia entenda.

IV.

A' cobiça que te arma ajunto agora  
 Que usar possas tâbẽ do amor vehemẽte  
 (A Megæra attributo) executora  
 A Lusitania parte diligente;  
 Desperte o sã guerreiro à nova Aurora,  
 Com q̃ se mostre infausta à Grega gẽte;  
 De conseguillo não te digo os modos,  
 Pois es ministro tal, que sabes todos.

V.

Disse; & a furia terribel, que disposta  
 A todo o engano, a todo o mal estava,  
 Na partida veloz dando a reposta,  
 Em breve instãte a Polymion buscava.  
 A forma horrivel exterior deposta,  
 Severa imagem com ardil tomava  
 De hũ velho venerando, a cujo aspecto  
 Tributa em sonhos Polymion respeito.

## VI.

O' tu (o velho diz, com rosto irado)  
 Em quem a Lusitana Monarchia,  
 Se as leys sabes guardar do eterno fado  
 Chegará aonde tem principio o dia;  
 Como dormes de ti tam descuidado?  
 Se hum Grego com soberba, & tirania  
 Quer privarte da esposa, e suma alteza,  
 Tu não terás valor para esta empreza?

## VII.

Tu que eu espero Rey ha tantos annos  
 Para aumêtarse em ti dos meus a gloria  
 Treiçoës admites, dás lugar a enganos?  
 Tu consentes infamia tam notoria?  
 Que he de meus valerosos Lusitanos?  
 Perderaõ de si mesmos a memoria?  
 Si perderiãõ, porque não he novo  
 Que ao exêplo do Rey se mude o povo.

## VIII.

Illustre Polymiôn, muda de intento,  
 Defêde a esposa; a hõra, a patria estima;  
 A's armas torna, dete novo alento  
 Conheceres que he Luso quẽ te anima,  
 Luso que deixo meu etereo assento  
 Por acodir à dõr que me lastíma;  
 Calipso he tua, tua a Lysia terra,  
 Desperta, advirte, marcha, guerra, guerra.

## IX.

Guerra, guerra (brådando elle desperta;)  
 A ferro acabaràs, fero inimigo;  
 Já, Lusitanos, tanta fraude he certa,  
 Mas não a deixaremos sem castigo.  
 Na Real tenda entrou a voz incerta,  
 Que ao Rey avisa do comum perigo;  
 E ouvindoa Polymiôn se persuade  
 A toda a guerra, a toda a crueldade.

x.

Divulgase o successo brevemente,  
 Que o ar escuro faz mais temeroso,  
 Em confusãõ irada ferve a gente,  
 Culpam todos o trato cautelloso.  
 Bẽ como no eneo vaso a chama ardẽte  
 Da agua rumor levanta bulliçoso;  
 Assi no campo, que de horror vestira,  
 Cẽgo tumulto concitava a ira.

xi.

Arde em furor o Rey; & sem tardança  
 Faz as caixas tocar com paixãõ cẽga;  
 Imagina que tarda na vingança  
 Ou q̃ lhe ha de fugir a armada Grega.  
 Affecta Ploto, que o tumulto alcança,  
 Audiencia Real, & o Rey lha nega,  
 Mãdãdo q̃ aos seus torne, & a cõpanhia  
 Pois leys de Embaixador lhe concedia.

xii.

Partese o Grego em fim, sem q̃ se admitta  
 A prova que offerece da verdade;  
 Na pressa do caminho solicita  
 Levar aviso aos seus com brevidade;  
 Ouveo o grãde Laertio, & mais o incita  
 Não estimar o Rey sua amizade,  
 Que ver q̃ o obriga a destorçada frota  
 A sustentarse à força em terra ignota.

xiii.

Juntando os seus, vè todos animados;  
 Mas tal a força dos contrarios era,  
 Que cada qual dos Gregos mais ousados,  
 Se não teme, ventagem considera;  
 Por mar, & terra a morte os tẽ cercados  
 Nem pòdem ter socorro, nem se espera  
 Poder achar em Lusitano peito  
 Treizãõ á patria por algum respeito.

xiv.

Amigos (diz Ulysses) quem o alento  
 Perde no mal que chega necessario,  
 He tam culpavel, como o vão intento  
 Que os perigos affecta voluntario:  
 Aquelle terá sempre vencimento  
 Que não busca sucessos temerario;  
 E com prudente brio se accomoda  
 Ao que preciso tras a fatal roda.

xv.

Não buscamos a guerra que hoje temos;  
 Aqui nos trouxe a furia do Oceano,  
 Tam abertas as naos, que se queremos  
 Tornar aos mares he mais certo o dano.  
 O desejo aos sucessos ajustemos,  
 Pois não se ajustam ao desejo humano;  
 E o coração ao caso prevenido  
 Pòde oppugnado ser, mas não vencido.

xvi.

O campo do inimigo considero,  
 O poder desigual da nossa parte;  
 Mas compensallo, industrioso, espero,  
 Porque assi justo os doës o Ceo reparte.  
 Venha o contrario poderoso, & fero,  
 Saibamos nòs usar a bellica arte;  
 Que à nao do mar batida mais esforce  
 Do leme a industria, q̄ do remo a força.

xvii.

Saiamos, logo, com galhardo brio  
 A estorvar o inimigo, & nossa morte  
 No breve passo do pequeno rio,  
 Que prudente notou Nabancio forte.  
 Aly o estreito do lugar, confio,  
 Que ha de igualar aos mujtos nossa sorte;  
 Pois pelejando sò poucos diante  
 Inutil fica o numero restante.

Mas advirta qualquer (por mais experto,  
 Por mais valête, ou já por mais ousado)  
 Que não ouze sair a campo aberto,  
 Posto que de vingança estimulado.  
 Sustente o posto em militar concerto,  
 Librando no prudente o esforçado;  
 Para offender, & defender a vida,  
 Pode mais sempre a fortaleza unida.

E pois quem tudo cuida, menos erra,  
 Segurar determino com Creonte,  
 Para a fortuna que nos der a guerra,  
 O lugar que occupamos deste monte.  
 Inda que em vallos de madeira, & terra  
 Cõ poucos fique, & o inimigo o afrõte  
 Com fortes esquadroes multiplicados,  
 Val hum bõ Capitão muitos soldados.

A's armas, companheiros, que em perigos  
 Por terra, & mar o fomos já maiores;  
 Não são taõ feros, não, os inimigos,  
 Que não sejam mais feros os temores.  
 A's armas, Gregos; à defesa, amigos,  
 Que mais q̃ os muitos vęcẽ os melhores;  
 Certa a vitoria està q̃ està librada  
 Em vossos coraçõs, em vossa espada.

Com tais rezoẽs o Capitão prudente  
 Do valor proprio com os seus reparte;  
 A's armas corre cadaqual contente,  
 A's armas conhecidas já de Marte;  
 Já ferve em todos hum desejo ardente,  
 Sõa a bellica voz a toda parte;  
 Já rõpe os vallos, & a tardança accusa  
 Saindo ao campo a multidão confusa.

XXII.

Oitenta obriga Ulysses, que escolhera,  
 A acompanhar Creonte, que ficava;  
 Antinoo sò sem força obedecera,  
 Porque a paz mais q̃ a guerra desejava.  
 O luminoso Rey da quarta esfera  
 O Meridiano entrou, quãdo marchava  
 O gram Laercio, a forte companhia.  
 Contame, ô Musa, tu, quem o seguia.

XXIII.

Guia a todos Nabancio valeroso  
 Ao passo que no monte descobrira;  
 Leva trezentos, esquadraõ lustroso,  
 Armados de valor, vestidos de ira.  
 Mas, tributando affectos amoroso  
 A' que já Ninfa, já guerreira vira,  
 Lhe he o que segue bellico estandarte  
 Milicia de Cupido, & não de Marte.

XXIV.

O segundo he Polyton esforçado,  
 A que acompanhãõ quatro vezes cento  
 De Sammo conduzidos, onde o fado  
 O trouxe, tendo Etòlio nacimiento:  
 Filho de Aminthas foi, q̃ grande estado  
 Junto dos Locros teve; mas violento  
 Poder o desterrou, por dar a morte  
 A Creton primo de Diomedes forte.

XXV.

Polyton era o Grego mais galhardo  
 (Excepto Ulysses) que na armada avia;  
 As reluzentes armas de ouro & pardo,  
 De brancas plumas o elmo guarnecia.  
 Com airoso valor brandia hum dardo;  
 Na cinta larga espada lhe pendia;  
 Com hũ Leão no escudo por empreza  
 Mostrava generosa fortaleza.

XXVI.

Com seis vezes sincoenta o segue Clito,  
 De gentileza igual, se lhe faltara  
 Ser de Hector sinalado no conflito  
 Em que pòr fogo ás naos determinara.  
 Mas jactase em trazer na face escrito  
 Que quãdo a morte a tantos assôbrara,  
 Elle com brios a vencer disposto,  
 Ao perigo maior mostrara o rosto.

XXVII.

Outros tantos Euríloco guiava,  
 Que ajuntou em Dulychio bẽ armados.  
 (Muitos mais foraõ, mas a força brava  
 Da guerra, & mar, os tinha sepultados)  
 Este de astuto, & sabio se presava,  
 E dos que a Circe foraõ enviados  
 Elle sô lhe escapou, ficando fora,  
 E aviso a Ulysses deu da encantadora.

XXVIII.

Duzentos quasi, exercitada gente,  
 De Ithaca tras Leostenes, famoso,  
 Porque ajuntou à gloria de valente  
 Ser da fermosa Clodoníra esposo;  
 Que por elle engeitou severamente  
 As bodas de Epidamno poderoso,  
 De Dyrrachio sñor, q̃ amou por fama  
 As perfeiçoẽs maiores nesta dama.

XXIX.

E avaliando agravo, que anteposto  
 Leostenes lhe fosse, bem armado  
 O prendeo, à defensa em vão disposto,  
 Que partira a Zacynthos descuidado.  
 Nũa torre o meteo com presuposto  
 Que morreria em tempo limitado,  
 Se nelle não viesse a fiel consorte  
 Comprarlhe a vida cõ a propria morte.

xxx.

Intrepida partio ao sacrificio  
 A rara esposa amante quanto bella,  
 Escondêdo hũ punhal, q̄ ultimo officio  
 Fosse, se o Rey usasse de cautella.  
 Mas à virtude sempre o Ceo propicio  
 Permittio justo, que antes de offendella  
 Perdesse a vida o barbaro; & achava  
 Livre ao esposo, q̄ em prisão buscava.

xxxii.

Outros duzentos de Ithaca regia  
 Claricio valeroso, a cuja idade  
 Se a veneranda barba descobria,  
 Dos membros disfarçava a agilidade.  
 Outra bandeira Armón que attribuia  
 A ascendencia do pay a divindade:  
 Com cêto, & vinte mais vai derradeiro  
 Phinêo q̄ a muitos pòde ser primeiro.

xxxiii.

Sobre todos Ulysses resplandece  
 (Qual Sol sobre os planetas) adornado  
 De graça natural, com que merece  
 Por leys da natureza o Regio estado.  
 No rosto que descobre se conhece  
 Valor prudente, brio sossegado,  
 E em aspecto se unio venusto, & grave  
 Imperio grato com rigor suave.

xxxiiii.

Com gentileza varonil vestidas  
 Leva as armas de Achilles, q̄ ganhara;  
 As quais Troya infeliz nũca offêdidas  
 Em trances tam crueis exprimentara;  
 E como se vem nellas esculpidas  
 As perfeiçõs, & architectura rara  
 Do globo universal, se representa,  
 Que Ceo, & terra seu favor intenta.

xxxiv.

Aly se via o Ceo de estrellas varias  
 Em desiguais medidas esmaltado ;  
 As sinco largas zonas que ( contrarias  
 Em sua natureza ) o tem cercado.  
 Tinha nos signos doze luminarias  
 ( Do Cancro ao Capriconio dillatado )  
 O Zodiaco obliquo, & bem se via  
 Que hũa Ecliptica linha o dividia.

xxxv.

Os planetas se viaõ , que do Oriente  
 Cõ veloz rapto o occaso vão buscãdo ,  
 E mais abaixo o mar , que na adjacente  
 Terra os braços furioso hia alargãdo :  
 A terra grave estava no ar pendente ,  
 No centro o pezo proprio sustentando ,  
 Por compassos geometricos medida ,  
 Por geographicas linhas repartida.

xxxvi.

Taly bordado , que atravessa o peito  
 Leva pendente a guarnecida espada ;  
 No braço esquerdo o escudo , & no direito  
 Enristra a lâça a ecõtros costumada :  
 Como que ao mundo tenha já sogeito  
 Por trophêo se levanta da celada  
 Hum bosque carmesi de plumas cento  
 Inveja às flores , se lisonja ao vento.

xxxvii.

Domina hum bruto , hũ Ethna temeroso ,  
 Que sô com as escumas que lançava  
 Matar pudera as chammas que furioso  
 Por olhos , & por ventas respirava :  
 Parecia atirar ao Ceo , brioso ,  
 Em cada passo as ervas que arrancava ,  
 Ou da ferrada mão fazer queria  
 Luzente espelho â propria galhardia.

XXXVIII.

Marchava assi o exercito; se breve  
 Em copia numerosa de soldados,  
 Ao valor de qualquer tanto se deve,  
 Que acrecêta esquadroês multiplicados.  
 Com as azas voou do vento leve  
 O som dos instrumentos, q̄ encôtrados,  
 Deram de parte a parte sinal certo  
 Que tinham ambas o inimigo perto.

XXXIX.

Chegou o Grego ao sinalado posto  
 Quando Gorgoris já tentava o rio,  
 Todos na vista mostram igual gosto  
 Em clamores iguais com igual brio.  
 Porem acompanhava o alegre rosto  
 Os ossos discorrendo hum temor frio;  
 Que em tais sucessos tâbê teme o forte,  
 Porq̄ mais firme se ha de oppor à morte.

XL.

Sem que permita a occasiaõ tardança  
 Fazem para investir sinal horrendo;  
 Qual do chaõ sem estribo a sella alcãça,  
 A' redea solta o vao acometendo;  
 Qual toma o arco, qual empunha a lâça,  
 E logo o sitio breve escurecendo,  
 Nuvês se oppoẽ ao Sol, dardos, & sêtas,  
 Voã-lo ao som das caixas, & trombetas.

XLI.

Tu valeroso Phorbas o primeiro  
 De golpe incerto o câpo ensangoêtaste,  
 Ulysses te perdeo de companheiro,  
 A quem da Ithaca patria acõpanhaste.  
 Seguiote co suspiro derradeiro  
 Da outra parte Eumelôr, quando espiraste:  
 Duvidoso tambem foi homicida  
 Quem lhe cortou em flor a doce vida.

K

XLII.

Bem quisto era Eumelôr sobre valente,  
 E tinha junto ao Leça nobre estado;  
 Deixou aos Lusitanos justamente  
 Ardendo em ansias de vingar seu fado.  
 - Moveo Lanoso na furiosa gente  
 Novo furor com hum medonho brado;  
 E a vâguarda rompeo com tal violência,  
 Que era a Nabácio em vão a resistência.

XLIII.

O forte Polymión segue a Lanoso  
 Com furor grande, com destreza rara,  
 Mata a Nizêto, & a Phocas valeroso,  
 Que a defender o filho se arrojava.  
 Por entre os Gregos corre tão furioso,  
 Tam denodado fere, & se repara,  
 Que por onde atravessa a terra fica  
 Com sangue rouxa, com despojos rica.

XLIV.

Qual impetuoso rio, que se augmenta  
 Com aguas q̄ correraõ do alto monte,  
 Na madre não cabendo, irado intenta  
 Abrir caminho derribando a ponte;  
 E se a furia que leva mais violenta  
 O lança arromba que ficou defronte,  
 Fazendo por aqui lugar à ira,  
 No largo campo vencedor respira.

XLV.

Tal no lugar estreito não cabendo  
 O esquadraõ numeroso Lusitano  
 Investe os Gregos temeroso, horrendo,  
 Ameaçando na morte o menor dano.  
 Por hũa parte com furor rompendo  
 Passa os primeiros, & discorre ufano  
 As ultimas esquadras, já por certa  
 Dando a vitoria na campanha aberta.

XLVI.

Mas à furia maior posto diante  
 O forte Armòn co a gente que regia  
 Qual impinada rocha ao mar constãte  
 O furor dos contrarios rebatia.  
 Pella boca a Britanio (que arrogante  
 Descompostas palavras despedia )  
 A lança mete; a Andronio pello peito,  
 Que fora a vís treçoës sempre sogeito.

XLVII.

Atravessou a Climo, que quisera  
 (Quãdo advirtio, q̄ nelle punha a lâça )  
 Fugir o fado seu, mas não pudera,  
 E em quãto volta, por hũ lado o alcãça.  
 Anima os seus para a batalha fera  
 Que Marte em sorte igual tinha em balãça,  
 Mas Lanoso cũ dardo de repente  
 Lhe atalha na garganta a voz valente.

XLVIII.

De ambas as partes crece a guerra dura  
 Sobre o corpo infeliz, que inda respira,  
 Lanoso a espedaçallo se aventura,  
 Que atê aos mortos não perdoa a ira:  
 Mas defendello Euriloco procura;  
 Corre a ajudallo Clito, quando o vira;  
 E todos tres o tronco já sem alma  
 A innumeraveis golpes julgam palma.

XLIX.

Como leoës famintos sobre a preza  
 Formam guerra cruel, vibram furores;  
 E ella sem vida, ou viva sem defeza  
 He alvo miserando a seus rigores;  
 Os tres guerreiros com igual braveza,  
 Igual valor, rugidos não menores,  
 No corpo aferram, fazemno pedaços,  
 As pernas a hũa parte, a outra os braços.

L.

Porem cara comprou Lanoso forte  
 A vingança que teve do inimigo;  
 Pois com feridas mil, o rosto à morte  
 Vio fluctuando no ultimo perigo:  
 Cahio salto de sangue, & a mesma sorte  
 De Armòn tivera, se fiel amigo  
 Lhe não fora Maronio, acompanhado  
 De quatro filhos que trazia ao lado.

LI.

Eraõ Basto, Renstin, Roufe, & Meinedo,  
 Que quais bravos rafeiros assullados  
 Do pastor que esconderse no arvoredro  
 Os lobos vê da preza carregados,  
 Correm velozes a investir sem medo,  
 E tiraõlha da boca ensangoentados,  
 Assi das mãos dos Gregos, sem sentido  
 Recobrarão Lanoso mal ferido.

LII.

Levamno os seus; & os quatro não sômête  
 A multidão rebatem, que o seguia;  
 Mas descompoẽ de novo a Grega gête,  
 Que reformarse destra pretendia:  
 Quando a socorre Ulysses diligente,  
 A lança quebra em Tormes que feria,  
 E com vista furiosa, & não turbada  
 Escudo faz aos seus da propria espada.

LIII.

Mata a Clyimio por nobreza claro,  
 A Pollus, Peneo, Leuco; fere a Elpino;  
 Nem te valeo jactarestes, ò Leutháro,  
 Que de Mercurio tens sangue divino;  
 Foi a Gramenestôr debil reparo  
 O peito que trazia de aço fino;  
 A pelle de panthêra, que por malha  
 Mincio vestio, lhe serve de mortalha.

## LIV.

Maronio se lhe oppunha, mas piedosos  
 Os filhos o desviam do contrario,  
 E saltam contra o Grego tam furiosos  
 Como leoões em bosque solitario;  
 Mas elle golpes dà tam prodigiosos,  
 Que o valor dos irmãos faz temerario,  
 Pois corta ã hũ instãte a espada de ago  
 A Basto o dextro, a Rouffe o esquerdo braço.

## LV.

Hũ dos braços no escudo, outro na espada  
 Inda tres saltos davam sobre a terra;  
 E os donos seus com ira porfiada  
 Naõ querem desistir da cruel guerra:  
 Cõ nova furia investem; mas frustrada  
 Porq̃ (por mais valor q̃ o peito encerra)  
 Hum defenderse, se ferio, não pòde,  
 Outro não fere se à defesa acode.

## LVI.

Porem do amor fraterno compellidos,  
 Ou da necessidade, que he mais certo,  
 Hũ corpo formã hõbro a hõbro unidos,  
 Sêdo invêtor da industria o grãde aperto.  
 E em officios diversos repartidos  
 Hum cõ o escudo a ambos tem cuberto,  
 Outro por ambos fere; & na êpreza alta  
 Cõ q̃ offenda, & repare, a nenhũ falta.

## LVII.

Espectaculo tal ao pay piedoso  
 O peito passa quando aos mais lastima;  
 A grave dõr o faz mais valeroso,  
 E co braço valente os seus anima:  
 Retirarse com tudo lhe he forçoso,  
 Sem que a furia dos Gregos se reprima;  
 Antes cõ maior dano se augmentava  
 No favor de Polyton que chegava.

Já neste tempo Abrantio, que prudente  
 De superior lugar tudo advertia,  
 Formado hũ esquadrão da melhor gẽte  
 Aquella parte em breve socorria:  
 Com arte militar mais excellente  
 Tudo prevendo, tudo prevenia,  
 Mas ao maior valor, maior cuidado  
 O contrario furor deixou frustrado.

Qual Austro cõtra o monte, que de rosto  
 Não pode derribar, furioso gira;  
 Qual bravo mar contra o penhasco opposto  
 Cõ dobrado furor ondas cõspira:  
 Tal no esquadrão mais forte, mais cõposto  
 Ulysses executa a maior ira;  
 Mas abate-o com mais facilidade  
 Que à seara crecida a tempestade.

Aly matou a Ermelio, que jurara  
 Levar ao Rey, de Ulysses a cabeça;  
 Porem a guerra a sorte lhe trocara,  
 E faz que o engano seu tarde conheça.  
 Ao forte Manio, que Rifêo gerara,  
 Corta de hum golpe a vida q̃ começa;  
 D'outro a de Armonio celebre agoureiro,  
 Mas nã previo seu fado derradeiro.

A Antello vê que se lhe oppoem cõ brios,  
 Mas em tanto furor lhe lembra Aucano,  
 Nem quer q̃ paguẽ de seu ferro os fios  
 O hospicio que lhe dera o Lusitano.  
 Passa, & fere a Cremón, que de dous rios  
 Mondego, & Douro, se jactava ufano  
 Ter descêdêcia; & em vão cõ sacrificios  
 Os claros Numes invocou propicios.

LXII.

Reforma em fim o valeroso Grego  
 Os rotos esquadroens; & em quanto os cerra  
 Não deixa Polymión, com furor cêgo,  
 De proseguir na profiada guerra;  
 Mas occupado no valente emprego  
 Entre as esquadras o inimigo o êcerra;  
 Elle porem não teme, antes cercado  
 Revolve o braço, & a vista mais irado.

LXIII.

Bem como bravo touro na estacada  
 Ao qual a multidão cerca infinita,  
 Hũ lhe atira a garrocha, outro a lâçada  
 Lhe ameaça de perto; a gente grita:  
 Corre com vista ardente, se turbada,  
 A parte que o furor lhe solicita,  
 E investindo das armas a espessura  
 Rompe, & derriba tudo a testa dura.

LXIV.

Com igual furia o forte Lusitano,  
 Aonde mais o perseguem se arremessa;  
 Segundo aqui & aly ameaça o dano,  
 Faz ondear a multidão espessa:  
 Pella garganta fere ao destro Alcano,  
 Por hum lado a Tersiles atravessa;  
 A Crotonio bisarro o ombro direito,  
 Ao valeroso Licas passa o peito.

LXV.

Quem poderà contar os que arruinava,  
 O genero da morte, & das feridas?  
 Viaõse os mortos (tam veloz audava)  
 O modo não com que tirou as vidas.  
 Nunca dente se vio de fera brava,  
 Nunca de ave rapace unhas torcidas  
 Na preza ensangoentarse cruelmente,  
 Como seu ferro na contraria gente.

LXVI.

Busca furioso a Ulysses; mas o fado  
 A sorte lhe dillata, que destina;  
 Encõtra ao nobre Amãcio, q̄ esforcado  
 Opporse a furor tanto determina.  
 Embebe a lança no direito lado  
 Cõ que o galhardo corpo à terra inclina  
 Dizendo: a teu valor por gloria baste  
 Darte meu braço a morte q̄ affectaste.

LXVII.

Deixava a Amancio Ulysses cõ Creonte  
 No levantado sitio, que occupara;  
 E elle, arrogãte, fazer guarda a hũ mõte  
 Fortificado em vallos, despresara:  
 Quiz ferir o inimigo fronte a fronte,  
 Offereceose ao dano, que escusara;  
 Que finalmente artifices saõ todos  
 Da sorte sua por diversos modos.

LXVIII.

Buscam de novo os Gregos a vingança  
 Que pedia de Amancio o fim violento,  
 Polymiõn contra todos move a lança,  
 Qual se, Briarèò, tivera braços cento.  
 Não sofre resistencia aonde alcança,  
 Rõpe as esquadras mais veloz q̄ o vèto;  
 Aos contrarios levando em fatal sorte  
 Nos olhos o terror, nas mãos a morte.

LXIX.

Como Leão feroz, que da manada  
 Roubou a melhor rez em noite escura;  
 Se os pastores sentio com mão armada,  
 Buscando vai dos bosques a espessura;  
 Retirase, não foge; antes irada  
 Revolve atras a vista mais segura:  
 Tal das Gregas esquadras lentamente  
 Se retirava Polymiõn valente.

LXX.

Em tanto Alecto o campo discorrendo  
 Ardente facha sanguinosa gira,  
 Cõ que as armas, & os peitos acendêdo,  
 Hũas scintillam chamas, & outros ira.  
 Atê no Ceo parece (caso horrendo)  
 Que da boca infernal veneno inspira,  
 Porque intimou furioso nova guerra  
 Tronando quatro vezes sobre a terra.

LXXI.

A toda a parte com igual porfia  
 Estende a Furia imperio temeroso;  
 Jã Meronio a Claricio desafia,  
 Jã Renstin forte a Clyto valeroso;  
 Aqui Nabancio a Polymion seguia,  
 Aly Meinêdo a Leostenes famoso,  
 Leostenes, que tem do Lysio estrago  
 Feito a seus pès de sangue hũ roxo lago.

LXXII.

A voz confusa d'hũs, & de outros soa,  
 As feras mais terribéis espantando;  
 Vitoria qualquer delles apregoa,  
 Segundo os vai a sorte melhorando.  
 A morte em tiros pellos ares voa;  
 E impedida de troncos palpitando,  
 A corrente do rio então parara  
 Se o muito sangue a não acrecentara.

LXXIII.

Vese de armas sem dono o campo cheio,  
 Perdida em sangue, & põ sua galhardia;  
 O ferido cavallo jã sem freio  
 Morde feroz quem de antes o regia:  
 Venturoso o que espira, antes q̃ a alheio  
 Passo cruel seja animada via,  
 Aqui o gemido soa do que morre,  
 Aly freme o furor do que o socorre.

LXXIV.

Fineo neste combate duvidoso  
 A retraguarda solta de repente;  
 Batendo os dentes, mordese furioso,  
 Com encendido rosto, & vista ardête.  
 Tam veloz, tam cruel, tam sequioso  
 O sangue busca da inimiga gente,  
 Que mais q̃ homẽ parece o duro corte,  
 Disfargada em hũ Grego a mesma Morte.

LXXV.

Neste tempo Bolano sem receio  
 A hũa, & outra parte irado corre,  
 Fõdo temor co rosto adusto, & feio,  
 E com o corpo de animada torre.  
 Faz muitos ver as aguas do Letheio,  
 Ao môr aperto com furor socorre;  
 E entre os mais de q̃ foi duro homicida  
 A Ansimaco privou da cara vida.

LXXVI.

Vio sua morte Alpino lastimado  
 Com amor fraternal (porque de Elydo  
 Eraõ filhos os dous) acelerado  
 Corre, & os limites passa de atrevido.  
 Quiz ao irmão vingar, mas perturbado  
 Para, & repara, como arrependido,  
 De lõge olha a estatura quasi immensa  
 A que mal poderia aver defença.

LXXVII.

Qual debil ave, a quem de voo leve  
 Falcam ligeiro os filhos arrebatã,  
 E os tenros membros em espaço breve  
 Nas retorcidas unhas desbaratã;  
 Nem pòde socorrellos, nem se atreve  
 A tanta dôr, nem de salvarse trata,  
 Mas entre affectos varios duvidando  
 Geme de longe ao matador cercando.

LXXVIII.

Assi Alpimo em voltas rodeava  
 O inimigo espantoso; nem fugia,  
 Nem entre a dôr, que a furia estimulava,  
 A morte manifesta se atrevia.  
 Mas o famoso Ulysses, que se achava  
 Presente a tudo, & tudo socorria,  
 Faz a vingança propria; q̄ a seu peito  
 Era o maior gigante vaso estreito.

LXXIX.

Bolano o vio, & com feroz sembrante  
 Lhe diz: a mim te atreves, Grego insano,  
 Tu contra mim te mostras arrogante?  
 Imaginas, que sou algum Troiano?  
 Sabe que duas vezes sou Gigante;  
 Hũa por grande, & mais por Lusitano;  
 Nesta maça veràs, & verá o mundo  
 A dura esperiencia em que me fundo.

LXXX.

Brutto (responde o Grego) essa locura,  
 Essa inutil soberba com que fallas,  
 Nesta tem a reposta mais segura,  
 (Erguendo a maço) que sabe castigallas.  
 Vejamos essa furia quanto dura,  
 E se com obras a arrogancia iguallas;  
 Assi lhe diz tratandoo com desprezo;  
 E elle já vibra a maça em ira acezo.

LXXXI.

Furtoulhe o corpo Ulysses por hum lado  
 Cõ q̄ elle o golpe no cavallo emprega;  
 Deixa ao bruto sã vida o Grego irado;  
 E com valente astucia mais se chega;  
 No peito embebe a espada mal armado  
 E o feroz inimigo à terra entrega;  
 Qual se em inverno cõ furor violento  
 Antigo pinho derribara o vento.

Menos furioso brama perseguido  
 Das garrochas o touro na estacada;  
 Menos fero o Leão ruge ferido,  
 No campo aberto de mortal lançada:  
 Menos o mar dos ventos combatido,  
 Menos o Ceo com voz de fogo brada,  
 Que o barbaro Gigãte; às vozes graves  
 Pararam rios, & cahiram aves.

Vendo cair, lhe atodem não somente  
 A' porfia os guerreiros circumstantes;  
 Mas velozes tambem com peito ardete  
 Em furioso tropel os mais distantes.  
 Quebrada a ordem, descomposta a gẽte  
 ( Nada o furor advirte ) semelhantes  
 No esforço chegam ao combate acerbo  
 Herminio bravo, & Arganil soberbo.

Que proezas não fazem? mas concorre  
 Taõ grande multidão ao passo estreito  
 Que só perturba os seus o q os socorre,  
 Obrando seu valor contrario effeito.  
 Tal sem feridas de apertado morre;  
 Aly d'hũa lançada o olho direito  
 ( Que sô tinha ) a Arganil cahio em terra,  
 E de todo o cegou a dura guerra.

Desesperado freme; & dà sem tino  
 Golpes crueis na multidão espessa,  
 Ferindo os seus co cêgo desatino;  
 E inda advertido de os ferir não cessa.  
 Não defendeo a Acrontes o arnes fino,  
 Porque com duas pontas o atravessa;  
 Força de estrella : que recebe o dano  
 Da mão do mais amigo Lusitano.

Com trabalho recolhem qual furioso  
A Arganil cêgo os seus; & começava  
Quasi de novo o transe temeroso  
Com porfia maior, guerra mais brava.  
Mas o manto estendendo tenebroso  
Mais irados a noite os apartava,  
E a Bolano infeliz na terra dura  
Fizeraõ corpos, & armas sepultura.

FIM DO SEPTIMO CANTO.

# U L Y S S I P P O.

## CANTO OCTAVO.

### ARGUMENTO.

*Fortificase o Grego; & em vão trabalha  
Por prevenir o dia, diligente,  
Que o Lusitano seu desenho atalha  
Anticipando a guerra mais vehemente.  
Reduz a furia a singular batalha  
A Gorgoris, & a Ulysses, & igualmente  
Misteriosa nuvem os obriga  
A tornar o furor em paz amiga.*

**N**ão trouxe a noite o natural sossego  
Aos Capitaes dos arraiais contrarios;  
Que negavaõ ao sono o doce emprego  
Em pensamentos fluctuando varios.  
Os proptios brios julga o sabio Grego  
A poder tanto oppostos, temerarios,  
E reparo ardiloso prevenia  
Para o combate do seguinte dia.

## II.

Faz do bosque trazer, que estava perto,  
 Materia que em defenza accomodada  
 Impida o passo estreito, onde cuberto  
 Resistir possa à força aventejada.

Posto que veja o vencimento certo  
 No desigual poder, a dilatada  
 Fortuna mais cruel, no peito forte  
 Sempre deixa esperãça a melhor sorte.

## III.

No mesmo tempo Abrantio procurava  
 Alcançar os intentos do inimigo;  
 Com Gorgoris, & Aucano consultava  
 Quem arriscar podessem ao perigo:  
 Quando na Real tenda Alvito entrava  
 De Alvor acompanhado fiel amigo,  
 E em hora se offerecem oportuna  
 (Sem saber do conselho) a esta fortuna.

## IV.

Agradecido o Rey dá novo alento  
 Com palavras aos peitos generosos;  
 Premio destina do alto pensamento  
 Aventajadas honras, doës preciosos.  
 Dous escudos, q̃ ao golpe mais violêto  
 Resistiam seguros, dous lustrosos  
 Elmos lhes deu; & por mercê dobrada  
 A Alvito cõ sua mão cinge hũa espada.

## V.

Partem; & Alvito â Lua que sahia:  
 Deosa Latonia, (diz) a quem contêplo  
 Raynha das estrellas, se algum dia  
 Poz doës meu pay Andronico ã teu tẽplo;  
 Se eu despojos de feras suspendia  
 Em teus portais seguindo seu exẽplo,  
 Governe agora tua luz brilhante  
 Neste silencio teu meu passo errante.

VI.

Disse; mas pouco andaram, porq̃ a gente  
 De Ulysses vem, q̃ com tumulto brado  
 Tras da vesinha selva, diligente,  
 Arvores, q̃ hũs dos outros vão tomãdo.  
 Ferve em Alvito o coração ardente,  
 E a cometellos se dispunha, quando  
 O companheiro o advirte, q̃ he preciso  
 Levar, sã mais tardança, ao Rey aviso.

VII.

Apressados voltaram: mas já estava  
 O campo Lusitano em armas posto,  
 Porque o rumor dos golpes o avisava  
 Da madeira cortada ao bosq̃ opposto.  
 Sem dilação se move, que importava  
 Atalhar ao contrario o presuposto  
 De fabricar trincheira; & cõ mais furia  
 Polymidõn o attribue à propria injuria.

VIII.

Corre; mas qual penedo, a que impellira  
 De excelso monte rapida torrente,  
 Em quanto declinou, lhe resistira  
 Em vão o sobro, o pinho mais valente;  
 Porem chegado ao baixo, da agua a ira  
 O naõ pòde mover, por mais q̃ intente;  
 Tal pãra o Lusitano na estacada  
 Que os inimigos tinham já formada.

IX.

Aqui, & ally frenetico procura  
 Achar entrada, tudo discorrendo;  
 Quando a nova defensiva ve segura  
 Desespera furioso, brama horrendo.  
 Como a faminto lobo em noite escura  
 Que os cordeiros ouvindo, & naõ podẽdo  
 Escallar o curral, a fome crece,  
 E mais cõtra os ausẽtes se embravece.

x.

Subir quer os reparos ajudado  
 Das que já chegaõ numerosas gentes;  
 Porem aos Gregos com valor dobrado  
 Faz a necessidade mais valentes.  
 Da desesperaçãõ he despresado  
 O perigo maior; & em taõ vehementes  
 Furores começou a horrivel guerra,  
 Que fuzilava a ar, tremia a terra.

xi.

Gregos ( Ulysses diz ) empreza ociosa  
 Fora animarvos para o duro Marte;  
 Sò vos quero lembrar q̃ a morte hõrosa  
 He da passada vida a melhor parte:  
 Quanto mais que a fortuna rigurosa  
 Remedios co rigor assi reparte,  
 Que quando nega os meos da mudança  
 Naõ a esperar he unica esperanza.

xii.

Quiz proseguir, mas qual ã selva espessa  
 Chama voraz, que mais acende o vento,  
 Os ares corre com furiosa pressa,  
 As plantas destruindo cento a cento;  
 Assi pellas esquadras que atravessa  
 Se faz lugar Menciono; & taõ violẽto  
 Investe os vallos, q̃ a trincheira abate,  
 E este fez quasi o ultimo combate.

xiii.

Nabancio defendeo naquelle estado  
 O Grego campo de naõ ser vencido;  
 Que hũ passo de outros mil desẽparado  
 Foi sò de seu esforgo defendido;  
 Mais que das armas do valor armado,  
 Da multidaõ contraria acometido  
 A innumeraveis golpes, quasi exsãgue  
 Era rocha de ferro em mar de sangue.

L

xiv.

A quantos esta noite cruelmente  
 Tornou em sombra eterna a sorte dura!  
 E nem terra em que caia<sup>o</sup> lhes cõsente,  
 Que outros corpos lhes derã sepultura.  
 A Aurora já o mostrava, que no Oriëte  
 Parou, mãchar temendo a planta pura,  
 Quando no campo vio cõ fero estrago  
 Montes de mortos, & de sangue hũ lago.

xv.

Mas Nabancio animoso, discorrendo  
 Por hũa, & outra parte não cessava,  
 Golpes furiosos dando, & recebendo  
 De sãgue alheo, & proprio se banhava.  
 Em trance tal a morte não temendo  
 A guerreira Arminilda sô buscava;  
 Mais naõ a achar sentia que as feridas,  
 Que dera só por vella muitas vidas.

xvi.

Onde te escondes (entre si dizia)  
 O' Bellona gentil, a meu desejo?  
 O' quem fora balisa à furia impia  
 Destes tiros crueis que voar vejo!  
 Mas naõ te offenderaõ, porque seria  
 Ferir ao Ceo ferirte; & ẽ quãto eu rejo  
 Esta lança, de dano està isenta,  
 Que es alma em q̃ meu corpo se susteta.

xvii.

Ella com forte gente à guarda assiste  
 De Calipso que o Rey lhe encomẽdara;  
 Que a filha, em q̃ a vitoria mais cõsiste,  
 Do valor de Arminilda confiara:  
 E posto que a Guerreira mal resiste  
 Ao bellicoso ardor que desejara  
 Entre os mais pelejar, pode vencella  
 O rogo brando de Calipso bella.

XVIII.

Mas não cessou de todo o peito ardente  
 Do rigor a que Marte o estimulava;  
 D'hum lugar alto na contraria gente  
 Das sêtas despejou a eburnea aljava.  
 Passa a direita perna ao velho Almête,  
 Que ajuelhado ainda pelejava;  
 Fere hũ braço a Climôn, q̄ ã fogo ardia  
 Porque não pode ver quem o feria.

XIX.

Ulysses entre tanto veloz salta  
 Num ligeiro cavallo que vagando  
 Vê sem senhor; & o muro q̄ lhe falta  
 Vai de inimigos corpos levantando.  
 Eis que na maior furia Lysio o assalta  
 Vencello rosto a rosto procurando,  
 Vanglorioso de aver forte, atrevido  
 A Nizon morto, a Cloto màl ferido.

XX.

A lança punha no inimigo peito,  
 Que temeo quasi o golpe repentino;  
 Mas impediolhe o riguroso effeito  
 Do acicalado arnez o metal fino.  
 Veloz no acometer, feroz no aspeito,  
 Enristra o Grego o ferro diamantino,  
 Cuja dureza impelle tal violencia  
 Que não acha ao contrario resistencia.

XXI.

Cahia Lysio quando em continente  
 Bisarro hum cavalleiro o socorria,  
 Em cujo nobre peito juntamente  
 Igual ira, & piedade competia;  
 Quer esta o corpo sustentar cadente,  
 Aquella por vingallo em vaõ porfia,  
 E, porque em nada falte ao que deseja,  
 Hũa mãõ o sustenta, outra peleja.

L 2

XXII.

Porem Ulysses, golpes duplicando,  
 Do forte capacete, & da viseira  
 Sem resistencia os laços foi cortando,  
 E mostrou q̄ o guerreiro era guerreira:  
 Soltouse o aureo cabello ao v̄eto brãdo  
 E descobriose o rosto, na maneira  
 Que a rosa envergonhada sae fôra  
 Do botaõ verde que lhe rompe a aurora.

XXIII.

Era a fermosa Clicia firme amante  
 Do mal ferido Lysio, que, atrevida  
 No valor que lhe dava a fê constante,  
 Pello seguir aventurara a vida.  
 Dos paternos temores triunfante  
 Pode ao campo chegar desconhecida  
 Com armas varoniz, & ministrava  
 Defêsa oculta ao mesmo a quẽ guardava.

XXIV.

Ser descuberta lhe acrecenta a ira;  
 A ira nova cor, que a faz mais bella;  
 Mais bella de afrontada golpes tira,  
 Tira, & suspira intrepida donzella.  
 O Grego, q̄ amor tanto vê, & admira,  
 Com deixalla piedoso quer vencella;  
 Volta galhardo com maior façanha,  
 Que a piedade ao valor sêpre acõpanha.

XXV.

Voltou; & Clicia triste procurava  
 Salvar da guerra a Lysio assi ferido;  
 Mas poucos passos neste intento dava,  
 Quando cair o vê desfalecido.  
 Querendo sustentallo o acompanhava  
 Co peito brando ao lado delle unido;  
 Qual a vide arrimada ao tronco verde  
 Que de rustico golpe a vida perde.

XXVI.

Mas Gorgoris irado cujo peito  
 Não sofre ver que vadeado o rio,  
 Sò confiados no lugar estreito  
 Mostrem tam poucos Gregos tão brio;  
 O' Lusitanos (diz) quando sogeito  
 Tendes do proprio Marte o senhorio,  
 Será possível que eu a vez primeira  
 Vencida aja de ver vossa bandeira?

XXVII.

Assi dizendo, com furor despede  
 Rompendo os ares hũa forte lança,  
 Cõ q̃ a Edippo arrogate a vida impede  
 Que se lhe oppoz com nescia cõfiança.  
 Ao anciao Tapeio hum dardo pede,  
 Com elle a Drantes pello peito alcãça;  
 Leva da espada, & cũ reves, que dava  
 A Scilo, & Tirio juntos degollava.

XXVIII.

Quizselhe oppor ouzado Nezo forte;  
 Tres vezes sopesando a lança atira,  
 Na qual voara a Gorgoris a morte,  
 Se hũa anta impenetravel não vestira.  
 Esta espada que vez tem melhor corte  
 (Lhe diz o Lusitano aceso em ira)  
 E dando hũ golpe, com mortal assõbro  
 Sentia Nezo derribado hum ombro.

XXIX.

Com menor furia rio em crescimento  
 O vallo rompe ao lavrador queixoso;  
 Com menor força tempestuoso vento  
 Solta Eolo de monte cavernoso;  
 Da regiaõ superior raio violento  
 A terra vem buscar menos furioso,  
 Que Gorgoris horrendo desbarata,  
 Atemorisa, corta, fere, & mata.

xxx.

A lastimosa nova a Ulysses chega  
 Do destrogo que faz o Lusitano;  
 Por entre os esquadroës com ira cega  
 Atravessa feroz, & quasi insano:  
 Já, cruel fado (grita) já me entrega  
 Esta occasiaõ a teu poder tirano;  
 Mas não terás já mais que ameaçarme,  
 Que hoje te vêgo, ou hoje às de acabarme.

xxxI.

A Gorgoris se oppoem : fero inimigo  
 (Lhe diz) porq̃ rezaõ me fazes guerra?  
 Não me permittirás hum porto amigo  
 Que o Ceo me deu em taõ estranha terra?  
 O Ceo me trouxe aqui; por elle sigo  
 Qualquer fortuna q̃ meu fado encerra;  
 Se isto força não tem para abrandarte,  
 Temna meu braço para castigarte.

xxxII.

Em fogo aceso Gorgoris o ouvia,  
 Vendo a occasiaõ que tanto desejava;  
 Salta do carro em terra; porque via  
 Que do cavallo Ulysses já saltava.  
 Chegado (lhe respõde) he, Grego, o dia  
 Em q̃ a treigaõ me pagues que ordenava  
 Teu grande ardil, também aos Lusitanos  
 Concede o Ceo avisos soberanos.

xxxIII.

Manda que os teus desistam da peleja,  
 Que eu mãdarei cessar de minha parte,  
 Em singular contenda o mundo veja  
 A quem mais favorece o justo Marte.  
 Quem isso (diz o Grego) sò deseja  
 Como pòde deixar, Rey, de agradarte?  
 Cesse a batalha, q̃ em meu braço espero  
 Ver que os hospedes trataas menos fero.

XXXIV.

Aos ministros ordenam sem tardança  
 Que a cessar toquẽ; mas a guerra crece;  
 Porque a furia, o desejo da vingança  
 Faz que ninguem às ordens obedece.  
 O Lusitano contra os seus se lança,  
 E gritando que parem, se embravece;  
 O forte Grego a hum, & a outro lado  
 Os seus refrea novamente irado.

XXXV.

Cessa a batalha, em fim; mas furia nova  
 Acende o peito à Lusitana gente,  
 Porque o perigo cada qual reprova  
 A que se quer expor o Rey valente.  
 Mas resistencia tal nelle renova  
 Com dobrado fervor o brio ardente,  
 Manda, que, como he uso, tragaõ logo  
 A sacrificio victimas, & fogo.

XXXVI.

Hum campo de outro dividido em tanto  
 Largo espaço de terra descobria,  
 Que pello Grego Euribato & Damanto  
 Reys de armas, igualmente se partia.  
 Com branca vestidura, & largo manto  
 Dos Lusitanos esquadroës sahia  
 O Sacerdote Alminio, que no aspeito  
 Grangêa à dignidade mais respeito.

XXXVII.

Em ara brevemente aparelhada  
 Com fogo ao sacrificio conveniente,  
 A's leys do juramento dedicada  
 Hũa cordeira poz branca, & bidente;  
 Elles, co ferro a fronte sinallada  
 Da victima, & olhando ao Sol nacente,  
 Libam com pio affecto em taças de ouro  
 De Baccho alegre o liquido tezouro.

Entam , Ulysses diz : nestes altares  
 De ardentes chamas , q̄ venero , & toco ,  
 Este elemento puro , a terra , os mares ,  
 O ar , o Ceo em testemunho invoco ;  
 Que se vitoria , ô Principe , alcançares  
 Na singular batalha , a que provoco  
 Teu forte braço , ficará sogeito  
 O povo que governo , a teu direito .

XXXIX.

Porem , se , como espero do alto fado ,  
 Vencimento me der o Ceo piedoso ,  
 Cidade fundarei , que eternizado  
 Deixe de Grecia o nome vitorioso .  
 E porque vejas , Rey , que outro cuidado  
 Não incita meu peito a bellicoso  
 Senão procurar paz , farei contigo  
 Não como vencedor , mas como amigo .

XL.

Ficará sô meu nome por memoria  
 Nessa fatal cidade , se a fundamos ,  
 Sem termos mais poder , nã outra gloria  
 Que a companhia q̄ contigo achamos .  
 Serã por Lusitana sô notoria  
 Qualquer açãõ famosa q̄ emprêdamos ,  
 Entre nôs averã com pacto eterno  
 Hũa sorte , hũa ley , hum sô governo .

XLI.

Jurava Ulysses ; & com zelo puro  
 Gorgoris logo a vista levantando ,  
 E dextra ao Ceo : eu ( diz ) ò Grego , juro  
 Por quẽ de terra , & mar tẽ o alto mãdo ;  
 Pello soberbo Rey do Averno escuro ,  
 ( E ouça o divino pay , que , fulminando  
 Raios , cõfirma os pactos ) que à tua gẽte  
 Concedo o que propoẽs liberalmente .

XLII.

Primeiro as aguas alagando a terra  
 Faraõ castigo nos mortais segundo ;  
 O fogo do lugar onde se encerra  
 Mudará centro fulminando o mundo ;  
 O sacro Olympo cahirá com guerra ,  
 E serà Ceo o Tartaro profundo  
 Dando leys Pluto a Jupiter tonante ,  
 Que este concerto nosso se quebrante.

XLIII.

Aqui , cheos de affecto reverente ,  
 Sobre o fogo a cordeira degollando ,  
 As entranhas lhe tiraõ brevemente ,  
 Que em vasos poem ainda palpitando .  
 Em campo já se vem com brio ardête ,  
 Hum cuidadoso ao outro rodeando  
 Nota com forte ardil para offendello  
 Por onde melhor possa acometello.

XLIV.

Agora , ó Musa , alento soberano ,  
 Bellico accento a minha voz inspira  
 Que do valente Grego , & Lusitano  
 Com vigor novo represente a ira ;  
 Imite ao som das armas verso ufano  
 Que a exprimir seu furor cãtãdo , adspira ;  
 Dã eloquente pincel q̃ assi o retrate ,  
 Que ouvindo veja o mũdo este cõbate.

XLV.

Primeiro Ulysses arremessa a lança ,  
 Que com sonido os ares vai rompendo ,  
 Mas Gorgoris se oppoem cõ segurança  
 Porq̃ naõ teme o golpe mais horrêdo ;  
 No firme escudo a toma ; & tal pujança  
 Mostra arrojando hum dardo q̃ temêdo  
 O Grego furor tanto , se desvia  
 Librando na destreza a valentia.

XLVI.

Ambos a hum tempo levam das espadas;  
 Com iguais brios este, & aquelle parte,  
 Aly se viram juntas, & igualadas  
 Em hum a fortaleza, em outro a arte.  
 Por largo espaço em iras porfiadas  
 Inspira em cada qual tal furor Marte,  
 Que nenhum dà lugar a que se veja  
 Se morrer antes, ou matar deseja.

XLVII.

O Grego se recolhe, & com o escudo  
 Multiplica defesa ao peito de aço;  
 A' vista do contrario o ferro agudo  
 Oppondo immovel co direito braço.  
 O Lusitano com Marcial estudo  
 De descompollo trata largo espaço,  
 Mas acha sêpre, q̄ por mais que insista,  
 Tê firme, & prôpta a mão, o passo, a vista.

XLVIII.

Na defenza impaciente se prepara  
 Cõ a força maior a hum golpe horrêdo,  
 Co forte escudo Ulysses se repara  
 De furor tanto, raios antevendo:  
 Raio a luzente espada se tornara  
 No fogo que scintilla, combatendo  
 O ferreo escudo, a cujo som parece  
 O Ceo que cae, a terra que estremece.

XLIX.

Quasi se inclina o Grego, & bem pudera  
 Fender tal golpe a hum penhasco duro,  
 De corage incitado naõ espera  
 Jugar cuberto, nem chegar seguro;  
 De todo o modo quer ferir; mas era  
 Combater com espada hũ forte muro:  
 A cada qual o brio tanto instiga,  
 Que diràs, Musa, q̄ igualmente o diga?

L.

Qual Austro, & Aquilon (tremendo a terra  
 É sendolhes a esfera campo estreito)  
 Bravos se encontraõ em furiosa guerra,  
 Iguais na cõpetencia, iguais no effeito;  
 Tais os dous heroes hum cõ outro cerra  
 Oppõdo escudo a escudo, peito a peito,  
 Atè que a furia a cada qual retira  
 Para que nelles se renove a ira.

LI.

Ergue a viseira o Grego já cançado  
 Para melhor poder tomar alento;  
 Com novo esforço, & animo dobrado  
 Hum parte para o outro a passo lento:  
 Tenta a contraria espada com cuidado  
 Ulysses, & com destro movimento  
 Usar procura da enganosa traça,  
 Que a hũa parte tira, outra ameaça.

LII.

Mas Gorgoris veloz tudo attendia,  
 A todos seus designios atalhava;  
 E em occasiaõ as armas estendia  
 Que cũa ponta o rosto lhe alcançava.  
 Já hũa alegre voz o ar rompia  
 Que a Lusitana gente levantava;  
 E do Grego brotavam, nesta injuria,  
 Mais que a ferida sangue, os olhos furia.

LIII.

Por offender furioso em vaõ trabalha;  
 E quanto o vigor falta, o furor crece,  
 Duplica golpes na cruel batalha;  
 Mas firme torre Gorgoris parece.  
 Qual rodèa inimigo alta muralha  
 Por ver se breve entrada se offerece;  
 Tal busca Ulysses hũa, & outra parte,  
 Mas não acha lugar a força, ou arte.

LIV.

Finalmente se arroja temerario,  
 Da vingança tratando, não da vida;  
 Até que a dextra perna, q̃ o contrario  
 Tinha diante, deixa mal ferida:  
 Aqui com brio novo ao adversario  
 Investe o Lusitano, sem que o impida  
 A grave dór; & bem o Grego entende  
 Que vir com elle a braços só pretende.

LV.

A's forças prevenido gigantêas  
 De si o aparta o corpo desviando;  
 Junto o suor, & sangue em m̃achas feas  
 A cor ao verde campo vão mudando:  
 As duras Parcas nas prolixas teas  
 Pararam do successo duvidando,  
 Que a guerra poz em duvidosa sorte,  
 E igual balança de hum, & de outro a morte.

LVI.

Mas quem de eterno solio governava  
 Na mente soberana a clara empreza,  
 E misteriosos meos dillatava  
 Por reservarlhe fim de mais grandeza:  
 Alto decreto em luz comunicava  
 Ao Genio, que da gloria Portugueza  
 Destinou protector; este se inclina  
 Com prompta obediencia à lei divina.

LVII.

Nũa ligeira nuvem de repente,  
 Escurecendo o ar se precipita  
 Entre ambos; & a vingança mais ardete  
 Quando mais a desejo lhes limita:  
 De vigor falto cada qual se sente,  
 E quanto mais moverse sollicita  
 Em maiores prisoês se julga atado,  
 Deixa o contrario, pugna com seu fado.

LVIII.

Como em pezado sonho representa  
 A fantasia triste o môr perigo  
 Ao que affligido està, & em vaõ intêta  
 Com ansias escaparse do inimigo:  
 Sem poderse mover, por mais que alêta  
 O coração, batalha sô consigo;  
 Assi cada qual delles se occupava  
 Nos duros laços com que pelejava.

LIX.

O' Circe (diz o Grego) em voz pezada,  
 (Que colerico apenas proferia)  
 O' Circe fera, estás de mim vingada,  
 Se te deixei, venceo tua porfia.  
 Mas suspende, cruel (se inda te agrada  
 Hum brando rogo, como em algũ dia)  
 Suspende hoje a vingança, q̄ vingarte  
 Poderàs desta vida em outra parte.

LX.

No mesmo tempo Gorgoris furioso  
 A voz confusa, registrado o alento:  
 O' Grego (diz) ò Grego cauteloso,  
 A triumpho adspiraste fraudulento?  
 Isto he primor, isto he ser valeroso,  
 Conseguir cõ encanto hũ falso intêto?  
 E vòs, ò Deoses, Deoses soberanos,  
 Dais favor tanto para tais enganos?

LXI.

Nestas rezoês turbado se queixava  
 Quando hũa voz da nuvem respondia:  
 Em vaõ favor do Ceo solicitava  
 Quem do que o Ceo decreta se desvia.  
 Naõ, Luso, o inferno a Polymiõ fallava,  
 E estorvar tanta gloria pretendia;  
 Deixa, enganado Rey, teu erro cego;  
 Funde Cidade illustre o sabio Grego.

LXII.

Parou a voz, & a nuvem se levanta  
 Resoluta no ar em claridade;  
 Com justa suspensão todos espanta  
 Por largo espaço a rara novidade.  
 As armas soltam; que evidencia tanta  
 Faz manifesta a superior vontade;  
 A Lusitana gente, pazes, grita,  
 Pazes, pois que o Ceo mesmo as solicita.

LXIII.

Paz (diz o Rey) valente peregrino;  
 Pois quer o Ceo, Calipso he tua esposa;  
 Qualquer que sejas logra teu destino,  
 Levanta essa cidade venturosa:  
 Se tens em teu favor braço divino,  
 Que mão serà contra elle poderosa?  
 Quem pode resistir, por mais q̃ intente,  
 Ao que nos mostra o fado claramente?

LXIV.

Eu (grita Polymión, & euristra a lança)  
 Que farei conhecer em campo armado  
 Que a nuvem q̃ em nós poẽ descõfiança  
 Naõ he obra do Ceo, nẽ do alto fado;  
 He magico poder, mas naõ alcança  
 A vil industria palma do esforçado;  
 Seguime Lusitanos sem receio,  
 Naõ sogeiteis a patria a jugo alheio.

LXV.

Cègo, soberbo, irado assí dezia;  
 E nem conselho, nem repostada espera:  
 Investe os inimigos com porfia  
 Da multidaõ seguido que o venera.  
 Em vaõ detello Ulysses pretendia,  
 Que furor tal rezoẽs naõ considera,  
 Mas cada vez brãdava mais furioso:  
 As armas sãs saõ leys ao valeroso.

## LXVI.

O Grego a furia tanta se retira,  
 Que segurar a paz assi pretende:  
 Gorgoris segue a Polymion com ira,  
 E em fim a Polymion sua vista rende.  
 A presenca Real sô resistira  
 Ao motim que no câpo Alecto estêde:  
 Desesperada em ver que era frustrado  
 Opporse às leys do soberano fado.

## LXVII.

O campo deixa ao Rey obedecendo  
 O bravo Lusitano, & triste parte  
 Aos patrios Douro, & Minho mal sofrêdo  
 Que se lhe negue a ley do fero Marte.  
 A's acclamadas pazes concorrendo  
 Os mais se jütã de hũa, & de outra parte,  
 E os Reys as confirmaraõ novamente  
 Cõ varios ritos de hũa, & d'outra gête.

## LXVIII.

Seguiose affectuosa sepultura  
 Dos que da vida a guerra despojara,  
 E dos feridos diligente cura  
 Que Gorgoris a Aquilio encomẽdara:  
 Quando entre estes se via a sorte dura  
 De Lysio, & Clicia com a fẽ mais rara,  
 Tendo a pena reciproca excessiva  
 A aquelle quasi morto, a esta mal viva.

## LXIX.

Mal viva a darlhe a vida ainda se atreve  
 Que para si não goza, fomentando  
 Entre as tepidas mãos de pura neve  
 O calor que nas delle vai faltando.  
 Do peito faz encosto ao pezo leve,  
 Dos delicados braços leito brando;  
 E enxugalbe, soltando laços bellos,  
 Do rosto o suor frio cos cabellos.

LXX.

Possivel foi (dezia) ò chara vida,  
 Que a Parca em ti triunfo procurasse?  
 Que o ferro mais cruel, prenda querida,  
 Chegãdo ao peito teu não se abrãdasse?  
 Mas eu (a lança não) fui a homicida,  
 Pois te chegou, sem q̄ por mim passasse,  
 Ay, doce amor; que nesta infausta sorte  
 Eu sò culpada sou, sem culpa a morte.

LXXI.

Sem culpa a morte? não, pois que tirana,  
 Quãdo cruel te mata, quer que eu viva;  
 Mas disculpada està se cuida ufana  
 Que ambos hum golpe sò de viver priva.  
 Isto certo imagina, & não se engana;  
 Que impossivel parece estar eu viva;  
 Que sinta, que respire nada importa,  
 Pois q̄ não morro já, devo estar morta.

LXXII.

Elle animando o alento pretendia  
 Responder amoroso à triste amante;  
 Mas conhecẽdo em fim que não podia  
 Levanta hum pouco a vista vacillante:  
 Pouco a sustenta em Clicia, que porfia  
 Com o vital desejo a alma anhelante,  
 Que da prisaõ fugira, se outros laços  
 Lhe não fizera a dama de seus braços.

LXXIII.

Docemente a prendia; mas receava  
 Que dentre os braços inda lhe fugisse:  
 A boca à boca pallida applicava  
 Porque à sahida o passo lhe impedisse.  
 Ou darlhe vivo assento procurava  
 Recebendõa em seu peito se sahisse;  
 Mas erra amante; pois para este effeito  
 Pouca ventagem vai de peito a peito.

LXXIV.

Antes em si, & em Lysio padecendo  
Unida à mesma dôr com laço forte,  
Estava menos viva, combatendo  
Hũa sò vida duplicada morte.  
Accoës, luz, & calor hia perdendo  
Juntamente com elle em igual sorte,  
Faltoulhe a voz, & lhe faltara a vida  
A ser falta capaz de ser sentida.

LXXV.

Mas por obra de Aquilio já estancado  
O sangue a Lysio, mostra aos circũstãtes  
Que a falta delle o tinha desmaiado,  
E as feridas naõ eraõ penetrantes:  
Naõ se atrevo a ser tam duro o fado  
Que dividisse tam fieis amantes;  
Restituídos à saude em breve  
Seu grande amor feliz successo teve.

FIM DO OCTAVO CANTO,

# ULYSIPPO.

## CANTO NONO.

### ARGUMENTO.

*Em vão intenta Polymião amante  
Alcançar a Calipso por esposa ;  
Pois vendoo em ancias tristes mais côstãte  
Finalmente o despede rigurosa.  
Ulysses da fortuna triunfante  
Com a bella Princesa se desposa ;  
Que ignorando que Amor a persuade  
Rende ao jugo de Amor a liberdade.*

I.

**E**M quanto a diligencia preparava  
O que era às Reais bodas cõveniête ,  
Polymião infeliz não descãçava ,  
Porq̃ a ira , & o amor lho não consente :  
De quantos vãos discursos fabricava  
Sahia lastimado novamente ;  
Que era materia ás chamas em q̃ ardia  
O que a triste memoria repetia.

## II.

Resolve-se a voltar, & disfarçado  
 Em novo trage quer tentar ventura;  
 Imagina enganar o adverso fado,  
 E que não o conheça assi procura:  
 Despede os seus; & sô de seu cuidado  
 Seguido, & perseguido, se aventura  
 A buscar no arraial a feliz sorte  
 De bem lograda vida, ou breve morte.

## III.

Chegou, quando já a noite afugentara  
 Da praia Occidental o bello dia,  
 Que, as bodas esperando luz mais clara  
 Para a seguinte volta prevenia.  
 Com ansias justas no rumor repara  
 Que no arraial alegre se estendia:  
 Este lhe diz que ha de perder em breve  
 O que imagina que a elle sò se deve.

## IV.

A tenda vai buscando da Princesa  
 Aconselhado sô do desatino;  
 Entrou, facilitandolhe a alta empresa  
 Por favor derradeiro seu destino;  
 Ou pena foi, mostrandolhe a belleza  
 De que injusto, & cruel o julga indinno:  
 Como, galhardo moço, êtraste occulto?  
 Mas se te guia Amor que difficulto?

## V.

Entretinha a Princesa a companhia  
 De doze damas, antes luzes bellas,  
 Dando esplêdor à noite, inveja ao dia,  
 Que trocara mil Soes por doze estrellas.  
 Subitamente entrando suspendia  
 Turbado Polymion a vista nellas;  
 Que ao esforço maior faltam sentidos  
 A raios de belleza prevenidos.

vi.

Cobrou alento, & quando vè que altera  
 A todas hum temor, hum justo enleio:  
 Eu sou (diz) se inda sou quẽ de antes era  
 Vivendo de mim proprio tam alheio:  
 Eu sou quem mais amante persevera,  
 (A pezar de ameaços de hum receio)  
 Na digna fe, na firme confiança  
 De que quẽ mais merece, mais alcãça.

vii.

Calipso, gloria eterna a minha pena,  
 Pena immortal a minha maior gloria;  
 Luz que dos olhos meus a luz serena,  
 Alma da vida, vida da memoria;  
 Que ordem fatal, que causa me condena  
 A triste exẽplo da mais triste historia?  
 Faltam partes em mim, como ventura?  
 Iguala em ti o rigor à fermosura?

viii.

Se por Amor se alcança ser amado,  
 Quem meu amor iguala na firmesa?  
 Se por nobresa; de hũ, & de outro lado  
 Quẽ pode aventejarseme em nobresa?  
 Se por tezouros, se por grande estado,  
 De meus estados sabes a grandesa;  
 Se por esforço; bem conhece o mundo  
 Que naõ ha nelle Polymidõ segundo.

ix.

Sõ naõ sei se meu rosto resplandece  
 Delicado, & gentil, para agradarte;  
 Que sõ consulto o espelho que offerece  
 Em claros feitos o glorioso Marte:  
 Mas nem creio, que affecto te merece  
 Belleza vã da natureza, ou da arte,  
 Nem que antepoahas a viril sembrãte  
 Aspeito vil de effeminado amante.

x.

Se o Ceo, ò rica prenda, te formara  
 Com sogeito capaz de humano prego,  
 È tudo finalmente me faltara,  
 Te merecera sò no que padego.  
 Mas não attendas isto, sò repara,  
 (Se que repares em meu bem merego)  
 Que a criação, o sangue, a propria terra,  
 Me prometê vitoria em tanta guerra.

xi.

Não creio, não; não creio que anteponhas  
 A minha fê incognito estrangeiro;  
 Meu mal sô nasce de q̄ não te exponhas  
 A declarar a elRey o amor primeiro;  
 Dispoente pois, q̄ quando te disponhas  
 Como merece amor taõ verdadeiro,  
 Presente estou, nem força, nem fortuna  
 Tanto poder terà que nos desuna.

xii.

Neste affecto que vez, neste amor puro  
 Tronos, Reynos, tezouros não respeito;  
 Teus braços para trono sò procuro,  
 Outro Reyno não quero que teu peito;  
 Nem mais tezouros (pella fê to juro  
 Que a tam doce prisaõ me tem sogeito)  
 Que os çafiros, rubis, & o aureo vello  
 De teus olhos, tua boca, & teu cabelo.

xiii.

Aqui chegava a pratica amorosa,  
 A triste voz do moço lastimado;  
 Quando menos amante que queixosa  
 Lhe diz Calipso com semblante irado:  
 Que occasiaõ indiscreta, ou licenciosa  
 Em mim, ô Polymidõ, vio teu cuidado  
 Que te assegure em tanto desatino,  
 De teu valor, de meu estado, indinno?

xiv.

Nunca entendi que a tanto levantava  
 Presumpção vã teu alto pensamento:  
 Em ti somente as partes estimava  
 Que aplaude a geral voz, sê outro intêto.  
 A natural vangloria te enganava;  
 Mas para que prosigo? se violento  
 O decoro, que já suspira, & clama  
 Que ouvir queixas de amante he de quẽ ama.

xv.

Pois (respõde elle) es mõte, es penha dura,  
 Que não queres sêtir de amor o effeito?  
 Naceste de algũ tigre por ventura?  
 Por ventura te falta humano peito?  
 Vê que quanto he maior a fermosura  
 Tanto fica do amor mais justo objecto;  
 Não queiras, não, ingrata à natureza,  
 Negar ás leys que dicta essa belleza.

xvi.

Se divina te vês, nota, senhora,  
 Que atê là chegam amorosas penas;  
 Baxou do claro assento a bella Aurora  
 Por abraçar o caçador de Athenas:  
 Diana casta a Endimiõn adora,  
 E todo o Ceo está seguro apenas;  
 Pois justamente mais de Amor infante  
 Teme o furor, que de Tifêo Gigante.

xvii.

Porque a Amor não offendem duros raios  
 Que com tronante dextra vibra Jove;  
 E a Jupiter Amor vibra desmaios  
 Na sutil sêta, que brincando move;  
 E quando mais furioso, mais ensaios  
 Cada qual faça, com que o rigor prove,  
 Na vitoria teraõ desiguais palmas,  
 Hũ fulminando a corpos, outro a almas.

XVIII.

Dissera mais, se não interrompera  
 Estas rezoês, em que elle descangava,  
 Com reposta Calipso mais severa  
 Do que nellas Amor pronosticava:  
 Não prosigas (lhe diz) q̄ he alta a esfera  
 A que teu brio o voo levantava;  
 E premio de qualquer merecimento  
 Baste o perdaõ de tanto atrevimento.

XIX.

Imagem, (lhe torn'elle) estampa breve  
 Em q̄ o pincel da perfeição se apura;  
 Maravilha maior, onde se atreve  
 Fazer ostentação a fermosura:  
 Ethna de amor em cuja viva neve  
 Os coraçãoes abraza chama pura,  
 Rica pompa do Ceo, & Ceo na terra,  
 Dos olhos paz, & do desejo guerra.

XX.

Bem reconheço que atrevido a amarte  
 Offendo o que mereces, & eu não nego;  
 Mas se queres culparme, & disculparte  
 Fazete menos bella, ou a mim cêgo;  
 Tu es culpa, & disculpa de adorarte,  
 E se o que adoro a merecer não chego,  
 O favor teu à falta mais notoria  
 Pôde fazer capaz da maior gloria:

XXI.

Que o merito, occasião de ser amado,  
 He nos celestes hum divino effeito;  
 E faz o Ceo ao homem adequado  
 A seu amor com o fazer perfeito;  
 Esse quilate teu aventajado  
 Pôde proporcionar qualquer sogeito,  
 Pois do Ceo a virtude he tam sublime,  
 Que meritos de amor no objecto imprime.

XXII.

Pois es de perfeição milagre ao mundo  
 Que admira em ti hũa animada rosa,  
 Faze que admire agora outro segundo  
 Em não seres cruel sendo fermosa;  
 Em teu favor minha esperança fundo,  
 O' não na frustres: mostre piedosa  
 Com quem, se não chegou a merecete,  
 Merece muito em merecer querete.

XXIII.

Mas ella sem o ouvir se recolhia  
 Num pequeno retrete; & elle obrigado  
 Das damas que a assistião, com porfia  
 Da tenda vai saindo perturbado;  
 Como, ô cruel ingrata, (lhe dizia)  
 Te vejo tam contraria a meu cuidado?  
 Esse rosto severo vejo agora  
 Que imaginava vello alegre Aurora?

XXIV.

Tantos rigores ougo dessa boca  
 Quando justos favores esperava?  
 A furor minha vista te provoca  
 Quando mais ã teus olhos me animava?  
 Pois nada alcãça quem humilde invoca  
 Amor em quem refugio sô buscava;  
 Mudaremos o estillo, por ventura  
 Faràs mais por rigor, que por brandura.

XXV.

Não lograràs, se eu vivo, o indigno esposo  
 Que anteporme a fortuna em vaõ pretêde;  
 Seja eu contigo embora riguroso,  
 Hei de offêder, ingrata, a quẽ me offêde.  
 Aqui parou das guardas temeroso,  
 Que para o seito q̃ arrojado emprende  
 Vê que lhe importa conservar a vida;  
 E para o campo achou facil sahida.

XXVI.

Com fervidos suspiros acendia  
 (Em quanto caminhava) o ar ambiente  
 Que, de piedade, quasi respondia  
 Em repetidos ecchos brandamente.  
 O' feminina condigaõ (dezia)  
 Quem averà que a teu rigor se isente?  
 Pòde já mais aver quem diga ufano  
 Que achou em teus effeitos trato humano?

XXVII.

Por pensaõ grave ao homem só procura  
 Produzirte no mundo a natureza,  
 Como gèra dos montes na espessura  
 Das serpentes, das tigres a feresa;  
 Mas oxalá que como se assegura  
 Destas feras a vida com destresa,  
 Fugir puderaõ prevençoẽs maiores,  
 (O' fera mais cruel) de teus rigores!

XXVIII.

Nem sangue, nem valor, nẽ amor grãde,  
 Nem rezaõ clara pòde convencerte?  
 Que averà, enemiga, que te abrande?  
 Que ã tudo estou disposto a merecerte;  
 O' queira o fado que Neptuno mande  
 A tuas praias outro; que a renderte  
 Bastará a novidade; assi vingança  
 Me darà deste Grego tua mudança.

XXIX.

E a ti, Rey, que enganado não permites  
 Que eu me possa vingar de tanta offesa,  
 Persiga o Grego assi que necessites  
 Do braço meu que te serà defensa.  
 Veràs teu erro, quando solícites  
 Em serviços de aggravos recompensa,  
 Veràs que o Rey que tinha tal vassallo  
 Devera fazer mais por contentallo.

xxx.

Ay, (tornava outra vez) Calipso amada,  
 De novo me rendeste rigurosa,  
 Se tam bella te vi, vendote irada,  
 Como te vira, vendote piedosa?  
 Como sofres, Amor, (mas pois te agrada  
 Causa deve obrigar-te misteriosa)  
 Que hũs olhos onde teu vigor respira,  
 Hum rosto onde tu reinas turbe a ira?

xxxI.

Jã não quizera, não, correspondencia,  
 Sò meu amor quizera permitido;  
 Nada lhe peço seu, tenha clemencia,  
 Pois o que he meu sò peço por partido.  
 Mas negue embora tudo; a resistencia  
 A Amor darã quilate mais subido;  
 Hei de ver qual de nõs he mais cõstante  
 Ella em ser inimiga, ou eu amante.

xxxII.

Morrerei, pois que quer, & Amor cõsente  
 Que quẽ vida me deu, seja a homicida;  
 Morre infeliz, que morres justamente;  
 Morra ao tormento quẽ morreo à vida.  
 Mas como sem vingança? a dor presẽte  
 Ceda agora à vingança merecida,  
 Ceda o desejo à ira; a dura sorte  
 Sustente a vida atẽ vingar a morte.

xxxIII.

Darei primeiro morte ao falso Grego,  
 Depois me desempare a vida odiosa,  
 Mas não farã, q̃ o fado, a q̃ me entrego,  
 Me ha de negar a morte por piedosa:  
 Nẽ quererã Plutaõ se ao Lethes chego  
 Que aly deixe a memoria rigurosa,  
 Ou, se a levar, q̃ as penas que dà graves,  
 A' vista de meu mal fiquem suaves.

xxxiv.

Assi pizando vai a sombra escura,  
 Retrato à confusão do afflicto peito,  
 A vingança traçando que procura;  
 O' de amorosa causa, duro effeito!  
 Elle em cuidados que o rigor apura,  
 Ella delles izenta em brando leito  
 A breve noite passam; que serena  
 Ministra, desigual, descanso, & pena.

xxxv.

Mas já na sexta aurora a luz sabia,  
 Restituindo a cor à escura terra,  
 Depois que dos concertos a alegria  
 Tornara em branda paz a dura guerra;  
 Quando o Dulychio sabio, em quẽ unia  
 Prodiga a natureza quanto encerra  
 Em Marte & Adonis; de sua sorte ufano  
 Parte do arraial Grego ao Lusitano.

xxxvi.

Com tanto luzimento o acompanha  
 Dos Gregos principais a melhor parte,  
 Que negam derrotallo á terra estranha  
 Força de Eólo, nem furor de Marte:  
 Nos Lusitanos recopilla Hespanha  
 Quanto precioso nella se reparte;  
 Que às desejadas bodas da Princesa  
 Devido affecto cumulou grandesas.

xxxvii.

Estava o Rey a Ulysses esperando -  
 Diante do arraial, em que se ouvia  
 Som de instrumentos varios alternado  
 Em confusão alegre melodia.  
 Por entre os esquadroes hiaõ chegado  
 A' tenda, onde a Calipso o Grego via  
 Que nelle, & em si, turbada, & vergonhosa,  
 Ajuntou chama a chama, & rosa a rosa.

Que raios mostra o Sol? o Ceo q̄ estrellas?  
 Abril, ou Maio, que jasmíns, que flores?  
 Que perolas o Oriente produz bellas?  
 Que rubíz de purpureos resplandores?  
 Que graças câta o mûdo? (ainda q̄ nellas  
 Se retratasse a Deosa dos amores)  
 Que seja cada qual bosquejo dinno  
 A's partes de seu rosto peregrino?

Musa, de cujos olhos nace ufana  
 Da maior luz a fonte mais perenne,  
 Pois dõnde vive o Sol, a graça mana  
 De Castalio, Lybethride, & Hipocrene;  
 Nem sempre dessa esfera soberana  
 Raios fulmine Amor, porq̄ eu mais pene;  
 Deixa coroarme, abrindo esse tezouro,  
 Se outras vezes de mirto, hoje de louro.

Bem sabe o mundo, que o feliz planeta  
 Que te assistio, te fez tam venturosa,  
 Que ensinar pôdes Pallas a discreta,  
 Como a Venus excedes por fermosa.  
 Que muito, pois, que louro se prometa,  
 Quem teu favor, quem teu alento gosa?  
 Quando nelle igualmente se assegura  
 Bella sciencia, & sabia fermosura.

Ensiname a pintar em breve suma  
 Belleza que a Calipso represente;  
 Não, que tomar de ti cores presuma,  
 Que não se deixa ver o sol luzente.  
 Mas, (porq̄ audaz as azas não cõsuma  
 Num raio teu) cõ sombra, (se a consête  
 Por misterio esse Sol) illustra a lira,  
 Que sò a luz de tua sombra adspira.

XLII.

Eburneo quadro na serena fronte  
 He de Calipso ao Ceo mais alta esfera,  
 Novo perigo de maior Phaetonte,  
 Sublime trono donde Amor impera.  
 Ostenta de ouro o lucido Horizonte  
 Scintillante esplendor que reverbera;  
 Com raios de çafir mostra inconstãte  
 Candor de neve, luzes de diamante.

XLIII.

Em dous arcos sutiz forma a Cupido  
 Mil arcos, antes sêtas amorosas,  
 Pois mil vezes se achou delles ferido,  
 Quando lhes punha as suas rigurosas.  
 Qualquer, posto que negro, mais luzido  
 Que as q̄ Iris mostra cores mais fermosas;  
 Arcos saõ triunfais, em cuja gloria  
 Logra o vencido o premio da vitoria.

XLIV.

Com duplicado Oriente em dous çafiros  
 Dous Ceos de maravilha desencerra,  
 Que fulminando luz em doces giros  
 Prometem pazes; mas intimam guerra:  
 Daly Amor cõ força de suspiros  
 Prende a aura, abraza o mar, & move a terra;  
 Daly o resplendor tremulo, & puro  
 A sombra torna clara, o Sol escuro.

XLV.

No delicado rosto admira Flora  
 O mais alegre, mais gracioso prado;  
 Cuja confusa cor Amor ignora  
 Em rosas, & em jasmims embaraçado;  
 Retrato celestial da bella aurora  
 Na varia luz do candido encarnado;  
 Antes duas auroras; & bem era,  
 Pois que tinha dous Soes aquella esfera.

XLVI.

Sutil relevo em proporção devida  
 He dos bellos confins divisaõ breve;  
 Que a censura invejosa, & atrevida  
 Admirar si, não emendar se atreve.  
 A fragrancia maior lhe deve vida,  
 Mais do q̄ ella frãgrãcia ás flores deve;  
 E chega a perfeiçã a augmentar graça  
 Donde as bellezas tem fatal desgraça.

XLVII.

Animado coral em dous diviso  
 Dã breve passo à voz suavemente;  
 Claustro de amor, terrestre paraizo,  
 Que à posse imaginada faz presente.  
 Produzindo hũa flor a qualquer riso  
 Amenidade mostra em campo ardente,  
 E em margẽs de rubiz, se não de rosas,  
 Tal vez hum mar de perolas preciosas.

XLVIII.

Terso cristal de pouca rosa ornado,  
 Bem delineado termo ao rosto bello,  
 Num ponto faz sepulcro desejado  
 A quem morre feliz chegando a vello;  
 Ou certo asillo ao moço faretrado  
 Que Venus quiz formar para escõdello  
 Das penas que recẽa merecidas  
 Em roubar coraçoẽs, & tirar vidas.

XLIX.

Torneada coluna de diamante,  
 Certissimo non plus da fermosura,  
 He dignamente venturoso Atlante  
 Daquelle Ceo à bella architectura;  
 Em varios gitos de çafir radiante  
 Entre o candor se mostra vea pura,  
 E em composto agradavel tudo brilha  
 Raios de luz, & luz de maravilha.

L.

Do cabello sutil, onde reparte  
 O mais precioso o Sol de seu tezouro,  
 Com luzentes prisoës forma hũa parte  
 A fronte branca diadema louro.  
 Outra, cõ desconcerto, industria da arte,  
 Cae nos hombros em diluviõ de ouro;  
 E na desordem que a belleza emprêde,  
 Quãto mais solta está, tâto mais prêde.

LI.

A delicada mão, bella açucena  
 Onde a neve de Juno se acredita;  
 Ou aljava de Amor, que doce pena  
 Com sinco niveas sêtas sollicita;  
 Quando bisarramente da aura amena  
 Cõ o airoso instrumêto o moto excita,  
 Acende mais no brando movimento,  
 Pois a incêdios de amor ministra vento.

LII.

Pende ao nacar da orelha em aurea esfera  
 Oriental margarita mais preciosa;  
 A garganta esmeraldas escolhera,  
 Atrevendose ao verde por fermosa:  
 Remate a collar rico hum fenix era,  
 Que abraza de rubiz ardente rosa;  
 E na candida mão, louro cabello  
 Indicas luzes fazem matiz bello.

LIII.

De sutil bysso, & prata do hombro dece  
 Hum manto azul cõ graça peregrina;  
 Veste purpurea cota que guarnece  
 De ouro, & de aljofar contextura fina;  
 Mas tanto não advirte quem merece  
 Do rosto ver a perfeição divina,  
 Que a atêçã que pudera o humano ornato  
 Occupa a luz do celestial retrato.

LIV.

Nella os olhos admiram que altamente  
 Se reduzira o Ceo a breve esfera;  
 O claro Sol a hum raio mais ardente;  
 A hũa flor a fresca primavera.  
 A melhor margarita o rico Oriente,  
 E na joia que tudo compuzera  
 Mostrava a graça por estranho modo  
 Ceo, Primavera, Sol, & o Mundo todo.

LV.

Vinte vezes o Sol por via clara  
 Correndo compassados parallellos  
 Os raios na canicula dourara  
 Em competencia vãa de seus cabellos;  
 Vinte ao decimo signo se apartara  
 Por fugir invejoso a dôr de vellos,  
 Depois que vio Lucina que trazia  
 Calipso nova aurora a hum bello dia.

LVI.

Quando nacia alegre se ajuntava  
 Em consonancia a prospera influencia  
 Dos melhores planetas, que a illustrava  
 Com soberanos doês por excellencia.  
 Sò a Lua, & Saturno lhe faltava;  
 Porque benigno o Sol lhe deu prudência,  
 Mercurio ingenho, Jupiter ventura,  
 Marte valor, & Venus fermosura.

LVII.

Qual cristalina fonte a caminhante  
 Pello rigor do estio mais sequioso,  
 Qual desejado porto a navegante  
 Pella força do inverno procelloso;  
 Qual fora achar hum lucido diamante  
 Em deserto caminho ao cobiçoso,  
 Foi sua vista ao venturoso Grego,  
 Que Amor deixou com esta vista cego.

## LVIII.

Em voz melhor sentida que formada  
 Doces ancias de amor lhe descobria;  
 A q̄ ella (a neve em purpura banhada)  
 Com silencio eloquente respondia.  
 Mas já curiosa advirte, já se agrada;  
 Do Grego o brio nota, a policia;  
 E o coração, que ao laço se acautella,  
 Em movimento he scintilante estrella.

## LIX.

Sente hum novo desejo que lhe rende  
 Primeiro a vista, donde passa ao peito;  
 Ama, não sabe que ama, nẽ cõprehende  
 Aquelle ignoto da alma doce affeito.  
 Bẽ crê q̄ intenta amar; mas não entẽde  
 O modo cõ q̄ a obriga o charo objecto;  
 E antes ao coração consume a chama  
 Que ella inocente se resolva em q̄ ama.

## LX.

A si mesma pergũta : em que me inflamo?  
 Que envolve, & q̄ revolve o pêsamẽto?  
 Que seria se amasse? amo, ou não amo?  
 O q̄ me turba he gloria, ou he tormẽto?  
 Se amo não sei, mas sei q̄ não desamo,  
 Pena serã, mas della me contento;  
 E se he, que declarar-se Amor não ousa,  
 Não tema q̄, ao q̄ sinto, he gentil cousa.

## LXI.

Em quanto nestas ancias duvidosas,  
 Já sente a dama glorias, já temores,  
 Celebrou Hyminêo bodas ditosas,  
 Que Juno cumulou de altos favores.  
 As bellas graças desfolharam rosas,  
 Assistio grata a Deosa dos Amores;  
 E com devido aplauso justamente  
 O Grego campo, a Lusitana gente.

# U L Y S S I P P O.

---

## CANTO DECIMO.

---

### ARGUMENTO.

*Para festivos jogos se adornava  
Praça Real; onde alta profecia  
Primicias das vitorias figurava  
Que o Portugues valor alcançaria.  
Herminio forte justas sustentava,  
De que applaudido vencedor sahia;  
A Polyton & a Argil Solisa bella  
Em contenda de amor poem com cautella.*

I.

**M**AS já Cupido successor de Marte  
Dillatava a amorosa monarchia;  
Amantes esquadroës de parte a parte  
A belleza das damas desafia.  
Eraõ armas os olhos, força a arte  
Que com cuidados almas combatia  
Os coraçõs ferindo, mas de sorte  
Que davam vida ameaçando morte.

## II.

Mostrarão-se os gentís competidores  
 Em hũas justas com igual intento  
 Porque com mōtes, & com varias cores  
 Cada qual descobria o pensamento.  
 As damas com indícios não menores,  
 O coração mostraram pouco izento;  
 Assi que claramente se conhece  
 Qual he o amante, & qual o favorece.

## III.

Largo campo se via preparado  
 Como convinha à occasião presente;  
 As leys das justas nũ cartel dourado,  
 Para os juizes o lugar decente.  
 Hum foi o velho Abrantio reputado  
 Justador de seu tempo mais valente  
 Em toda Lusitania; outro Claricio  
 Dos Gregos o melhor neste exercicio.

## IV.

Na parte principal se levantava  
 Hum palanque lustroso com grãdesa,  
 Onde reais assentos occupava  
 O Rey, o claro Ulysses, & a Princesa.  
 De hũa tapiceria se adornava  
 Que em Troia ouvera por maior riqueza  
 O sabio vencedor; & dom primeiro  
 Ao sogro foi de amigo verdadeiro.

## V.

De Cassandra não crida profecia  
 Era a historia que aly se debuxara,  
 Que a antiguidade entam não entêdia,  
 E depois o successo mostrou clara;  
 Não sem mysterio, quando tudo ardia  
 Ulysses dentre o fogo a libertara; )  
 As batalhas continha, que primeiras  
 De Portugal guiaram as bandeiras.

VI.

Viaõse os estandartes Lusitanos  
 Tremolar pellos campos deleitosos  
 Do manço Lyma cõtra os Castelhanos,  
 E encontraremse todos valerosos.  
 E logo os Portuguezes mais ufanos  
 Estavam adiante vitoriosos;  
 E o Rey contrario em desigual partido  
 A batalha deixava mal ferido.

VII.

De Ourique o largo campo se cobria  
 De fera gente em esquadroës armados,  
 Que com estrondo bellico seguia  
 Pendoës de meas Luas adornados.  
 A parte contraposta descobria  
 De hum Principe brioso governados  
 Pequenos esquadroës com estandartes,  
 Que ornavam Cruzes sò, por varias partes.

VIII.

Logo estes poucos com furor rompendo  
 Aquella multidaõ quasi infinita,  
 Mostrão no estrago cruel q̃ vão fazêdo  
 Que alento superior seu peito incita;  
 Atè que em fim o campo hia perdêdo  
 Com sinco Reys a gente Ismãelita;  
 E Affonso Portuguez nesta batalha  
 Em purpura Real trocava a malha.

IX.

Mais estendida estava a clara empresa  
 Da famosa Lisboa conquistada,  
 Pois não passara acção a subtileza  
 Que não deixasse ao vivo retratada.  
 Contrastava das ondas a bravesa  
 Das partes Boreais a grande armada,  
 Que o mar fingia, ã movimêtos graves,  
 Volantes pinhos, & nadantes aves.

x.

O valeroso Affonso, da alta serra  
 A que deu nome Cynthia, lhe enviava  
 Ligeiro lenho, que deixando a terra  
 Do Tagro promontorio, o mar cortava,  
 Em auspicio feliz à justa guerra  
 Os fortes estrangeiros incitava,  
 Que erão, saindo à praia em navais pōtes,  
 Armado parto dos alados montes.

xi.

Por hũa parte já dos Portugueses  
 Lustrosos esquadroes hiaõ marchando;  
 Por outra Belgas, Alemaes, Ingreses  
 As ordenadas tendas assentando.  
 Já sobre os muros lanças, & paveses,  
 Raios à luz do Sol reciprocando,  
 Mostravam, mais difficil, mais seguro  
 Sobre o muro de pedra hũ vivo muro.

xii.

Seguia-se hum combate temeroso  
 Com ardil, & com força resistido;  
 Hum socorro que entrara valeroso,  
 Outro dos cercadores impedido;  
 Sabidas do cercado cobigoso  
 Do pouco mantimento defendido,  
 E em todas as facçoens pintava a historia  
 Proesas dignas de immortal memoria.

xiii.

Nem ficara esquecida na pintura  
 Do bravo Infante Pedro a feliz sorte  
 Prêdêdo a bella Zaira em noite escura  
 Que busca em Alenquer presidio forte:  
 Ao namorado Achino, que procura,  
 Ou a querida esposa, ou cruel morte,  
 Concede liberal com mão piedosa  
 Vida, tezouros, liberdade, & esposa.

XIV.

A Lua sinco vezes se escondia,  
 Sinco vezes mostrava o rosto inteiro,  
 Quando a forte Cidade se rendia  
 Entrada no combate derradeiro;  
 Miseravel estrago ally se via  
 No Mauritano destro cavalleiro,  
 E pella Oriental parte finalmente  
 As quinas arvorava a Lysia gente.

XV.

Viase em outra parte, que marchando  
 De Badajôz o Principe Agareno  
 Socorrer a Cezimbra procurando  
 Com numeroso campo Sarraceno;  
 Feroz passava, & orgulhoso, quando  
 Posto em cilada hũ esquadraõ pequeno  
 (Sesenta Portuguezes) em fugida  
 O poz contente de escapar com vida.

XVI.

Portuguezas esquadras mais adiante  
 Hum Principe regia bellicoso,  
 Que, cõ nome de Sancho claro Infãte,  
 Representava a Marte mais famoso.  
 Das Transtaganas terras triunfante  
 Nas Beticas entrava mais furioso,  
 Fazendo que regasse a Andaluzia  
 Guadalquivir com sangue que corria.

XVII.

Mostravase hũa Villa a que cercava  
 Com multidaõ feroz de combatentes  
 O Miramamolim que governava  
 Com outros treze Reys diversas gêtes;  
 Porem de duas partes ajuntava  
 Affonso, & Sãcho os esquadroës valêtes,  
 E ao Miramamolim privava o Tejo  
 Da Torpe vida, & do cruel desejo.

XVIII.

Seguiase a vitoria que tivera  
O valor Portuguez do Mahometano  
Sobre Alcaçar do Sal, quando o vencera  
De exercito ajudado soberano.  
O Rey de Badajoz que o socorrera,  
Na companhia de tres Reys ufano,  
Vendo dos seus a lastimosa morte  
Os segue, & outro Rey na propria sorte.

XIX.

Nos campos de Tarifa se mostrava  
Todo o poder da Mahometana gente  
Que às Hispanas bãdeiras se humilhava  
Rendendose o maior ao mais valente.  
O Lusitano Affonso, que deixava  
Vencido ao de Granada, não consente  
Dillatarse o triunfo; corre fero  
A socorrer o valeroso Ibêro.

XX.

A batalha se via, que gloriosa  
A de Fronteira Lusitania chama,  
Empreza aos Portugueses tam famosa  
Quãto as maiores, q̃ a memoria aclama;  
Na Castelhana gente valetosa  
Aquelle braço portentoso à fama  
Do vitorioso Nuno, hia fazendo  
Irreparavel dano, estrago horrendo.

XXI.

De Aljubarrota o campo se estendia  
Cõ pendoões Castelhanos, & Leoneses,  
Que impossivel empresa parecia  
Ao pequeno esquadrão dos Portugueses;  
Mas tanto destes pode a valentia,  
Quebrando lanças, & rōpendo arneses,  
Que nos contrarios fez ultimo estrago,  
Tornando o verde cãpo em roxo lago.

XXII.

Tres montes a Valverde superiores,  
 Cujos valles regava o Guadiana,  
 Os Capitaes cobriaõ, que maiores  
 A gente respeitava Castelhana;  
 Os poucos Portuguezes vencedores  
 A gloria dillatavam Lusitana;  
 E o grande Nuno piamente orando  
 Os ajudava mais que pelejando.

XXIII.

A batalha de Touro ally mostrava  
 Quatro esquadroes valentes divididos;  
 Cada qual cõ o opposto se encontrava,  
 E os Portuguezes de hũ eraõ vencidos.  
 Mas logo o outro o dano reparava  
 Em feitos dos anais nunca esquecidos,  
 E o Principe Joaõ vitoria teve  
 Que à inveja maior mais gloria deve.

XXIV.

Tam natural representava o pano  
 Na sanguinosa historia o duro Marte,  
 Que era dos olhos voluntario engano  
 A adequada ficçaõ da sutil arte.  
 Naõ duvidava o lince mais ufano  
 Que o tacto achasse o corpo ã qualqr parte,  
 Mas sómente applicava attento ouvido  
 Para escuitar o bellico ruido.

XXV.

Mas o que falta ally se imaginava  
 Da arte o primor mais raro descobria,  
 Pois maravilha á obra acrecentava  
 Ver q̃ era viva a guerra & não se ouvia.  
 O palanque Real assi se ornava,  
 E de maior ornato lhe servia  
 Nas bellas damas tanto Sol, que destes  
 Inveja tinham os balcoes celestes.

XXVI.

Os varios instrumentos fabricando  
 Torres de consonancias sobre o vento,  
 Fingem que os ares còros alternando  
 Formam vozes no leve movimento.  
 Tudo alegrava, & suspendia, quando  
 Crece o rumor, & todos nũ momento  
 Os olhos poem no triunfante carro  
 Em que o mantenedor chega bisarro.

XXVII.

Foi este o grãde Herminio antigo amante  
 Da clara Estella; & vendo combatida  
 Sua esperança de outro, mais constante  
 A finge quando a julga mais perdida.  
 Vestido de leonado triunfante  
 Sobre hũa rocha entrou, onde esculpida  
 Esta empreza levava: firme, & dura  
 Na tormenta maior estou segura.

XXVIII.

Seguemno vinte seus com diferentes  
 Emprezas, que declaram seus amores;  
 Qual entre neve tras chamas ardêtes,  
 Qual agudos espinhos entre flores.  
 Algũs alegres, outros descontentes  
 Mostram seu pêsamêto em varias cores;  
 Em fim quanto se vê por toda a parte  
 Saõ invenções que deu Venus a Marte.

XXIX.

Clyto, galhardo quanto valeroso,  
 De cor leonada escura se mostrava  
 Por outra parte, em hũa nao, queixoso  
 De Estella como a letra declarava:  
 Navego em mar agora mais iroso  
 Quando em seguro porto me julgava,  
 Atè que me permita a dura sorte  
 Achar a clara estrella de meu norte.

xxx.

Dez o acompanham ; em que a bisarria  
 Dos Gregos se mostrou mais arrogãte ;  
 De hum admirava a empreza q̄ trazia ,  
 De outro a letra , ou a cor de firme amãte.  
 Qualquer delles cõ todos cõpetia  
 No discreto , no airoso , no galante ;  
 E viãose entre si por varios modos  
 Todos vencidos , vencedores todos.

xxxI.

A praça acompanhado rodeava  
 Com galhardo passêo conveniente ,  
 Em q̄ aos Reys , & aos juizes tributava  
 Devida cerimonia airosamente.  
 Diversos postos cadaqual tomava ,  
 Donde confusa se apartou a gente ;  
 Os carros deixaõ , já domam velozes  
 Quadrupedantes animais ferozes.

xxxII.

Os brutos ferem com igual intento  
 No mesmo instante q̄ ouvẽ as trõbetas ;  
 Voaõ co a furia que , excedendo o vêtto ,  
 Pellos ares sutiz levam as sêtas ;  
 Firmes nas sellas , reprimindo o alento  
 Vãõ buscando co as lanças as targetas ,  
 E rompendoas ally , voltam briosos  
 Para correr segunda mais furiosos.

xxxIII.

Com valerosos brios acomete  
 O Grego Clyto ; & hum tal golpe dava ,  
 Que ao Lusitano a tarja , & espaldercete ,  
 Por mais que eraõ seguros , destorçava ,  
 Mas ter de Herminio a lâça sô roquete  
 A Clyto aproveitou , porq̄ o encõtrava  
 De sorte , que , a ter ferro , estava claro ,  
 Que naõ achara seu furor reparo.

XXXIV.

Com novo alento cada qual se esforça  
 A vencer o contrario na terceira,  
 No braço a lança com vigor reforça  
 Mais q̄ da vez segunda, ou da primeira;  
 Fez Clyto sobre as pernas tanta força,  
 Que na apressada furia da carreira,  
 Dizendo; agora si, que te derribo,  
 Rompeo hũ loro, & se lhe foi o estribo.

XXXV.

Vitorioso ficou Herminio forte;  
 E o povo em cõfusão, q̄ a Clyto amava;  
 Culpando o Grego a rigurosa sorte,  
 A voz dos circumstantes o ajudava;  
 Mas, sem que nada seu favor importe,  
 Rigor das leys o premio lhe negava;  
 Quando â entrada da praça foi sentido  
 Com outro aventureiro outro ruido.

XXXVI.

Vinha Argil (de Solisa mal tratado  
 Sendo objecto de Amor por gentileza)  
 Mostrando na divisa de encarnado  
 Que era exêplo de amantes em firmeza.  
 Em hum grande heliotropio levâtado  
 Trouxe discretamente por empreza:  
 Se despresais, eu amo; & ainda espero  
 Ser meu fim que o de Clície menos fero.

XXXVII.

Com dous padrinhos em passêo airoso  
 Usadas cortesias vai fazendo;  
 E em hum murzello sobe, tam fogoço,  
 Que a terra em q̄ tocou fica tremendo.  
 Sinal o clarim dava bellicoso,  
 Quando acomete com furor horrendo  
 Tam ligeiro, que a vista naõ divisa  
 Se nas arêas, ou nos ares pisa.

Ambos se encontram, ambos juntamente  
 As lanças quebram com igual partido;  
 E na segunda espera Argil valente  
 Que seu contrario ficará vencido.  
 Mas culpa do cavallo inobediente  
 A' ley do freo, lhe deixou perdido  
 Hũ bravo encontro q̄ erra, cõ q̄ a gloria  
 Todos a Herminio deram da vitoria.

De verde á praça entrou Polyton Grego  
 (Que tambem a Solisa pretendia)  
 Sobre hũ carro como aguia, & seu emprego  
 Na letra q̄ levava descobria:  
 Por mais que a resplandores fique cêgo  
 Meu generoso amor não desconfia  
 De penetrar ao menos contemplando,  
 Quando não possa lá subir voando.

Com Python, que padrinho o acõpanha,  
 Dá volta ao campo, & nelle reconhece  
 O povo os brios cõ que o preço ganha,  
 E a maior bisarria lhe obedece.  
 Herminio em tão cõ presteza estranha  
 Muda hum cavallo, que igualar parece  
 Em cor a neve, em ligeireza o vento;  
 Polyton outro occupa em hũ momêto.

Soa a trombeta; cada qual brioso  
 Bate as esporas, hum com outro cerra;  
 Porem o Grego menos venturoso  
 Por alto o elmo do contrario erra;  
 Sobre o arçãõ de encõtro mais furioso  
 O derribou Herminio quasi em terra,  
 E por entre o braçal, & guardabraço  
 Da lança que rompeo deixa hũ pedaço.

XLII.

Levanta a gente a voz ; mas elle em breye  
 Confiado, na sella se firmava ;  
 E sae tam airoso, que lhe deve  
 O povo o grande aplauso que lhe dava.  
 Mas já Mencorvo, q̄ a provar se atreve  
 Fortuna cõ Herminio, o câpo entrava,  
 E na divisa grave que trazia  
 De laranjado, mostra que porfia.

XLIII.

Como por tempos largos pretendente  
 De Felisarda avia conhecido  
 Ser rigurosa sempre, & mal contente,  
 Posto que ã tinham muitos bẽ servido ;  
 Sobre hum Cameleão discretamente  
 Leva por letra : neste convertido,  
 E na parte em que vivo transformado  
 Hei de acertar a cor de meu cuidado.

XLIV.

Toma cavallo, com furor o lança  
 Em ouvindo o sinal, contra o inimigo ;  
 Por sima da viseira a Herminio alcãça ;  
 Mas sem offensa passa, & sem perigo.  
 A correr se dispoem segunda lança  
 Fiado na destreza, & esforgo antigo ;  
 Mas recebido hum golpe na arandella  
 Torceo a mão, & foi bater a tella.

XLV.

Entra Euriloco astuto, que sofria  
 Pella fermosa Fili o mdr tormento  
 Dillatado do pay, que naõ queria  
 Dar a estranho Himinèõ consentimêto ;  
 Vestindo pardo por brazaõ trazia  
 Nũa palma esta letra a seu intento :  
 Meu valeroso amor bem a merece,  
 Pois quãto o oprimẽ mais tâto mais crece.

XLVI.

Partem feito sinal com furia tanta,  
 Que impede que ventagẽ se conheça;  
 O forte braço Euriloco levanta,  
 Ao Lusitano alcança na cabeça.  
 Mas elle de tal golpe naõ se espanta,  
 Encõtra o Grego, & saltalhe hũa peça;  
 E por lei clara no cartel escrita  
 Para tornar à justa o inhabilita.

XLVII.

Naõ deu lugar a novos combatentes  
 O luminoso pay do moço insano,  
 Que já buscava aos raios mais ardentes  
 Mausolêio ceruleo no Oceano.  
 A geral voz dà vivas competentes  
 Ao valeroso Herminio Lusitano;  
 Quando outros chegaõ, q̃ cõ nova traga  
 Vistosa ostentaçaõ fazem na praça.

XLVIII.

Hesperio, que de illustre descendencia  
 Se jactava de antigos Reys Hispanos,  
 E tinha já de amores experiencia,  
 Sem privilegio achar nos poucos años;  
 Como se ouvesse humana providencia  
 Contra o doce rigor de seus enganos;  
 Trazia letra sobre hum crocodillo:  
 Quem naõ quizer viver pôde seguillo.

XLIX.

Leostenes, que em Ithaca a vontade  
 Tinha fiel na bella Clodonira;  
 Conservando nas almas lealdade  
 A fortuna que tanto os dividira;  
 Num Sol dezia: a outra claridade  
 De minha ausencia a noite naõ adspira,  
 Que me alumia cà no fim do mundo  
 A luz do Sol em que meu dia fundo.

## L.

A duas partes ambos divididos  
 Com multidaõ igual de companheiros  
 Dous esquadroes formavaõ tam luzidos  
 Que aos premios adspiravam dos primeiros.  
 A fingida batalha prevenidos  
 Quando à praça chegavão derradeiros  
 Com tanto aplauso os recebia o povo  
 Que par'elles comprara hum dia novo.

## LI.

Os escudos abraçam de aço finos,  
 Que amor de empresas varias adornava;  
 Nas langas, & nos peitos diamantinos  
 Raios de nova luz o Sol formava.  
 Com Marciais estrondos peregrinos  
 A guerra mais cruel se figurava;  
 Representando iguais de abas as partes,  
 Em poucos cõbatentes muitos Martes.

## LII.

Entre golpes horriveis encontrados  
 Cada qual era hum raio em ligeireza;  
 Igualmente galantes, & esforçados  
 Os brios ajuntavam co a destreza;  
 Eraõ todos amantes, & soldados,  
 Satisfazer queriam nesta empreza  
 Duas obrigações, que hũa bastara  
 Para animar a quem valor faltara.

## LIII.

Fora tal entre todos a igualdade,  
 Que para dar os premios prometidos  
 Mal à rezão a vista persuade  
 Quais ficaraõ dos outros excedidos.  
 Segundo a cada qual tem a vontade  
 Favorecendo està varios partidos,  
 Cõfuso o povo; & as damas sã cautellas  
 Mostravam jã quem soube merecellas.

LIV.

Mas os juizes (q̃ no grave aspeito  
 Não davam de afeição hũ breve indicio)  
 Ou mais amigos de hũs, ou sem respeito  
 Seguindo as leys do riguroso officio;  
 Julgam que Herminio sò tinha direito  
 Ao premio de mais destro no exercicio,  
 Polyton ao de airoso; & que vencera  
 Euriloco na letra que trouxera.

LV.

Ally não foram premio aos vencedores  
 Tripodes, armas, copas excellentes;  
 Que á justa Marcial, cobrindo amores,  
 Mal competiam doês de combatentes.  
 Com arbitrio discreto outros melhores  
 Os juizes repartem, convenientes  
 Para às damas servir, a que he devido  
 O trofêo dos amantes merecido.

LVI.

De alegres esmeraldas pura rosa  
 Premiava de Herminio a valentia;  
 Que Estella não aceita, ou vergonhosa,  
 Ou que offender a Clyto não queria.  
 Com hũ collar, que em obra artificiosa  
 Do ouro os quilates no valor vencia,  
 Euriloco servio a Fili bella,  
 Que o duro exêplo quiz seguir d'Estella.

LVII.

Com temor de successo semelhante  
 A Solisa Polyton offerece  
 O preço que levava de hum diamante,  
 E diamante seu peito lhe parece;  
 Mas ella, ou por cortez, ou por amante,  
 A seus humildes rogos obedece;  
 Dandolhe assi no mesmo instãte a vida  
 De que privou a Argil dura homicida.

LVIII.

Mas ou effeito foi da natureza  
 Mais mudavel em peito feminino;  
 Ou para ver Polyton, que firmeza  
 Em venturas não poz cruel destino;  
 Hum cravo, que tomara entre a belleza  
 De suas mãos valor mais peregrino,  
 Deixou cair a Argil Solisa, quando  
 Por junto do palanque hia passando.

LIX.

Alegre o levantou, & agradecido  
 Justamête ao favor cõ que o animava;  
 Viose outra vez Polyton combatido  
 Quando já vencedor se reputava.  
 Mas não desconfiando em seu partido  
 Cada qual estimado se julgava,  
 Allegando as rezoês com que parece  
 Que maior prego seu favor merece.

LX.

Qual diz, que quem recebe solicita  
 Empenho novo de maior cuidado;  
 Qual responde que dando facilita  
 Hum reciproco amor a confiado.  
 Antes (torna Polyton) o limita,  
 Pois, pagando, ficou desobrigado;  
 Quê dá (replica Argil) render procura,  
 E se obrigar-me quer, que mais vêtura?

LXI.

Assi com rezoês varias discorrendo  
 Se attribuiam ambos a vitoria;  
 Com rezoês, que lhes hia offerecendo  
 O desejo efficaz daquella gloria;  
 E pouco, & pouco tanto foi crescendo  
 Parando em fim em íra tam notoria,  
 Que se a Real presença os não tivera  
 Menos que as armas a rezaõ pudera.

O

LXII.

Mas Ulysses prevendo o que ordenava  
 Vestida Alecto em dissençaõ furiosa,  
 Facilmente os amantes apartava  
 Da contenda cruel quanto amorosa.  
 Dos assentos Reais se levantava,  
 Com o Rey Lusitano, & cõ a esposa,  
 Assi a questam deixaram indecisa  
 Do favor duvidoso de Solisa.

LXIII.

Ouve outros cavalleiros, que premiados  
 Por invençoẽs sahirãõ justamente;  
 Que a titulos diversos, sinalados  
 Destinou preços attençaõ prudente.  
 Alegres se partiram, & coroados  
 Com insignia de louros competente;  
 E destes louros deu a fermosura  
 Nome àquelle lugar que hoje lhe dura.

LXIV.

Faltou Nabancio, & outros neste dia;  
 Por muito que esforgarse pretendera,  
 O rigor das feridas o impedia  
 Que na guerra passada recebera.  
 Com sombra a noite já tudo cobria,  
 E com pressa maior entam decera,  
 Querendo anticiparse, de invejosa,  
 Por ter o aplauso de que o dia gosa.

FIM DO DECIMO CANTO.

# U L Y S S I P P O.

---

## CANTO UNDECIMO.

---

### ARGUMENTO.

*Para turbar a paz Plutam ordena  
Entre Argil, & Polyton desafio ;  
Dorinia amante ao risco se condena,  
Quasi lle custa a morte tanto brio :  
Cessa de muitos a amorosa pena  
Com bodas que ajustou ao alvedrio  
De cada qual o Rey. Sibilla santa  
De profecia epithalamio canta.*

I.

**A**SSI por varios modos novo augmêto  
A paz já confirmada recebia,  
Mas de alteralla venenoso intento  
O ministro Tartareo não perdia.  
Revolve no furioso pensamento  
Como prosiga a pertinaz porfia ;  
E da occasião alegre fogo acende,  
Instrumento adequado ao q̄ pretende,  
O 2

II.

Vê a Argil, & a Polyton empenhados  
 No favor de Solisa duvidoso;  
 Procura persuadillos a que armados  
 Dem à questam successo lastimoso;  
 Que assi de nova causa estimulades  
 Lusitanos, & Gregos, mais odioso  
 Furor levantaria, que o primeiro  
 Em amor convertido verdadeiro.

III.

Facil lhe foi a empreza, achando o peito  
 De cada qual disposto á maior ira,  
 (Em contenda amorosa a que respeito  
 Hum resolutu amante se retira?)  
 Redúz o intento fero a breve effeito,  
 Porque ambos, co furor que lhes inspira  
 Cometem; destinando campo, & praso,  
 A singular batalha o incerto caso.

IV.

Por mais que qualquer delles pertendera  
 Não descobrir o duello concertado,  
 Argil tanto encobrilho não pudera  
 Que não fosse a Dorinia revelado.  
 A maior vigilancia que tivera  
 Em occultallo fora vão cuidado,  
 Pois, amante, & ciosa, vaõ intento  
 Fora querer negarlhe o pensamento.

V.

Competia em Dorinia com nobreza  
 Illustre emulação de fermosura;  
 Mas não acompanhou tanta belleza  
 Em successos de amor igual ventura.  
 Por ver das bodas a Real grandeza,  
 (Donde a Escabis faz de prata pura  
 Corrête espelho o Tejo) os pays seguia  
 Fazendolhe outras damas companhia.

## vi.

Amava a Argil Dorinia finalmente  
No limite ao decoro permittido;  
Mas nelle outro cuidado não consente  
Mostrarse a tanto bem agradecido;  
Assi varia alternou sorte inclemente  
Amor em ambos mal correspondido,  
Pois se elle neste fogo livre estava,  
Na neve de Solisa se abrasava.

## vii.

Como soube Dorinia o desafio  
Suspensa se encostou no brando leito,  
Contrastando da dôr o justo brio,  
Por não violar com vozes o respeito;  
Mas chegando a renderse o alvedrio  
A's ancias em que ardia o fraco peito,  
Rompeo (a estancia vendo solitaria)  
Nestas rezoões com força voluntaria.

## viii.

Ay de mim! que farei? que mais espero,  
Quando tam claro vejo o desengano?  
Porq̃ es, Argil, ingrato ao que te quero,  
Ou ao menos não mostras peito humano?  
Em ti todos os vicios considero,  
Que afeão mais hum coração tirano;  
Alem de ser ingrato, es homicida,  
Roubas cruel a prêda mais querida.

## ix.

Es homicida injusto a quem pretende  
Com fiel coração sô contentarte;  
Que às de fazer, tirano, a quẽ te offêde,  
Se matas a quem te ama por amarte?  
Se me queres matar, porque depende  
Teu gosto de eu morrer, quero agradarte,  
Mas dizemo, cruel, terei a morte,  
Sabendo que te agrada, a feliz sorte.

x.

Tirano roubas, & a cobiça cevas  
 No que, por mais querido, mais se sête;  
 No coraçã não digo, que esse levas,  
 Porque a alma voluntaria to consente.  
 Em ti digo, queixosa que te atrevas,  
 Sendo meu, a roubarme cruelmente;  
 Restituite a mim, que he vil trofeo,  
 Se te queres vingar, levar o alheio.

xi.

Naõ te quero largar, por mais que veja  
 Que es homicida, q̄ es tirano, & ingrato;  
 Qual posso imaginar q̄ o de outro seja,  
 Quãdo ã ti chego a ver taõ falso trato?  
 Tu entre os homẽs, a pezar da inveja,  
 Dos amantes mais firmes es retrato;  
 Pois entre os mais cõ cuidadoso estudo  
 Te aventajou a natureza em tudo.

xii.

Como consinto, pois, q̄ a hũ golpe duro  
 Da fortuna te arrisques temerario?  
 Se amarte mereci, como aventureiro  
 O bem maior a hum dano voluntario?  
 Se com meu proprio risco te asseguro,  
 Que mais revolve o pensamento vario?  
 Ay, morra eu sô por ti, que te offereces  
 A perigo cruel que não mereces.

xiii.

Aqui, do pensamento arrebatada  
 A deixou muda hum amoroso effeito;  
 Nuvem da dõr interna dillatada  
 O ar turbava do sereno aspeito;  
 Sobre hũa mão a face delicada,  
 A dextra tinha sobre o eburneo peito,  
 Em terra os olhos, com affecto brando  
 Lagrimas duvidosas scintillando.

## XIV.

Mas torna em si, culpando a dura estrella,  
 Que ã Argil lhe ameça a propria vida;  
 Imagina mil modos de perdella,  
 Por ver a que mais ama defendida.  
 Armarse determina, & com cautella  
 Sair ao campo quer desconhecida,  
 Porque qualquer successo da aventura  
 Remedio ao mal q̃ teme lhe assegura.

## XV.

Amor que tudo pôde, Amor (dezia)  
 Assistirá piedozo a tanta empreza;  
 Nelle libro o valor, que pois me guia  
 Não temo já das armas a fereza.  
 Ou sendo a Argil valente companhia  
 No furor da batalha mais aceza,  
 Ou em combate igual cõ maior gloria  
 Me pronóstica Amor certa a vitoria.

## XVI.

Imaginando assi, já temerosa  
 No coração sentia incerto affeito;  
 Que contenda formavam duvidosa  
 Honestidade, & Amor no brando peito.  
 Como, ô Dorinia, a joia mais preciosa,  
 (O decoro clamava) sem respeito  
 A teu estado, arriskas? como as santas  
 Observações que te ensinei quebrâtas?

## XVII.

Queres amante nescia despenharte  
 Do alto de teus brios, com ruína  
 Justa occasião a Argil de despresarte;  
 Que por facil te julgue esposa indinna?  
 Na rosa mea aberta, & q̃ inda em parte  
 O botam verde esconde, Amor ensina  
 (Se advirtes bem) q̃ a timida donzella  
 Quanto se mostra menos he mais bella.

XVIII.

Mas doutra parte Amor cõ doce engano  
 Entre lisonjas vãs se lhe apresenta;  
 Naõ vez (lhe diz) q̃ todo o peito humano  
 Sò de amorosas glorias se alimentã?  
 Pois como? es filha tu de tigre Hircano?  
 Tambem ao fero tigre Amor sogeita;  
 Não tens peito de ferro, ou de diamãte  
 Para te envergonhar de ser amante.

XIX.

Tudo obedece a Amor; a clara estrella  
 Companheira do Sol, segunda Aurora,  
 Ri-se porque ama, scintillando bella,  
 Que se naõ fora amante triste fora;  
 Mas naõ he maravilha que ame aquella  
 Que influe amor, & jũto ao fogo mora,  
 Quãdo entre as aguas tẽ chamas suaves  
 Os ligeiros delfins, as orcas graves.

XX.

O passarinho, que de ramo em ramo  
 Com doces ancias pellos bosques erra,  
 Vai dizendo ao q̃ segue: eu amo, eu amo,  
 Mostrãdo as vozes o q̃ o peito encerra.  
 Naõ escapa de Amor o veloz gamo;  
 O leaõ generoso na alta serra  
 Se hum rugido tal vez do peito tira  
 Cuidamos que he furor, & elle suspira.

XXI

Sigue a Amor que te guia, onde deseja  
 Que Argil te mostre fee agradecida,  
 Que naõ serã cruel quando te veja  
 Sacrificar á sua a propria vida;  
 Cruel es tu; pois, quando o fado o seja,  
 Dillatando o favor, es a homicida;  
 Corre, amante cruel, que desta sorte  
 Lhe comprarã a vida com tua morte.

xxii.

Naõ tantas cores muda o raio ardente  
Do Sol brilhante ao collo delicado  
Da mimosa de amor pomba innocente,  
Que mostra em luzes varias esmaltado;  
Quantos discursos vãos na dubia mête  
Da dama alterna o misero cuidado;  
O decoro, & o amor combatem a alma,  
Mas o affecto mais doce alcãça a palma.

xxiii.

Jã resoluta, as armas vê pñdentes  
Cõ q̃ o galhardo Euclorido se armava;  
(Euclorido, que às partes excellentes  
Ser irmão de Dorinia accumulava.)  
Sem mais detença as peças conveniêtes  
Ao corpo desigual accomodava;  
Accomodallas todas bem sabia,  
Que algũa vez a Euclorido assistia.

xxiv.

O pezado metal os hombros doma,  
Que mereciam jugo mais suave;  
No braço delicado o escudo toma,  
E mal sustentar pôde o pezo grave.  
Dentre a viseira a fermosura assoma  
Cõ temor justo de q̃ Amor se aggrave,  
Mas elle ria, deste mais ufano,  
Que do femineo trage do Thebano.

xxv.

Sae ao campo, das sombras ajudada  
Que dá a furtos de amor a noite amiga;  
Mas apenas se move embaraçada  
Do terçado, do escudo, & da loriga;  
Arrepñdida quasi de cançada  
Naõ sabe já se volte, ou se prosiga,  
Tal vez de Amor se queixa; tal parece,  
Que as penas q̃ ministra lhe agradece.

XXVI.

Covarde Amor, (dezia) que, invejoso  
 Da liberdade minha, me rendeste,  
 Que alto triumpho, que trofeo honroso  
 Nesta humilde vitoria mereceste?  
 Jactate se dominas vitorioso  
 Hum heroe forte, hum coração celeste,  
 E não de hum peito fraco aver rendido  
 Que no primeiro encontro foi vencido.

XXVII.

Tu es o que presumes de beninno?  
 Tu es o que te jactas de piedade?  
 E não a tês de hum peito feminino  
 Asêtear com tanta crueldade?  
 Tu de Venus terás sangue divino?  
 Não, não, traidor cruel; he falsidade:  
 Que sô a hum môstro tal, a hũa tal fera  
 Pode gêrar do Cerbero Megèra.

XXVIII.

Mas nescia, q̄ me queixo? se eu me engano  
 (E não Amor) com louca fantasia;  
 A vida arriscarei por hum tirano  
 Já mais piedoso às ancias que entêdia?  
 Mudou a cor? mostrou sinal de humano  
 Quâdo banhar-me em agua os olhos via?  
 O' desprezado amor! a ti a vingança  
 Da injuria ha de tocar, q̄ sò te alcança.

XXIX.

Tornate em odio; ao Grego favor dando  
 Façamos todos guerra a este enemigo;  
 Não he rezaõ q̄ eu mostre peito brãdo  
 A quem ferezas sempre usou comigo.  
 Se elle he traidor a culpa occasionando  
 De que pôde accusarme quando o sigo?  
 Mas (ay triste Dorinia) que apeteço  
 A sem rezaõ, o mal que reconheço!

xxx.

Quanto elle mais cruel, eu mais piedosa  
 Quero expor pella sua a propria vida,  
 Acção, que fora menos generosa  
 De meritos iguais correspondida.  
 Quem vio força de amor taõ misteriosa  
 Que se assegura mais quando duvida,  
 E, como ã outros de esperar se augmẽta  
 Quando menos espera se acrecenta?

xxxI.

Tu sumo Jove, que desse alto assento  
 Vês quantas seu rigor ancias me custa,  
 Se estes suspiros meus naõ leva o vêtõ,  
 Se para amores tens balança justa;  
 Vè seu peito cruel, vè meu tormento,  
 A culpas tantas o castigo ajusta,  
 Faze, que o fero autor de minha pena  
 Morra da propria morte q̃ me ordena.

xxxII.

Faze que arda de amor sem ser amado,  
 Que em vaõ, sem ser ouvido, se lamẽte,  
 Que quando espere premio a seu cuidado,  
 Outro veja anteposto indignamente;  
 Mas ay, que he pouco para taõ culpado,  
 Dalhe, senhor, castigo equivalente;  
 Que eu, por mais q̃ imagino, nenhũ vejo  
 Igual ao que merece, & ao que desejo.

xxxIII.

Nestes colloquios entre si contrarios  
 O fatigado peito divertia,  
 Fazendo à noite, & ao cãpo secretarios  
 Dos misterios de amor, que descobria.  
 Entre gemidos vaõs, discursos varios  
 Em hum bosque apartado jã se via,  
 Teatro ao duello, a seu caminho mẽta,  
 Que com temores novos a inquieta.

xxxiv.

Aura suave, que sutil respire,  
 Folha que leve caia, ou que se mova,  
 Amante passarinho que suspire,  
 Tudo o temor, & a pena lhe renova;  
 Porque ella mesma contra si conspire  
 Seu temerario intento já reprova,  
 De arrojada se culpa, de atrevida,  
 E do valor que a trouxe já duvida.

xxxv.

Jà ( diz ) Dorinia, estàs em campo armada,  
 Sò te falta que chegue este enemigo;  
 Poderàs menear escudo, & espada?  
 Ou perderàs o alento no perigo?  
 Si poderei de Amor acompanhada,  
 Cuja bandeira confiada sigo;  
 O' meu valente braço, já parece  
 Que em ti hũ valor novo se conhece.

xxxvi.

Assi dizendo : eis via que chegava  
 Hum vulto, que no ar pardo mal divisa,  
 ( Que inda q̃ a Aurora já se levantava,  
 A certeza da luz era indecisa. )  
 O forte Argil em vella naõ tardava  
 Que do contrario o coração o avisa;  
 E em cõformes rezoẽs ao duro intento  
 Hia chegando na reposta attento.

xxxvii.

Conheceo ella o inimigo amado,  
 E, em justa confusaõ, nada responde,  
 Mas com brio, em temores affectado,  
 As armas estendendo o rosto esconde;  
 Atè que elle, de furia estimulado,  
 A mostras tais em golpes corresponde,  
 E hum rompe audaz o peito cristalino,  
 Que de golpes de Amor era só dinno.

XXXVIII.

Cae, soltando as armas de repente,  
 Banhada em sangue a infelice amante;  
 Elle no facil da vitoria sente  
 Naõ ser Polyton o que tem diante.  
 Nos braços a levanta brandamente,  
 Quando conhece o angelico sembrâte  
 Perdida a cor, & a graça peregrina,  
 Como cortada a candida bonina.

XXXIX.

Confuso Argil, Dorinia mais confusa,  
 Os faz emnudecer hum brando affeito;  
 Abr'ella os olhos, & outra vez recusa,  
 Como agravada, olhar o charo objecto.  
 Já olha, já perdoa, já o accusa:  
 Mostrando em hũ sò acto vario effeito  
 O duplicado Sol, com doces giros  
 Entre suaves auras de suspiros.

XL.

Sobre ver, ou naõ ver o objecto amado  
 Cos olhos forma o coração contenda;  
 Teme hum ficar da vista lastimado,  
 Outros affectam luz na doce prenda;  
 Buscam, & fogem, com igual cuidado,  
 Hũs q̃ a vista os regale, outro q̃ o offêda;  
 A naõ olhar o coração se esforça;  
 Mas a gloria de ver tem maior força.

XLI.

Elle entretanto os olhos humedece  
 Com tributo devido a tanta magoa,  
 Em cuja recompensa se offerece  
 O coração a desfazerse em agoa.  
 A Dorinia com ella o fogo crece  
 Do peito ardente na amorosa fragoa;  
 Mal guardada vergonha intempestiva,  
 Deixame (diz) fallar para que viva.

XLII.

Aqui de novo alento a voz reveste,  
 Para a contraria espada a vista inclina:  
 O' ferro (diz) piedoso, que soubeste  
 A ferida de amor ser medicina!  
 Pergunta â maõ cruel que obedeceste  
 Em me não acabar que determina?  
 Quer sustentarme vida com que veja  
 Que por Solisa contra mim peleja?

XLIII.

Ay, morra eu antes: que do Ceo espero  
 Justissima vingança ao mal que choro,  
 Pois não pôde negar, por mais severo,  
 Devida protecção a meu decoro;  
 Os Ceos que adoro, os Deoses q' venero;  
 Mas q' digo, que Ceos, ou Deos adoro?  
 Quando este peito adoração consente  
 (Idolo meu cruel) a ti sómente.

XLIV.

Nas ultimas rezoës, que mal formava,  
 Levanta ao charo objecto a fraca vista,  
 Como se è vello ao mal q' a desmaiava  
 Antidoto saudavel sô consista.  
 Elle na mesma pena a acompanhava  
 (Que a hũ peito ferreo tâta d'õr conquista)  
 Assemelhando a desmaiada amante  
 No silencio, no alento, & no sembrãte.

XLV.

Neste passo os achava lastimoso  
 Chegando o Grego, que confuso para;  
 O' maravilha amor! que he poderoso  
 A render tudo aos meos que traçara.  
 Foi o primeiro Argil que do amoroso  
 Profundo parocismo despertara,  
 E, mal certificado em que vivia,  
 A voz dentre suspiros despedia.

XLVI.

Eu vivo?—ainda respiro? ainda este alento  
 Não desempata taõ odiosa vida?  
 Ainda vejo esta luz por mais tormêto?  
 Luz q̄ me ha de acusar fero homicida;  
 O' mão sempre cruel! hoje instrumento  
 Seràs piedoso, com que a morte impida  
 A este peito afligido a justa pena  
 Que o fado injusto dillatarlhe ordena.

- XLVII.

Sumerso assi na dôr, que o desespera  
 Arrojarse na espada determina,  
 Que hum Piramo següdo entaõ fizera,  
 A não lhe ser a sorte mais beninna;  
 Porem Polyton, qual se ally viera  
 A estorvarlhe sômête a morte indinna,  
 Apressado o soccorre, & o braço prêde,  
 Que já a ponta cruel ao peito estende.

XLVIII.

Voltava Argil a ver quem o detinha,  
 E vendo ao Grego, diz, tu me defêdes?  
 O' inimigo da fortuna minha  
 Quãdo defêdes mais, q̄ quãdo offendes.  
 Esta cruel acçaõ bem te convinha,  
 Pois sò de crueldade usar pretendes;  
 Deixa, cruel, que me conceda a sorte,  
 Pois não ameí na vida, amar na morte.

XLIX.

Humano o Grego às ancias assistia  
 Que ao Lusitano a dôr multiplicava;  
 De Dorinia o remedio lhe advirtia,  
 Que elle na pena attento dillatava.  
 Mal respirando a dama parecia  
 Que a delicada vida desatava;  
 Elles, os fortes braços ajuntando,  
 Em leito a levam, por piedoso, brando.

L.

Chegam de Argil á tenda; ally concorre  
 De ambos os campos admirada a gême;  
 Aos lastimados pays a fama corre,  
 Que é toda a noite a tê buscado ausête;  
 Com differente voz que vive, & morre  
 Pello arraial pública variamente;  
 Chega ao velho Chirôn, q̄ sem tardãça  
 Tras do remedio a unica esperanza.

LI.

Era Chirôn da cêga antiguidade  
 Filho do gram Saturno reputado,  
 E por sabio maior daquella idade  
 No mundo justamente respeitado;  
 Dos humores notando a variedade  
 Autor da medicina era chamado,  
 E de entre as ervas que no campo via  
 As occultas virtudes descobria.

LII.

Por largo estudo, largas experiencias  
 Penetrava a regiaõ dos sutiz ares,  
 Constellações, eclipses, influencias,  
 Aspecto dos celestes luminares,  
 Dos tempos as iguais correspondencias,  
 A mudança, os secretos singulares  
 Do vario celestial globo de prata,  
 Como retira o mar, como o dillata.

LIII.

Das armas brevemente despojava  
 A fraca dama já quasi sem vida;  
 Que do amor, & do ferro lastimava  
 Hũa chaga patente, outra escondida.  
 Tccada de Chirôn se desatava  
 Quasi em sanguineo nectar a ferida,  
 E tudo o a que chegou adspira a rosa,  
 Tomando cor de Venus mais fermosa.

## LIV.

Prodigio estranho ( amante , & lastimado  
 Dezia Argil ) portento peregrino !  
 A Aurora de coral rocia o prado ,  
 E chove sangue o Ceo mais cristalino.  
 Quem vio dêtre alabastro despenhado  
 Hum rio manancial de ruby fino ?  
 De eburnea fonte , purpura corrente ?  
 Ou minio de cristal resplandecente ?

## LV.

Sangue precioso com q̄ Amor conquista  
 Hũ duro coração , se a Amor respondes ,  
 Dize se es sãgue , ou fogo ? pois na vista  
 Pareces sangue , & fogo no q̄ escõdes.  
 Que diamante averà que te resista ,  
 Se a rigores piedoso correspondes ?  
 Jà a liberdade minha te offereço ,  
 Que bem vendida vai por tanto preço .

## LVI.

E tu , candido peito , pompa rica  
 Dos tezouros de Amor , assi chagado  
 As ancias que minha alma te dedica  
 Invejadas com mais felice estado ;  
 Que a ti breve remedio pronostica  
 Erva , licor , ou succo distillado ,  
 Mas eu ardendo em pena tam sã meio  
 Todo o bem a meus males julgo alheio .

## LVII.

As ultimas palavras sumergia  
 De lagrimas caudais pura torrente ,  
 Que ao mesmo passo q̄ à ãcuberta abria  
 Curou na dama a chaga mais patente.  
 Voz dos facundos olhos repetia ,  
 ( Ferindo o eccho nalma docemente )  
 Que estimava Dorinia por suave  
 D'hũa , & de outra ferida a pena grave .

Naõ te lastime, não, terme ferido,  
 ( Parece que dezia suspirando )  
 Alvo a teus golpes sou já conhecido,  
 O que me deste agora, foi mais brando.  
 Feriste o que era teu; mas, nũ gemido,  
 Elle a atalhava, quasi replicando :  
 Ay, naõ meu; q̃ naõ quiz quãdo te tinha,  
 E só quando te perco, entam es minha.

Em tanto Chirõn ervas applicava  
 Tam efficazes à mortal ferida,  
 Que inesperadamente revocava  
 De entre as sombras da morte á fugaz vida;  
 Com tanto aplauso a fama celebrava  
 De Dorinia a saude conseguida,  
 Que o nome de, Chironia, hoje cõserva  
 A difficil ferida, & Chirõn eriva.

A nova luz Argil resucitado  
 Na vida que cobrara a dama bella  
 Com o himineo já de ambos desejado  
 Escusava temores de perdella.  
 Polyton mais seguro em seu cuidado  
 Pode, a Solisa amando, em fim vencella  
 Sem competencia; assi sorte beninna  
 Guia os fins venturosos que destina.

Lograram sorte igual naquelle dia  
 Os demais namorados pensamentos;  
 Que Gorgoris prudente assi queria  
 Em todos prevenir outros intentos;  
 E, como nos amantes advirtia  
 Igual valor, iguais merecimentos,  
 Seguindo a ley de Amor mais rigurosa  
 Por eleiçãõ das damas os desposa.

## LXII.

O grande Herminio mereceo a Estella;  
 O valente Mencorvo a Felisarda;  
 Euriloco discreto a Fili bella,  
 (Que a feliz sorte quãdo vê naõ tarda);  
 Lisio alcançou a Clicia, ou antes ella  
 O conquistara com a açcaõ galbarda;  
 Rendeo Nabancio o coraçãõ guerreiro  
 Da alta Arminilda q̃ o rêdeo primeiro.

## LXIII.

Jã no Oceãno o Sol quasi sumerso  
 Mea viva mostrava a luz ao mundo,  
 No Orizante o crepusculo disperso  
 Parece q̃ ameaçava hũ chaos profũdo;  
 Mas como herdeira a Lua no universo  
 Era no Ceo primeiro Sol segundo;  
 Pellas campanhas de çafiro bellas  
 Sahia a noite semeando estrellas.

## LXIV.

Quando aos felices Reys acompanhava  
 A nobreza da Corte mais luzida  
 Par'hũa tenda que no campo estava  
 De adereços preciosos guarneçada.  
 Dos novos desposados se mostrava  
 Bello esquadraõ, q̃ dava ao amor vida,  
 Ligado pellas mãos, ricos penhores  
 Da alma, q̃ dar quizera outros maiores.

## LXV.

Pellos honrarem mais os Reys famosos  
 Os dignaram tambem da Real mesa;  
 Iguais nos aparatos grandiosos,  
 Servidos igualmente da nobreza.  
 A dór se renovou aos invejosos,  
 A quẽ fora infeliz do amor a empreza,  
 Que das damas a perda, & de tal gloria  
 Dobrava o sentimento da vitoria.

## LXVI.

Sem rigores de nuvem interposta  
 De muitos Soes a mesa se coroava,  
 Em cujos bellos rostos luz opposta,  
 Como ètre espelhos varios se encôtrava.  
 Se hũa feria, a chama contraposta  
 Com golpe de iguais luzes lhe pagava,  
 E em claro eclipse, em lucido desmãio  
 Se rompia no ar raio com raio.

## LXVII.

Chegam varios manjares com q̃ intenta  
 Satisfazer a copia ao appetite;  
 Mas sô a vista ás almas alimenta,  
 Que outra iguaria o gosto não permite.  
 Em fogo, em resplandores se apaenta,  
 Sem que immenso o desejo se limite,  
 Que, hidropico de amor, a agoa q̃ pede  
 Com maior ancia lhe acrecenta a sede.

## LXVIII.

A delphica Sibilla, arrebatada  
 De soberano impulso, se atrevera  
 Por varios transe, de valor guiada,  
 Lusitania buscar, que já venera.  
 Quiz (de alta profecia alumeada)  
 A terra ver que mais illustre espera,  
 Ou no principio da Ulyssèa Cidade,  
 Dos Gregos seus a clara eternidade.

## LXIX.

A's venturosas bodas assistia;  
 Em cujo auspicio revolvendo os fados,  
 Mudada a cor, & a voz, que parecia  
 Mais que mortal, os olhos sossegados:  
 Ajudada d'hũa arpa, em que fazia  
 Os discordes assentos acordados.  
 Assi cantava os ares suspendendo  
 Em quanto a cea larga hia correndo.

LXX.

Quem vozes me darà para q̄ cante  
 Merecido louvor a tal sogeito?  
 Quem azas com que o verso se levante  
 Aonde subir adspira meu conceito?  
 Deça do Ceo (que sò serà bastante)  
 Fogo divino que me abraze o peito;  
 Direi, dos tempos antevendo as rodas,  
 Os claros descendentes destas bodas.

LXXI.

De Nausitôo, & Nausinôo claros  
 Ramos do Grego illustre, & da Princesa  
 Não trato; nem dos Reys em valor raros  
 Que ha de lograr a gente Portuguesa;  
 Largos encomios ficarão aváros  
 Ao louvor que se deve a tal grandesa,  
 Serà o estyllo humilde, o plectro rouco,  
 Quê os puder cantar, os louva pouco.

LXXII.

Quem poderà cantar hum Rey primeiro,  
 Hum claro Affonso, cujo braço forte  
 Açoute do Agareno cavalleiro,  
 Serà mais que mortal, christão Mavorte?  
 Quem seu zelo na fê tam verdadeiro  
 Que obrigará a decer da eterea Corte  
 O soberano Rey sò a animallo  
 Na mesma Cruz que pode resgatallo?

LXXIII.

Quem de hũ primeiro Sancho a valentia  
 Para esforgados cristalino espelho,  
 Que nos trofêos parece, que porfia  
 Por exceder a gloria do pay velho?  
 Os campos o dirão de Andaluzia,  
 Por onde o Betis correrà vermelho,  
 Ficando ao mar portento peregrino  
 Purpureo ver o filho cristalino.

LXXIV.

Quem d'hum Affonso poderà segundo  
 Declarar o valor? a brava lança  
 De outro terceiro, q̃ do jugo immundo  
 Porá o Algarve em justa segurança?  
 Quê hũ Dyniz, q̃ ha de admirar o mũdo  
 Em guerra, & paz? q̃ ousada confiança  
 Hũ quarto Affonso? a quẽ verà Castella  
 Fero a oppugnalla, forte a defendella?

LXXV.

Quem hum insigne Pedro na justiça?  
 Quem hum Joaõ dirà na dura guerra,  
 Se naõ o estrago com que, da injustiça  
 Do Rey Ibêro, vinga a patria terra;  
 Ou a gloria de Deos que mais cobiça  
 E o obrigou a buscar de Abyla a serra?  
 Qual Musa com louvores chega a tão  
 Que explique d'hũ Duarte o zelo santo?

LXXVI.

Quem hum Affonso quinto, cuja gloria  
 Tal ha de ser, que as forças Castelhanas  
 Teraõ por trofêo alto de vitoria  
 Defenderse melhor, que as Africanas?  
 Quê hum Joaõ segundo, & na memoria  
 Primeiro por virtudes soberanas?  
 Quê hũ Manoel sublime, a cujo imperio  
 Reserva a eternidade outro Hemisferio.

LXXVII.

Quem hum Joaõ terceiro, que chamado  
 Serà padre da patria justamente,  
 Em cuja idade o Lusitano estado  
 A gloria chegarà mais eminente?  
 Quem hum Sebastiaõ dirà, se o fado  
 Lhe der ventura ao peito equivalente?  
 O' inclitos varoẽs, cujos louvores  
 Reverente silencio faz maiores.

LXXVIII.

Sò cantarei a illustre descendencia  
 Em algũas familias mais preclara,  
 Todas de tal valor, tal excellencia,  
 Que começar por todas desejara.  
 Mas isto já se oppõe; que a precedencia  
 Em que a Musa sincera não repara,  
 Ameaçando està certa ruina  
 No canto puro de seu zello indinna.

LXXIX.

O' feliz Portugal! a quem conhece  
 Illustre centro de valor o mundo,  
 Admirado de ver, que em ti florece  
 O sangue de esforçados mais fecundo;  
 Tantos, & tais que, sô porque parece  
 Que ter naõ pòde cada qual segundo,  
 Ordena a natureza que compita  
 Qualquer cõ o outro porq̃ igual admita.

LXXX.

Basta saberdes, Gregos venturosos,  
 Que haõ de nacer de tam ditosa liga  
 Altas familias, ramos generosos,  
 Em que a nobreza co valor litiga.  
 O' que trofêos, que titulos famosos  
 Vos darà a fama, quando a Grecia diga;  
 Grecia feliz mil vezes, pois se presa  
 De sangue teu a gloria portuguesa!

LXXXI.

O' que gloriosamente dillatados  
 Os ferteis ramos destas plantas vejo!  
 Que climas averá tam apartados,  
 A que nobreza naõ reparta o Tejo?  
 Que rios desta fonte derivados  
 A aquella idade para a nossa invejo!  
 Que Principe de Europa naõ se anima  
 Cõ sangue Portuguez, que mais estima?

Ardei, almas gentis; que a esses ardores  
 Inclina o Ceo propicias as estrellas;  
 O Ceo, que anima em voz castos amores  
 Para delles tirar luzes mais bellas;  
 Luzes de tam divinos resplandores,  
 Que nuvẽ naõ se atreva à escurecellas:  
 Luzes que ostentem de hũ a outro polo  
 Na voz da fama resplandor de Apolo.

Deça do Ceo Amor; aquelle digo  
 Que tanto feliz he quanto suave,  
 E naõ o que traidor se mostra amigo,  
 O que gloria aparente he pena grave.  
 Deça do Ceo Amor, una consigo  
 Pudicos corações com fiel chave,  
 Com laço indissolubil, paz segura,  
 Santa ley, larga fê, vontade pura.

Aqui deu fim à doce melodia  
 Quando a esplendida cea se acabava;  
 E quando a voz suave suspendia,  
 Os animos suspensos desatava.  
 Assi o premio Ulysses recebia,  
 Aos Gregos a virtude assi coroava;  
 Força do merecer; firme coluna  
 Que pôde mais que o tẽpo, q̃ a fortuna.

# U L Y S S I P P O.

---

## CANTO DUODECIMO.

---

### ARGUMENTO.

*Mostra Chirôn em cova prodigiosa  
Illustre templo consagrado à fama;  
Resistencia atropellam misteriosa  
Os claros heroes, que a virtude chama.  
Declara o sabio a Serie valerosa .  
Dos Lusitanos que a memoria acclama  
Em profecia; com que incita os peitos  
Virtuosa ambição de grandes feitos.*

I.

**J**UNTO donde compete caudaloso  
O Tejo co a soberba do Oceano,  
Pedindo cada qual tributo undoso,  
Em aguas hũ, em glorias outro ufano;  
Jaz de Chellin o valle, q̃ furioso  
Neptuno hum tempo dominou tirano;  
E, dandolhe hoje Flora leys melhores,  
Chellas se chama, sendo mar de flores.

II.

Ally sitio agradavel se estendia  
 Que terra, & mar benignos ajuntava,  
 Porque as aguas Vertuno enverdecia,  
 Quando as ervas Neptuno prateava.  
 Remando o pescador pomos colhia,  
 Segando o lavrador corais cortava,  
 Servindolhes diadema em largo giro  
 Ceo de esmeralda em campo de çafiro.

III.

Este lugar a fama ainda venera  
 De Chirôn academia peregrina,  
 Onde a astronomia Alcides aprendera;  
 O famoso Esculapio a medicina.  
 Thetis o amado filho ally trouxera,  
 Porque Chirôn lhe desse alta doutrina;  
 Ally Chirôn a lyra exercitava,  
 E della o sitio Chelis se chamava.

IV.

Fatal gruta habitava guarneçada  
 De toscas plantas, de penhascos duros,  
 Alta mina de hũ môte, onde escondida  
 A Noite seus horrores tem seguros.  
 O Sol gyrando com rezão duvida  
 Quais a seus raios são mais fortes muros,  
 Se da selva robusta as verdes grenhas,  
 Se o cavernoso das profundas penhas.

V.

A's bodas assistia o sabio velho,  
 De Gorgoris chamado, que quizera  
 Effeituar, seguro em seu conselho,  
 As esperanças que a Cassillia dera.  
 Vêdo nos rostos, como ã claro espelho,  
 O coração de algũs, que considera  
 Tristes perdendo as damas, quer prudete  
 Que se divirtam mais gloriosamente.

## VI.

Quasi no meo já do Ceo se achava  
 A bella Cynthia ao claro irmão seguindo,  
 Liberalmente a luz q̄ lhe êprestava,  
 Qual se a tivera propria, repartindo;  
 Quando o sabio Chirón os convidava  
 A que seus passos com valor seguindo,  
 As maravilhas vissem que escondia  
 A fatal cova que ignorava o dia.

## VII.

Apenas a seu rogo obedecido  
 Tem as vontades, quando se offerece  
 Hum coche de seis grifos, guarnecido  
 Cõ luzes tantas, que o do Sol parece.  
 Sem movimento a elle conduzido  
 Cada qual s'acha; & já desaparece  
 Pisando os ares, pãra em hum momêto  
 Onde se esconde o lobrego aposento.

## VIII.

Estreito campo diante d'elle avia  
 Cercado alegremente do arvoredos,  
 A cuja entrada o passo defendia  
 Dos verdes troncos hũ frõdoso enredo:  
 Chirón o dividio, & sem porfia  
 De forças, move facil, hum penedo,  
 Fatidico portal da mina occulta  
 Que penetrava aquella terra inculta.

## IX.

Entram; & vem que a luz, de que privara  
 O cavernoso sitio à cova escura,  
 Por maravilha substitue rara  
 De fogo natural a chama pura;  
 Mais o profundo centro os espantara  
 Com monstros formidaveis na figura,  
 Rios de fogo, serras de alta neve,  
 A que o mais forte peito mal se atreve.

x.

Isto impedia o passo para hum monte  
 Da belleza maior que se imagina,  
 Em cuja cima lucido Orizoute  
 Luz ostentava mais que diamantina.  
 Dally parece que com grata fronte  
 Hũa dama os chamava peregrina,  
 Bella no rosto, bella no aparato,  
 Toda celeste, ou celestial retrato.

xi.

O rosto hum Sol, mas Sol que consentia  
 Aplicarselhe a vista sossegada;  
 D'hũa candida roupa se vestia  
 Com brilhantes estrellas matizada.  
 Tam suave os chamava, que atrahia  
 Os coraçõs de todos; mas frustrada  
 O caminho a deixava, mais temido  
 Com tais difficuldades impedido.

xii.

Vença o valor com generosos brios  
 (Lhes dezia Chiròn) os que iminentes  
 Com sembrante de morte, saõ desvios  
 Que difficultam obras excellentes.  
 Essas nevadas serras, esses rios  
 Que parecem levar igneas correntes,  
 Esses monstros cruéis, esses medonhos,  
 Sam fantasias vãs, saõ falsos sonhos.

xiii.

Entremos, pois, vereis que tudo rende  
 Nobre resolução deliberada;  
 Vereis que da vitoria o fim depende  
 De ser sómente a empreza começada;  
 Es-e caminho sô à vista offende,  
 Cometeio, vereis que he larga estrada,  
 Que a quem a segue àquelle môte guia,  
 Onde a Virtude o chama a eterno dia.

XIV.

Como o forte leão na Lybia ardente,  
 Por mais que o turbe verse cometido,  
 O brio natural lhe não consente  
 Mostrarse de temores combatido;  
 Mas rompe aquelles generosamente  
 De que parece que he mais offendido,  
 E de se ver turbado causa toma  
 Para o valor que o vil receio doma:

XV.

Assi aos varoões claros esforçava  
 Mais o perigo que qualquer previa,  
 Que as discretas rezoões cõ q̃ excitava  
 O prudente Chirôn sua valentia;  
 Com maior brio cada qual entrava  
 Quanto o risco maior se offerecia:  
 Todos no mesmo esforgo cõpanheiros,  
 Querẽ na dura empreza ser primeiros.

XVI.

Qual o inquieto moço que pretende  
 Tirar ao ramo o fruto mal maduro  
 Que em meo da seára se defende  
 Formandolhe as espigas alto muro:  
 O fraco impedimento pisa, & rende  
 Com passo largo, facil, & seguro,  
 E do fecundo campo o desconcerto  
 Mostra par'outros o caminho aberto:

XVII.

Tais os varoões famosos, adspirando  
 Ao monte que por premio tem à vista,  
 Os obstaculos falsos vam pizando  
 Sem que nenhum a seu valor resista;  
 Com nobre exemplo assi facilitando  
 Os mais asperos meos da conquista,  
 E novamête abrindo em varios modos  
 Com cada passo larga via a todos.

Ao pè do monte chegam , mas restava  
 Sua altura subir , cuja aspereza  
 Impossivel à vista lhes mostrava  
 O venturoso fim de tanta empreza :  
 Quando subido cada qual se achava  
 Ao mais alto lugar , com tal presteza ,  
 Qual representa em sonho a fantasia  
 Que a varias partes levemente guia.

Com riso honesto os hia recebendo  
 A divina donzella , que os chamara ,  
 E pareceo que hum veo sutil correndo  
 Hum teplo abrio de architectura rara ;  
 Ficava ella de fôra , concedendo  
 Entrada franca a porta que mostrara ,  
 Onde logo se via outra donzella ,  
 Representada em outra imagem bella.

Tam perspicaz na vista , ao que mostrava ,  
 Que os atomos menores descobria ;  
 Da boca alento brando respirava ,  
 Que logo em vozes cento convertia .  
 Sobre luzentes azas se librava ,  
 E com moto incançavel as batia ;  
 Della aplaudidos elles entram dentro  
 A ver do templo excelso o rico centro.

Larga planicie dentro se dillata ,  
 Que luz adorna mais resplandecente ,  
 A cuja novidade a vista grata  
 Percebe mal a admiraçãõ que sente .  
 De metal superior a fina prata  
 Ordenadas pianhas variamente  
 Estatuas mostram , cujo aspecto grave  
 Respeito excita com temor suave .

XXII.

Entam o sabio velho levantando  
 A fatigada voz com novo alento,  
 Já o successo (diz) vos vai mostrando  
 Como a fortuna ajuda ao nobre intêto.  
 Bastou fazer de vossa parte, & quando  
 Mais se difficultava o vencimento,  
 Sem o caminho ver de gloria tanta,  
 Vedes como a virtude vos levanta.

XXIII.

Vereis agora em profecia certa  
 Os famosos varoês que espera a fama,  
 Illustre exêplo, que ao valor desperta,  
 E os altos pensamentos mais inflama;  
 E porque a todos tem a porta aberta,  
 E por diversos modos todos chama,  
 Aqui heroes se vem de varias gentes  
 Que chegaraõ por vias differentes.

XXIV.

Hûs por trabalhos de continua guerra,  
 Outros por letras chegam a este têplo,  
 Outros por varias artes, que na terra  
 Dignas de grandes titulos contemplo;  
 Mas porque destes os q̃ a patria encerra  
 Costumam ser o mais forçoso exêplo,  
 Vereis sômente algûs dos Lusitanos  
 A que faraõ as armas soberanos.

XXV.

Prever estes futuros não pudera,  
 (Que a sciência maior não chega a tâto)  
 Se à Delphica Sibilla os não quizera  
 Là do Ceo revelar hum raio santo;  
 Ella mos declarou: que atè ally era  
 De mim sò venerada com espanto  
 A maravilha que divina adoro,  
 Cujo principio, cujo autor ignoro.

XXVI.

Esse primeiro, que no bravo aspecto  
 Mostra o valor do coraçã ousado,  
 He Anibal famoso, cujo peito  
 De Lusitana mây serâ animado.  
 O Romano dirá quasi sogeito  
 Que da infeliz Carthago o duro fado  
 (O que impossivel ao do Peno fora)  
 Deu a Scipião a palma vencedora.

XXVII.

O que se segue he Viriato forte,  
 Que o Romano poder, & o Lusitano  
 Ha de trazer a duvidosa sorte  
 Sobre o imperio do mundo soberano;  
 O passo lhe atalhou injusta morte  
 Na qual o nome se abateo Romano,  
 Pois no risco maior tomou por gloria  
 Buscar com vil treição, falsa vitoria.

XXVIII.

Esse he Luso famoso; porque via  
 Que alta occasiã de gloria lhe faltava,  
 Por estranhas provincias pretendia  
 O que a patria pacifica negava.  
 Das legioes Romanas que regia  
 Subio a este lugar a que adspirava;  
 Daqui conhecereis que està patente  
 A quem buscallo sabe diligente.

XXIX.

Vede a Claudio, Suevo abalisado,  
 Estrago lamentavel de Franceses,  
 Igualmente piedoso, que esforçado,  
 Applaudido da fama tantas vezes.  
 O que em lugar seguinte levantado  
 Grangea nome eterno aos Portugueses,  
 He Lyderico, que por feitos grandes  
 Primeiro Conde virâ a ser de Frandes.

xxx.

Este he Forjaz Vermuis, que representa  
 Hũ mōstro do valor, da guerra hũ raio;  
 Ess'outro Dom Rodrigo, que se izenta  
 Das leis da morte no ultimo desmaio:  
 Pois quando a morte cōquistallo intêta,  
 O morrer lhe servio de illustre ensaio  
 Para eterno viver, por vida tendo  
 O Bravo Rey que sogeitou morrendo.

xxxı.

O que da barba vedes prateada  
 Egas Moniz se chama, que igualmente  
 De mil coroas tem a frõte ornada,  
 Verdadeiro, leal, forte, prudente.  
 Esse, que o segue no valor da espada  
 He Mem Moniz, & mostrase evidente  
 Ser filho de tal pay, pois sô pudera  
 Ser filho tal quem hum tal pay tivera.

xxxıı.

Esse que aqui chegou ensangoentado  
 He Dom Fuas Roupinho, essas feridas  
 Abrem, para que fique eternizado,  
 Portas, por onde lhe entrẽ muitas vidas.  
 O valeroso velho, que inda armado,  
 As forças juveniz não tem perdidas,  
 Gonçalo Mendes he da Maia, o forte,  
 Que triunfante serà na propria morte.

xxxııı.

O que com largas roupas, forte lança  
 Airoso epunha, claro ẽ paz, & ẽ guerra,  
 Serà Theotonio, cujo nome alcança  
 Hũa gloria no Ceo, outra na terra.  
 Mas vede como o brio, a segurança,  
 O valor raro que no peito encerra  
 Mostra no rosto essoutro, a quẽ a fama,  
 Giraldo, sã pavor, por timbre, aclama.

XXXIV.

Vede esses tres varoës, em que a porfia  
 Infundem seu valor Bellona, & Marte;  
 Dom Gongalo, Dõ Mendo, Dõ Garcia,  
 Que a fama insignes vè por qualq̃r parte.  
 Notai com que valor, com que ousadia  
 Arvoram sobre os outros estandarte;  
 Saõ em fim Sousas, vê q̃ se lhes deve  
 O mais alto lugar por trono breve.

XXXV.

Este robusto de galhardo aspeito  
 Martim Lopez se chama generoso.  
 O Bispo Dõ Sueiro he o outro : objeito  
 Preclaro à fama, santo, & valeroso;  
 Esse que vedes ter ao Sol sogeito  
 (No que a pintura mostra) he o famoso  
 Payo Correa, que no campo armado  
 Farà parar o Sol, como admirado.

XXXVI.

Olhai nestes varoës a quanto chega  
 O preço do valor, & da lealdade,  
 Pois quãdo cõtra a patria mais se emprega  
 Tam excelso lugar lhes dà a verdade:  
 He Dom Martim de Freitas hũ, q̃ nega  
 Eterno as forças à voraz idade;  
 Outro Pacheco excelso, em quẽ cõtẽplo  
 De Capitaõ astuto hum raro exemplo.

XXXVII.

Os que atêqui mostrei, conquistadores  
 Seraõ do feliz Reyno Lusitano;  
 Vede agora os valentes defensores  
 Que haõ de amparallo do poder tirano:  
 Esse que està maior entre os maiores  
 Banhado em sangue, de mórter ufano  
 Serà Nuno Gonçalves de Faria  
 Portento de lealdade, & valentia.

XXXVIII.

Chegai a ver a maravilha estranha  
 Que a fama espera, a natureza admira;  
 Cujos braço já teme a forte Hespanha,  
 Sô Lusitania seu valor suspira.  
 Não averá já mais gloria tamanha  
 Que trono tâto neste templo acquira;  
 He do Lysio valor alma primeira  
 O grande Dom Nuno Alvares Pereira.

XXXIX.

Se vejo que em seu rosto representa  
 Toda a virtude, toda a magestade,  
 Referirvos, em vam a voz intenta  
 O que mais certa a vista persuade.  
 Já Lusitania, já Iberia augmenta  
 Na esperança, & temor daquella idade;  
 Mas a louvores tais sômente iguala  
 Bello silencio quando a obra falla.

XL.

O da vermelha insignia mostra claro  
 Ser Sousa, nesse aspecto generoso;  
 Dom Lopo Dias he, no valor raro,  
 A quem Mavorte ve, como invejoso.  
 Ao que logo se segue fica avaro  
 Qualquer louvor, pois corre vitorioso  
 Seu nome os mais distantes parallellos;  
 Mem Rodrigues será de Vasconcellos.

XLI.

Vede a Antam Vaz de Almada q̄ valente  
 Entre todos se mostra a essoutro lado!  
 Notai que Rui Pereira não consente  
 Que outro em valor lhe seja avêtejado.  
 Este varaõ que tem na vista ardente  
 Hum Hercules ao vivo retratado,  
 Cujos intrepido peito ignora o medo,  
 Sera Martim Gongalves de Macedo.

Q 2

Nestoutro grande peito, por honrarse,  
 Se encerrou Marte desejando gloria,  
 Joaõ Rodrigues de Sà quis mais chamarse  
 Buscãdo ã outro nome outra memoria.  
 Naquelle, Alcides quiz aventajarse,  
 Affectando a suas forças nova historia:  
 Vasqueanes da Costa he, cujo brago  
 De diamante parece, antes que de ago.

Hum desses dous guerreiros arrogantes  
 Pedro Rodrigues do Lãdroal se chama;  
 Outro que mostra os olhos fulminãtes  
 He Gil Fernãdes de Elvas, claro á fama.  
 Mas seguime, vereis, que triunfantes  
 (Hum levantado espirito me inflama)  
 Estam os q̃ por hum, & outro emisferio  
 Haõ de estender o Lusitano imperio.

Vede o Conde Dom Pedro, cuja vida  
 Em guerra se empregou tam porfiada,  
 Que a cotta de armas, q̃ ally tẽ vestida,  
 Do uso continuo está rota, & gastada.  
 Vede que gloria tem tam merecida  
 Aquella rama delle derivada,  
 Aquelle Alcides novo, novo Marte,  
 Aquelle que he maior por Dõ Duarte.

Notai que tres Coutinhos esforçados,  
 Cõpetindo entre si na mesma sorte,  
 Sendo exceiçãõ illustre à ley dos fados,  
 Eternos vivem, a pezar da morte;  
 De Borba, & Marialva abalisados  
 Os dous saõ Cõdes, cadaqual mais forte;  
 O terceiro Dõ Joaõ, que a nobre Villa  
 Com brago invicto regerà de Arzilla.

XLVI.

Vede a Dõ Joaõ, q̃ he gloria dos Meneses,  
 Por quẽ dos heroes calla a fama antiga.  
 Vede o grande valor dos Portuguezes,  
 Que tem cifrado em si Lopo Barriga.  
 Vede este vitorioso tantas vezes,  
 De quem pouco direi, por mais q̃ diga,  
 Nuno Fernandes de Attaide he claro,  
 Do mais alto valor exemplo raro.

XLVII.

Este hum Sousa será do Prado Conde,  
 Que a pòr seu timbre sobre o Sol se atreve;  
 Este Luis de Loureiro a quem respõde  
 No nome a fama ao louro q̃ lhe deve.  
 Notai nesses Carvalhos como esconde  
 No centro superior do fogo leve  
 Qualq̃r seus ramos; como as mais subidas  
 Palmas com seu valor deixa abatidas.

XLVIII.

Parou; & aqui, correndo hũa cortina,  
 De novo o sabio velho os incitava  
 A ver o que a figura vaticina  
 D'outros inclitos heroes que mostrava.  
 Neste a empreza vereis mais peregrina  
 (E a voz com maior brio levantava)  
 Que espera a fama, admirará o mundo,  
 Prodigio raro, exemplo sem segundo.

XLIX.

Este abrirá caminho felizmente,  
 Por nunca de antes navegados mares  
 Da praia Occidental até o Oriente,  
 Achando novas terras, novos ares.  
 Tremêdo o mar, lhe êtregará o Tridête,  
 Temêdo a terra, lhe ha de erguer altares,  
 Este ha de ser em fim, Vasco da Gama,  
 Que linguas acrecenta à illustre fama.

L.

No que se segue Achilles resucita  
 Com dobrado valor, com maior gloria,  
 Qual o mundo já mais verá escrita  
 Em verdadeira, ou em fingida historia.  
 Este a verdade, o credito limita,  
 Sendo a luz da verdade tam notoria,  
 Tais seraõ seus triunfos que parece  
 Que credito a verdade não merece.

LI.

Se reparais na palma aventajada,  
 Na coroa que mostra mais luzida,  
 Sabci que neste templo a tẽ dobrada,  
 Porque lhe ha de faltar com ella a vida;  
 Esta (ò grãde Pacheco) he mais hõrada,  
 Pois sô se alcança, avendoa merecida,  
 E, fundada em virtudes por coluna,  
 Izenta das mudanças da fortuna.

LII.

Vede este assombro de Asia, este flagello  
 De Mauritanos, Turcos, & Genticos,  
 Que co temor que tem o Sol de vello  
 Os abrazados raios mostra frios;  
 Se por nome quizerdes conhecello  
 Perguntaio a Dabul, ao mar, aos rios  
 Da India temerosa, onde já a fama  
 Almeida illustre antecipada aclama.

LIII.

Este mogo gentil, do pay severo  
 Animado retrato, tam subido  
 Lugar occupa, quanto considero  
 Que na morte se fez esclarecido.  
 Quando Lourenço claro, te pondero  
 Espedaçado, ainda tam temido,  
 Vejo que o Ceo, solícito de hõrarte,  
 De cada mẽbro teu formava hũ Marte.

## LIV.

Sô tu nos verdes annos tanto obraste,  
 Quanto os heroes na idade já madura;  
 Não te atalhou a gloria a q̃ adspiraste,  
 Por mais que se apressou a Parca dura;  
 Porque na luz primeira que mostraste  
 Te viste aonde puderas na futura;  
 Qual Sol, que apenas sae do Oriente,  
 E já cos raios chega ao Occidente.

## LV.

Este he Tristaõ da Cunha, tam eterno,  
 Pello raro valor da invicta espada,  
 Quanto por este filho, que o governo  
 Terà das terras da Asia dillatada.  
 O' grande Nuno! que hũ amor interno,  
 A cantarte me incita; mas forçada  
 Se abate a voz; que a generosos peitos,  
 Sò dam justo louvor os proprios feitos.

## LVI.

Se quereis ver o Capitaõ mais claro,  
 Que a fama conheceo, que vio a terra;  
 Vede a Albuquerque insigne, archivo raro  
 Que à disciplina militar encerra;  
 Quantas vezes o vejo, mais reparo  
 Neste grande varaõ raio da guerra;  
 Notaio de vagar, que basta vello,  
 Para ficardes do valor modello.

## LVII.

Sentouse o velho em quanto divertidos  
 Lusitanos, & Gregos admirava  
 Maravilhosa a estatua, que os sentidos  
 Por extasis estranho arrebatava.  
 Parecia que em ecchos repetidos  
 Valor, dezia; por valor brãdava;  
 Novo brio, novo animo influa,  
 Por occulta virtude em quem a via.

Assi se detiveram largo espaço  
 Suspensos, a tardança não sentindo,  
 Atè que o sabio deste doce lago  
 Os desatou, alegre proseguindo.  
 Vede a Lopo Soares, cujo brago  
 Tais proezas obrou, que, aqui subindo,  
 Junto ao claro Albuquerque resplãdece  
 Porque a luz tanta o Sol não escurece.

Este he Diogo Lopez de Siqueira,  
 Que a virtude subio a gloria tanta  
 Das Eritrêas ondas na ribeira,  
 Aos Abexins alegre, ao Turco espanta.  
 Mas vede est'outro, q̃, por mais q̃ queira  
 Tudo o tempo gastar, padroês levanta  
 A sua fama, para eternos annos,  
 Nas praias de Asia, & câpos Africanos.

Ha de ser Dom Duarte de Meneses,  
 Por differentes titulos famoso;  
 Nome, em armas feliz aos Portuguezes,  
 Eccho de Marte, porem mais glorioso.  
 O que se segue illustre tantas vezes  
 Será outro Meneses generoso;  
 Basta dizer teu nome, ó grãde Henrique,  
 Para que a gloria tua se publique.

A este trono chegai, que prevenido  
 Sô para Mascarenhas guarda o fado;  
 A Mascarenhas, nome esclarecido,  
 Que tras consigo o esforço vinculado.  
 Vede hũ Pedro em Malaca conhecido,  
 Outro Dõ Pedro em Goa eternizado;  
 Hũ Dõ João, hũ Dõ Francisco forte,  
 A quem Diu, & Chaul livram da morte.

## LXII.

Este que tem a vista em fogo aceza  
 He Lopo Vaz, que illustra os de Sãpaio,  
 A prudencia igualando à fortaleza,  
 Se farà conhecer na guerra hum raio.  
 Par' esse que se segue a natureza  
 Fez em muitos varoões primeiro ensaio,  
 He Hector da Silveira, em cujo peito  
 Acertou ella cum valor perfeito.

## LXIII.

Olhai o grande Antonio da Silveira,  
 Que quando a Diu forte defendia  
 Aa Lusitana se humillou bãdeira  
 O poder escolhido de Turquia.  
 Vede a Antonio Galvaõ, q̄ verdadeira  
 Gloria em Tidõre alcança em hũ sò dia;  
 Adverti que do pay Vasco da Gama  
 Em Christovaõ, & Estevaõ vive a fama.

## LXIV.

Esse he Martim Affonso, bravo Sousa  
 Que, da America, & da Asia os largos mares  
 Cortando vitorioso, naõ repousa  
 Atè que enfrèa os duros Malavares.  
 Este Dõ Joaõ de Castro, a quẽ naõ ousa  
 (De feitos assombrado singulares)  
 Esperar o feroz Rey de Cambaia:  
 Que sô de vello seu poder desmaia.

## LXV.

Ved' hũ a que a verdade, sem respeito,  
 A fronte de dous louros tem coroada;  
 Que em suor vive a patria de seu peito,  
 Pello ingenho, & naõ menos pella espada.  
 Para servilla braço às armas feito;  
 Para cantalla, mente ás Musas dada;  
 Posto q̄ o louvor proprio mal lhe esteja,  
 Quem louvarà Camoões, q̄ elle naõ seja?

## LXVI.

O: que se seguem, o famoso Oriente  
 Não de reger, & certa eternidade  
 A seu nome daraõ, por mais que intête  
 Dos annos a cruel voracidade.  
 Nomeallos, o tempo não consente,  
 Que importa em nossa ausencia brevidade;  
 Mas seja ao q̄ vos mostro claro lustre  
 De Dõ Luis de Attaide o nome illustre.

## LXVII.

Esse que vedes he (Jã por ventura  
 O eccho vos chegou de nome tanto.)  
 Cuja gloria feliz, ainda futura  
 A India toda cobre já de espanto;  
 Pois quando o jugo sacodir procura  
 Sô pôde Dom Luis defender quanto  
 Ganharam muitos, igualãdo a todos  
 No q̄ adquiriram por diversos modos.

## LXVIII.

Este varaõ de valeroso aspeito  
 He Luis Freire de Andrade; mas q̄ digo?  
 Se a passar heroes mil estou sogcito,  
 Co desejo que tenho em vão litigo.  
 Deixo os que se faraõ da fama objeito  
 Em tempos venturosos; sò prosigo  
 Os que gloria teraõ mais oportuna  
 Entre as adversidades da fortuna.

## LXIX.

Vede como a Dom Paulo a fama anima;  
 Como das leis da morte vive izento;  
 Prodigio singular, que dê ao Lyma  
 Memoria, dãoo o Lyma esquecimêto!  
 Este Sousa Coutinho, em nada estima  
 De Atropos deshumana o fim violento,  
 Que o rigor de seu golpe não se estêde  
 A vida, que por gloria se defende.

LXX.

Este he Andre Furtado, cuja historia  
 Clamam dessa Asia os dillatados mares,  
 E as largas praias, onde a maior gloria,  
 De Pario, & bronze lhe edifica altares;  
 Nã perderaõ ja mais delle a memoria,  
 De seus trofêos, & feitos singulares  
 Gentios, Mouros, Turcos, Olandezes  
 Rendidos a seu braço tantas vezes.

LXXI.

Est'outro he Dõ Hieronymo, q̃ esmalta  
 Com fortuna contraria a valentia;  
 Sempre (ô forte Azevedo) o mudo falta  
 No que a meritos grandes se devia.  
 Mas vede quam feliz, quanto se exalta,  
 Com que valor, com quanta bisarria  
 A gloria, o preço, a fama, o nome, o braço  
 Dos dous q̃ cobrê d'ouro o peito de aço.

LXXII.

Ha de ser hum Nuno Alvares Botelho,  
 Da vaga fama occupaçaõ gloriosa,  
 Forte nas armas, sabio no conselho,  
 Que este lugar mais dignamente gosa.  
 Outro serà Rui Freire, claro espelho  
 Da militar virtude mais famosa;  
 O' heroes no valor mais que Gigantes,  
 Ao Ceo da gloria Lusitana Atlantes.

LXXIII.

Hum Constantino vede mais adiante,  
 Ramo de inclitos Sãs, q̃ a terra Indiana  
 Constantino na vida, & mais constãte,  
 Na morte o ha de ver a Taprobana.  
 Hum Costa illustre, cujo triunfante  
 Valor atalha a bala mais tirana;  
 Mas he (Rodrigo) em seu cruel intento  
 Echo a tua fama, a voz desse instrumêto:

LXXIV.

Ou vencendo, ou morrendo procuraste  
 Alternativa fama de ti dinna,  
 Mas em glorioso cumulo alcançaste  
 Hũa, & outra com traça peregrina.  
 Dêste na morte à vida rico engaste;  
 Vestiste ao eclipse luz, palma à ruína;  
 Pois sò pudeste unir, guerreiro forte,  
 Morrer no triunfo, & triũfar na morte.

LXXV.

Nesse Coutinho olhai hum raro objeito,  
 Que admira entre os humanos a ousadia,  
 Dom Frãcisco se chama, em cujo peito  
 Tem mais seguro trono a valentia.  
 Notai quantos se seguem, a que estreito  
 Fica qualquer lugar que a profecia  
 Neste templo cõcede, & naõ permite  
 O tempo, a voz cançada, que os recite.

LXXVI.

Quem saõ (pergunta Clito) esses armados,  
 Que juntos vi, & os nomes naõ dissestes?  
 E aquelles, q̃ em mais alto collocados  
 Vejo quasi tocar globos celestes?  
 Os doze, os de Inglaterra saõ chamados  
 (Responde o sabio) conta a fama destes  
 Historia larga, & ãe armas tais extremos,  
 Quais de outros cavalleiros nã sabemos.

LXXVII.

Nesse trono de luz, que tanto crece,  
 Que em resplandores a luz propria escõde,  
 Alvaro Vaz de Almada resplandece,  
 A quẽ seu braço fez de Abrãches Cõde.  
 Aquelle, cujo assento vos parece  
 Que em artificio igual lhe correspõde,  
 He Duarte Brandam, cujas façanhas,  
 As historias veneraõ mais estranhas.

LXXVIII.

Os que alta esfera occupam mais luzente  
 Saõ Reys de Portugal esclarecidos,  
 Em quem o Real titulo, accidente  
 He, que lhes dà lugares mais subidos;  
 Que posto que a virtude represente,  
 Em consonancia igual todos unidos,  
 Serve de tanto esmalte a môr nobreza,  
 Que ás obras quasi muda a natureza.

LXXIX.

Mas advirti, que o trono aventejado  
 Que occupaõ esses Reys, lhes he devido,  
 Naõ só por Reys, q̄ em inferior estado  
 Iguamente o averiaõ merecido;  
 Pois qualquer nas virtudes comparado  
 Ao heroe em feitos mais engrãdecido,  
 Por valor, sem respeito à dignidade,  
 Maior lugar lhes dera a eternidade.

LXXX.

Nesta cova hospedei a Alcides forte,  
 Que mais, vendo tais heroes, se alêtava;  
 Mas tive em hospedallo infausta sorte,  
 Ou em tocar a bellicosa aljava;  
 A sêta com que á hydra dera morte  
 Nos pès (caindo a caso) me alcançava,  
 E, sendo irremediavel seu veneno  
 Em pena tanta â morte me condeno.

LXXXI.

Pego aos Deoses piedosos, que trocando  
 A natureza que immortal conhego  
 Dos altos pais, & a vida desatando  
 A grave dôr me escusem que padeço;  
 Atormentado insisto procurando  
 Dos Deoses o favor que naõ mereço;  
 Mas para que vos cõto hũ mal antigo,  
 E a empreza de animarvos naõ prosigo?

Aqui Thetis me trouxe o filho amado,  
 Crieio nesta cova; neste templo  
 Com preceitos continuos exhortado  
 O fiz de tantos heroes vivo exemplo;  
 Que hum tal valor, sô pode ser traslado  
 Do que nos Lysios capitaês contemplo;  
 E quem futuros casos penetrara  
 A Achilles, quasi Portuguez julgara.

Em vòs muitos Achilles considero  
 Mais animados na gloriosa vista  
 De varoês tais, em cujo exêplo espero,  
 Que ao valor vosso, nada já resista.  
 Se a virtude mostrar rosto severo  
 Difficultando os meos da conquista,  
 Já vistes como a gloria, o vencimento  
 Consiste sò no valeroso intento.

Assi dizendo, hũa ambiçãõ de gloria  
 Com tal vehemencia todos inflamava,  
 Que, negãdo a vãos gostos a memoria,  
 Com raptõ no que viam lha occupava.  
 Delle (por via a Chiron sô notoria)  
 Cos seus nas tẽdas cadaqual se achava,  
 Quando o quarto planeta já queria  
 Largando os raios desatar o dia.

# U L Y S S I P P O.

## CANTO DECIMO TERCIO.

### ARGUMENTO.

*Parte o prudente Grego acompanhado  
Para muros fundar no fatal monte.  
Clorinar do refere lastimado  
De Nise o caso convertida em fonte.  
Ao sitio chegam, que destina o fado,  
Onde os recebe com os seus Creonte.  
Antinoo a Grecia vai, com duro intento  
De ser a viz treçoës falso instrumento.*

1.

**N**ÃO se descuida o sabio peregrino  
Nos jogos com q̄ o Rey o festejava  
De obedecer ao Ceo, & a seu destino  
Na fundaçãõ que o fado lhe ordenava.  
Com peito alegre, & cõ sêbrante dino  
De quem tam alto bem participava,  
Junta no largo campo a forte gente,  
Desta maneira diz, grave, & eloquête :

## II.

Illustres companheiros, cuja sorte,  
 Cujo valor o mesmo fado admira,  
 Elle, que pio nos livrou da morte,  
 A empreza maior connosco adspira.  
 Quanto se oppoz a vosso peito forte  
 Fora trabalho vaõ se o referira,  
 Pois o sofrestes, só lembrarvos quero  
 Para o que intento o mais que cõsidero.

## III.

Sabeis como as Sirêas, celebrando  
 Exequias a seu fim com nossa historia,  
 Hũa nova cidade eternizando,  
 Nos prometeraõ nella a maior gloria;  
 Occultas profecias declarando,  
 De polo a polo ficarã notoria  
 (Deziam) quando a terra que tẽ nome  
 D'hũa de nõs os largos mares dome.

## IV.

Hũa destas irmãs Ligia se chama,  
 Lysia diz outra voz, se vãã não erra;  
 Por Lusitania, ou Lysia o mudo aclama  
 Esta a que o Ceo nos trouxe feliz terra.  
 Aqui pois nos espera eterna fama,  
 Aqui o fado nossa gloria encerra,  
 E no principio já do bem que temos  
 O vaticinio das Sirêas vemos.

## V.

Nã vos deve esquecer, que o claro auspicio  
 Daquella aguia fermosa q̃ admiramos,  
 Cidade illustre nos mostrou propicio,  
 Se a famosos sinais credito damos.  
 A gram Minerva com piedoso officio,  
 Em cujo nome o templo fabricamos,  
 Me animou a fundar nobre cidade,  
 Que o fado consagrava à eternidade.

## VI.

Bem lembrados estais, que a penha dura  
 Que procurou naufragio a nossa vida,  
 Em cidade gloriosa alta ventura  
 Nos descobrio do fado prometida.  
 O mesmo (ò cõpanheiros) me assegura  
 (Fosse verdade, ou já visã fingida  
 Entre sonhos da força de hum desejo)  
 O que no seio vi do claro Tejo.

## VII.

O que ouvistes à nuvem misteriosa,  
 Que poz á guerra fim, tam claramente  
 Esta cidade nos mostrou famosa,  
 Que não refiro o que vos he presente.  
 E, se entre o mais (ó gente valerosa)  
 O que adevinha a cuidadosa mente  
 De vosso Capitaõ, for admittido,  
 Da mais subida gloria não duvido.

## VIII.

Isto, ó Gregos, ordena eterno fado;  
 Sem mais tardança obedecer intento;  
 O sitio à gram Minerva dedicado  
 A' fundaçã fatal he digno assento;  
 Que onde piedoso o Ceo nos deu sagrado  
 Contra os rigores do humido elemêto,  
 Onde tomamos terra, ahy parece  
 Que gloria tanta o Ceo nos offerece.

## IX.

Seguime, varoës claros, que a tardança  
 Sem desculpa serà, posto que breve;  
 Recolhamos o fruto que a esperança  
 Certa por tantas profecias deve.  
 Não temais na fortuna já mudança,  
 Porque nẽ ella contra o Ceo se atreve,  
 Nem a fatal ruina estam sogeitos  
 Os que subiraõ por gloriosos feitos.

x.

Assi fallava o Capitaõ prudente,  
 Quando hũa voz dos seus o ar rompia:  
 Vamos, q̃ o Ceo nos mostra claramente  
 Nessa Cidade eterna monarchia.  
 Ao Lusitano Rey, à Lysia gente  
 O justo intento Ulysses descobria,  
 E, aprovado de todos, se prepara  
 Quãto â ãpreza convê q̃ o Ceo traçara.

xi.

Jã recolhido o bellico estandarte,  
 Os Lusitanos acabada a guerra,  
 Trocando em brãda paz o duro Marte,  
 Cada qual se tornava á patria terra.  
 Primeiro com Estella Herminio parte  
 A seus estados, onde a fria serra,  
 Que Herminia se chamou, cõserva a fama  
 Da Princesa gentil, que Estrella aclama.

xii.

Ainda parte do exercito se via,  
 Que em ordenados esquadroës marchava;  
 Ao Lusitano Rey outra seguia,  
 Que a Escalabis alegre se tornava.  
 A principal com gala, & bisarria,  
 A Ulysses, & a Calipso acompanhava  
 A' nova fundaçãõ; & as damas bellas  
 Aqui formavam esquadram de estrellas.

xiii.

Domavam enjaesados ricamente  
 Briosos animais, com quem trocara,  
 Cada qual dos do Sol o peso ardente,  
 Porq̃ ã mais claro officio se empregara;  
 Cõ quẽ Tritaõ no largo mar do Oriẽte  
 Trocara o pezo da belleza rara,  
 Da linda Venus, quando de amor preza  
 Foi socorrer a frota Portugueza.

## XIV.

No Ceo a Aurora hum novo Ceo abria  
 Mais fermoso do que antes costumava;  
 O Sol com maior luz resplandecia,  
 O prado mais florido se mostrava.  
 Ou era aplauso à bella companhia  
 Que à fundação ditosa caminhava;  
 Ou, cõ inveja, o mesmo Sol, & as flores  
 Novos raios vestiam, novas cores.

## XV.

Pulsando com airoso movimento  
 Os ramos tenros zephiros suaves  
 Agradavel formavam instrumento,  
 Soando verdes cordas, vozes graves.  
 A cujo som saudoso, & brando accento  
 Alados Anfiões, em cultas aves,  
 Com dilluvios de versos eraõ musas  
 Tanto mais doces, quanto mais cõfusas.

## XVI.

Os selvaticos bruttos impellidos  
 De instinto natural, sem cõprehedello,  
 Assomam entre as ramas escondidos  
 Para fazer co a vista hum furto bello.  
 Do espectaculo raro agradecidos,  
 E enriquecidos juntamente em vello,  
 Levam çafir es rios, prata as fontes,  
 Purpura os valles, esmeralda os môtes.

## XVII.

A companhia illustre assi gozando  
 A manhã fresca do sereno dia,  
 A' vista de hũa fonte hia chegando,  
 Que com pês de cristal ao mar corria.  
 Clorinaro na causa imaginando,  
 Que origem fora da corrente fria,  
 Entendeo ser historia accomodada  
 Para entreter o fim desta jornada.

XVIII.

Rompendo em vãos suspiros arrancados  
 Do mais intimo d'alma, que procura  
 Sair com elles, diz : ainda, ô fados,  
 Vosso rigor em tal memoria dura?  
 Ouvime, illustres Gregos, q̃, admirados,  
 A rezão naõ sabeis desta locura,  
 Refirirei a causa peregrina,  
 De maior dôr, de mais extremos dina.

XIX.

Benevola atençaõ com grato espanto,  
 Lhe davam todos, posto que sabido  
 Dos Lusitanos o sucesso; tanto  
 Lhes agradava ouvillo repetido.  
 Elle (com ancias tributario a quanto  
 Dezia a voz) contava enternecido;  
 Porque a fortuna taõ piedosa andara,  
 Que em lagrimas alivio lhe deixara.

XX.

Filha de Apollo foi nesta espessura  
 Nise gentil; na qual por excellencia,  
 A graça natural, & a fermosura  
 Tiveram largo tempo competencia.  
 Naceo a bella Ninfa com ventura,  
 De pôr os coraçõs em contingencia  
 De se perderem, ou desesperados,  
 Ou entre as esperanças abrazados.

XXI.

A noite em dia transformar pudera  
 (Mais claro Sol) de seu cabello hũ raio;  
 Seus olhos pedras converter em cera,  
 A boca a hum rubi causar desmaio;  
 No jardim de seu rosto a primavera  
 O desafio vio de Abril, & Mayo,  
 Co rosto confiada competia  
 Do corpo a delicada Symetria.

XXII.

Que de vezes o prado a julgou Flora!  
 O bosque, & as fontes Naiade, òu Napèa!  
 O monte Diana, bella caçadora!  
 As ribeiras Nerina Galathèa!  
 O quantas, menos cêgo, Amor a adora  
 Por mãy, imaginandoa Cytherèa!  
 Deixando neste engano, sem mais arte,  
 Cioso a Adonis, namorado a Marte.

XXIII.

Em qualquer breve olhar hum Sol girava,  
 Em cada movimento hum Ceo movia,  
 Em cada passo hum coração pisava,  
 Hũa graciosa flor num riso abria.  
 Tirana justa as almas dominava,  
 Que tanto a amavam quãto as offèdia;  
 Ay, q̄ a ouvera de ver quẽ naõ entende  
 Como se possa amar cousa que offède.

XXIV.

Na belleza, & no effeito juntamente  
 Competia do Sol os claros giros;  
 Da terra, & coraçãoes com força aidète,  
 Hum vapores tirava, outra sospiros.  
 Dava às estrellas luz, & luz à gente;  
 Elle em mil raios, ella em dous çafiros;  
 Sò quis ser firme, que se errante fora,  
 Nise seria Sol, & o Sol aurora.

XXV.

Se a caso, por lograr a fonte pura,  
 De animado cristal fez vaso breve,  
 Na natureza a agua mal segura,  
 Vè, que ardente a deixou tacto de neve.  
 O prado recebia larga usura  
 Se, avaro do tributo que lhe deve,  
 Lhe emprestava hũa flor; & a flor apenas  
 Desconhecia o prado, entre açucenas.

xxvi.

O Girasol ao Sol se rebellava  
 Pella seguir; & com melhor conselho,  
 As fontes o Narciso despresava,  
 Fazendo de seu rosto claro espelho;  
 Da rosa o nacar, pallido ficava,  
 E, (com vergonha) o cãdido, vermelho;  
 Sentindose tocar dô pè succinto,  
 Dobrava ays amorosos o jacinto.

xxvii.

A violeta gentil, a que oprimia  
 (Suave pezo) a planta delicada,  
 A erva em braços pallida cahia  
 De amores docemente desmaiada:  
 Cuidava a dormideira quando a via,  
 Que fermosura tanta era sonhada;  
 E, para que abraçalla assi pudera,  
 Queria a melhor flor trocarse em era.

xxviii.

Tal vez, que destra no arco se entretinha,  
 A selva fatigando solitaria,  
 O brutto mais feroz humilde vinha  
 Offerecerse à morte voluntaria.  
 Quasi sabendo, q̄ ella as frechas tinha,  
 Que furtara a Cupido temeraria,  
 Com que quantos ferio (doces rigores)  
 Em reciproco amor, morrẽ de amores.

xxix.

A branda voz, que a lira acompanhava  
 Das mais celebres fez cõtrario effeito,  
 Pois, se Anfion as pedras animava,  
 Ella desanimava hum vivo objeito.  
 Se Orophè do inferno as penas abrãdava,  
 Ella as do amor dobrava ã qualq̄r peito,  
 Donde vi que Amor dà cõ fogo eterno,  
 Peas mais implacaveis, q̄ as do inferno.

xxx.

Com tantas perfeições tudo rendia ;  
Todos traziam nella o pensamento ;  
Nos troncos mais silvestres escrevia  
Este sua gloria , aquelle seu tormento.  
Nos ecchos deste valle repetia  
O nome que escutava o brando vento :  
Nise , Nise , por estes Orizontes ,  
Cantavam aves , mormuravam fontes.

xxxI.

Dos que a sorte fazia venturosos ,  
Eu me julgava mais favorecido ;  
De mim viviam todos invejosos ,  
Eu delles igualmente aborrecido.  
Da gloria em que me viam , cobiçosos ,  
Melhorar procuravam seu partido ,  
Atè o ardil acharem mais tirano ,  
Que pudera intentar hum peito humano.

xxxII.

Aqui de pouco tempo era chegado  
Arroios , hum gigante , que viera  
Das Africanas praias desterrado  
Por hũa dama a seu amor severa ;  
E cá tambem vivia affeiçoado ,  
Mas com menos favor do que quisera ,  
De Silvia , hũa pastora , cujo peito  
A's leys de meu amor fingem sogeito.

xxxIII.

Persuadiram feros ao Gigante ,  
Que me tirasse cruelmente a vida ,  
Pois era em Silvia meu amor bastante ,  
Para mostrarse ao seu endurecida.  
Eu , que de tais enredos ignorante  
Naõ tinha segurança prevenida ,  
Tratava sô de ver a Nise bella ,  
Sô de servilla , sô de merecella.

XXXIV.

Quando vinha nascendo o Sol, achava  
 Que outro mais cedo ã mim amanhecera,  
 Quando sahia a Lua, se espantava  
 Do Sol que para mim se naõ pusera.  
 Passava dia, & noite; naõ passava  
 O desejo immortal que me trouxera  
 A ver, a contemplar, o que mais vendo  
 Em mim fogo maior hia acẽdendo.

XXXV.

Com isto me livreí, porque o inimigo  
 (A q̃ nunca offendi) naõ me encõtrãdo  
 Sem eu com ella estar, ella comigo  
 Amorasas disputas altercando:  
 Com animo cruel propoz consigo,  
 Hũa Deidade tal naõ respeitando,  
 Matarme ante seus olhos, pouco attẽto  
 A que era em mim, de Nise o sentimẽto.

XXXVI.

Foi para cometer, mas impedido  
 De força superior, parou turbado;  
 Procurando ferir, viose ferido,  
 Da belleza de Nise assalteado;  
 E dando entre mil ancias hum gemido,  
 Do mais intimo da alma suspirado,  
 Tornou atras, deixando nos medrosos  
 Entre temor, & espanto duvidosos.

XXXVII.

Mas, como a seta foi tam penetrante  
 Com que Nise o ferio, deixava aberto  
 O namorado peito do Gigante,  
 E o coraçã na chaga descuberto.  
 Viose a chaga do peito no sembrante,  
 Lingua, & cifra de Amor q̃ entẽde o experto;  
 Praça aõde passẽa, & nã cõsẽte  
 Vestido que lhe cubra a chama ardẽte.

XXXVIII.

Occasioes de fallarlhe procurava,  
 Saindolhe ao encontro por momentos,  
 Mas ella com ardil se desviava,  
 Mostrandose ignorante em seus intçtos.  
 O fogo desta neve lhe augmentava  
 Entre incêdios cruéis, novos tormêtos,  
 Atè que hũa manhãa nesta florêsta,  
 Seu atrevido amor lhe manifesta.

XXXIX.

Hũa manhãa de Abril Nise sahia,  
 Mais bella Cloris, mais alegre Aurora,  
 Trazendo ao campo flores, Sol ao dia,  
 Que tudo grato a venerou senhora;  
 Vendo que elle fallarlhe pretendia,  
 E que impossivel desviar-se fora,  
 Affectando valor, ficou frustrada,  
 Quasi perdido o alento, a cor mudada.

XL.

Como feo era barbaro o Gigante,  
 Retratada no corpo a natureza;  
 Mas pode tanto Amor, q̄ foi bastante  
 A lhe abrandar a natural fereza;  
 Brandas rezõs fallava, em fim amante,  
 Mas sempre acompanhadas de rudeza;  
 Em vario estillo, & desiguais accentos  
 Tirou do peito a voz, & a deu aos vêtos.

XLI.

Fermosa Nise, em cuja fermosura,  
 A do prado florido está cifrada;  
 Branca, & luzête, mais que a neve pura,  
 Direita, mais que a palma levantada;  
 Pois es mais agradavel, que a frescura  
 Deste bosque, na sêsta, desejada,  
 Porque es, comigo sô, mais rigurosa  
 Que tigre brava, que aspid venenosa?

XLII.

Naõ sou tam feo, naõ, que te espantasse,  
 (Que já me vi nũ lago transparente)  
 Nem parecerá feo a quem me olhasse,  
 Naõ com amor, sò menos cruelmente;  
 Antes era rezaõ que acrecentasse  
 Minha pessoa em ti amor vehemente,  
 Pois, no q̃ mais disforme a algũs pareço,  
 Cos discretos, ò Ninfa, mais mereço.

XLIII.

Este cabello em ondas dilatado  
 Naõ cuides q̃ orna ã vaõ minha figura;  
 He rede certa ao voo acelerado  
 Das aves que aqui tem prizam segura.  
 Mas naõ a estranham; antes sã cuidado,  
 (Julgandose do monte na espessura)  
 Me regalam cantando; ay se quiseras  
 Os regalos ouvir que aqui tiveras!

XLIV.

Qual acipreste, ou alamo subido  
 Comigo competir pòde em grandeza?  
 Se as estrellas me temem, conduzido  
 Por grãde, ao Ceo, se naõ por natureza.  
 Cõ minha sôbra o Sol ardente impido  
 A's flores deste prado; sou defeza  
 A's plãtas cõtra os ventos; caminhãdo,  
 Com poucos passos muitas legoas ando.

XLV.

Puderate servir minha estatura  
 Para os fruitos te dar, que apetecesses,  
 Sem que do ramo avaro a mòr altura  
 Difficuldade fosse ao que quisesses.  
 Que ave cortara o ar de mim segura  
 Por regiam mais sublime, se dissesses  
 Que a desejavas tu? se te importara,  
 O maior rio, o mar, a vao passara.

## XLVI.

Se o Sol a competirte se arrojasse,  
 O arrancara co a mão da propria esfera,  
 E, porque Sol à terra não faltasse,  
 No lugar que elle occupa te puzera:  
 Fazendo que de Sol se melhorasse  
 O mundo, porque nunca anoitecera;  
 Pois tu sem gyros em continua roda,  
 Puderas alumear a esfera toda.

## XLVII.

Das forças que direi? cousa he notoria  
 Que iguais o mundo, nem terà, nẽ teve;  
 Hum Poliphèmo q̄ hoje affecta gloria,  
 He a hum assopro meu atomo leve.  
 E (se Amor me não mata) triste historia  
 Ouviràs delle, se a esperar se atreve;  
 Venha a ajudallo Centimáno, Anteio,  
 Adamastòr, Encelado, & Tiphèio.

## XLVIII.

Se ha no universo Hesperido tezouro,  
 Vè se o desejas, que não temo o drago;  
 Se ha vellocino, não receo o touro,  
 Se mo pedires, aqui, logo o trago.  
 Sẽ barca de Charòn, sem ramo d'ouro  
 Passarei se te importa, o Estigio lago;  
 Queres q̄ ponha o Olimpo sobre o Ossa?  
 Nada podes mandarme, q̄ eu não possa.

## XLIX.

O' mais bella, & gẽtil, que o medronheiro  
 De seus alegres fruticos guarnecido,  
 Nã vez quã mal parece hũ calvo outeiro,  
 Como he fermoso de arvores vestido?  
 Nã vez q̄ he o maior, melhor pinheiro,  
 O touro mais forçoso, mais valido?  
 Como he possivel, pois, q̄ não te abrãde  
 Meu cabelo, estatura, & valor grande?

L.

Mas ay, que as feras ouvem brandamête  
 A mal formada voz de hũ bruto amãte;  
 Tu desprezas, mais fera, a chama ardête,  
 Os discretos conceitos de hum Gigãte!  
 Ay, que, no valle, o monte, q̃ não sête,  
 Responde à voz com eccho resonante,  
 E teu desdem, & teu rigor tirano  
 Mais insensivel faz hũ peito humano!

LI.

Agora creio, que a maior fereza  
 Esconde traidor, aspid entre flores,  
 Pois de hũa alma, que cobre tal belleza  
 Vejo sair, ó Ninfa, tais rigores.  
 O' que bem nos advitte a natureza,  
 Da maior fermosura os disfavores,  
 Quãdo no rosal verde mostra espinhas  
 A mais fermosa rosa mais vesinhas!

LII.

Porem já vejo, que isto não consiste  
 Em teu rigor, senaõ em minha estrella;  
 Esta somente a tanto bem resiste,  
 Sem q̃ meritos meus possam vencella;  
 Nem posso duvidar, q̃ em mim os viste,  
 (O' da noite em q̃ vivo Aurora bella!)  
 Pois claramente ves, & sabem todos,  
 Que excedo a Clorinaldo por mil modos.

LIII.

Erva pequena, junto a mim parece  
 Nacida ao pê da mais robusta planta;  
 Valle, que escuro os montes obedece  
 Illustrados do Sol, que se levanta.  
 Entre as ventagês, vê, que te offerece  
 Em mim a sorte com distancia tanta,  
 Que tenho para amante melhor peito,  
 Pois não seria a grande amor estreito.

## LIV.

Sò te confessarei, que na ventura  
 Deu o fado a qualquer melhor partido;  
 Mas se elle tudo contra mim conjura,  
 Nem sempre me verà ficar vencido.  
 De quem adorna sua cova escura  
 Com pelles de mil feras que rendido  
 Tem com proprio valor, diria a fama,  
 Que se sogeita a hũa fraca dama?

## LV.

Naõ serà assi; & nisto, mais ligeiro,  
 Que aõor veloz sobre innocente caça,  
 No movimento que ella fez primeiro  
 Pretendendo fugir, feroz a abraça.  
 Ao õbro a poẽ; & (qual sobre hũ pinheiro  
 Ave pequena) a deixa á vista escaça;  
 Mas eu vendoa nos ombros do Gigãte,  
 Vi nella hum Ceo q̄ sustentava Atlãte.

## LVI.

Sahi de entre esta selva (onde escondido  
 O que passara vi) culpando o fado;  
 (Sendo a culpa sò minha, pois perdido  
 Ficava meu favor por dillatado)  
 Em tanta pena quasi sem sentido  
 Grito furioso, animome turbado;  
 Mas animome em vaõ a vaõ socorro,  
 Porque o Gigante voa, quãdo eu corro.

## LVII.

Ella, que mansa ovelha mal tratada  
 De carniceiro lobo parecia,  
 Favor de Apollo implora, & por mim brada  
 Que inda alcãçar o monstro pretendia;  
 E vendo finalmente que forçada  
 Livrarse de seus braços naõ podia,  
 Ao Ceo (que perto vè) pede confusa  
 Louro de Daphne, ou fõte de Arethusa.

Jà neste humilde rogo mormurava ;  
 Que o Ceo piedoso prôpto a socorrello ;  
 Cos raios de seus olhos , que aputava  
 A neve desatou do corpo bello.  
 Em vaõ os fortes bragos apertava  
 O fero Arroios , sem poder detello ;  
 Hũa fonte manou de agua , que logo  
 Foi sangue para mim , para elle fogo.

Parou confuso , & triste juntamente ,  
 Deste successo o barbaro Gigante ;  
 Qual o que em sonhos possuiu cõtête ,  
 O que depois não acha , vigilante.  
 Mas logo com affectos de impaciente ,  
 No mar se foi lançar pouco distante ;  
 E , aonde em seco deu a gram cabeça ,  
 Permite o Ceo que seca permaneca.

Assi foi Nise em fonte convertida ,  
 Fonte q̄ o vulgo vão de Arroios chama ,  
 Competindolhe mais ser conhecida  
 Pello suave nome desta dama.  
 Cahí sem me sentir quasi sem vida  
 Sobre o frio cristal , q̄ mais me inflama ,  
 Junto à sua corrente ( qual penedo  
 De q̄ as aguas naciam ) mudo , & quedo.

Daquelle paracismo em fim desperto ,  
 Que lastimas uão digo ao mal q̄ adoro ?  
 He ( digo ) ò Ninfa , o mal q̄ vejo certo ,  
 Ou estas aguas nadem de que choro ?  
 Neste de vozes , claro desconcerto ,  
 Se torna a voz de teu ruby sonoro ?  
 Neste metal corrente se desata  
 De teu divino corpo a tersa prata ?

## LXII.

He possível, ô Ninfa, que te escondes  
 Em forma fugitiva a meu desejo?  
 Possível, que te fallo, & não respôdes?  
 Possível que te vejo, & não te vejo?  
 Que mal a hũ amor grãde correspôdes!  
 Que bem de Tãtalo o tormêto invejo!  
 Pois elle espera na agua hũ doce êgano,  
 Eu na que toco, tenho a maior dano.

## LXIII.

Nesta amorosa pratica me achava  
 Clemencia vãa de rusticos pastores;  
 Que condiçãõ bem rustica mostrava  
 Em naõ deixarme ally morrer de amores.  
 Cruel piedade à morte me negava  
 Para a fortuna eternizar rigores,  
 Pois vivo em minha pena mais cõstãte,  
 Que os polos dessa esfera rutilante.

## LXIV.

Se lagrimas naõ foram, jã estivera  
 No fogo aceso da amorosa fragoa;  
 E se faltara o fogo, me tivera  
 A dura pena jã desfeito em agoa;  
 Se a sorte a hũ contrario outro naõ dera  
 Quem podia viver com tanta magoa?  
 Mas oxalã morrera: acabaria  
 Morte de tantos annos num sò dia.

## LXV.

A vida finalmente sô sustento  
 Na gloria que ficou do bem passado;  
 A Nise na memoria represento,  
 A meu amor naquelle doce estado;  
 Nestes cuidados vãos o pensamento  
 Me tras com falsos gostos animado;  
 O' pensamento louco, ò desatino,  
 Que não tenho mais bẽ, q o q imagiuo!

LXVI.

Disse affligido; & a todos lastimava  
 O tormento que em ancias repetia;  
 Mas entretanto o sitio se mostrava,  
 Onde a Cidade o Grego fundaria.  
 Creonte valeroso, que o guardava  
 Com forte, se pequena, companhia  
 Por Ulysses deixado, sae fôra  
 A receber a gente vencedora.

LXVII.

Os seus em ala estende; & alternando  
 Guerreiras vozes tubas, & atambores,  
 A bandeira Diônido inclinando,  
 Lisongeava o ar com varias cores.  
 Assi por entre os seus foraõ entrando  
 (Cõ bom auspicio de astros superiores)  
 Os Principes famosos o baluarte,  
 Acclamados em paz com voz de Marte.

LXVIII.

Mas, ay, que Antinoo, cõ fingido intento  
 De publicar em Grecia tanta gloria,  
 Entrega o pinho ao mar, o pano ao vêto  
 Para dar causa a lastimosa historia:  
 De Penelope o casto pensamento  
 Quer divertir, fazendolhe notoria,  
 A q̃ chamava offensa; & na vingança  
 Que della espera, poem sua esperança.

LXIX.

Detente falso Antinoo, que he frustrada  
 A traça fraudulenta em que te fias;  
 A Penelope deixas lastimada,  
 Porem da fê do esposo a não desvias.  
 Pois, quãdo lhe escrever mais agravada,  
 Em lugar do rigor que pretendias,  
 Naõ respondais (dirâ) vinde q̃ espero,  
 E, por melhor reposta, vevos quero.

E quando chegue a carta da consorte,  
Porque seja melhor obedecida,  
Terà Calipso pago â commum sorte  
Tributo natural da doce vida.  
E, para darvos, Procos, dura morte,  
Ha de ser sua mão justa homicida;  
Que a pezar da fortuna que lho impede  
O Ceo a patria amada lhe concede.

FIM DO DECIMO TERCIO CANTO.

# U L Y S S I P P O.

## CANTO DECIMO QUARTO.

### ARGUMENTO.

*Alcança Ulysses de alta profecia,  
Quem regerá Lisboa em outra idade:  
Na grandeza, & edificios que teria,  
Lhe representa hum quadro à grã Cidade:  
A Polymidôn, que a Ulysses desafia,  
Mata da Parca dura a crueldade;  
Levanta o Grego muros; nome eterno  
Lhes dà do fado superior governo.*

I.

**D**E triunfantes louros ja coroados,  
Ulysses, & a famosa companhia,  
A trombetas, & caixas acclamados  
Com bellicosa alegre melodia;  
De lustrosos vestidos adornados,  
(Quando por rosea porta sae o dia,)  
Antes de abrirem alicerce ao muro,  
Em sacrificio libram bem futuro.

II.

Cadaqual logo toma o instrumento  
 Accomodado à obra que intentava ;  
 E admiram todos , com feliz portento ,  
 Que ao dextro lado hũ resplãdor brilhava.  
 O ferro fere a terra , a voz o vento  
 Aonde o monte mais se levantava ;  
 Eis q̃ o primeiro golpe , jũto a hũ louro  
 Descobre hũ livro guarnecido d'ouro.

III.

Ulysses o levanta com respeito ,  
 Alegre , receoso , & perturbado ;  
 Que ã varios modos lhe cõbate o peito ,  
 Esperar d'elle conhecer seu fado.  
 A Grega multidam no mesmo affeito ,  
 Seu Principe rodea , que , inspirado  
 De superior impulso , o livro abria ,  
 Assi o futuro lendo em profecia.

IV.

Prudente Capitaõ , a quem desterra  
 Dos patrios lares a maior ventura ,  
 E te obriga a que deixes nesta serra  
 Illustre fama do Lethõo seguta :  
 Se desejas saber , quem esta terra  
 Dominarã na idade , que futura  
 Teu nome espera com eterna gloria ,  
 Tem o que lès attento na memoria.

V.

Serã por largos annos governada  
 Sõ de seus naturais ditosamente ,  
 Com justissimas leys na paz dourada ,  
 Com invicto valor na guerra ardente ,  
 Atẽ , q̃ Hespanha veja em cãpo armada  
 Da soberba Carthago a brava gente ;  
 Que entam admittirà por cõpanheiros  
 Em seu governo os fortes estrangeiros.

VI.

Mas já dos campos Latios partir vejo  
 As ribeiras deixando Tyberinas,  
 A gente valerosa, que do Tejo  
 Quer dominar as aguas cristalinas.  
 Da fama a clara tuba aqui desejo  
 Para cantar vitorias peregrinas  
 Que à Cidade Ulyssêa daraõ nome,  
 De que braçoës a eternidade tome.

VII.

Quando rendida Italia ao forte Peno  
 Nelle ha de ver hum Lusitano Marte:  
 Quando de Cezarõn, & de Concheno  
 Veja glorioso Hespanha o estandarte:  
 Quando, do Tejo rico ao Turia ameno,  
 Se mostre vitorioso em qualquer parte  
 Hum novo Alcides, digo hum Viriato,  
 E o Romano ardiloso â patria ingrato.

VIII.

Mas emfim, largo tempo combatida  
 Dominada serà pellos Romanos,  
 Antes illustremente engrandecida,  
 Com braçoës acclamada soberanos.  
 Por municipio forte recebida,  
 Haõ de gozar seus claros Lusitanos  
 Do mesmo privilegio, & liberdade,  
 De que gozar de Romulo a Cidade.

IX.

Isto serà, em quanto a fatal roda  
 De Roma sustentar o largo imperio;  
 Que entregará depois â naçaõ Goda,  
 E outras do frio norte, o reino Hesperio.  
 Aquellas haõ de ter a gloria toda,  
 Sendo ao nome Romano vituperio;  
 E em Lusitania, por ditosa sorte,  
 A gente ficarà Sueva forte.

x.

Os Suevos prosapia generosa  
 Haõ de deixar por diilatados annos,  
 Em que no mundo vivirá gloriosa,  
 A fama de Suevos Lusitanos:  
 Atè que dessas glórias invejosa  
 Fortuna, com juizos soberanos,  
 Por falta de Suevos successores  
 Aos Godos chame naturais senhores.

xi.

Mas ay, que duro fado não consente  
 Que dos Godos o imperio permanega;  
 De Agarena, cruel, & torpe gente,  
 Faz que Ulyssippo as armas reconhega.  
 Será por largos tempos obediente  
 A que de tantas ha de ser cabeça;  
 Que mal pudera ser famosa, & clara,  
 Se por adversidades não passara.

xii.

Mas, qual, nascendo ao mundo tenebroso,  
 Alegre resplendor o Sol reparte;  
 Tal nas trevas do jugo riguroso,  
 Ha de nacer Affonso, Christaõ Marte;  
 Que o poder Agareno vitorioso  
 Atè entam, assolle em toda a parte,  
 E, em largo cerco, por combates duros,  
 Conquiste bravo os Ulysseios muros.

xiii.

Dos Lusitanos Reys com tantá gloria  
 Governada será, que em todo o mundo  
 Perpetua ficará sua memoria,  
 E de Lisboa o nome, sem segundo.  
 Porem (ò cruel, ô triste historia,  
 Que o sentimêto excede mais profudo)  
 Tanta gloria adquirida em tâtos annos,  
 Roubam nũa hora os câpos Africanos.

xiv.

Mas veja o mundo nesta adversa sorte,  
 ( Illustres Portugueses ) que os cōtrarios  
 Naõ vos podẽ vencer, q̃ antes a morte  
 Vos renderà, que os golpes adversarios.  
 Quem naõ conhece vosso braço forte,  
 Vos chama, nesta empreza, temerarios;  
 Mas naõ quẽ vê, q̃ á gloria mais subida  
 Vendeis, por tantas, cada qual a vida.

xv.

Aqui a providencia soberana  
 Segredos varios altamente encerra;-  
 Aqui se espera á gente Lusitana  
 Novo governo de vesinha terra;  
 Aqui, quando a fortuna mais tirana,  
 Aos Portuguezes siga em fatal guerra,  
 Mais claros os farà, que mais se apura  
 O nobre coraçãõ na sorte dura.

xvi.

Mas; & nisto do livro divertia  
 A Ulysses a Sibilla que chegava,  
 Com que parou na occulta profecia,  
 Que fatidicamente continuava.  
 Hum quadro a profetisa lhe trazia,  
 Que com alegre rosto lhe mostrava;  
 Onde teve o pincel tanta destreza,  
 Que a arte pode passarse a natureza.

xvii.

Disselhe : ò Grego, para quem reserva  
 Felicidade tanta o alto fado!  
 Cuja memoria o Ceo das leys reserva,  
 Que o tempo tẽ no Lèthes decretado;  
 Nesta insigne pintura se conserva  
 Antecipadamente retratado  
 Qual o mundo ha de ver essa Cidade,  
 Em grãdeza, & edificios noutra idade.

XVIII.

Acheia, como vês, no lugar santo  
 Que habito, (ò venturoso peregrino)  
 A novidade me causava espanto,  
 Quando me inspira o Ceo favor divino;  
 Em vaticinio me revella quanto  
 Figura nella superior destino;  
 Eu, por dar ao que manda comprimêto,  
 Ta quero declarar; ouveme attento.

XIX.

A Cidade feliz, que vas traçando  
 Neste excellente quadro está cifrada:  
 Sete soberbos montes occupando,  
 Naõ sô Cidade, hũ mûdo he reputada.  
 Diferentes provincias dominando,  
 Alta cabeça delle he venerada;  
 E, como o imperio igualla com a terra,  
 Ao Ceo levanta os animos que encerra.

XX.

Do nacente ao occaso se dillata  
 Onde do Tejo a undosa bisarria,  
 Nos braços do Oceano se desata,  
 E acrecentallo quer, com vãa porfia.  
 Ambos lhe formam de çafiro, & prata,  
 Liquido muro, à parte do meo dia;  
 Sòmente aquelle tem, que a tal grãdeza  
 Sò poderà murar a natureza.

XXI.

Não intento por ordem declarar-te  
 Estã pintura; porque não parece  
 Que em laberinto tal se acharà parte  
 Onde ordenada narraçã comece.  
 Irei mostrando, sem affecto de arte,  
 O que mais prõpto à vista se offereze;  
 Vê primeiro essas praças dillatadas  
 De diversas nações tam frequentadas.

XXII.

Nota de embarcações a variedade,  
 Húas de tratos da maior riqueza,  
 Outras que tem maior felicidade  
 Em sogear do mundo a redondeza.  
 Se advirtes desse porto a magestade,  
 Conheceràs, que o Autor da natureza,  
 O fez capaz do muito que antevia  
 Que o largo mar aqui tributaria.

XXIII.

Olha aquelle edificio sumptuoso,  
 Esfera do monarcha Lusitano;  
 Como altivo se mostra, & vitorioso  
 Das ondas mais soberbas do Oceano,  
 Que a suas plantas já menos furioso  
 Senhor o reconhece soberano,  
 Abrindo franco passo a tantas frotas  
 Do Tejo illustre, às praias mais remotas.

XXIV.

Nota de quantos edificios rica  
 Esta Cidade insigne se ennobrece;  
 Que assombros qualq̃r delles multiplica  
 Aos que o mundo maiores reconhece.  
 Vê como o pio zelo se publica,  
 Que em seus habitadores mais merece,  
 Na fabrica, no adorno de altos templos  
 Da admiração maior dignos exemplos.

XXV.

Olha, entre os mais, aquelle, q̃ cabeça  
 Dos outros templos he, como está claro  
 Porque o Ceo quiz que nelle resplãdega  
 Com tantas luzes, hum portento raro.  
 Para que o Lysio imperio fortaleça,  
 Ordena o alto Ceo, por penhor charo,  
 Que nelle assento peregrino tome  
 Hum q̃ de vencedor tẽ gloria, & nome.

XXVI.

Este insigne varaõ perdendo a vida  
 Por hũa sacra ley, com peito forte,  
 Ha de alcançar a gloria mais subida,  
 Trocando por divina a humana sorte.  
 A natureza se verà vencida  
 De brutos animais em sua morte;  
 E seu corpo incorrupto em hũ deserto,  
 Serà por largos tempos encuberto:

XXVII.

Atè que naça hum Principe famoso  
 De Portugal primeiro, em cuja idade,  
 Descuberto por modo misterioso,  
 Illustre de Lisboa á magestade;  
 A nao, em que tezouro tam precioso  
 Tomou porto feliz na gram Cidade,  
 Ella por armas tem, insignias claras  
 Dos edificios em que tu reparas.

XXVIII.

Que escudo (diz Ulysses) he o que vejo  
 (Depois q̄ nelle hũ pouco atêto esteve)  
 Sobre estas portas? que saber desejo,  
 Que empreza encerra, q̄ principio teve.  
 Satisfarei (torn' ella) a teu desejo,  
 Tal gloria reduzindo a historia breve;  
 Naquelle escudo se contem as quinas  
 Que saõ de Portugal armas divinas.

XXIX.

Hum homem Deos, que eterna profecia  
 Nos promete depois de largos annos,  
 Para seu nome clara monarchia  
 Fundarà nos felices Lusitanos.  
 E, como a sua, as armas que trazia,  
 Por modos lhe concede soberanos;  
 Porq̄ conheça o mundo pella empreza,  
 Que he sua a Monarchia Portugueza.

xxx.

As armas que trará por mais gloriosas  
 Este Deos homem, este Adam segundo,  
 Haõ de ser sinco fontes prodigiosas,  
 Que lavaraõ com sangue o largo mûdo;  
 Com tais insignias, pois, (que vitoriosas  
 Teme Plutam no abisso mais profûdo)  
 Hõra a este Reino o Ceo; & assi o levãta  
 Que quasi o igualla a si cõ gloria tanta.

xxxii.

O mesmo Deos no trono de hũ madeiro,  
 (Ponte do mûdo ao Ceo) acõpanhado  
 De celestiaes varoës, ao Rey primeiro  
 Posse darà do Lusitano estado;  
 Fundador deste imperio verdadeiro  
 Dirá que quer de todos ser chamado;  
 E o nobre escudo, como a seu, sinalla  
 Dás insignias que tras por maior galla.

xxxiii.

Ditoso Reyno, (Ulysses lhe replica)  
 Que com brasaõ divino se ennobrece;  
 Mas dizeme tambem, que pronostica  
 Aquelle grande raio que aparece?  
 Aquelle digo, que vesinho fica  
 Do maior templo, & tanto resplãdece,  
 Que já, pello que vejo, vaticino  
 Que algum milagre inclue peregrino.

xxxiiii.

Aquelle resplandor tam refulgente  
 (Diz a Sibilla) com rezãõ te espanta,  
 Porq̃ he de hũ novo Sol fermoso Oriẽte  
 Que desta praia occidua se levanta.  
 Naquelle sitio illustre felizmente  
 (Ditoso sitio) nacerà hũa planta,  
 De cujo fruto se sustente o mundo,  
 Naõ sò a terra, mas o mar profundo.

XXXIV.

O' grande Antonio, claro por nobreza,  
 Famoso em letras, raro em santidade,  
 Gloria maior, da gloria Portugueza,  
 Insigne filho da Ulyssêa Cidade!  
 Tal de tua doutrina he a grandeza,  
 Tal de tua virtude a claridade,  
 Que, penetrando as aguas, faz q̄ acuda,  
 Para te ouvir a gêraçaõ mais muda.

XXXV.

Mas, de excellencias tais, porq̄ me spanto,  
 Se Deos te comunica tam benino,  
 Que em teus braços, cifrãdo poder tãto,  
 Busca berço capaz feito menino.  
 Nem já me admira, que te chamẽ, santo  
 Por excellencia, (só brazaõ divino,)  
 Pois Deos de modo ã tuas mãos se entrega,  
 Que a equivocar cõtigo o nome chega.

XXXVI.

Esta he, ô Grego, a gloriã mais sublime  
 De que a tua Cidade se coroa,  
 A que a sonora tuba mais exprime,  
 Quando suas grandezas apregoa.  
 Se Padua tem rezãõ, para que estime  
 Verlhe a morte feliz; a gram Lisboa,  
 Quanto merece, mais, engrandecida,  
 No singular brazaõ de lhe dar vida?

XXXVII.

Mas, não te cêgue o resplendor sòmente,  
 Que a alta casa de Antonio reverbera;  
 Olha tambem cà outro, que excellente  
 Nesta Cidade o mesmo Ceo venera.  
 Quando da grande Roma a cêga gente  
 Persiga á nova ley, q̄ o mundo espera,  
 Verissimo, com Maxima, & com Julia,  
 Ganharaõ neste sitio sacra dulia.

Irmãos em sangue como em fortaleza,  
 E de Lisboa filhos esforcados,  
 Depois de mortos co a maior firmeza,  
 Com hũa pedra ao mar seraõ lançados;  
 Porem, vencendo às leis da natureza,  
 A terra tornaraõ mais illustrados,  
 Mostrando tal poder sua virtude,  
 Que o pezo natural das pedras mude.

XXXIX.

O' fruto já maduro em tenras vidas!  
 Soldados na batalha já triunfantes!  
 Flores do proprio sangue produzidas!  
 Entre espinhos de penas, mais fragrãtes!  
 Essas pedras, do Ceo saõ escolhidas  
 Para fundar a Igreja; saõ diamantes  
 Com q̄ guarnece Christo, & sua Esposa  
 A corca mais rica, & mais pomposa.

XL.

Em fim toda a grandeza aqui se apura,  
 E elogios largos de louvores pede;  
 Bem ves o que serà, quando a figura  
 Com justa admiração a voz impede.  
 Tudo, famoso Grego, te assegura  
 Que às maiores do mudo muito excede  
 Esta Cidade; o quadro aqui te fica,  
 Ao Ceo merce tam rara gratifica.

XLI.

Esse livro escrevi, que attento lias,  
 Mas he vedado leres mais adiante;  
 Deixa que o leve, se de mim te fias;  
 Que he parares ally mais importante.  
 Verà o mundo as altas profecias  
 Que nelle escõdo, quãdo mais se espãte;  
 Baste agora, que o fado te prometa,  
 Que he gloria de Lisboa, o que decreta.

XLII.

Assi dezia, & Ulysses advertido  
 Com attençaõ ficou considerando  
 O que se via ally predifinido  
 Do que no excelso monte hia traçado.  
 E justamente ao Ceo agradecido  
 Os Gregos companheiros convocado,  
 Ao som de caixas, com devoto exõplo,  
 O quadro leva de Minerva ao templo.

XLIII.

Em Pario altar o poem; á eternidade  
 Com graves cerimoniaes o dedica;  
 Reses de varia especie, & calidade  
 O Sacerdote Crato sacrifica.  
 Com o maior affecto de humildade  
 Novos ministros a servilla applica;  
 E com firme esperãça, eterno augmêto  
 Aos Ceos implora, do alto fundamento.

XLIV.

Saem do templo entre hum affecto pio  
 Com vigor novo á obra começada;  
 E vem que hũa aguia cõ galhardo brio  
 Estava sobre a terra destinada.  
 Indicio he de eterno senhorio,  
 (Perimèdes lhes diz) gente esforgada;  
 Trabalho custará, mas a vitoria  
 Quanto mais custa, fica de mais gloria.

XLV.

Eis que rumor soava bellicoso,  
 Que mais propinquo cada vez se ouvia,  
 E em pouco espaço campo numeroso  
 De armados esquadroes aparecia.  
 No repentino caso duvidoso,  
 Mal Ulysses julgava o que seria;  
 Turbaõse os Gregos, o tumulto crece  
 Quando já certa a guerra se conhece.

XLVI.

Com ira às armas correm apressados,  
 Confusamente ao campo vão saindo,  
 A todos por lugares ordenados  
 Solicitos ministros repartindo.  
 Com esquadroës em breve cõcertados  
 Para os contrarios hiaõ já partindo,  
 Quando dentre elles bravo aventureiro  
 Se adiantava bisarro hum cavalleiro.

XLVII.

Armas negras vestia, ricamente  
 Gravadas de ouro, a guarnição da espada  
 Com flamantes rubiz resplandecente;  
 A lança de ouro, & negro debuxada.  
 Hũa vermelha banda, a cor ardente  
 Imita da plumagem levantada;  
 Nũ bruto, que apetece o Marcio jogo,  
 Tendo em corpo de neve alma de fogo.

XLVIII.

Impaciente de paz, sente a demora  
 Que lhe dillata, a que adivinha guerra;  
 O freo naõ mastiga, mas devora,  
 De escumas surca hũ mar batêdo a terra;  
 Dezia a fama, que gèrado fora  
 De Ethôn, q̄ quâdo o Sol o dia encerra,  
 Nas ribeiras do Tejo o desatava,  
 Onde hũa filha de favonio amava.

XLIX.

Aqui està Polymidõ, (diz em voz alta)  
 Aqui me tens, õ venturoso Grego;  
 Acaba em mim o pouco que te falta  
 Para gozar quieto o doce emprego.  
 Tua fortuna com meu fado esmalta;  
 Triunfa do despojo, que te entrego;  
 Pois me tiraste o Reyno, a honra, a esposa,  
 Tirame a vida, que serã ditosa.

## I.

Não provoquemos esquadroës armados,  
 Ao que decidir pode hũa só morte;  
 Eu sô te desafio; & sei que os fados  
 Em tudo te daraõ a melhor sorte;  
 Mas nada me intimidã; que librados  
 Tenho dous meos em meu braço forte;  
 Glorioso qualquer: vingança justa,  
 Ou não viver, pois tanto viver custa.

## II.

Sei que favor divino tens seguro,  
 A que vencer não pode humano intêto;  
 Mas impossiveis contrastar procuro,  
 Acreditando hum alto pensamento:  
 Pois em todo o successo me asseguro,  
 Se não feliz, famoso atrevimento,  
 Com que, se morro, a sorte me destina  
 A maior gloria na maior ruina.

## III.

Assi dezia, ousado, & impaciente;  
 E já dos Gregos esquadroës sahia  
 Galhardo hum cavalleiro, que valente  
 A Polymion soberbo desafia.  
 Aos mesmos Gregos deixa variamête  
 Suspensos, altercando quem seria,  
 Quando a Guerreira conheceaõ fera,  
 Que cometer tal feito sò quizera.

## III.

Parte a detella Ulysses sem demora;  
 Forte Arminilda (diz) muito custara  
 A vitoria maior, pequena fora,  
 Se nella prego tanto se arriscara;  
 E quem vos merecera vencedora  
 Vencido não, mas vencedor ficara;  
 He bẽ que Polymion vencido veja  
 A pena que se deve a sua inveja.

LIV.

Eu sahirei, ô Capitam famoso,  
 (Lhe dizia Nabancio, que chegava)  
 Eu mostrarei que o Ceo a fim glorioso,  
 Esposa, & Reyno para ti guardava.  
 Bem ves que com sahires valeroso,  
 A justa lei do duello se violava;  
 Ambos somos iguais, combateremos;  
 Vassallo, & Rey saõ desiguais estremos.

LV.

Mal me posso escusar, Nabancio amigo,  
 (Respõde Ulysses) quãdo affecto gloria;  
 Meu ha de ser o amaro do perigo,  
 Se ha de ser meu o doce da vitoria.  
 Isto dizendo, volta ao inimigo,  
 Mas não perde a piedade da memoria,  
 Antes na maior ira mais humano,  
 Assi fallava ao bravo Lusitano:

LVI.

Ainda, moço atrevido, não cessaste  
 De perseguirme? ainda te conjuras  
 Contra o fado que já experimentaste?  
 Olha q̄ em vaõ contr' elle te aventuras,  
 Em falsas esperanças confiaste;  
 Hoje, q̄ as ves frustradas, que procuras?  
 Se podemos lograr doce amisade,  
 Queres trocar o amor em crueldade?

LVII.

Tem lastima a teus annos; não permitas  
 Que morra ã flor aos teus tâta esperãça;  
 Olha que a propria morte solicitas,  
 Que a Parca esconde nesta aguda lâça.  
 E quando naõ na ira a que me incitas,  
 (De que espero tomar justa vingança)  
 Protesto à fê que dei, ao Ceo, à terra,  
 Que es violador da paz, autor da guerra.

LVIII.

Com dura lança Polymion responde  
 Aos piedosos avisos que lhe dava;  
 Voa ligeira, & fere a terra donde  
 Ulysses mais veloz se desviava.  
 Vibrando o Grego a sua, o ferro escõde  
 No escudo que ao contrario reparava;  
 Elle cõ força a arranca, &, ardẽdo em ira,  
 A propria lança ao inimigo tira.

LIX.

Por alto o errou; q̃ Ulysses mais se chega,  
 E dẽstro com a espada o acomete;  
 Mas quando hũ brayo golpe descarrega  
 O Lusitano o forte escudo mete.  
 Da cortadora espada o ferro emprega  
 No cavallo do Grego, a que o topete,  
 Em vez de crines, he purpurea fonte  
 Que manando ficou da altiva frente.

LX.

Deixa Ulysses o bruto; porque ao freio  
 Mal (cõgo de ira, & sangue) obedecia,  
 Larga o seu Polymion, & sem receio,  
 Contr' este aquelle com furor partia;  
 Combate cada qual o escudo alheio  
 Que ao dono seu dos golpes defendia,  
 Multiplicando cruelmente irados  
 Golpes a golpes, feros, denodados.

LXI.

Como no Lilibeio Siciliano,  
 Antiga fama diz, que hiam crescendo  
 Dos robustos ministros de Vulcano  
 Hũs golpes, a outros golpes sucedendo;  
 Assi do Grego, assi do Lusitano,  
 As fortes armas no combate horrendo  
 O som formavam duramente unido  
 Com dissonantes ecchos repetido.

T

LXII.

Em tanto o Rey Tartareo, a que offendia  
 Proxima a fundação que receava,  
 Sem querer desistir da vam porfia  
 Novos ardiz, mais fero machinava.  
 Forma hum gigante d'hũa sombra fria,  
 Negro, cruel, feroz, de vista brava,  
 Os olhos lançam fogo, fumo a boca,  
 A espanto, a medo, a cõfusaõ provoca.

LXIII.

Entra no campo horrivel o gigante,  
 Com lento passo; a Ulysses ameaça;  
 Contrario se lhe oppoẽ, fero, arrogãte,  
 Vibrando aos ares portentosa maça.  
 Mas contra seu valor nada he bastante,  
 Que, do Tartareo Rey frustrãdo a traça  
 Com audacia maior, mais valeroso,  
 O duro transe faz mais temeroso.

LXIV.

De ambas as partes soam juntamente,  
 Timidas vozes, timida esperança;  
 Aos mesmos Lusitanos, que presente  
 Vem tal favor, o justo medo alcança.  
 Move-se às armas hũa, & outra gente;  
 Mas cadaqual dos dous, que segurança  
 Libra em proprio valor, renova a ira,  
 E com furiosa voz os seus retira.

LXV.

Porem, quando Plutam perturba, engana  
 Co a fantastica forma, que fingia,  
 No solio eterno a Mente soberana  
 Donde tudo procede, assi dezia:  
 Unase a gente Grega à Lusitana,  
 Cesse do inferno a pertinaz porfia,  
 Levante Ulysses inclyta Cidade  
 Em competencia á mesma eternidade.

## LXVI.

No mesmo instante já desaparece  
 Aquelle infausto vulto em ar desfeito;  
 Ao valeroso Grego o brio crece,  
 Nas armas, & no Ceo poem seu direito.  
 Da primeira destreza desfallece  
 O Lusitano, & descobrindo o peito,  
 Deixa lugar à inimiga espada,  
 Que abre da vida à morte larga estrada.

## LXVII.

Mas não desmaia Polymion valente,  
 Nem deixa da vitoria alta esperança,  
 Sô de apressalla trata, que impaciente,  
 Cuida que perde o preço na tardança.  
 Vibra com brio novo a espada ardente,  
 Mas dando hum golpe cõ maior pujãga,  
 Sô fere o ar, (que Ulysses se desvia)  
 E com o proprio pezo em vão, cahia.

## LXVIII.

Sae hum rio de sangue da ferida,  
 Que mais se dillatou na queda dura;  
 Pretende levantar-se, mas perdida  
 No sãgue a força, esforço ãe vaõ procura.  
 Com hum juelho em terra naõ duvida  
 Sustentar a batalha em que se apura;  
 Rendete (diz o Grego) à fatal sorte,  
 Se não quizeres a este braço forte.

## LXIX.

Que queres (respond' elle) neste feito?  
 Queres jactarte de que tens piedade?  
 Matame pois; adquiriràs direito  
 A' gloria que desejas, com verdade.  
 Pôde sem coração viver hum peito?  
 Sem alma hũ corpo? estranha crueldade!  
 Naõ queres matador, ser homicida?  
 Queres a alma tirar, deixando a vida?

LXX.

Em quanto falla, já seu fim prevendo  
 Illustrallo com obras pretendia;  
 Quer acabar, ao menos, offendendo;  
 O' invencivel peito, ô vãa porfia!  
 Alcançar ao contrario não podendo,  
 Todo se arroja, & a perna lhe feria;  
 Tal quando acaba a chama luminosa  
 Affecta luzes por morrer fermosa.

LXXI.

Ainda tres vezes tenta levantar-se;  
 Outras tantas co rosto fere a terra;  
 Nella procura seu furor vingarse,  
 Mordendoa, a desafia a nova guerra.  
 Cahiste, bravo moço; mas jactarse  
 Sò pôde o esforço que teu peito êcerra,  
 Que elle te derribou; morre contente,  
 Que es de ti mesmo vencedor valente.

LXXII.

Jaz em seu sangue Polymion rendido;  
 Ambas as partes o successo altera;  
 Salta Ulysses veloz sobre o vencido,  
 Ante os olhos lhe poem a espada fera.  
 Mas elle, que o valor não tem perdido  
 Do coração, no sangue que perdera,  
 Fraco nas forças, & nos brios forte,  
 Assi dezia desprezando a morte:

LXXIII.

Venceste, ô Grego; porem não venceste;  
 Que sò foi da fortuna esta vitoria;  
 Mas usa della tu, pois mereceste  
 Que o Ceo te concedesse tanta gloria.  
 Eu lograrei na morte que me deste  
 Illustre vida com feliz memoria,  
 Que, pois Amor; & nisto declarava  
 O peito em ancias, o que á voz faltava,

LXXIV.

Faltoulhe a voz no derradeiro accento,  
 E a luz em mortais nevoas escondida;  
 Do corpo lhe fugio no ultimo alento,  
 A alma indignada desatando a vida.  
 Obedecendo à Parca ã fim violento,  
 Do calor despojado, a cor perdida,  
 A pompa de seus brios foi tornada  
 Em vento, ã ar, ã sôbra, ã sonho, ã nada.

LXXV.

Correm tristes os seus ao forte Grego,  
 Que o corpo lhes cõcede, & a sepultura:  
 Esse frio cadaver vos entrego,  
 Porque assi o ordenou a sorte dura;  
 Oxalã (lhes dezia) menos cõgo  
 Naõ procurara tanta desventura!  
 Que, como estã sem vida, hoje tivera  
 Tambẽ a minha, que o amor lhe dera.

LXXVI.

Elles no escudo o tomam ainda armado,  
 Sõ a espada lhe leva o nobre Anfeio;  
 Vai seu cavallo Ethonte, costumado  
 A não se sogeitar a imperio alheio.  
 Chorando todos: hum condena o fado;  
 Outro em memorias tristes do trofeio  
 Que a guerra lhe deu já, seu valor cãta;  
 Pequeno alivio para pena tanta.

LXXVII.

Os Gregos neste tempo vão largando  
 As fortes armas, & confusamente  
 Alegres hũs a outros incitando  
 A' fundaçãõ, que o fado já consente.  
 O Ceo (deziã) nos estã mostrando  
 Neste successo, (õ Ithaco excellente),  
 Que misterioso quer que alta vitoria  
 Dẽ fundamento digno à maior gloria.

Todos se esforçam com igual cuidado,  
 A levantar dos muros o edificio.  
 Parte demarca o sitio com o arado,  
 Parte de trazer pedras toma officio,  
 Em quanto outros o tem mais arriscado,  
 Que, as forças ajudando co artificio,  
 Pedreiras rompem, arrancando à terra  
 Os duros ossos que no peito encerra.

Bem como na aprasivel primavera  
 Sollicitas abelhas repartindo  
 Igual cuidado, architectura em cera  
 Vaõ com materia florida erigindo;  
 Ferve o comũ trabalho; & mais se altera  
 Brando rumor, fragancias repetindo:  
 Assi, com incançavel peito ardente,  
 Instava no edificio a Grega gente.

O Grego sabio levantou primeiro  
 Quadrada pedra aos muros que traçava  
 Sobre laminas de ouro com letreiro,  
 Que sua fama aos tempos consagrava;  
 Tronou tres vezes sobre o grãde outeiro  
 O Ceo, que a fundaçãõ calificava;  
 E, de Ulysses, lhe deu nome famoso,  
 Sempre temido, sempre vitorioso.

F I M.

LAUS DEO  
 VIRGINIQUE MATRI.











